

Kathryn Smith

Paixão Eterna

Irmandade De Sangue 03

Taken By The Night

Saint chegou a Londres em busca de um pouco de paz, sangue e, talvez, um pouco de companhia feminina. Nunca quis vingar os assassinatos de duas prostitutas, e muito menos pediu a recriminação que vê nos olhos de Ivy Dearing. Embora, o desejo que vê nela acorda um anseio em seu interior muito distinto a tudo que conhece. Não é o único homem cativado pelos consideráveis encantos de Ivy, mas sim tem intenção de ser o único que ocupe sua cama. E quando o perturbado ao que persegue ponha sua atenção em Ivy, Saint arriscará tudo, inclusive sua imortalidade, para salvar à mulher que ama.

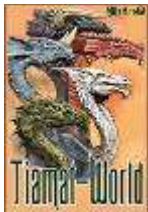
Depois de seis séculos de vida como vampiro, Saint aprendeu que deve manter-se afastado dos humanos para evitar o sofrimento. Mas tudo troca quando recebe uma chamada de socorro do bordel londrino Maison Rouge: algumas de suas trabalhadoras, antigas amigas do vampiro, foram assassinadas, e Ivy Dearing, a filha da proprietária, está disposta a encontrar o criminoso a todo custo. Saint sabe que seria melhor que Ivy ficasse à margem, mas é irresistível... A moça acorda nele um desejo tão forte como sua sede de sangue.

Disp Em Esp: Soñando Despiertas

Envio e Formatação: Gisa

Revisão: Lucy B, Elaine F. e Lucilene
Tiamat - World





Comentário Revisora Lucy - eu queria ser a Ivy !!!!!. Diferente dos outros livros a heroína não fica chorando ela vai atrás até conseguir o que deseja do mocinho e aí o bicho pega de frente de costa de lado kkkk.

Comentário Revisora Elaine: Comentário Revisora Elaine: Gostei muito de fazer este livro. Tem aventura, mistério, romance e momentos de intensa paixão. A mocinha é linda, inteligente, corajosa e atrevida. O vampiro? Bem... só umas palavrinhas para dar um gostinho: tudo de bom...rsrs Divirtam-se.

Comentário da Revisora Lucilene: Livrinho maravilhoso, ideal para quem gosta de mocinhas determinadas e vampiros apaixonados.

Capítulo 1

Aquela casa não se parecia em nada com um bordel.

Saint deteve-se na porta e levantou o olhar para observar a bonita parede de tijolo avermelhado típica do bairro de Chelsea. Não havia nenhum letreiro com desenhos elaborados na porta, nem cortinas de damasco escarlates nas janelas e tampouco se via alguma prostituta lançando olhares furtivos da varanda. Em vez disso, o lugar tinha pequenas flores de diversas cores plantadas no canteiro junto aos degraus da entrada e uma delicada grade de aço para proteger aos pedestres. As cortinas eram de uma espécie de chita com rendas, que naquela época decadente, só uma mulher com muito dinheiro e muito tempo livre poderia ter.

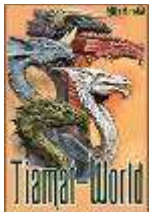
Em resumo, o que deveria elevar-se ao céu como lugar de perdição, parecia uma respeitável mansão de classe alta em um bairro decente, que agora era moda entre artistas e intelectuais.

E durante as próximas treze horas aquela casa seria também o seu lar. A alvorada começava a aparecer no horizonte, anunciando o calor e estendendo seus dedos letais para ele. Precisava de proteção antes que o sol saísse por completo convertendo-o em um amontoado de cinzas em meio à calçada. E como ainda não tinha vontade de morrer, a casa de madame Madeline, a Maison Rouge, era sua única alternativa.

Bateu a porta com os nódulos dos dedos, em poucos segundos uma mulher pequena que parecia ter chorado a abriu. Vestida de negro de cima a baixo, uma cor que não a favorecia em nada, dada sua palidez e seus olhos avermelhados, como de um coelho assustado.

Durante um instante, temeu haver-se equivocado de casa.

—Senhor Saint?



Conhecia-o, o que significava que ele também a conhecia. Examinou seu rosto, os agradáveis sinais na face envelhecida e seu cabelo grisalho. Nunca tinha visto olhos azuis maiores que aqueles, e de repente se lembrou do aspecto que tinham anos atrás.

—Emily?

Um tênue sorriso se desenhou nos lábios da mulher, que se afastou para deixá-lo entrar.

—Lembra-se de mim?

Por certo. Recordava de uma garota voluptuosa, cuja inocente face ocultava uma natureza aventureira. Trinta anos atrás, havia compartilhado seu leito e satisfeito com ela sua sede de sangue e luxúria. E agora, ali estava ele, de novo na Maison Rouge, e ela parecia mais sua mãe que sua amante.

Dar-se conta disso lhe causou pena, e quis desculpar-se por não envelhecer, por estar na cara sua eterna juventude.

—Claro que lembro, querida. —Entrou no saguão que estava à meia luz, e inalou o aroma de incenso, limão e sexo, embora este último fosse, para sua surpresa, quase imperceptível. Não havia nenhum cliente, e a casa estava em silêncio, exceto pelas suaves vozes... E lamentos que se ouviam por trás das portas —O que aconteceu? —perguntou.

A mulher fechou a porta e o protegeu do perigoso amanhecer.

—Oh, senhor Saint! É uma tragédia. Não deveria dizer nada, certamente que Madeline querará contar pessoalmente.

Saint seguiu Emily pelo estreito corredor. As paredes, revestida de luxuosos painéis de madeira e um elegante papel cor nata, estavam iluminadas com esses novos abajures elétricos. Para ele, algo que tivesse menos de cinquenta anos era uma novidade. Lembrou-se do avanço que substituíram os abajures de gás, e agora o único que tinha que fazer para acender para luz era ligar o interruptor.

—Morreu alguém, Emily? —Odiava perguntar, mas tinha que fazer. Podia notar a dor que impregnava toda a casa. Os lamentos ressoavam em sua mente, procedentes de diferentes pessoas que ocupavam quartos diferentes.

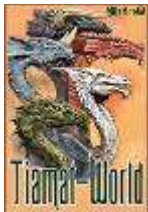
Ao chegar à cozinha, sua guia se deteve um instante para abrir a porta secreta que havia por trás da escada de serviço.

—Venha, será melhor que fique cômodo antes que o importune com minhas coisas.

Que ela se preocupasse com seu bem-estar e suas necessidades, era respeitável, embora também um pouco embaraçoso. Ele não era nenhum jovem impaciente, louco para passar um bom momento. Entretanto, havia algo comovedor nela antepor sua comodidade a seus próprios problemas.

A mulher ascendeu um abajur para ela, porque ele não necessitava de luz. Seguiu-a escada abaixo até chegar ao porão da casa. Ali o ar era mais frio, e o aroma de umidade ocultava o quente aroma das flores que impregnava os andares superiores.

Não era necessário que Emily o acompanhasse, lembrava perfeitamente do caminho, mas



Saint queria saber o que tinha acontecido para encher aquele lugar com tanta dor. Assim foi em silêncio até o que parecia um roupeiro abandonado.

A mulher abriu a porta, separou as roupas que, para sua surpresa, cheiravam a recém lavadas, e entrou. Esperou até ouvir um leve clique do outro lado, e então a seguiu. Fechou a falsa porta atrás dele e entrou em um apartamento digno de um rei.

E perfeitamente equipado para um vampiro.

Ocupava toda a extensão da casa e chegava até a rua. Ninguém se daria conta, a não ser que fosse ao porão e se fixasse em que este não era tão largo, como os andares superiores; e até no caso de que isso acontecesse, certamente não ocorreria pensar que havia um quarto secreto.

Não cheirava nem a pó nem a mofo. O quarto foi desenhado pensando na máxima comodidade de seu ocupante. Reign tinha assegurado de que assim fosse. As paredes estavam recobertas por uma escura madeira que contrastava com o branco teto, a suave luz do abajur, o papel cor vinho com aves chinesas pintadas à mão, resplandecia. O chão estava coberto por um tapete, que também tinha um desenho de inspiração chinesa: com um enorme dragão vermelho e dourado no centro.

Excessivo? Sem dúvida. De mau gosto? Absolutamente.

Não tinha janelas e continha uma cama com dossel o suficientemente grande para quatro pessoas. Saint a tinha provado ele mesmo, pois muitíssimos anos atrás, quando esse tipo de coisas ainda lhe faziam graça, escolheu a três das melhores pupilas da Maison Rouge para demonstrá-lo.

Também havia um armário, um toca-discos em cima da mesa de mogno, e uma penteadeira com tudo que era necessário para o asseio masculino. Em um extremo, via-se uma pequena sala de jantar e no outro estavam o banheiro e o trocador.

Saint cruzou o tapete e deixou a mala em cima da cama. Não levava muita roupa, tampouco tinha muita, mas sabia que se a Maison Rouge tinha seguido com a tradição, no armário encontraria um montão de roupas com sua medida.

Aquele apartamento, com tudo o que suportava, era a razão pela qual a Maison Rouge era um refúgio para Saint e seus quatro velhos amigos. Converteram-se juntos em vampiros, e Reign se assegurou de que aquela casa fosse um lugar seguro para eles; um lugar onde poderiam ocultar-se e alimentar-se. Em troca, eles ofereciam sua proteção amparo às mulheres que viviam e trabalhavam ali.

Mulheres como Emily, da qual cuidaria até o dia que morresse.

Saint deu meia volta. A delicada mulher seguia em pé sob o umbral da porta, engolida por aquele feio vestido negro. De luto.

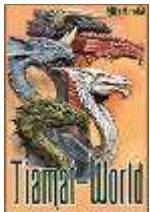
—Madeline se alegrará muito em vê-lo, senhor Saint.

Foi sua imaginação ou havia quebrado um pouco a voz?

—Minha querida Emily, me conte o que aconteceu.

—Morte. —Sacudiu a cabeça, e foi óbvio que fazia um esforço para conter suas lágrimas.

—Um cliente? —Não era incomum que em estabelecimentos como aquele chorasse a perda de um cliente, em especial se este era rico e morria estando ali.



Voltou a negar com a cabeça, mas desta vez uma única e silenciosa lágrima lhe escorregou pelo rosto.

—Uma das garotas?

—Duas.

Saint olhou, e viu sua dor. A via tão frágil, tão... Destroçada. Como se sua visão do mundo houvesse sido irrevogavelmente alterada.

—Como?

—Assassinadas —respondeu uma voz atrás de Emily.

Saint estava tão concentrado nesta última, que não percebeu o que acontecia no resto da casa, por isso não ouviu chegar a sua visitante. Uma coisa era que se sentisse confortável e seguro ali, e outra que fosse tão estúpido para baixar a guarda inteiramente. Virou para a voz, e o gelo com que protegia seu coração se rachou, como se esse esquecido órgão tivesse dado um inesperado salto.

Na soleira havia uma mulher de uns vinte e poucos anos. Era muito segura para ser mais jovem, e muito natural para ser mais velha. Era alta e voluptuosa e estava vestida de rigoroso luto, igual à outra mulher. Levava o cabelo cor de mel recolhido em um coque alto que deixava descoberto seu rosto oval.

Tinha a pele pálida e as bochechas rosadas. Os lábios carnudos e sensuais, e o nariz longo e ligeiramente curvado, e havia algo familiar no interior de seus olhos jade com grandes cílios.

—Senhor Saint, apresento-lhe a filha de Madeline, Ivy.

Olhou durante um segundo para Emily, que acabava de falar, e logo concentrou toda sua atenção na espetacular jovem que o olhava com pouco ou nenhum interesse.

—Ivy —repetiu com espanto, recordando ao bebê que lhe tinha roubado o coração, e a jovem adolescente que viu a última vez que esteve ali. —Deus santo, como cresceu.

Ela arqueou uma de suas sobrancelhas castanhas.

—Passaram-se mais de dez anos. O único deste lugar que não mudou é você.

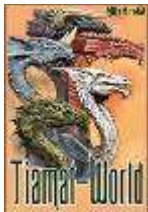
Ela sabia o que ele era. Assim dizia o timbre de sua voz e o zombador olhar que lhe dirigiu. Mesmo assim, era um pouco desconcertante dar-se conta de que, enquanto o tempo transcorria a seu redor, Saint permanecia alheio a ele, ao menos nas coisas importantes. Podia mudar seu aspecto e alterar sua aparência, mas em seu interior havia algo inalterável. Algo que sempre estaria ali: a solidão.

—Diz que suspeitam que foram assassinadas? —Não ia permitir que aquela garota o obcecasse segundos depois de havê-la visto.

—Ambas as garotas foram assassinadas, senhor Saint —informou-lhe Ivy com uma voz que traía sua compostura. —Brutalmente.

Assassinadas. As prostitutas sabiam que a cada noite, corriam o risco de serem maltratadas, mas em um lugar como a Maison Rouge isso era impensável, quanto mais assassinadas.

—Sinto muito. —Foram umas palavras insípidas, mas não pôde reprimi-las —Se houver algo que eu possa fazer...



—De fato —interrompeu Ivy sem duvidar —sim, há.

Suspeitava-o.

—Claro. O que necessita? Dinheiro para o funeral? Uma ajuda econômica para as famílias?

—Nada tão oneroso. —A sombra de um sorriso se desenhcou nos suculentos lábios da garota.

E por muito tentadora que fosse aos olhos, a Saint não escapou que Emily franzira o cenho, e olhava com preocupação para a jovem.

Ivy deu um passo para frente, e ele, um bobo no que se referia ao sexo frágil, não pôde evitar aproximar-se dela. O sorriso da garota se alargou, mas nela não havia nenhum sinal de humor.

—O que necessito senhor Saint, é que me ajude a apanhar o assassino.

—Que a ajude? —Não pôde ocultar a incredulidade que tingiu sua voz. —Quer dizer que o assassino continua livre?

—Temo que sim. —Olhou-o nos olhos e levantou o queixo —Tem que nos ajudar.

Saint franziu o cenho quando ouviu seu tom. Não tinha que fazer nada.

—Falaremos mais tarde. O que necessito agora mesmo, senhorita Dearing, é descansar um pouco. Suponho que me permitirá dormir um momento antes de me mandar a caça de um assassino.

Ela ficou olhando durante uns longos segundos, com seus lábios carnudos apertados em uma fina linha. Logo, sem dizer uma só palavra, girou sobre seus calcanhares e saiu do quarto, furiosa como só uma mulher é capaz de ficar. Emily a seguiu.

—Tem que desculpá-la, senhor Saint. A senhorita Ivy e Madeline sofreram uma grande perda.

Ele sorriu sem vontade. Saint sabia tudo sobre quão terrível podia ser perder um ser querido.

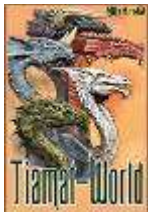
—Me tratou como se fosse uma menina pequena.

Passava das sete e quinze da manhã, e Ivy estava no quarto de sua mãe, passeando de um lado a outro do tapete azul e vinho. Deveria deixá-la dormir mais, parecia ter passado toda a noite chorando, mas precisavam falar da chegada de Saint.

Sua mãe sorriu, recostada em uma montanha de macios almofadões. Ali entre os lençóis brancos e a colcha de veludo vermelho parecia uma boneca. Seus cabelos loiros eram como raios de luz ao redor de sua cabeça, e, apesar da quantidade de lágrimas que tinha derramado, seus olhos verdes continuavam brilhantes e vivazes. Nessa iluminação, quando ainda faltavam algumas horas para serem castigadas pelo calor do sol, Madeline Dearing não parecia muito mais velha do que Ivy por mais que lhe pesasse a idade sobre os ombros.

—É que era uma menina a última vez que ele a viu —disse Madeline, enrolando no dedo uma mecha de cabelo.

Ivy apertou os lábios ao recordar a conversa.



—Isso não é desculpa. Tinha dezessete anos, já não era nenhuma menina. —Saint a tinha olhado com altivez e se limitou a dizer que falariam mais tarde.

Sua mãe bocejou.

—Estava a ponto de amanhecer. Seguro que estava cansado e precisava dormir.

A jovem deixou de passear e fulminou a sua mãe com o olhar.

—Estamos todos cansados. Mas encontrar o assassino de Goldie e Clementine é mais importante que dormir. Depois de tudo o que a Maison Rouge fez por eles, acreditava que os vampiros iriam ajudar, mas Reign se foi e Saint precisa dormir para manter sua beleza. —Cuspiu as palavras com amargura.

Apenas duas semanas atrás, Ivy tinha fotografado Goldie e Clementine. Vestidas com os vestidos que ela tinha escolhido, as garotas brincaram entre risadas, como se fossem duas meninas em vez de duas experientes prostitutas. Tinham dezenove e vinte anos respectivamente, e agora estavam mortas. Assassinadas pelas mãos de um sádico bastardo.

Sua mãe a olhou compreensiva, e também com um pouco de pena.

—Reign se foi antes dos ataques começarem, caso contrário, já estaria atrás do assassino.

Sim, pensou Ivy: Reign estava convenientemente longe.

—E que má sorte não ter deixado nenhum endereço onde localizá-lo se algo acontecesse. Nem sequer seus empregados sabem onde está.

—Sairão rugas se não deixar de torcer o nariz e franzir tanto o cenho.

Ivy ficava enfurecida, por sua mãe lhe falar como se fosse uma menina. Será que não ouviu o que havia dito de Saint? Suspirou.

—É hora de enfrentarmos a verdade, mamãe. Estamos sozinhas. As autoridades são impotentes, e os vampiros nos deram as costas. Está em nossas mãos encontrar o assassino e entregá-lo à justiça. Goldie e Clementine eram suas amigas. E não permitiria que seu assassino continuasse livre.

—Estou convencida de que Saint quer um pouco de tempo para analisar a situação, e que falará conosco assim que tudo ficar mais claro.

Analisar a situação? O que tinha para analisar? Estavam mortas.

—Tem melhor opinião dele que eu.

—Conheço-o melhor.

Se Ivy pudesse girar os olhos e franzir o cenho de uma vez, o teria feito.

—Dez anos pode mudar uma pessoa, mamãe.

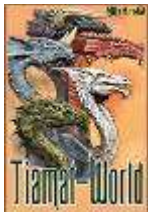
Madeline alisou as rugas do lençol.

—Não é você que sempre diz que as pessoas não mudam?

Ao ser incapaz de responder limitou-se a grunhir. Era verdade, ela estava acostumada a dizer isso.

Sua mãe sorriu satisfeita.

—Certo, não posso acreditar nisso, não vai dizer nada sarcástico? Saint deve tê-la impressionado muito.



Esse comentário se aproximava muito à verdade para o gosto do Ivy. Além de ser tão presunçoso e egoísta como recordava, Saint continuava sendo igual de atrativo. De fato, ela jamais tinha visto alguém igual em toda sua vida. Era quase tão sensual como bonito. Ivy gostava dos homens bonitos, os homens que eram agradáveis à vista e que sorriam com facilidade. Não gostava dos homens misteriosos ou obscuros, nem os que a olhavam como se fosse um cordeiro e eles um leão faminto. Os olhos negros de Saint a deixavam nervosa; era difícil saber o que se ocultava atrás deles, e aqueles lábios tão perfeitamente esculpidos pareciam zombar dela com seu sorriso.

Seguro que sairia muito bem nas fotos, coisa que ela odiava. De fato, estava a ponto de odiá-lo... E por quê? Porque quando o viu, para sua desgraça, recordou que quando era uma juvenzinha se apaixonou por ele perdidamente.

—Sempre adorei seu cabelo —comentou sua mãe com voz sonolenta. —Ainda está comprido?

—Até o pescoço. —negou-se a dizer que eram negros e espessos, ou o bem que emolduravam suas maçãs do rosto e sua mandíbula.

Madeline suspirou.

—Então o cortou. Que pena! Todas as garotas queriam deitar com ele só para acariciar seus cabelos.

Ivy supôs que deveria ficar escandalizada com o comentário de sua mãe, mas enfim havia crescido em um bordel. E por melhor que fosse a Maison Rouge, havia poucas coisas que ainda não tinha ouvido falar, no que se referia às relações sexuais.

O corpo de uma mulher era seu melhor recurso, e seu coração o tesouro mais prezado, costumava dizer sua governanta. E que tinha que sacrificar um dos dois, melhor escolher o que valesse a pena.

Dez anos atrás, Saint poderia ter ficado com seu coração e sua virtude em troca de um só sorriso. Mas então, ele nem sequer a olhou.

—Para ele somos só comida! Acaso não quer justiça para Goldie?

Só teve que olhar para sua mãe para saber que tinha ido muito longe.

—Ivy Abigail Dearing —disse Madeline com essa voz que sempre fazia que sua filha endireitasse as costas —Só não te dou uma boa bronca porque entendo seu sofrimento. Tem todo o direito do mundo de não estar de acordo comigo, mas não se atreva a insinuar que o que aconteceu às minhas garotas, importa mais a você que a mim.

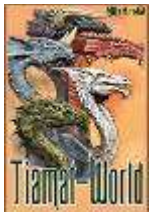
Ivy assentiu, consciente de que merecia o sermão.

—Sim mamãe. Peço que me desculpe, mas não confio em Saint do mesmo modo que você.

Pequeno nome: Saint. Parecia uma piada. Um santo não se deitaria com uma garota diferente a cada noite... Três vezes.

—Querida, colocaria minha vida em suas mãos, e você deveria confiar nele também.

—E por que deveria fazê-lo, posso saber? —Não daria nem um bom dia, muito menos sua



vida.

—Porque se não fosse por Saint, nem você nem eu estaríamos hoje aqui. —A Ivy fez um nó na garganta e sua mãe sorriu satisfeita. —Assim é. Esse vampiro que não confia, é o homem que me salvou e me trouxe aqui. Deve-lhe a vida.

Naquela tarde, durante o funeral de Clementine, Ivy não podia deixar de pensar na surpreendente confissão de sua mãe. Embora o fato de que sua mãe tivesse guardado silêncio até então sobre o papel que Saint tinha desempenhado em seu passado, empalidecia, diante à dor pela perda de sua amiga.

Por que não lhe haviam dito antes? Saint era o homem que evitara que sua mãe morresse de frio e fome nas ruas de Londres. Havia encontrado-a sozinha, doente, a ponto de dar a luz, a levava para Maison Rouge, onde depois do nascimento de Ivy, trabalhou até converter-se em sua gerente.

A vida de Ivy não teria nem a metade de conforto se Saint não houvesse aparecido.

Maldição!

Ivy estava em pé sobre a grama úmida, junto a Madeline, segurando um pequeno ramo de violetas nas mãos. As prostitutas e os empregados da Maison Rouge estavam com elas, como os familiares de Clementine. Formavam um círculo ao redor do buraco no chão, o ar cheirava a terra molhada e a flores, e os assistentes suavavam sob as incômodas roupas de luto com aquele sol inesperadamente quente acima de suas cabeças.

Uma gota de suor desceu da raiz do cabelo até sua mandíbula, mas não lhe fez caso e deixou que seguisse seu caminho, diferente das lágrimas, que se obrigava a controlar. Queria chorar a perda de sua amiga. Queria gritar com os jornalistas que estavam retratando a cena uns metros mais atrás. Queria insultar as autoridades por não fazerem nada.

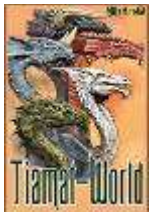
As prostitutas de toda a cidade corriam perigo, e os cafetões seguiam permitindo que trabalhassem nas ruas, pois não queriam perder nem um centavo de seus lucros. Acaso a polícia patrulhava agora com mais esmero essas áreas frequentadas pelas mulheres de má reputação? Não. Acaso tinham mandado alguém para que vigiasse o estabelecimento de sua mãe, em Chelsea? Não.

A ninguém importava que as prostitutas morressem. Mas como uma tonta, Ivy acreditou que Saint seria diferente. Que não teria que sentir-se como uma estúpida por havê-lo considerado pouco mais que um herói quando era uma adolescente.

Logo que pensou nele, Ivy se obrigou a deixar de fazê-lo. Não permitiria que arrebatasse a dor que estava sentindo nesse momento. Queria sentir-se vazia, desgraçada... Clementine não merecia menos.

A mãe de Clementine estava a sua frente. Era uma mulher bonita, mas os anos de trabalho duro refletiam tanto em seu rosto como em seu corpo. Estava vestida de negro e segurando um rosário, ereta e em silêncio, enquanto um caminho de lágrimas deslizava por seu rosto.

Ao vê-la, Ivy sentiu a ardência do pranto nos olhos. Que horrível para aquela pobre mulher



ter perdido uma filha em tão trágica circunstância. Suportar as olhadas curiosas dos jornalistas e as mórbidas e curiosas perguntas que não respeitavam sua dor.

Dedos quentes cruzaram com os seus. Ivy devolveu o gesto. Ela e sua mãe não tinham que falar para saber o que a outra estava pensando. Embora às vezes não a entendesse e perdesse a paciência, Ivy amava a sua mãe com toda sua alma, e sabia que o sentimento era mútuo.

Quando o sacerdote concluiu, a mãe de Clementine jogou um punhado de terra em cima do caixão. Ivy, Madeline e o resto das companheiras da Maison Rouge, um montão de flores, violetas em sua maioria. Logo, Ivy passou um braço pelos ombros de sua mãe e a acompanhou até onde esperavam as carruagens. Havia lugar suficiente para todas. Madeline assegurou que ninguém fosse andando ao funeral, para que nenhum daqueles abutres as incomodasse.

Retornaram em silêncio. Uma vez dentro de casa, sua mãe disse:

—Ivy, seja boa e vá à adega pegar uma garrafa de vinho, importa-se?

—Está certa de que no bar não há alguma, mamãe?

Madeline tirou as luvas.

—Quero um bom vinho.

—Não me diga que quer impressionar Saint. —Teve que conter-se para não fazer uma careta.

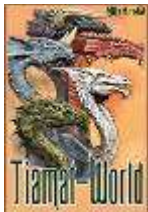
—Por favor, querida. —Ihe pediu Madeline.

Assim Ivy foi pegar a garrafa. Não podia negar nada a sua mãe, por muito que detestasse o trato privilegiado que estava dando a Saint. Entendia perfeitamente que se sentisse em dívida com ele, mas o que acontecia com o compromisso que os vampiros tinham para com as ocupantes da Maison Rouge? Elas os proviam de comida e proteção e, sim, de companhia feminina, e em troca, os vampiros davam segurança econômica e proteção. Quando tinha sido a última vez que algum deles tinha pedido algo? Justamente fazia umas semanas, pouco antes que comesçassem os assassinatos, um deles tinha estado ali, alimentando-se virtualmente de todas as garotas da casa. Os vampiros apareciam, tomavam o que necessitavam e se iam. Levavam décadas fazendo isso e assim seguiriam até o final dos tempos.

Abriu a porta secreta que havia sob a escada e entrou na adega, mas a cada passo que dava sua raiva aumentava. Quase toda ia dirigida a Saint, mas era o suficientemente sincera para saber que ele não a merecia, ao menos não por completo. O que mais a enfurecia era sentir-se impotente. Parece que ela não podia fazer nenhuma maldita coisa para conseguir que se fizesse justiça e vingar suas amigas. Nem sequer seu bom amigo Justin estava disposto a ajudá-la. Havia-lhe dito que a admirava, mas quando lhe pediu ajuda em sua busca, limitou-se a dizer que não queria que ficasse em perigo.

Como se tivesse algum direito de exigir isso.

Deus, se não encontrasse o modo de tirar de dentro toda essa raiva que ameaçava consumi-la, acabaria estourando. De fato, estava tão absorta pensando em sua impotência, que só se deu conta que não estava sozinha, quando pegou uma garrafa coberta de pó, que havia em uma prateleira no extremo da parede.



—Francês ou italiano? —perguntou uma voz suave.

—Deus santo! —O coração de Ivy pulsou acelerado, e pareceu que saíra do peito. Por sorte, ainda não tirará a garrafa, pois com o susto, sem dúvida a teria largado, estragando o vinho de sua mãe.

Levou a mão ao peito, ainda assustada, deu meia volta. Saint estava em pé frente à porta de seu quarto, e o via desalinhado, sonolento e tremendamente sedutor.

—O que está fazendo aqui? —Ainda era dia. —Não deveria estar dormindo?

—Eu também me alegro de vê-la. —respondeu ele sorrindo, como se fizesse graça. —Ao contrário da crença popular, nós os vampiros não temos que dormir até que se ponha o sol. Podemos despertar quando quisermos igual aos mortais. É só que durante o dia estamos mais... Suscetíveis, e que a luz pode nos matar.

—Só isso? —Não tentou dissimular o sarcasmo. —Assim pensou em andar por aqui até que pudesse subir?

A iluminação da adega não era a mais indicada, pois só havia uma lâmpada, mas Ivy pôde ver como arqueava uma sobranceira quando ouviu seu tom de voz.

—Tenho fome e não há sangue em meu quarto.

Negou-se a sentir culpa por esquecer-se desse detalhe. Esteve no cemitério, enterrando uma de suas amigas, mas de todos os modos, lhe fez um nó no estômago.

—Estivemos em um funeral, senhor Saint. —informou com frieza. —Espere aqui, me encarregarei de que lhe tragam algo. —Teria que conformar-se com um pouco engarrafado porque, depois de tudo o que tinha acontecido nesse dia, negava-se a lhe mandar uma das garotas.

Deu meia volta para ir, mas ele se colocou diante dela à velocidade da luz.

—Tão deliciosamente azeda. —murmurou, esboçando um sorriso zombador —e apesar de tudo, é toda doçura. Diga-me, senhorita Dearing, como é de verdade?

Ivy apertou os lábios, embora estivesse mais zangada com seu coração traidor do que com as audazes palavras dele. Não queria gostar, não gostava, mas não podia negar a crua sensualidade que emanava dele. Entretanto, sim podia negar a reagir a ele. Já não tinha dezessete anos.

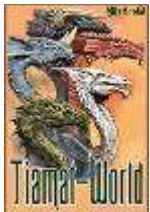
—Está querendo me assustar? —espetou —Porque lhe asseguro que não vai funcionar.

O sorriso de Saint se fez mais amplo, e em sua boca apareceram uns dentes brancos e bicudos que ressaltavam contra seu moreno rosto. As presas não estavam em seu máximo comprimento, mas de todos os modos, ela estremeceu. Ele levantou uma mão e acariciou seu rosto com seus quentes e longos dedos.

—Assustá-la? Jamais.

Inclinou-se para frente e baixou a cabeça para sentir o calor que emanava dela e cheirar o aroma especial de sua pele.

—O que tento averiguar senhorita Dearing, é se você está no menu.



Capítulo 2

Saint não tinha intenção de brincar com ela, mas não pôde se conter. Aquela adorável juvenzinha se converteu em uma mulher linda, e embora fosse a última pessoa de toda a casa em que se atreveria a afundar suas presas, não pôde evitá-lo. Era um incorrigível sedutor.

Mas Ivy Dearing, pequena e audaz se limitou a olhá-lo com seus envolventes olhos verdes.

—Eu não trabalho aqui, senhor Saint.

Saint apoiou a mão na prateleira que havia em cima da cabeça da garota e se aproximou ainda mais dela. Ivy cheirava a baunilha e noz moscada, com um pouco de almíscar.

—Por favor, não me chame de senhor. Faz com que me sinta velho.

Foi sua imaginação ou tinha visto um brilho de diversão naqueles frios olhos?

—É velho —disse com um sorriso.

Se soubesse o que passou por sua mente nesse instante, certamente não sorriria. Deveria saber, por cortesia de sua mãe, que para a maioria dos homens um sorriso equivalia a um convite.

E seiscentos anos de imortalidade não mudou o fato de que Saint era um homem. Preservava seu coração, mas aceitava os prazeres que a vida oferecia, encantado. E raramente, se é que o tinha feito em alguma ocasião, recusava um convite.

Ela o olhou nos olhos, e isso o surpreendeu. Muito pouca gente se atrevia a fazê-lo.

—E não, não estou incluída no menu, como você disse de maneira tão encantadora.

O sorriso que se esboçou nos lábios dele só poderia ser definido como arrependimento.

—Que pena! Mas você poderia oferecer-se como voluntária.

Ivy não pôde conter uma gargalhada. Mas tanto sua expressão como sua atitude eram mais de aborrecimento que de alegria.

—Se me permitir serei franca, senhor Saint. Não tenho intenção de me oferecer nunca como voluntária.

Ali estava, o sutil batimento de seu coração, a corrente de adrenalina correndo por suas veias. Era muito similar ao que tinha experimentado como ladrão. Mais tentador que um convite era uma provocação.

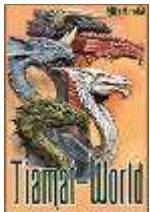
E Ivy Dearing acabava de lançar a luva.

Ela deu-se conta de que despertou seu instinto de predador, porque deu um passo para trás e o olhou com suspeita.

—Suponho que sairá logo que o sol volte a cair.

—Hum. —Era óbvio que ela queria que ficasse, mas não pelos motivos que sua libido gostaria. Não importa. Conformava-se com isso. —Quando se faz esse tipo de pergunta, é melhor fingir indiferença, senhorita Dearing. Suponho que a senhorita não deveria se importar com o que faço ou deixo de fazer.

—Mas me importo —respondeu a garota com a mandíbula apertada. —Me importo porque



duas de minhas amigas estão mortas, e ninguém em toda esta maldita cidade parece se importar.

A raiva alagou seus sentidos, sacudindo-a com violência. E em seguida sentiu a mordida da dor, como água salgada salpicada sobre uma ferida aberta.

—Nada do que eu faça poderá devolver suas amigas, senhorita Dearing. É muito tarde para isso.

—Sei. —Virou o rosto e passou os dedos pelo pó de uma garrafa que havia na prateleira, bem ao lado de sua cabeça. —Não peço que as converta em vampiros. Peço que encontre seu assassino, e se assegure de que pague pelo que fez.

A pena era evidente em sua voz. Pena pela perda de suas amigas.

E aquele era um sentimento que Saint compreendia muito bem.

—Leve-me até sua mãe —pediu sério. —Tenho que conversar com ela.

As cortinas do quarto de Madeline estavam fechadas; aquelas camadas de veludo era a única proteção que Saint tinha contra o sol do entardecer.

Entrou no quarto e viu que o estava esperando em seu pequeno salão, tão encantada como a última vez que a viu. Talvez inclusive mais. Estava sentada junto à mesa, e tinha todo o aspecto de uma dama da alta sociedade a ponto de tomar o chá.

Um carinho sincero alagou seu coração. Sempre sentiria afeição por Madeline, sem importar os anos que passassem entre seus encontros.

—Olá, Framboesa.

Ficou em pé com um sorriso e foi recebê-lo com os braços abertos. Até que a teve perto, não se deu conta de que tinha uns círculos escuros sob os olhos, e rugas nos cantos dos lábios. Já não era a garota jovem que tinha encontrado morta de frio naquele beco, a ponto de dar a luz. Era uma mulher amadurecida com uma enorme tristeza em seu coração.

—Saint. —Rodeou-o com os braços e aquele aroma de fruta silvestre exclusivo dela o envolveu. —Estou tão contente com sua chegada.

Fazia muito tempo que não abraçava uma mulher, a não ser para se alimentar ou dormir com ela. E isso serviu de aviso da vitalidade e fragilidade do ser humano. Naquele abraço havia consolo e piedade, e nenhuma das maldades que ele estava acostumado a associar aos mortais.

—O negro não é sua cor, querida —murmurou ao ouvido, soltando-a devagar. Olharam-se um ao outro, e o cansaço que havia nos seus olhos doeu. —Conte-me o que aconteceu.

Madeline assentiu e segurou sua mão para acompanhá-lo até a mesa.

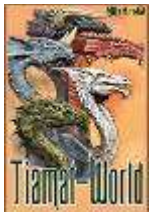
—Vem, sente-se. Certamente tem fome. —E Tinha.

—Está faminto —disse uma voz seca detrás dele.

Saint girou a cabeça e viu a sedutora Ivy. Permitiu-se sorrir com descaramento enquanto percorria cada centímetro de seu corpo com o olhar.

—Estou.

Não que a frase não se encaixasse com ela, haveria dito que ela ruborizou-se como uma



donzela. Ivy era como um pêssogo que ia madurando frente a seus olhos, e cuja cor passava do laranja à rosa mais sensual, à espera que ele o devorasse.

—Aqui tem sangue —disse Madeline, alheia à tensão que havia entre Saint e sua filha. — Espero que não importe que esteja a temperatura ambiente.

O sangue estava em uma garrafa de conhaque que havia em cima da mesa. E teve que fazer esforços para não agarrá-la e esvaziá-la de um só gole.

—É obvio que não, mas talvez a vocês duas incomode ver-me beber.

Madeline arqueou uma de suas magras sobrancelhas.

—Não pode acreditar seriamente que sou tão delicada.

Saint deu de ombros e olhou para Ivy.

A jovem o fulminou com o olhar e zombou desse detalhe tão considerado.

—Já vi outros vampiros alimentar-se, senhor Saint.

—Sério? E gostou?

—Saint, não provoque a minha filha, por favor.

—Minhas desculpas, Maddie. Senhorita Ivy. —sentou-se à mesa e levou a taça aos lábios. O sangue não estava tão quente como gostava, mas era agriadoce, e saciou seu apetite até o ponto de que uma agradável sensação se instalou em seu estômago.

Sentada diante dele, Madeline bebia uma xícara de chá como se a situação fosse a mais normal do mundo. Sua filha estava em pé estritamente uns metros mais à frente, com os braços cruzados sobre seus encantadores e generosos seios. Aquela moda dos vestidos de pescoço alto era horrível. O pescoço de uma mulher, assim como seu decote, deveria estar sempre à vista.

—Conte-me o que aconteceu, Maddie.—Pedi com delicadeza ao retomar o assunto da conversa.

—Duas de minhas garotas foram assassinadas. —Fixou seus olhos cheios de lágrimas nos dele. —Brutalmente assassinadas.

—Preciso que me conte os detalhes, querida. Se não for muito doloroso para você.

Foi Ivy que respondeu ao ver dúvida em sua mãe.

—Ambas foram achadas fora de casa. As duas estavam degoladas e sem o útero. As autoridades não sabem o que aconteceu primeiro.

Saint ficou olhando. A garota tentava por todos os meios em ser forte e manter a compostura, mas detectou um tremor em sua voz e a viu empalidecer.

Levantou a mão e cobriu os frios dedos de Madeline com os seus.

—Sinto muito, Maddie.

Ela assentiu e apertou os lábios para tentar conter as lágrimas.

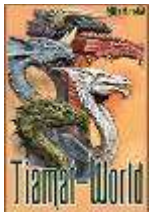
—Obrigada.

—Só houve duas vítimas?

Novamente Ivy respondeu:

—É mais que suficiente, não acha?

Apertou os lábios e forçou um sorriso.



—Apesar de que começa a me agradar que seja antipática comigo, senhorita Dearing, só pretendia saber se tinham conhecimento de outras mortes.

Ela não pôde evitar ruborizar-se. Bom, era um consolo ver que a jovem tinha educação.

—Não.

—Obrigado. —Voltou a concentrar sua atenção em Madeline. —Assim a Maison Rouge é o único ponto em comum entre as duas vítimas.

Maddie negou com a cabeça.

—Ninguém que frequente esta casa é capaz de algo assim.

Que ela acreditasse não significava nada. Madeline era muito confiante e tinha muito bom coração. Era inacreditável que tivesse se encarregado do negócio, e inclusive fazê-lo prosperar, carecendo da crueldade necessária para isso.

Desviou o olhar para Ivy.

—Está de acordo?

A jovem pareceu surpreendida de que perguntasse a ela.

—Acredito que todo mundo é capaz de cometer um crime passional, mas me custa acreditar que um de nossos clientes tenha feito algo tão desprezível.

Saint tinha a impressão de que os instintos dela eram muito mais de desconfiança que os de sua mãe. Ivy parecia o tipo de pessoa que não confia em ninguém até que esse alguém demonstre seu valor.

—Por que não procuraram por Reign? —O outro vampiro proprietário da Maison Rouge, o que teve a ideia de ter um bordel. —Deveria ser ele o encarregado do bem-estar de seus ocupantes.

—Fui procurá-lo. —informou Ivy —mas não está em Londres.

—Onde está?

—Presumo que na Escócia, mas faz mais de duas semanas que ninguém sabe nada dele. Mandamos um telegrama, mas não nos respondeu.

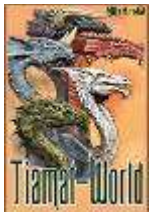
Não era nada próprio de Reign não cuidar daqueles que dependiam dele, mas Saint não tinha ideia do que seu amigo estivesse fazendo na Escócia. Talvez o telegrama não houvesse chegado. Ou talvez Reign estivesse por algum motivo em outra parte.

Seja como for, Reign não estava ali, e como membro da Irmandade correspondia a ele assumir a responsabilidade de proteger as mulheres do magnífico Maison Rouge.

—O que dizem as autoridades? —Ao falar olhou às duas mulheres, sem saber a qual delas dirigir a pergunta.

—Nada —respondeu Ivy, fazendo uma careta —Não nos informaram nada. Só sabemos o que temos lido nos jornais, e a estes só interessa o escândalo para atemorizar a população e venderem mais exemplares. Já se pode imaginar a reação das pessoas.

Sim, podia. Uma década atrás, quando Jack o Estripador estava no auge de sua sanguinária carreira, a cidade inteira vivia aterrorizada. A imprensa relatava cada dia um novo horror, e acompanhava a notícia com uma fotografia.



Logo, Jack desapareceu, e as famílias e amigos daqueles aos que tinha matado nunca tiveram a satisfação de vê-lo nas mãos da justiça.

Saint estudou o rosto das duas mulheres. Mereciam que se fizesse justiça. Mereciam ir à cama sabendo que seus entes queridos estavam a salvo.

—Averiguarei o que sabe a polícia. —disse —E logo encontrarei o assassino.

Levantou a vista e viu que Ivy o olhava com um indício de admiração naqueles profundos olhos verdes.

Olhou-a.

—Prometo.

Ivy seguiu Saint quando ele saiu do quarto de sua mãe, depois de sua surpreendente declaração.

—Falou a sério? —quis saber enquanto o seguia pela escada. Toda a casa estava às escuras por ele, que parecia mover-se sem nenhum problema. Quão aguçada era a visão dos vampiros?

—Sim —respondeu sem voltar a cabeça nem um centímetro e sem parar —E de verdade começo a gostar de sua encantadora antipatia. —Pelo jeito que falou, soou tanto como um elogio quanto com um insulto.

—Por desgraça, eu não posso dizer o mesmo de sua estupidez. Sabe do que estou falando, senhor Saint.

Deteve-se sem avisar, e Ivy não pôde reagir a tempo. Se não a detivesse com suas cálidas mãos, teria chocado com ele.

—Já sei do que está falando. —Naquela tênue luz, seus olhos pareciam completamente negros. E como ela estava no degrau superior, ficaram à mesma altura; seus olhos, nariz e lábios ficavam bem diante dos dele.

—É evidente que você desconfia de todo o mundo, assim estou fazendo um grande esforço para não me sentir insultado por questionar minha honra.

—Eu... —Insultou seu sentido de honra? Uma parte dela surpreendia-se que tivesse um; outra parte sabia que agira mal, e merecia esse comentário, e até outra parte secreta, queria dizer que conheceu pouquíssimas pessoas que merecesse sua confiança.

—Peço que me desculpe. Não queria lhe faltar com respeito.

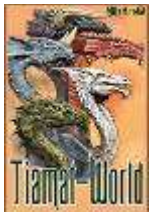
Saint sorriu inesperadamente, seus dentes tão brancos, resplandeceram em seu rosto. Ivy apostaria tudo o que tinha: com aquele sorriso obteria tudo o que quisesse.

—Pois tem faltado, mas aceito suas desculpas.

Soltou-a e ela sentiu como o frio instalou onde antes tinham estado suas mãos. Também se deu conta que sua respiração estava acelerada e suas costelas doíam de tanto que seu espaltilho apertava.

Ivy cresceu acompanhada desses vampiros, suas histórias e aventuras. Reign era como um tio para ela, assim não tinha medo. Desse outro ao que sua mãe, talvez cega, tinha em tão alta estima, sim.

Não, não era medo o que sentia, assim o fosse. Era a necessidade que sempre sentia



quando Saint vinha por ali; dele se dar conta, de uma vez por todas, que ela deixou de ser menina e agora era uma mulher.

—Está tão zangada... —disse Saint em um sussurro, e, embora permanecesse imóvel, Ivy sentiu como se ele houvesse acariciado seu rosto. —Uma mulher tão jovem e cheia de vida como você não deveria estar tão zangada.

Suas palavras feriram a fundo, e a ternura acendeu a chama de sua fúria. Saint estava encerrando o assunto.

—Estou tão zangada porque duas de minhas melhores amigas foram brutalmente assassinadas e a ninguém parece importar. —respondeu com voz tremendo. Quanto mais pronunciava essas palavras, mais doía.

Os brilhantes olhos negros de Saint cravaram os de Ivy.

—Me importa.

E assim, com apenas essas palavras, esvaziou toda sua ira e a encheu de lágrimas.

—Não chore pequena. —pediu ele carinhosamente. E acrescentou sedutor: —Sou o tipo de homem capaz de se aproveitar da situação.

As lágrimas de Ivy desapareceram do mesmo modo que chegaram; imediatamente. Talvez Saint só tivesse feito esse comentário para evitar que ela caísse no ridículo, mas preferiu não averiguá-lo.

—Obrigada.

Ele assentiu e deu meia volta para dirigir-se para a escada.

—Falará isso quando eu encontrar o assassino. —Ivy não disse que não era isso o que estava agradecendo. Levantou a saia e o seguiu.

—O que pensa fazer? —Saint respondeu sem olhá-la:

—Ainda não sei, suponho que começarei por ler os informes da polícia.

—Não darão de bom grado. —Um oficial do Scotland Yard era cliente do bordel e não fez esse favor. Ivy estava convencida de que não tinha vontade, mas guardou a opinião para si mesma.

—Não, suponho que não. —Saint se deteve de repente na metade do salão, frente a uma escultura de Vênus, e virou para ela. —Pensei que poderia fazer uma visita esta noite e dar uma olhada.

—Vai entrar às escondidas na delegacia de polícia?

Aquele era seu plano?

—Sim.

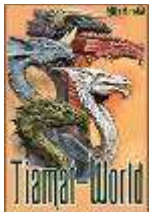
—Vou com você.

—Impossível.

Ivy levou as mãos à cintura. Ou as mantinha quietas ali ou o estrangulava até que voltasse à razão.

—Por quê? Porque sou uma mulher e evidentemente não necessita minha ajuda?

—Ajuda? —Saint a olhou como se fosse idiota. —É impossível que me ajude se me distraio



olhando-a, mas não é por isso que não quero que venha.

Que o distraía? As mãos lhe caíram inertes em ambos os lados.

—Então, por quê?

—Pode ver na escuridão, senhorita Dearing?

—Não, bom, não, mas...

Saint cruzou os braços, puxando o tecido branco das mangas de sua camisa.

—Pode mover-se mais rápido que uma piscada?

—Está dizendo tolices. Já sabe que não.

—Eu sim. —Não dizia para se gabar ou se valorizar. Era este o ponto. —Se me apanharem, posso cuidar de mim mesmo. Mas se estiver comigo, não sei se poderei fazê-lo. Portanto, por muito que agradeça sua oferta, tenho que recusá-la.

Se Ivy pudesse encontrar algo ao que agarrar-se para rebater seus argumentos, haveria dito, mas não pôde. Saint tinha razão, assim ficou olhando-o resignada e impotente.

—Entendo.

Levantou a mão, e antes que a colocasse com ternura em seu ombro, Ivy viu brilhar o anel que levava. Não foi uma carícia sensual, mas mesmo assim, fez ferver o seu sangue. Notou como o pulso acelerava... E, apesar de tudo, sua alma se acalmou ao sentir que Saint a reconfortava.

—Você está muito mais a par que eu de toda esta tragédia —disse ele em voz baixa e aveludada. —Quando retornar da Scotland Yard, pedirei ajuda. Necessitarei que me ajude a apanhar o monstro que fez isto.

Sua ajuda.

Saint afastou sua mão e sorriu.

—E agora, deixe que te dê um conselho, senhorita Dearing. Quando estiver a sós com um homem, não o olhe com tão aberta adoração. Isso o tentaria a aproveitar-se de sua virtude.

Seu sangue gelou nas veias. Estava agradecida por permitir ser útil no caso, não estava olhando-o com adoração. Só queria encontrar o assassino de Goldie e Clementine.

—Talvez seja você é que deva ir com cuidado, senhor Saint. Não deveria dizer a uma mulher, que morre de vontade de lhe dar uma dentada ou um beijo e que acredita que o adora, com menos de vinte e quatro horas de convívio.

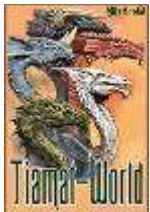
Saint deu um passo para trás, obviamente impressionado por essas palavras... e pela frieza que havia nelas.

—Querida. Se dei a impressão de que...

—Não. —Levantou a mão para detê-lo. —Me criei em um bordel. Conheço as regras do jogo. E se não soubesse que já falou essas mesmas palavras a milhares de mulheres antes de mim, talvez me sentisse adúltera.

Saint ficou olhando, com seus perfeitos lábios entreabertos e seus olhos de cigano fixos nela. Nesse instante, Ivy soube que nenhuma mulher nunca tinha falado desse modo com ele.

—Já vou. Sei que tem muito que fazer esta noite. Esperarei na biblioteca quando retornar da Scotland Yard.



Saint respirou fundo.

—De acordo.

Com a sombra de um sorriso nos lábios, Ivy deu meia volta e começou a subir de novo a escada. A meio caminho parou e olhou para baixo. Saint estava já diante da porta.

—Senhor Saint.

Ele se deteve, girou sobre seus calcanhares e levantou a vista. Ivy sabia que ele a via muito melhor que ela a ele. Invejava isso dos vampiros; naqueles momentos morria de vontade de ver seu rosto.

—Sim, senhorita Dearing?

—No futuro, não é necessário que se preocupe com minha virtude.

—Não?

Eram imaginação dela ou Saint havia tremido a voz?

—Por que não?

Ivy sorriu.

—Porque não a tenho.

Capítulo 3

Nenhuma mulher nunca o havia desafiado para que a seduzisse. Nenhuma havia dito tente-o, pois todas davam por certo que o conseguiria.

E, merda, o homem que tirou a virgindade de Ivy era um bastardo de sorte.

Se ela queria castigá-lo com este comentário, tinha conseguido. Suas palavras deixavam bem claro até que ponto ele tinha ficado como bobo diante dela.

Saint não se considerava um homem inteligente. De fato, cometeu muita estupidez por culpa das mulheres. Mas era o bastante inteligente para saber quando deveria manter-se afastado de uma. E tinha que manter-se afastado de Ivy Dearing.

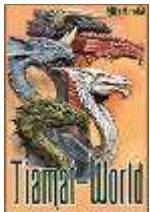
Não importa o quanto fosse atraente; era perigosa, e não só por ser a filha de Maddie. Era exatamente o tipo de mulher que adorava. Isso significava que tinha que ficar longe dela.

Nunca tinha se dado muito bem em resistir à tentação. Era um sedutor, um canalha. Um libertino. Nos séculos que seguiram à morte de sua doce esposa, e depois da sua entrada na imortalidade, tinha cortejado e seduzido a milhares de mulheres, até que...

Até que conheceu Marta. Mas depois de sua morte voltou para as andadas ainda pior que antes, e se dedicou a seduzir a toda aquela que desejava. Mas não agora. Agora não.

Em silêncio pousou no telhado. Tentou afastar Ivy Dearing de seus pensamentos e concentrar-se no que tinha que fazer.

Encontrar um assassino em Londres era no mínimo, complicado. A cidade tinha crescido muito nos últimos séculos, como era lógico, mas ultimamente, cada vez mais gente se mudava



para o campo e só iam à cidade para trabalhar, enquanto as fábricas se estendiam como um câncer por toda a Inglaterra. Os tempos não eram de celebração, mas não eram poucos os que moravam em Londres, ligando suas vidas ao funcionamento do Parlamento.

Assim necessitaria toda a ajuda que pudesse obter incluindo a da devotada e encantadora senhorita Dearing. Talvez os papéis da polícia não dissessem nada, mas dariam uma visão objetiva dos fatos, e assim não teria que aporrinhar Maddie, nem a sua filha, nem tampouco ao pessoal da Maison Rouge com perguntas desagradáveis. O informe policial teria que bastar no momento.

O novo edifício da Scotland Yard era uma magnífica construção gótica de tijolo branco e vermelho que levantava a orgulhosa Vitoria Embankment ao norte das margens do rio Tâmisa. Destacava-se dos outros edifícios e sua grandeza era esmagadora. Tinha umas torres redondas que recordavam um pouco o tambor de um revólver, e foram decoradas com uma agulha que se levantava acima do telhado negro.

Nesta posição, Saint podia ver a silhueta da torre do relógio do Parlamento recortada contra o céu azul índigo. A luz da lua o envolvia como um raio, e o edifício parecia uma figura paternal cuidando da cidade em silêncio. Ao que parece, os londrinos achavam o mesmo que Saint, pois a torre tinha sido batizada com o nome do Big Ben. Melhor dizendo, o sino que dava as horas era o que ganhou esse nome e, ninguém sabia muito bem o porquê.

Saint utilizou o telhado de uma das coberturas do edifício da Scotland Yard como degrau e depois, olhou para baixo, arrastou-se pelo telhado até uma janela e apoiou os dedos no vidro. Devagar, puxando.

A fechadura rangeu, gemeu e ao final cedeu. Os Scoties como ele chamava à polícia, nunca descobririam o que aconteceu com a tranca.

Deslizando pelo telhado inclinado, em um piscar de olhos entrou na delegacia pela janela, uma vez dentro, fechou-a atrás de si. Londres estava mais iluminada que antes, e não podia arriscar que alguém passasse e percebesse que a janela estava aberta.

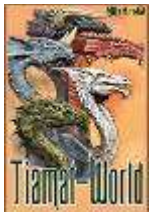
Demorou um segundo para habituar-se à escuridão da sala. Estava no que parecia ser um escritório. A luz da cidade se projetava no chão, como que indicando a direção que devia seguir.

Rápido e em silêncio, Saint aproximou-se da porta. Era a primeira vez que estava naquela nova sede, mas fizera algumas perguntas às garotas da Maison Rouge, e Mary, cuja irmã trabalhava como garota da limpeza no lugar, sabia exatamente onde guardavam os arquivos.

Escutou através da porta antes de abrir, e se assegurou de que não havia ninguém. Uma vez no corredor, dirigiu-se para seu objetivo.

Estava a ponto de chegar, quando ouviu vozes acompanhadas de pegadas. Podia voltar, mas isso o atrasaria. Por desgraça não havia lugar onde ele pudesse entrar, tampouco janelas pelas quais pudesse sair antes que o pegassem.

Saltou para cima e se escondeu na quina que formava a parede com o teto. Com um pé em cada lado, Saint afundou os dedos nas molduras. O gesso cedeu um pouco. Algum dia, alguém se daria conta de que aquilo eram marcas de dedos e se perguntaria como diabos tinham chegado



ali.

Dois homens com lanternas entraram no corredor. Usavam uniformes, riam e conversavam enquanto caminhavam. Um levava uma garrafa na mão, e o outro pegava um charuto no bolso do paletó.

—Gosta de um Havana, John? —perguntou este a seu companheiro.

O chamado John aceitou o presente.

—É uma boa marca, Aubrey. Uma boa marca.

Dois dos melhores homens da cidade estavam escapulindo para fumar um charuto e animar um pouco a longa e aborrecida noite que os esperava no Scotland Yard. Os policiais bêbados não inspiravam muita sensação de segurança entre os cidadãos.

Levaram tempo para passar por Saint. Ele não estava preocupado em ficar cansado, mas sim com o gesso das paredes. Não foram feitos para suportar peso durante tanto tempo, e temia que pudesse ceder a qualquer momento.

Uma pequena quantidade de pó caiu do teto e por pouco não aterrissou no ombro de um dos policiais, antes que ambos os homens saíssem pela porta que havia abaixo do canto que ele estava. O vampiro esperou uns segundos mais e logo desceu em silêncio, aterrissou agachado no chão. Ergueu-se e seguiu adiante.

Conseguiu chegar à sala que procurava. A porta estava fechada. Saint sorriu, tirou um cilindro de veludo negro de dentro de seu paletó e ajoelhou frente à fechadura.

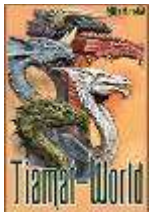
Dentro do cilindro havia o jogo de ferramentas que o acompanhava durante as décadas que tinha sido ladrão. Não teve nem que olhar para saber qual escolher; seus dedos sabiam exatamente o que queriam. Apenas uns segundos mais tarde, tirava a lingueta da fechadura, sentindo o mesmo orgulho e satisfação que o invadiam sempre que abria uma porta. Tinha mais de seiscentos anos, e aquela doce sensação seguia apoderando-se dele cada vez que entrava em um lugar no que não deveria estar... E acessava os tesouros que não lhe pertenciam.

Tempo atrás, um jovem doutor judeu que vivia em Viena, Freud ou algo assim, disse a ele que essa obsessão pelas fechaduras tinha haver com alguma frustração sexual, depois lhe deu uma generosa dose de um medicamento. Que segundo o doutor, curava tudo, mas para o vampiro, o único efeito que fazia era dar vontade de cantar e de sair voando por toda a cidade. Saint não acreditou no que o doutor lhe disse. Mas reconheceu, sentia uma grande satisfação ao ser capaz de abrir qualquer porta que quisesse e apoderar-se do tesouro que ocultava em seu interior.

Uma vez dentro da sala, fechou a porta e virou para observar as pilhas que havia a seu redor.

Havia montões e montões de caixas e arquivos, postos uns sobre outros em cima das prateleiras. O crime era uma indústria florescente em Londres; sempre o tinha sido, e provavelmente sempre o seria.

Não se admiraria em encontrar seu nome em algum daqueles processos. Em roubos que nunca se resolveram. Em sua época, foi um grande ladrão. E conseguiu ganhar muito dinheiro, mas então Reign o convenceu de que investisse em negócios e projetos, e acabou convertendo-o



em um homem honesto.

Bom... Quase. Afinal, as pessoas necessitam um pouco de emoção de vez em quando.

E isso era exatamente o que sentia nesse momento. Mover-se sigilosamente na escuridão em busca do objeto desejado era muito estimulante. A satisfação de achá-lo, e pegá-lo... Era quase tão intensa como afundar as presas na suave pele de uma mulher entregue e ouvi-la gemer de prazer enquanto bebia dela.

Que sabor teria Ivy Dearing?

Deus santo. O que tinha essa mulher que o fazia perder tão facilmente a cabeça? Não estava acostumado a reprimir sua ânsia de beber, nem seus instintos sexuais, mas não era estúpido. Não sentia nada por seus alimentos nem por suas mulheres.

Entretanto, Ivy Dearing se negava a abandonar seus pensamentos. E isso não resultava nada bom. Não podia arriscar-se a sentir algo por ela. Não queria.

Encontrou o processo de Clementine e Goldie dentro de uma caixa com uma etiqueta escrito MAISON ROUGE. Certo de que haveria outra cópia na caixa onde guardavam a informação sobre o assassino, mas dado que ninguém sabia dizer como o nomeou, ele não tinha como averiguá-lo, teria que conformar-se com a caixa com o nome do bordel.

O fotógrafo da polícia tinha retratado a cada uma das garotas tal como acharam os cadáveres. Não era agradável de ver. Saint havia visto verdadeiros massacres em sua época de soldado, e também como vampiro, mas jamais tinha conseguido entender que os humanos fossem capazes dessas atrocidades. Ambas as garotas tinham sido degoladas, tinham o abdômen aberto e os úteros arrancados. Não havia indício de outras feridas, nem sexuais nem de outro tipo, apesar de que as duas tinham marcas que indicavam que estiveram atadas ou algemadas pelos pulsos e tornozelos.

À medida que ia lendo o relatório e observando as fotografias, Saint teve a horrível sensação de que tudo aquilo resultava familiar. Aqueles assassinatos recordavam algo, mas o que?

Então viu uma nota em uma das folhas. Era um pequeno pedaço de papel, a caligrafia mais cuidadosa que a do relatório. Só era uma pergunta.

Jack voltou?

Maldição.

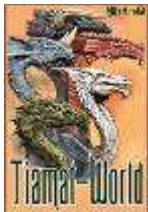
Alguém da Scotland Yard acreditava que Clementine e Goldie foram assassinadas por um monstro que tinha aterrorizado a cidade de Londres durante setenta e dois dias há mais de dez anos. Um monstro que todos desejavam que não voltasse jamais.

Jack o Estripador.

—Ivy, querida, deixe andar de um lado a outro.

Tinha razão, estava se comportando como um animal selvagem enjaulado. O tapete Dresser, que era o que sua mãe mais gostava, logo teria um buraco.

—Sinto muito, Millie. Estou impaciente para que o Senhor Saint retorne. Saiu para investigar os assassinatos. —E com certeza o malandro deve estar perseguindo seu próximo jantar.



Surpreendeu-a ver que isso lhe importava. Tinha vinte e sete anos e ainda desejava atrair sua atenção.

—Ah, sim. Fale-me do misterioso senhor Saint.

Millie Bullock tinha sido a governanta de Ivy, e logo se tornaram amigas íntimas. Millie era uma mulher de face agradável e cabelo escuro, de quarenta e dois anos, que possuía um forte caráter e uma vontade de ferro. Sempre tinha sido paciente com Ivy, mas sabia ficar séria quando era necessário. E se lhe incomodava trabalhar em um bordel, nunca o disse.

Mas não sabia nada sobre os vampiros.

—Ele é... —O que podia dizer que não o deixasse como um libertino ou a ela como uma tonta? Tendo em conta, claro, que o segundo era mais importante que o primeiro. —Minha mãe confia plenamente nele. —De fato, Madeline parecia gostar completamente dele, e só de pensá-lo, o estômago de Ivy fazia um nó. Sua mãe tinha todo o direito do mundo de deitar-se com quem quisesse, mas Ivy confiava que Saint não fosse um dos escolhidos.

Millie franziu o cenho e a estudou com seriedade e carinho ao mesmo tempo.

—E você, confia nele?

—Ele ainda não ganhou minha confiança.

—Mas ao que parece crê que poderá fazê-lo.

—Espero que o faça. —Mas então acrescentou: —Pelo bem de minha mãe, está claro.

—Claro. —Millie sorriu como uma ardilosa Madona —Como ele é?

—Por que quer saber?

Millie se encolheu de ombros.

—Simples curiosidade. É ordinário? Baixinho? Tem algum defeito?

—Não. Fisicamente é perfeito. —Oh, maldição.

—Bom. —Millie parecia estar a ponto de rir. —Essa resposta é realmente reveladora.

—Por que está tão interessada em saber o que penso dele? —Millie se limitou a encolher um pouco os ombros.

—Porque, ao que parece, ele é a causa de sua perturbação.

—Não é.

—Então, está passeando de um lado ao outro, nervosa e irascível por outro motivo?

Irascível. Isso se parecia muito ao que lhe havia dito.

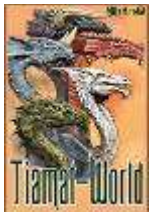
—Assassinaram a duas de minhas amigas, Millie. Esperava que estivesse de bom humor?

—É obvio que não, querida —respondeu a mulher sem alterar-se pelo tom em que Ivy lhe tinha falado, ou talvez fingisse não ouvi-lo. —Esperava que estivesse triste e zangada, mas não estamos falando de suas amigas. Estamos falando do senhor Saint, e desde que mencionei isso, sua atitude foi de mal a pior.

Ivy não podia responder a isso.

—Não estou certa de gostar dele.

—Porque é desagradável? Ou porque sua mãe confia que ele será capaz de fazer algo que você não pode?



Aí! Isso tinha doído.

—Encontrar o assassino significa mais para mim que para ele, embora ele seja o único que pode sair a investigar.

Millie assentiu e a olhou penalizada.

—Ele é um homem. E pode ir a lugares que você não pode.

É um maldito vampiro que pode fazer coisas que nenhum mortal nem pode sonhar, disse Ivy para si mesma.

—Sim, ele pode fazer coisas que eu não posso.

A mulher levantou e se aproximou dela para abraçá-la. O gesto foi suave e reconfortante, e seu fino aroma de açucena acalmou os nervos de Ivy e drenou sua alma da frustração.

—Minha pequena. —Millie a soltou, mas manteve as mãos em seus ombros enquanto sorria. —Sei quão horrível deve ser para você estar sem fazer nada, mas pensa que sua presença, sua força, é o que faz que sua mãe possa suportar este calvário.

Ivy não tinha pensado desse modo. De fato, exceto relativo à sua relação com Saint, não tinha pensado em sua mãe absolutamente. Não tinha passado pela cabeça como deveria ter ficado depois da morte dessas duas garotas que conhecia e cuidava fazia anos.

Talvez sua mãe administrasse um bordel, mas era o bordel mais caro e prestigioso de toda a Inglaterra. As garotas que trabalhavam nele estavam bem remuneradas, eram cultas e educadas, um doutor as examinava muito mais frequentemente do que exigia a lei, e podiam negar-se a atender a qualquer cliente. Ninguém obrigava as mulheres da Maison Rouge a prostituir-se, e delas se esperava que se comportassem como damas, não como prostitutas.

Possivelmente por isso tanta surpresa a respeito dos assassinatos. Ninguém acreditaria jamais que algo assim pudesse acontecer ali, ou a uma delas.

—Já está tarde —disse Millie soltando-a. —Será melhor que vá.

—Pedirei ao James que a leve para casa.

—Não é necessário. Pegarei uma carruagem.

—Não discuta comigo, Millie. Não quero ter que me preocupar também com você.

Um suave sorriso apareceu nos lábios de sua amiga.

—Odiaria que se preocupasse por mim, querida. Depois de tudo, ninguém pode negar que no passado deu mais de um susto a meu pobre coração.

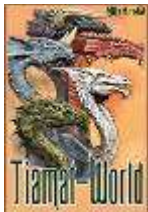
A repreensão foi tão sutil que Ivy não pôde evitar rir.

—Por certo.

Por desgraça aquele instante de frivolidade foi interrompido pela chegada do homem que Ivy era obcecada.

Saint entrou na sala vestido com camisa e calças negras sem gravata nem colete. Segundo os padrões de moda do momento, estava pouco arrumado. Tinha arregaçadas as mangas da camisa, deixando descobertos seus antebraços cheios de pelos finos e escuros. Era alto e musculoso, e se movia com a elegância e altivez de um arrogante felino.

Millie, igual a Ivy, ficou sem fôlego ao vê-lo entrar, e a jovem pensou que não podia culpar a



mulher. Assim vestido, com a juba negra que chegava até os ombros, e aquela mecha rebelde que lhe caía sobre o rosto, era irresistível. Tinha os olhos do diabo e a boca do Cupido, e quando sorriu para saudá-las, era a tentação personificada.

—Boa noite, senhoritas. Espero não ser o motivo da interrupção.

—E o que o faz pensar algo tão absurdo? —perguntou Ivy, incapaz de eliminar a amargura de seu tom de voz, apesar dele ser verdadeiramente amável.

Saint não perdeu o sorriso, mas este se transformou em uma careta de satisfação.

—Suas risadas morreram logo que entrei na sala.

—Teríamos tido essa reação fosse quem fosse a pessoa que tivesse entrado, senhor Saint.

—Suas palavras me ferem senhorita Dearing. Acreditava que seu olhar assassino era só para mim.

Deveria sentir-se chateada. Deveria dizer o muito que lhe incomodava que zombasse dela, mas em vez disso, sorriu presa em sua sedução.

—Por nada do mundo quero que deixe de acreditar nisso, senhor. Assim, se isso o fizer feliz, continue.

Ah, de que modo a olhava; com a cabeça ligeiramente inclinada e aqueles brilhantes olhos negros. Como era possível que uns olhos tão escuros estivessem tão cheios de luz? Ele não era desses homens que fingem não apreciar o corpo de uma mulher, e Ivy gostava que ele a olhasse e a achasse bonita.

Deitaria com ele, mesmo sabendo que a esqueceria na manhã seguinte. Não tinha nenhuma dúvida. Estava segura de que valeria a pena.

Dar-se conta disso a inquietou, embora só por um segundo. Se Saint a rodeasse com seus braços e lhe dissesse de verdade que a desejava, iria despi-lo em um abrir e fechar de olhos. Ao que parece, o que tinha sentido por ele quando adolescente tinha evoluído até converter-se em algo muito mais perigoso.

—O que descobriu? —perguntou, tentando concentrar-se no que de verdade era importante. —Ela é minha antiga governanta, Millie Bullock. Pode falar tranquilamente em sua presença.

Saint sorriu à mulher, e Millie não ficou imune a seus encantos.

— Um prazer, senhorita Bullock.

A mulher suspirou e estendeu a mão, que Saint, é óbvio, beijou. Ivy girou os olhos e mordeu a língua para não dizer o que pensava.

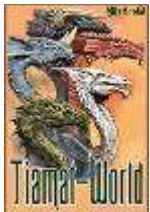
—O que descobriu? —insistiu com brutalidade.

—Nada muito interessante, além de uns relatórios muito mal escritos —respondeu ele caminhando para o bar onde a mãe de Ivy guardava sua seleção pessoal de vinho e licores. —Mas um pequeno detalhe me chamou a atenção.

—Qual?

Levantou a cabeça e seus profundos olhos negros foram da uma à outra.

—Há algum policial que acredita que Jack o Estripador pode ter retornado.



Ivy ficou com as pernas bambas. Embora odiasse sentir-se como uma mulher indefesa, ouvir esse horrível nome a assustou. Ela era muito jovem quando o Estripador assassinou a essas pobres mulheres, fazia dez anos; uma idade ideal para deixá-la muito impressionada. Só de pensar que Clementine e Goldie pudessem ter estado à mercê desse monstro...

Não pôde reprimir um soluço. E quando uns fortes braços a rodearam rendeu-se ao abraço, e inalou o aroma a roupa recém lavada junto com a cálida e especial essência daquele homem.

Saint a apertou contra seu peito como uma mãe faz com seu bebê. Nenhum homem nunca a abraçou assim e essa sensação tão reconfortante a afligiu um pouco. Podia sentir os lentos e regulares batimentos de seu coração, muito lentos para ser humano, e seu rosto apoiado contra sua testa.

—Não sofreram —murmurou ele. —Tudo foi muito rápido. Elas nem sequer se inteiraram de quem era o assassino.

Não perguntou como sabia. Não perguntou se era verdade, mas aceitou e agradeceu aquelas palavras, e tratou de sentir-se melhor.

—Se isso sair nos jornais, à cidade inteira ficará em pânico. —A tensa voz de Millie penetrou através do medo que Ivy sentia, assim se separou do abraço de Saint.

—Não podemos fazer nada para evitá-lo —replicou, erguendo os ombros e olhando-o nos olhos.

Nesse instante, não parecia um predador, e a olhava como se de verdade se importasse com o que ela sentia. Não era a toa que sua mãe e Emily o adoravam.

—Não —disse ele lhe dando a razão. —Não podemos fazer nada. Mas se tivermos sorte, talvez possamos evitar que esse animal amplie sua reserva de caça.

—Como?

—Amanhã a noite, a Maison Rouge voltará a abrir suas portas.

—Não. —Estava tão tensa como parecia? —Estamos de luto. Seria uma falta de respeito.

—Então, irá matar em outro lugar, e outra mulher com amigos e entes queridos morrerá. — Não a estava repreendendo, simplesmente descrevia um fato. —Agora mesmo, este lugar é a única conexão que temos com o assassino.

—Como sabe? Talvez o que aconteceu foi que aproveitou a oportunidade de matar às duas prostitutas. Talvez não importe onde trabalhem.

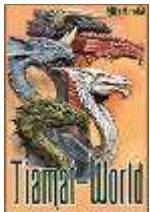
E então, como numa peça de teatro e assim o diretor o tivesse mandado, a porta se abriu de repente e entrou Emily com a cara pálida e os olhos arregalados.

—Já sabem? —gritou.

—Do que? —Ivy sabia que não iria gostar da resposta.

—Tornou a matar. Acabam de encontrar o corpo da senhorita Maxwell no Drury Lane. Assassinaram-na igual à Goldie e Clementine.

Se Ivy fosse daquelas que desmaiam, o teria feito nesse momento. Mas em vez disso, agarrou-se ao que tinha mais perto, que por desgracia resultou ser Saint, e esperou que a sensação passasse.



—A senhorita Maxwell? —Saint cravou os olhos nos dela. —A atriz?

Ivy assentiu. Tinha um nó na garganta. Seria capaz de voltar a falar?

—Priscila.

—Conhecia-a? —perguntou ele franzindo o cenho.

—Ela... Vinha sempre aqui com seu amante, Jacques Torrent o pintor. —Entristecida e chocada, o olhou indefesa. Desejou com todas suas forças que ele não tivesse razão.

—Devo-lhe desculpas, senhor Saint. Ao que parece, o assassino tem sim alguma relação especial com o Maison Rouge. Mas não acredito que só se interesse nas mulheres que trabalham aqui.

E pelo modo que Saint a olhou e como suas pupilas dilataram, Ivy soube que ele pensava o mesmo que ela: que nenhuma mulher conectada de algum modo com aquela casa estava a salvo... Incluindo ela mesma.

Capítulo 4

Por debaixo da caótica cidade de Londres, estendia-se um labirinto de túneis perfeitos para que alguém como Saint pudesse ir de um lado a outro. Linha de rede de esgoto, tubos, via de trem. Sabia onde levavam e que rotas conduziam aos lugares, podia chegar a qualquer parte sem ter que sair à superfície. Assim foi como Saint pôde ir de Chelsea ao Drury Lane e logo ao Whitechapel em uma mesma manhã sem virar cinza.

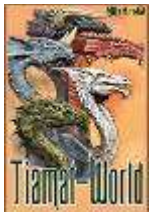
Pouco depois de saber da morte da senhorita Maxwell, deixou a Maison Rouge em direção ao Drury Lane para tentar averiguar o máximo possível antes da polícia e da imprensa destruírem as provas. Deixar Ivy quando ela estava passando tão mal, não tinha sido nada fácil, e muito menos depois de abraçá-la e tentar consolá-la. Dar-se conta de que somente queria ficar ali, com ela entre seus braços, foi o que o impulsionou a ir para a porta.

Ivy Dearing, pequena rosa com espinhos, chegava-lhe ao coração. Preocupava-se tão profundamente por seus entes queridos... Uma parte dele queria voltar a apaixonar-se, apesar de saber que a dor que sentiria não valeria à pena.

Tennyson, o muito imbecil, não sabia o que dizia quando escreveu que era melhor ter amado e perdido esse amor que não ter amado jamais.

Uma vez em Drury Lane, não encontrou nada que o ajudasse a identificar o assassino. Havia muita gente para poder detectar algum rastro e a polícia não permitiria que se aproximasse do corpo para examiná-lo. Embora tampouco precisasse. Bastou um olhar para pegar toda a informação que necessitava e ter certeza que se tratava do mesmo assassino.

O cadáver de Priscila Maxwell era uma réplica brutal das garotas da Maison Rouge. Tinha-a degolado e arrancado o útero. A primeira vista, não parecia que a tivessem golpeado nem violentado. O assassino depois de matá-la, vestiu-a com cuidado e a colocou na postura de uma



criança dormindo.

—Parece obra do desgraçado do Jack —disse um dos curiosos que se aproximaram para ver o cadáver. O comentário conseguiu que as pessoas ao seu redor ficassem assustadas e ao mesmo tempo lhe dessem razão.

Era só questão de tempo que os jornais chegassem à mesma conclusão. De fato, era um milagre que não o tivessem feito. Aquele assassinato chamaria muito mais a atenção que os anteriores, afinal, Priscila Maxwell era famosa.

Saint teve pouco tempo para obter informação antes que todo mundo fosse vítima do sensacionalismo. Um dos motivos pelos que não pôde capturar Jack o Estripador foi a falta de provas confiáveis e as mentiras das testemunhas, que trocavam suas declarações a três por quatro. Whitechapel era um bairro pobre, e muitos dos que viviam ali estavam mais que dispostos a abrir a boca em troca de dinheiro. Infelizmente, a maior parte do que diziam era informação de segunda mão e distorcida pela bebida e o resto mentira pura.

A informação que pudesse oferecer Drury Lane talvez não fosse da melhor qualidade. E agora as pessoas começariam a falar e relacionar com os casos do Estripador. Todo mundo teria algo a dizer, embora só pelo motivo de ver seus nomes impressos nos jornais.

Saint pensou que a polícia nunca estaria disposta a colaborar com ele, coisa que não dava importância. Havia uma pessoa que saberia o mesmo, se não mais, que Scotland Yard, e se chamava Ezekiel Cole. Para vê-lo, foi pelos túneis subterrâneos de Londres, protegido dos prejudiciais raios do sol.

Não estava sozinho nesses túneis, junto dele brincavam de correr os ratos, que o olhavam com seus olhos de roedores. E também um pequeno bando de bandidos que o confundiram com um rico e estúpido nobre com dinheiro para financiar uma semana de comida, licor e mulheres.

Se tivessem o mínimo de senso comum, dariam conta que nenhum nobre caminharia por ali.

—Solte a carteira, capitão —exigiu um dos homens cordialmente, com o rosto meio iluminado por um farol que segurava na mão. —e deixaremos que siga.

Se não estivessem tão bêbados nem tão obcecados o roubando, talvez notassem que os olhos de Saint brilhavam na escuridão como os de um gato. Ou possivelmente detectariam que tinha as presas largas e afiadas.

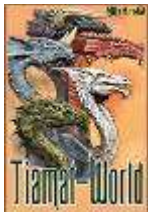
Veriam que não era humano.

—Meninos —disse ele dando um passo para frente —vão e não os farei mal.

Riram, sempre riem. Seiscentos anos de existência e isso continuava sendo assim. Sempre havia alguns estúpidos bandidos que acreditavam poder ganhar, por estarem em maior número, e cuja avareza era muito superior a inteligência.

Avançaram sobre ele. Saint suspirou resignado.

Não os matou, e tampouco se alimentou deles. Não tocara com seus lábios naqueles tipos imundos. Mas o pouco exercício que fez para se desfazer deles despertou sua sede de sangue, e



soube que teria que alimentar-se logo.

Seguiu caminhando e não demorou a chegar ao seu destino; um porão num edifício próximo à Rua Baker.

Quando entrou pela porta de trás da loja, o ancião que estava sentado atrás do balcão deu um salto.

—Por Deus santo!

—Tranquilo velho amigo. —Saint sorriu.

—Que me crucifiquem, Saint! —levantou do tamborete e se aproximou dele para abraçá-lo com seus esqueléticos braços e dar também uns tapinhas nas costas.

Ezekiel Cole tinha envelhecido pouco da última vez que Saint o tinha visto em Paris, fazia três anos. Mantinha-se jovem a base de uma dieta de cerveja e mulheres jovens. Era esperto como uma raposa, mas leal com as pessoas em que confiava, e Saint sabia que ele era um dos poucos afortunados. Conheceu o pai de Ezekiel, um homem ao que o vampiro tinha demonstrado sua própria lealdade em mais de uma ocasião.

—O que o traz ao meu humilde estabelecimento? —perguntou Ezekiel saltando—Tem algum tesouro para mim?

O homem era um dos melhores contrabandistas entre a Inglaterra e França e tinha contatos por toda a Europa. Ele e Saint fizeram negócios em muitas ocasiões.

—Necessito informações, meu amigo.

O ancião enrugou o cenho.

—De que tipo?

Saint pegou um relógio de ouro que havia no mostrador e brincou com ele. Ezekiel tinha sorte de ser seu amigo, porque senão o roubaria.

—Ainda continua sabendo mais que a polícia?

—Assim é, mas tenho que reconhecer que isso não tem nenhum mérito.

Deixou o relógio e o olhou nos olhos.

—O que sabe dos recentes assassinatos?

O homem não tinha muito a oferecer, mas sim algo. Por desgracia, muita dessa informação só servia para firmar a suspeita de que Jack o Estripador retornara.

Acreditava que o assassino era canhoto. As três mulheres tinham sido degoladas da mesma forma e não havia sinais de luta.

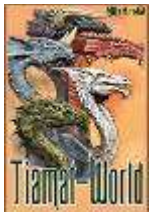
—Sabe se as drogou ou embebedou? —perguntou Saint.

Dez anos atrás, as vítimas estavam bêbadas na hora de morrer. Diziam então que o Estripador servia bebida e droga para atrair as vítimas até suas garras.

Ezekiel negou com a cabeça.

—Não que eu saiba. Já sabe que a senhorita Madeline não gosta desse tipo de comportamento em seu refinado estabelecimento.

Saint passou por cima do tom zombador do homem. Ezekiel sabia que Saint frequentava a Maison Rouge, mas não sabia que era seu refúgio. Ninguém sabia.



—Assim, as mulheres estavam em plena posse de suas faculdades.

—Isso parece.

—E foram com ele de todos os modos. —De repente, tudo encaixou —O conheciam.

Não era uma grande descoberta, mas a lista de suspeitos passou da cidade inteira de Londres, àqueles que visitavam a Maison Rouge ou tinham uma relação mais ou menos regular com o bordel.

—Obrigado, meu amigo. Ajudou muito.

O homem deu de ombros.

—Não sei muito bem no que, mas de nada. Já que está aqui, Reign deixou algo para você. Está no meu escritório.

Reign tinha deixado algo? Bom, tampouco era estranho. A diferença de seu amigo, Saint não tinha uma residência fixa em Londres, assim Ezekiel fazia às vezes de correio. Quando estava na cidade, Saint estava acostumado a passar por ali um par de vezes ao mês.

Entrou na sala, que estava às escuras, e se aproximou do escritório para abrir a gaveta. Dentro havia um pequeno pacote com seu nome. Abriu e dentro encontrou trezentas libras e uma nota que dizia:

Retornou. Como sabia que o faria Cigano?

Demorou uns segundos para entender a que se referia seu amigo, mas quando o fez riu e guardou o bilhete no bolso interno do paletó.

Trinta anos atrás, quando a esposa de Reign o abandonou, Saint apostou com ele trezentas libras que voltaria, e que quando o fizesse, Reign a perdoaria. Ao que parece, sua premonição se realizou.

Continuou rindo quando retornou à loja, onde viu Ezekiel com uma cliente. Deixou de rir imediatamente.

Ivy, fresca e radiante como um dia da primavera, resplandecia no meio do local. Vestia um traje de passeio cor pêssego e parecia uma aristocrata. Herança do sangue de seu pai, sem dúvida.

Estava em pé em frente ao balcão, diante de Ezekiel, com uma coleção de joias entre os dois. O homem segurava um broche na mão para estudá-lo, mas seu olhar estava fixo em Ivy, e tinha uma expressão inescrutável.

—Mas no mínimo vale o dobro —insistiu a jovem.

Ezekiel negou com a cabeça e deixou o broche junto com as outras joias.

—Sinto muito, senhorita. É minha última oferta.

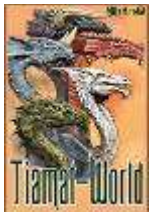
Saint podia cheirar quão nervosa estava. E soube que estava furiosa antes mesmo de que seu rosto o refletisse.

—Senhorita Dearing —disse, ao dar um passo para a loja —O que está fazendo aqui?

Ela se surpreendeu tanto como ele ao vê-la ali. Olhou-o da cabeça aos pés, e vice versa.

—Senhor Saint, eu... Isto... —Suspirou —É evidente que tento convencer ao senhor Cole de que minhas joias valem mais do que ele está disposto a oferecer.

Saint se aproximou devagar.



—Está metida em alguma confusão?

Pelo modo como o olhou, sabia perfeitamente o que ela achava daquela pergunta.

—Estou tentando reunir um pouco de dinheiro para as famílias das garotas assassinadas. —

Desviou o olhar para Ezekiel —Suponho que isso não o anima a ser mais generoso, equivoco-me?

O homem sorriu.

—Não. A generosidade é ruim para meu negócio.

—Sim, suponho que sim.

Saint ignorou essa troca de sarcasmos e se aproximou de Ivy puxando-a pelo braço, ao mesmo tempo olhou para seu amigo, que entendeu a mensagem e foi para seu escritório para dar um pouco de privacidade. Não era que Saint não confiasse em Ezekiel, mas não estava disposto a pôr em perigo o que a Maison Rouge significava para os vampiros. E também, assim havia imposto Reign ao abrir o bordel.

—Reign cuidará dessas famílias —murmurou quando esteve seguro de que o velho já não podia ouvi-los —Não tem do que preocupar-se.

Ivy se soltou.

—Reign não está aqui. —recordou interrompendo —E se eu não me preocupo, quem o fará? Você?

Piscou espantado.

—Sua mãe...

—Minha mãe já tem muitas preocupações —interrompeu, olhando-o nos olhos—Ela se encarrega de manter a casa funcionando para vocês cinco, para o caso de algum dia nos honrar com suas presenças. Está convencida de que você vai salvar-nos, inclusive, agora está esperando ansiosa que retorne. Quer que também esvazie os bolsos?

—Seus bolsos estão muito cheios —assinalou Saint sério —A recompensamos muito bem pelo que faz, e estamos agradecidos por isso.

—Oh, sim, estão muito agradecidos —riu Ivy.

Estava tão zangada que a ira transbordava ao seu redor.

—Por que me despreza tanto?

Desviou o olhar, mas não o suficientemente rápido para que ele não visse o arrependimento em seus olhos verdes.

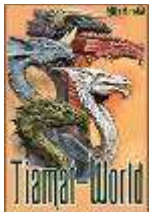
—Não é isso. É só que eu gostaria que você, ou um de vocês, decidisse fazer o correto com a Maison Rouge. —Voltou a olhá-lo nos olhos —Tratar a essas garotas como algo mais que um instrumento necessário para satisfazer suas necessidades.

Suas palavras o atingiram. Por muito que importasse o bordel e os que viviam nele, reconhecia que sempre acreditou no fato delas estarem ali para seu uso e desfrute, e quase nunca se expôs aos desejos delas.

—De quanto necessitam essas famílias? —perguntou.

—Não sei. —Deu de ombros —Quanto vale uma vida...?

—O que consideraria justo?



Ivy disse uma quantia. Era elevada, mas não exagerada.

—Então, isso será o que terão. —Ele podia permitir pagar isso sem nenhum problema, e ela tinha razão; já era hora de que devolvessem o favor.

—Faria isso? —perguntou com os olhos arregalados.

—Envergonha-me que o duvide —disse ele em voz baixa—Assegurarei pessoalmente de que essas famílias tenham tudo o que necessitem. Amanhã a noite terá o dinheiro.

Ela o olhou com ternura, e nesse momento, Saint morreria feliz só para conseguir que esse olhar durasse um pouco mais. A garota pegou a bolsa com as joias e a entregou.

—Tome.

Saint olhou furioso e deu um passo para trás.

—Não me interessam em nada suas joias, senhorita Dearing. Já questionou minha honra, agora trate de não me insultar.

Sorriu abertamente.

—Obrigada.

Saint grunhiu sem saber o que dizer. Precisamente ele que sempre tinha uma resposta.

—Ah, por certo, estava equivocada. —A garota franziu o cenho.

—No que?

O vampiro assinalou com o queixo a bolsa que ela segurava nas mãos.

—Esse broche não vale o dobro do que Ezekiel ofereceu.

As rugas se fizeram mais profundas e baixou o olhar.

—Não?

—Vale três vezes mais. —Voltou a colocar a mão no braço de Ivy e a acompanhou até a entrada da loja—Agora, retorne de uma maldita vez a sua casa, antes que alguém se dê conta de quão fácil seria roubá-la.

Ela não pareceu ofendida por suas palavras. De fato, inclusive sorriu ao parar junto à porta.

—Obrigada, Saint.

Ele assentiu. A porta tilintou ao fechar-se atrás dela e Ezekiel reapareceu.

—Fez o que ela queria, não?

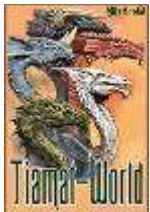
Saint olhou a seu amigo e sorriu.

—Sempre faço.

E vá se não valesse a pena.

Contra a opinião de Ivy, sua mãe anunciou que o Maison Rouge reabriria suas portas essa mesma noite. A explicação que deu a sua clientela foi que tinham que celebrar a vida, e não chorar sua perda. Então, neste dia reuniram-se nesta sala alguns dos mais brilhantes intelectuais e artistas de toda a cidade. Ivy confiava que Saint soubesse o que estava fazendo.

Convidados e clientes começavam a chegar. As pessoas ocupavam os sofás de pele, apoiavam-se na mesa de carvalho, e iam e vinham sobre o tapete dourado para saudar-se. Entre eles, estavam os clientes habituais da Maison Rouge, além de atores e atrizes de teatro, assim



como também alguns que começavam na nova e incipiente arte do cinema. Havia escritores, artistas, políticos e celebridades com diferentes graus de fama. E também as garotas do bordel. Essa noite eram as anfitriãs, escutaram com interesse todas as conversas e proporcionaram uma companhia inteligente. Se alguma o desejasse, podia ir ao andar de cima e entreter algum convidado. Madeline deixou claro a todas que não tinham que fazer o que não desejassem.

Quanto aos convidados, quase todos foram com a única intenção de dar os pêsames a Madeline e para passar uma agradável noite entre amigos.

Entretanto, entre eles haveria também alguém que não era seu amigo, ao menos não do mesmo modo. Saint ainda não aparecera, mas Ivy pressentia sua chegada como se sabe que um trem vai aproximando-se da estação. O vampiro acreditava que algum dos ali presentes podia ser o assassino? Ninguém que fosse cliente habitual da Maison Rouge seria capaz de machucar Goldie ou Clementine. Claro que podia estar equivocada. Afinal, jamais teria pensando que Saint iria ajudar às famílias das prostitutas mortas de seu próprio bolso.

—Ivy, esta noite está radiante.

De repente, todas as preocupações evaporaram, e Ivy virou para dar boas vindas a seu convidado. Justin Fontaine era seu mais querido amigo, e a olhava de longe.

—Justin, que contente estou em vê-lo! —Permitiu que pegasse suas mãos e deu um beijo no rosto recém barbeado. Justin foi tocado pelos deuses, pois além de loiro e bonito, era atlético e inteligente. Só seu péssimo senso de humor impedia que fosse perfeito —Quando voltou?

—Esta manhã —respondeu ele olhando com seus amáveis olhos azuis—Lamento não ter podido estar aqui com você. Está bem?

Gostou que se preocupasse com ela, e apertou suas mãos antes de soltar.

—Sim, obrigada.

—Há algo que eu possa fazer...

Ivy viu sua mãe sentada junto à janela, com uma taça de xerez na mão. Estava sozinha, com o olhar perdido.

—Pode ir saudar mamãe. Alegrará muito em vê-lo.

Justin olhou na mesma direção que ela.

—Agora mesmo.

Deu de presente outra de seus deslumbrantes sorrisos e a beijou na face antes de ir.

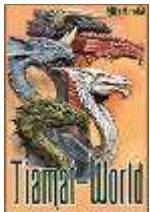
Era impossível que Justin não conseguisse animar a sua mãe.

Quem dera ela encontrasse também um remédio para sua tristeza.

E o destino, com sua peculiar ironia, apresentou sua proposta justo quando ia pegar uma taça de champanha da bandeja que um garçom oferecia.

Saint chegou ao salão sem que ela percebesse. Um minuto antes não estava ali, e de repente o viu. Parecia tão relaxado e tranquilo que perguntou se esteve ali todo o momento.

Com seu metro e noventa, não era o homem mais alto da sala, mas parecia. Usava um fraque escuro, e sua exótica pele morena destacava ainda mais com a camisa e a gravata, brancos como a neve. E para maior deleite dos famintos olhos de Ivy, penteou seus cabelos para trás,



deixando assim seu bonito rosto descoberto.

A luz dourada dos abajures acentuava as maçãs do rosto, a forte mandíbula e seus eróticos lábios. Naquele rosto tão sensual via só uma pequena imperfeição; uma cicatriz atravessava a sobrancelha direita. Mas, fora isso, Saint era um sonho feito realidade. Um anjo caído do céu que se alegrava de que o tivessem jogado ali.

Sem poder evitar, quase contra sua vontade, Ivy caminhou para ele. A pesada saia de seu vestido de seda cor prata e lilás escuro roçava as pernas. O decote era bastante baixo, e deixava o pescoço e os ombros descoberto, mas o tom púrpuro contribuía com o toque necessário de luto para não fazê-la parecer frívola. O espartilho estava apertado à cintura e aos quadris, ela o alisava com as mãos enluvadas à medida que se aproximava do vampiro.

Estava olhando uma das fotografias emolduradas, pendurada na parede.

—Gosta senhor Saint?

—Só Saint —a corrigiu imediatamente e tirou os olhos da imagem —E sim. Por essa mecha de cabelo que segura em sua mão, deduzo que representa a Dalila, equivoco-me?

Ivy assentiu e se colocou junto a ele já mais relaxada.

—Sim, é Dalila.

—É uma fotografia linda. Etérea e romântica, uma visão do poder feminino. Estava tão absorto olhando a expressão de triunfo da mulher que nem percebi que está quase nua.

Estudava com tanto detalhe a obra, que Ivy ficou emocionada.

—Isso é porque percebe o poder que emana dela como mulher, e não como prostituta.

Intrigado por seu comentário, olhou-a.

—Talvez. Quem é a modelo?

—Goldie. —Ao pronunciar o nome de sua amiga, sentiu uma pontada de dor no coração, mas desapareceu tão rápido como veio—Tirou essa fotografia duas semanas antes de morrer.

Agora Saint girou a cabeça de uma vez.

—Você fez esta fotografia?

Poderia sentir-se ofendida por ele surpreender-se tanto, mas optou por rir.

—Surpreende-lhe?

—Se posso ser sincero, sim.

—Porque sou uma mulher?

Com o olhar, deixou claro o que pensava desse comentário.

—Porque é uma imagem muito sensual.

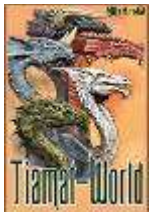
—Agora perguntará se prefiro a companhia das mulheres.—disse ela sorrindo.

Ele negou com a cabeça, e voltou a olhar sua obra.

—Não, não o farei. Sei que gosta dos homens.

—Como sabe? —Aquela conversa era cada vez mais interessante. Fazia poucos dias que tornaram a se ver e ele já assumia que a conhecia. Mas bem, também ela tinha aprendido coisas sobre o vampiro nesse tempo.

—Pelo modo que me olha.



—Você é muito arrogante.

—Sou muito velho. —Sorriu, fixando nela seus olhos negros. —Velho o suficiente para saber que você pode até gostar de olhar para mim, mas não está terrivelmente entusiasmada pelo pacote inteiro. Você costumava gostar bem mais de mim quando era uma criança.

Nenhuma censura. Sem culpa. Ele estava simplesmente afirmando o óbvio, e era óbvio que ele não tinha ideia o quanto ela havia gostado dele em sua juventude.

—Deveria me desculpar?

Negou com a cabeça, acompanhou o movimento com aquele seu sorriso malicioso, e por fim virou para ela.

Seu coração deu um salto. Esse sorriso era o que a havia tornado louca anos atrás.

—Não precisa. Logo voltará a gostar.

Ela riu.

—Isso sim que foi arrogante.

Também riu.

—Sei. É parte de meu encanto. Afinal, sou francês.

—Já vejo. Não leva nada a sério, senhor Saint?

A risada cessou imediatamente.

—Levo muito a sério a promessa que fiz a você e a sua mãe, e a todas as garotas desta casa.

Havia algo mais. Na profundidade daqueles olhos cor azeviche, Ivy sentiu só de olhar que havia remorso e dor, oprimindo o seu peito. Não queria sentir nada por ele, mas não podia evitar. Saint demonstrou que não era o ser egoísta que ela acreditava. De fato, no momento comportava-se inclusive como o tipo de homem que ela desejara que fosse, em sua adolescência.

—Eu gostaria de fotografar você. —Não era o que queria dizer, mas foi isso o que saiu de seus lábios.

Pareceu tão surpreso quanto ela, mas se recuperou rápido.

—Por quê?

—Porque jamais fotografei um homem.

—Você sabe melhor que ninguém, que eu não sou um homem.

—Isso fará tudo mais interessante, não acha?

Saint não viu graça no comentário.

—Jamais permiti que ninguém me fotografasse.

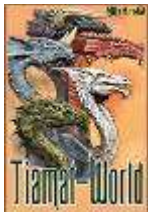
—Por que não? Para evitar que alguém reconheça e descubra que não envelhece?

—Em parte —aceitou ele —Mas também porque os artistas tentam fazer do modelo o seu ideal imaginário, em vez de retratar a verdade.

—Eu não pretendo fazer isso com você, Saint. Unicamente quero fotografá-lo como é. — Não diria que queria ter a oportunidade de conhecê-lo. Para ver se assim conseguia arrancá-lo da alma de uma vez por todas.

Ele ficou olhando durante um segundo antes de decidir:

—De acordo. Pode me fotografar.



Ivy teve que conter-se para não dar saltos de alegria.

—Ótimo. Tudo bem se começarmos depois de amanhã?

—Tudo muito bem —assentiu o vampiro. Pôde controlar os saltos, mas não o sorriso que esboçaram seus lábios.

—Prometo que não tenho uma ideia preconcebida a seu respeito.

Ele por fim devolveu o sorriso, mas havia algo de brincadeira nele.

—Alguma ideia deve ter querida, ou não me pediria que posasse.

No abarrotado café da Rua St. James havia dois homens em uma esquina, sentados em uma mesa e bebendo xícaras do forte café turco. Para qualquer um que os visse, tinham o aspecto de um aluno e seu mentor, ou talvez de um pai com seu filho. Nada neles chamava especialmente a atenção.

—Está começando a ser muito popular, meu amigo —disse o barão Hess, que era o de mais idade dos dois —Deveria ter mais cuidado.

O jovem se encolheu de ombros com a petulância própria da idade.

—A polícia não tem nenhuma pista. Não encontrarão nada que nos vincule, nem a mim nem à ordem com os assassinatos.

De verdade acredita que pode conseguir o que ninguém conseguiu antes?

—Sim.

—Seu predecessor não teve êxito. O moço sorriu.

—Eu não me pareço em nada a meu predecessor. Ele optou por prostitutas vulgares, indignas da honra que lhes foi imposta.

—A profecia não diz nada a respeito de uma hierarquia entre as prostitutas, querido rapaz. O único que diz é que as mulheres escolhidas têm que exercer a profissão mais velha do mundo.

—Mesmo assim, têm que ser dignas de tal honra.

O barão ficou um longo momento olhando o seu acompanhante. O menino tinha muita força dentro dele, e quase toda emanava do dom que tinha para interpretar corretamente a profecia.

—Disse que também se equivocou em outras coisas.

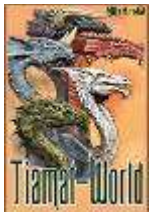
—Pegou os órgãos que não devia. O texto diz com total clareza que têm que ser os órgãos nobres. Muitos entenderiam que se trata do coração, ou de algo comum, mas o mais nobre que possui toda mulher é a capacidade de gerar uma vida.

Isso explica para que serviam os potes que havia no porão onde estavam acostumados a reunir-se

—Bom, tenho que reconhecer que, por hora, você demonstrou ser muito mais esperto que ele.

—E mesmo assim, insistem em me comparar com o Estripador —replicou o jovem, sorrindo com amargura.

—Não importa como o chamem. Unicamente importa é que tenha êxito. O último que



tentou levar adiante essa grande tarefa fracassou miseravelmente e tiveram que eliminá-lo. Deixaram mais de meia dúzia de pistas falsas para evitar que a polícia descobrisse a verdade.

O jovem levantou sua taça.

—Terei êxito, disso pode estar seguro.

—E o que tem pensado para a oferenda final? Já ganhou a confiança da garota?

—Sim. Passei muitas horas no Maison Rouge.

—E acredita que é adequada? Todas essas mortes... No final valeram a pena?

—Ela é perfeita em todos os sentidos, tal como pediu a ordem. Uma mulher perdida, filha de uma mulher perdida. Seu sangue fará realidade a profecia. Mas isso já sabe.

O barão sabia.

—Perfeito.

Não queria saber nada mais da garota. Nem perguntou a seu acompanhante o que era exatamente o que tinha planejado.

Isso era algo que não queria saber.

Capítulo 5

O Maison Rouge parecia ter voltado para a normalidade, e, por mais que incomodasse, Ivy reconhecia, Saint tinha razão ao dizer que tinham que abrir. O humor de sua mãe, assim como os ânimos de todos outros da casa, mudou radicalmente em poucos dias pelo mero fato de terem algo para ocupá-los e distraí-los da recente tragédia que viveram.

E no que se referia a Ivy, ajudava quando sua mãe pedia assim se concentrou na fotografia para ver se animava um pouco.

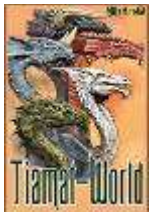
Tinha um estúdio no que antes foi a casa do jardineiro, bem atrás da mansão. Não era muito grande, mas tinha um quarto que servia para revelar as fotos e processar seu trabalho. Também um pequeno banheiro que evitava ter que ir à casa principal sempre que a mãe natureza pedia.

Esse era seu lugar especial. Refugiava-se ali deixando para trás o barulho e a bagunça da casa. Escapava dos dramas cotidianos da vida do bordel e se recreava em sua arte.

Normalmente, trabalhava de dia, pois era quando as garotas podiam posar para ela. Mas essa sessão seria a noite, depois que Maison Rouge fechasse suas portas e todos, ou quase todos, fossem dormir, pois Saint negou-se a posar até assegurar de que todos estavam seguros e salvo em suas camas.

Já fazia duas noites que haviam reaberto as portas e ainda não haviam acontecido nada. Ninguém teve nenhum problema com nenhum cliente nem com ninguém do exterior. Mas Saint passava a noite como um anjo da guarda de todos. Havia inclusive contratado a uns seguranças; homens que podia confiar para que protegessem às garotas e aos clientes.

Ivy apreciava seus esforços, mas o vampiro ainda não averiguara nada sobre a identidade do



assassino. Unicamente sabiam era que o bastardo estava familiarizado com as idas e vindas do bordel.

Mas essa noite nãoalaria do assassino. Por mais vontade que tivesse quando o encontrasse. Estava obcecada com isso, e começava a ter o sono e o humor afetados. Sua mãe estava convencida de que os vampiros, ou Saint na verdade, conseguiriam fazer justiça e Ivy tentava compartilhar essa opinião.

Era muito difícil confiar que alguém conseguisse levar a cabo o que tão desesperadamente desejava. Em especial se essa pessoa fosse Saint, que no passado se mostrou um homem que não se pudesse confiar. Sedutor, sem dúvida, de confiança... Tanto como o vento.

Tinha que distrair-se, em vez de ficar preocupada sobre os detalhes dos crimes, essa noite fotografaria Saint e descobriria de uma vez por todas que tipo de homem era.

Um golpe na porta anunciou sua chegada, acelerando os batimentos do coração da moça. Era porque se assustou ou a antecipação que disparava seu pulso?

—Entre —disse ela enquanto comprovava a estabilidade e o ângulo da câmara.

Saint entrou como a noite: escura, brilhante, imprevisível. Estava vestido com seu fraque, mas deixava a gravata em algum lugar pelo caminho, coisa que acontecia frequentemente.

A garota ergueu o olhar ao ouvir o fechar da porta, isolando a ambos naquela casinha. Com ele dentro, o estúdio diminuiu. Sua presença enchia cada canto, e envolvia Ivy como um quente manto de veludo. A cama que havia no canto, em que não havia pensado nem um segundo, parecia agora muito tentadora muito óbvia.

Como eram possíveis pensamentos tão contraditórios no que se referia a ele? Talvez seu amor de adolescente fosse a causa, ou o desejo que sentia como mulher. A única coisa que sabia era que gostaria de cair com Saint naquela cama e fazer com ele coisas que deixariam vermelhas até as garotas da casa principal.

O vampiro estudou a casa; a seus escuros olhos negros não escapou nenhum detalhe, das paredes de cores brilhantes até a seleção de espelhos que Ivy utilizava para iluminar os modelos. Alguns fotógrafos preferiam utilizar flashes de luz para iluminar seu trabalho, mas gostava que as fotografias tivessem um aspecto mais suave. Por sorte, as pranchas que usava eram muito sensíveis à luz, de modo que podia obter bons resultados sem necessidade de iluminar em excesso.

—É muito impressionante o que tem aqui montado, senhorita Dearing.

Agradeceu orgulhosa.

Saint percorreu com o olhar o cabideiro que penduravam vários disfarces.

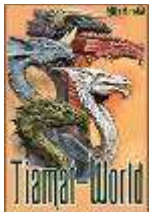
—Deduzo que a fotografia a interessa muitíssimo.

—Assim é.

Disso não cabia nenhuma dúvida. Gostava de tudo o que envolvia esse processo; preparar o modelo, escolher a decoração, o vestuário, desenhar a imagem, tudo a fascinava.

Quando os olhos de Saint se detiveram nela, brilhavam resplandecentes.

—Começo a suspeitar que tenha uma natureza muito apaixonada.



Ivy estremeceu.

—E eu começo a acreditar que é você um sedutor incorrigível, senhor Saint.

—Quantas vezes tenho que suplicar que não me chame senhor? Incomoda-me muito.

Parecia tão sincero, que ela não pôde evitar rir. Não incomodava que houvesse dito que era um sedutor, mas sim que tivesse chamado senhor:

—Peço mil desculpas, Saint. E suponho que o mais apropriado será que me chame de Ivy.

Tinha pensamentos eróticos com ele, era apropriado que utilizasse você.

Elevou aqueles lábios perfeitamente desenhados.

—Feito. E agora, onde quer que me coloque? Na cama, talvez? Disseram-me que meus olhos ficam maiores quando deitado —comentou em brincadeira, mas Ivy esteve tentada a dizer que sim.

—Certamente. —respondeu, forçando uma gargalhada —Quero que se sente aqui.

Apontou uma cadeira que tinha deixado a um lado. Era velha e tinha o tecido desgastado, e inclusive um pouco de recheio escapava por um par de rasgões que havia no brocado cor borgonha. Tinha duas pernas pela metade e ela cortou as outras duas para que ficassem da mesma altura.

Quando a utilizou em outras sessões, cobriu com um tecido, mas para Saint a deixaria tal como estava. Havia algo naquela rústica elegância que encaixava com ele. Era quase poético emparelhar um ser imortal com um móvel já imprestável.

Arqueou as sobancelhas ao vê-la, mas não disse nada. Cruzou o tapete, sentou na deteriorada cadeira e a olhou.

—E agora o que?

—Fique confortável —respondeu, e se colocou atrás da câmara—O que faria se estivesse a sós em seu quarto?

Respirou fundo e tirou os sapatos e as meias três - quartos. O paletó e o colete seguiram o mesmo caminho, e os lançou ao outro extremo do quarto, sobre a cama, justo quando o nó que Ivy sentia na garganta ameaçava estrangular, Saint parou.

—Você não gosta de ficar vestido, não? —perguntou em uma fracassada tentativa de acalmar-se um pouco.

Com as mãos penduradas entre os joelhos, Saint levantou a cabeça para olhá-la aos olhos e lhe sorrir de orelha a orelha.

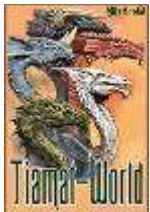
—Não.

Era uma pose perfeita, o via tão relaxado e sincero... Tão natural. Antes que pudesse se mover, Ivy apertou o botão que abria o objetivo e o capturou para sempre.

Depois de algumas fotos mais, decidiu trocar de ambiente.

—Importa-se de pôr esta camisa? Acredito que todo vestido de negro teria um aspecto muito interessante.

—E eu acredito que só quer me ver nu. —Brincou ficando em pé. Com uma mão, pegou a camisa e a colocou no encosto da cadeira. Sem nenhum pudor, tirou pela cabeça a imaculada



camisa branca.

Ivy já vira antes homens com o torso descoberto. E também viu um completamente nu. Tendo em conta o lugar onde cresceu, e embora tivesse perdido a virgindade aos dezoito com aquele ator de pouca experiência, o corpo masculino seguiria resultando enormemente familiar.

Entretanto, nunca viu um homem como Saint.

O tom bronzeado da pele de seu rosto se estendia também pelos braços, o torso e o estômago. Tinha músculos compridos e bem torneados sob a pele sedosa. Possuía o físico de um homem, enquanto havia sido humano, valeu por si mesmo, que tinha usado de cada músculo para seguir adiante, que tinha lutado sozinho, que se defendia sozinho.

E não tinha pudor.

Virou para pegar a camisa negra, e todos os músculos das costas marcavam sob a pele. O olhar de Ivy lhe percorreu da cintura até os ombros.

Tinha uma tatuagem no lado esquerdo do pescoço; um dragão de risco muito simples, que poderia encontrar desenhado em velhas ruínas. No ombro oposto, alguém tinha gravado a fogo uma cruz. Ambas as marcas, junto com sua escura beleza, deixaram Ivy sem fôlego.

—Por que um dragão? —perguntou, enquanto preparava a câmara para a nova série de fotos.

Ele parou com a camisa na mão.

—São animais que gostam de procurar tesouros. —limitou-se a responder com um sorriso.

—E a cruz?

Deixou de sorrir.

—Essa foi um presente que a Igreja me fez com a esperança de matar o demônio que vive em mim. Como pode ver, não funcionou.

Ivy não sabia o que dizer. Este era ele de verdade, sem disfarces. Acabava de revelar parte do homem que era; um homem que tinha sofrido, e manteve-se firme. Alguém o tinha queimado com uma cruz ardente, e dado que a prata era a única coisa capaz de deixar cicatriz em um vampiro, deveria ter doído muitíssimo.

Com dedos trementes, esperou.

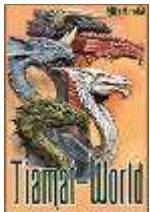
Saint levantou um pouco a cabeça e a olhou de canto por cima do ombro. Estava de perfil, e espessas mechas de cabelo penduravam junto ao seu rosto; o duro ângulo de seu nariz e a suavidade de seus sensuais lábios completava a pose e Ivy aproveitou o momento. O obturador se abriu, capturando para sempre aquela maravilhosa imagem.

—Por que fez isso? —perguntou ele com uma voz mais rouca que de costume e franzindo o cenho.

—Era perfeito —respondeu ela com sinceridade —Senti que via o que realmente é. A você, ao seu eu de verdade.

—O meu eu de verdade? —riu do comentário, e, rindo, passou a camisa negra pela cabeça —Já não me lembro dele.

—Acredito que lembra. —Não sabia de onde tirava isso, mas todos seus instintos gritavam



que era verdade —Acredito que o esconde em seu interior.

—E eu acredito que fala demais —falou ele de repente, e Ivy soube que estava certa —Já adverti para não tentar me converter em algo que não sou.

—Não era essa minha intenção...

Aproximou-se dela tão rápido que não viu que se movia.

—Sim, era sim.

—Está bem. —Estava ali, de pé, com uma mão na câmara e o olhar fixo no dele—Sim era.

Por que tenta negar quem é na realidade?

Ele ficou olhando; centímetros os separavam.

—Deus santo, mulher, só você para acabar com a paciência de um homem.

Ela abriu a boca para responder, mas no mesmo instante em que seus lábios se separaram, os do Saint os capturaram com os seus. Apertou-a contra seu peito enquanto com as mãos a segurava pelos ombros. Sua boca, cálida e firme, mas incrivelmente suave, movia-se sobre a dela. Exigia. Suplicava. E quando deslizou sua língua para dentro tocando a dela, Ivy se rendeu e foi ao encontro de todas e cada uma de suas ardentes carícias.

Caminharam para trás, em uma estranha, mas elegante dança que ele dominava, até que as costas dela ficaram contra a parede e o corpo de Saint a cobriu por completo. Rodeou as nádegas com as mãos tomando posse. Ficariam marcas, mas Ivy não se importou. Estava excitado, cheio de promessas de uma noite de inegável prazer. Ela também, e seu sexo palpitava antecipando ao que aquele homem podia dar.

Ela não era uma mulher que deitasse com qualquer um. No passado não teve muitos amantes, e embora todos tenham provocado algum tipo de emoção, nenhum despertou nela um desejo tão feroz como o vampiro.

Se pudesse levantaria a saia, rodearia a cintura dele com as pernas para que pudesse possuí-la como a qualquer uma em um beco. Imaginar isso aumentou sua luxúria, e gemeu contra os lábios dele.

Foi Saint quem interrompeu o beijo. Apoiou a testa contra a dela. Tinha a respiração quase tão entrecortada como a de Ivy.

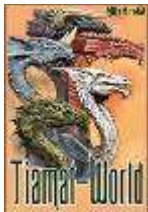
—Estou acostumado a ter muito mais controle —murmurou com um sorriso—Desculpe-me.

—Não há nada que desculpar.

—Oh, sim há. —corrigiu ele, movendo o rosto e acariciando assim o dela. —Quero possuí-la até derreter todos os ossos. Até que não possa nem mover. Quero entrar em seu corpo e me saciar de você. Minha querida Ivy, quero devorar você. Quero sentir seu sabor em minha língua, em minha boca. Sua umidade em meu rosto, sua essência em todo meu ser. Quero sentir seu sangue correndo por minhas veias.

Oh, Deus. Não estava falando só de sexo. O que sentiria se aquelas presas atravessassem a sua pele? Como seria sentir seus lábios sugando a vida que havia dentro dela?

—O que quer dizer com isso de sentir meu sabor em sua boca? —Deslizou a língua entre seus lábios, acariciando assim os dele. Tinha sabor de açúcar e fogo —Acaso sou para você uma



sobremesa?

—Vida. —sussurrou com paixão contra sua boca —Para mim representa a vida e a beleza deste mundo.

As frases bonitas nunca antes a tinham afetado, mas com essa voz rouca e nesse tom sedutor, derreteram-na por dentro. Só com suas palavras, Saint tinha conseguido excitá-la, e estava ansiosa para senti-lo em seu interior.

—Tome. —inclinou para frente e acariciou a bochecha com os lábios, inalando assim seu limpo e quente aroma de noite. Oh, era uma loucura e sabia que acabaria arrependendo-se, mas não podia evitar —Toma tudo o que desejar.

—Tudo?

Ela assentiu e lambeu o aveludado lóbulo da orelha.

—Meu corpo é seu. O único que quero em troca é o seu.

—Só isso? —perguntou ele com voz rouca, mas zombadora.

—Por agora.

Saint levantou a cabeça e a olhou sem mover um músculo. O calor que emanava dele transpassava a roupa de Ivy. A tensão que desprendia fazia que seu interior esticasse como um relógio ao que deram muita corda. Se não fizesse algo, logo explodiria.

Uma pequena ruga apareceu no rosto do vampiro.

—Não.

E essa única sílaba foi como um balde de água fria. Soltou-a e deu um passo para trás, como se não suportasse estar perto dela.

Esse rechaço doeu enormemente nela.

—Suponho que mudou de opinião sobre querer me devorar, não? —esforçou-se para manter sua voz inalterável.

Saint fechou os olhos e virou a cara. Atravessou o tapete, pondo assim algo mais que distância física entre os dois.

—Não. —respondeu —Ainda continuo desejando, mas não farei.

—Por que não? Não tem que se preocupar de que seja virgem, acredito que já deixei isso claro.

Uma risada seca e sem humor brotou dos lábios dele.

—Não, não é isso.

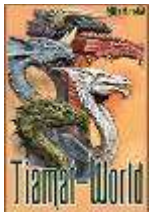
—É por sua amizade com minha mãe? Por que...

—Ivy. —virou para olhá-la —Pare. Não tem nada a ver com que seja virgem ou não, e tampouco com sua mãe.

—Então por quê? —Odiava parecer uma mulher desesperada. Ouvia esse mesmo tom de voz cada vez que sua mãe falava com seu pai. Trocou de registro imediatamente, e optou por exigir que respondesse —Explique agora mesmo por que não estamos os dois nus nessa cama.

—Deus santo, acabará me matando.

—Não entendo qual é o problema. Já sabe que não espero nada de você. Não tenho



aspirações românticas. Não quero seu amor, não acredito nele. Não quero nada exceto o que você esteja disposto a dar. —Não era uma mentira para convencê-lo, era a pura verdade.

Sorrindo com tristeza, Saint a olhou.

—Acredite, não é isso o que quer. Não é o que queremos nenhum dos dois.

Espantada, Ivy viu como virava e saía do quarto, deixando-a com a sensação de que havia sido ela, e não ele, quem tinha rechaçado.

Não havia suficiente uísque em toda a Inglaterra para embebedar Saint. E o único homem capaz de entrar em uma briga estava sabendo Deus onde. Só ficava outro vício no que achar consolo, e era precisamente o que o havia levado àquele lamentável estado.

Deveria ter deitado com ela. Deveria tê-la deitado sobre aquela cadeira e... Gemeu só de pensar.

Tremia de desejo. Tremia do muito que a necessitava e do muito que ansiava satisfazê-la em troca. Voltava a ter uma prova irrefutável do fraco e estúpido que era com as mulheres. Não podia resistir a ela, não sabia como. Nem sequer tentou. Apenas alguns dias atrás prometeu manter-se afastado de Ivy, e falhou absolutamente.

Agora tinha conseguido parar, graças a Deus.

Igual a todas as mulheres, cedo ou tarde ela queria algo mais que sexo. Maldição, ele queria algo mais que sexo, e não estava disposto a voltar a sentir esse tipo de dor outra vez, em especial agora que decidiu passar bastante tempo em Londres, com isso poderia permitir ter uma relação séria, e seu coração não poderia suportar. Para um romântico como ele, a imoralidade era uma verdadeira maldição.

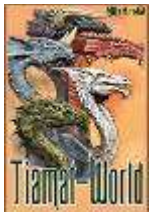
Antes gostava de apaixonar-se. Gostava do desejo que sentia durante a conquista e a paixão desatada que logo seguia a esta, depois da qual, ele sempre ia embora. Até que conheceu Marta nunca teve que enfrentar as amargas consequências. Nunca antes teve que superar uma perda. A viu morrer sabendo que não poderia salvá-la.

O amor, esse que dura para sempre, era algo que ele jamais voltaria a sentir, e depois de perder aquela maravilhosa mulher, sabia que seu coração não poderia conformar-se com menos.

Tinha que ficar afastado de Ivy, isso ficou claro. Não mais paqueras, não mais encontros à meia noite. Tinha uma missão, e asseguraria de levá-la a cabo o mais rapidamente possível para assim poder abandonar Londres quanto antes.

Por isso mesmo estava em Kensington, na frente da casa de Priscila Maxwell, tentando encontrar o melhor modo de entrar. Dentro, entre seus pertences pessoais, talvez encontrasse alguma pista sobre a identidade do assassino. Era só uma intuição, mas tampouco não tinha nada mais ao que aferrar-se.

Estava atrás da casa, em um lugar que fazia as vezes de jardim, e estava o bastante escuro para que ninguém o visse em especial vestido de negro como ia. Ainda usava a camisa que Ivy lhe deu e o aroma dela cravava nele como uma agulha sob a pele.



De um salto alcançou o balcão, e uma vez ali, deixou os pensamentos sobre Ivy para trás.

Deslizou uma lima por entre as portas e levantou o ferrolho com facilidade. Abriu e entrou no que supunha ser o dormitório de Priscila Maxwell.

A polícia já havia estado ali, mas não importava. Saint esperou de propósito que fossem inspecionar a mansão; afinal, não tinha nenhuma vontade de se encontrar com as autoridades. Eles não acreditavam que houvesse nenhuma conexão com os crimes da Maison Rouge, e embora fosse assim, não procuravam como Saint.

Claro que ele não tinha muito claro o que procurava, mas saberia assim que o visse.

O dormitório de Priscila estava revirado por toda parte, e a cor rosa invadia cada canto. O papel das paredes estava decorado com pequenas flores rosadas que faziam jogo com as do tapete e a tapeçaria. A cama era muito grande, com dossel e cortinas. Parecia mais um quarto de uma menina que de uma mulher. Talvez, sendo já adulta, a atriz se deu de presente o dormitório que sempre quis quando pequena.

Era muito triste. Era mais triste ainda que houvesse perseguido esses sonhos, e agora não pudesse continuar dormindo naquela cama, e sorrir satisfeita por havê-los feito realidade.

Procurou debaixo do colchão e encontrou um jornal que guardou em seguida no bolso de sua jaqueta. No porta joias não havia nada de interessante, apesar do ladrão que havia nele ver algumas peças pelas quais Ezekiel pagaria um bom dinheiro.

Quando sua atenção recaiu em uma fotografia, teve o pressentimento de que esta era importante.

Em cima da penteadeira havia uma imagem emoldurada de Priscila. Estava nua, exceto por umas folhas estrategicamente colocadas e por seu longo cabelo, que caía ao redor do corpo como uma cascata. Em uma mão, como se fosse uma oferenda, segurava uma maçã. No outro braço tinha uma serpente enroscada, com a cabeça dirigida para ela, como se sussurrasse algo ao ouvido.

—Eva.

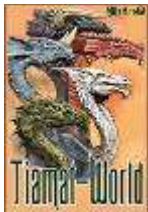
Seu pressentimento se converteu em algo mais. Pegou a foto e estudou a suave luz da lua. Não era necessário que a tirasse da moldura para saber quem era o artista. Embora o estilo não resultasse familiar, seu instinto dizia que foi Ivy quem fotografou.

Ela havia também tirado fotografias de Goldie.

Teria fotografado também Clementine? E se assim fosse, a teria retratado deste modo disfarçada de outra mulher bonita?

Talvez não fosse nada, mas era muita casualidade para passar em branco; em especial se isso significava que Ivy poderia correr perigo, ou melhor dizendo, ainda mais perigo. Mas agora não podia pensar nisso.

Pegou o retrato e o guardou no bolso. Estudou o resto do quarto com rapidez, assegurando de que não havia nada mais que pudesse ser importante. Satisfeito de sua inspeção, saiu do mesmo modo que havia chegado. Uma vez na varanda, em lugar de saltar para o chão, saltou para cima, para o céu.



Aterrissou atrás do Maison Rouge. Ainda havia luz na casinha do jardim. Ivy continuava ali. Estaria esperando-o? Ficou ali com a esperança de que ele retornasse? Ou estava amaldiçoando enquanto tentava aliviar a tensão sexual que sentia?

Como tentaria aliviar a tensão? Teria pensado nele ao fazê-lo?

Estava excitado quando entrou na casinha. Diria que era um garoto de dezoito anos em vez de um homem de vários séculos.

Ivy estava sentada na cama, com seu cabelo cor mel solto e com algumas mechas caindo pelo rosto enquanto olhava um montão de fotografias. Saint morria de vontade de beijá-la na nuca, de percorrer com as mãos as curvas de seus ombros, de deslizar a camisola para baixo enquanto o fazia. Queria sentir aqueles seios em suas mãos, em seus lábios...

Ela levantou a vista, e sua surpresa foi mais que evidente.

—O que quer?

O desejo de Saint morreu de repente. Era óbvio que o único que estava sofrendo por culpa da paixão insatisfeita era ele.

—Preciso falar com você.

Digna, ergueu o queixo e apertou os lábios.

—Se for pelo que aconteceu antes, preferiria não fazê-lo.

—Não é.

Não tentou ocultar nem seu aborrecimento nem sua decepção.

—Ah. E sobre o que quer falar então?

Saint tirou a fotografia de seu bolso e aproximou-se para dar-lhe. Ivy ficou em pé, o que era bom, pois não estava seguro de que não se jogaria em cima dela e a deitaria na cama.

—É sua obra, não? —perguntou, entregando o retrato. Ivy ficou olhando o retrato.

—Sim. —Levantou os olhos cheios de curiosidade e dúvida —E?

Ao ouvir esse tom tão defensivo, Saint sacudiu a cabeça.

—Se meus instintos estão certos, acredito que a Maison Rouge não é a única conexão entre os assassinatos.

Ela piscou.

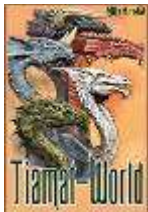
—Que mais têm em comum?

O vampiro não pôde evitar olhá-la com tristeza. Ivy não era estúpida; ela sabia, embora não quisesse reconhecer o que já suspeitava.

—Você.

Capítulo 6

Como era possível que Goldie, Clementine e a pobre Priscila tivessem morrido por sua culpa? Era absurdo.



—Eu não tenho inimigos, Saint. Muito menos desses que chegariam ao extremo de matar para me fazer mal.

—Duvido muito que alguém odeie tanto você para matar as suas amigas, mas suspeito que você fotografou todas as vítimas.

—Assim é. —Oh, Deus santo, era verdade. Voltou a sentar-se na cama.

—Também a Clementine? —perguntou com suavidade, como se temesse que tudo aquilo fosse muito para ela.

Ivy tremeu e esfregou a mão no rosto.

—Sim. Fotografei virtualmente a todas as mulheres que trabalharam ou visitaram a Maison Rouge nos últimos dois anos.

—Quem viu as fotografias?

—Não saberia nem por onde começar. Mamãe organizou uma exposição na primavera passada. Durante toda uma semana, meus retratos ficaram pendurados nas paredes da casa. Todos podiam ver.

—Foda! —Pareceu envergonhado —Desculpe-me.

Ela arqueou uma sobrancelha.

—Crê que não tinha ouvido antes essa palavra?

—Me ensinaram a não falar palavrões diante de uma dama.

—Eu tenho tanto de dama como você de cavalheiro. —ruborizou-se —Sinto muito, não queria dizer...

—Não tem importância. —Parecia sincero, mas seus olhos refletiram algo mais, dor talvez?

Ivy sentiu-se culpada por falar isso? Sim. Iria desculpar-se de novo? Não. Ele que a rechaçou. Saint sentia que ela tinha ferido seus sentimentos, deveria pensar no dano que ele tinha feito aos seus.

Por desgraça, por que a rechaçou o deixava ainda mais atrativo. Possivelmente fosse masoquista, agora o desejava o dobro que antes.

Deveria ficar envergonhada; estar pensando em seus próprios desejos quando havia tanto por fazer.

Saint foi quem rompeu o incômodo silêncio.

—Tenho que ver todas as fotografias. Tem que haver alguma conexão em alguma parte.

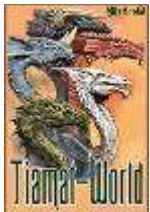
—É obvio.

Ivy foi rapidamente ao armário que estava junto a chaminé. Ali guardava todos seus retratos. Apesar do risco de armazenar as fotos junto ao fogo, parecia que ali havia menos possibilidades de que a umidade tão própria do clima inglês os estragasse.

Todas as caixas estavam etiquetadas com descrições do que continham. Pegou a que dizia EXPOSIÇÃO NO MAISON ROUGE, JUNHO, 1899, e tirou do armário. Para sua surpresa, embora a caixa não pesasse quase nada, Saint correu a pegá-la de suas mãos.

—Impaciente? —perguntou ela com um sorriso —Ou trata de ser cavalheiro?

—Eu não sou um cavalheiro, recorda? —Não devolveu o sorriso, em troca devolveu a caixa



com gesto brusco —Leva-a você.

Ivy surpreendeu-se com a reação tão áspera.

—O que aconteceu?

—Esta noite, quando entrei nesta casa pela primeira vez, falou que estava me comportando como um sedutor e agora que tento ser respeitoso e educado, você brinca. Faça o favor de decidir o que quer de mim e arque com as consequências. —Voltou a pegar a caixa e caminhou para a mesa que havia no outro lado do quarto, enquanto Ivy ficou olhando espantada.

—O que disse? —Seguiu-o rígida e ofendida —Esta noite, quando chegou, se comportou como se não pudesse esperar para deitar-se comigo, e quando me ofereci, recusou. Talvez seja você que tem que decidir o que quer de mim e agir em consonância!

A caixa bateu a superfície da mesa com tanta força que uma quina da mesma se estilhaçou.

—Talvez tenha razão.

Ivy ficou olhando com os olhos abertos enquanto ele tirava a tampa e começava a tirar retratos. Isso era tudo? Isso era tudo o que ia dizer? O maldito não ia dizer o que queria dela?

—Assim não falava a sério. —engoliu o orgulho e se obrigou a perguntar —Tudo foi um jogo?

Saint a olhou de um modo que teria acovardado a mais de um homem.

—Está dizendo tolices.

—O que?

—É óbvio que não foi um jogo. Não é um jogo. Desejei você desde o momento em que a vi. O que? Está contente de que o tenha reconhecido?

Estava espantada.

—Então, por que me rechaçou?

—Por quê? —Piscou —Não posso me concentrar no assassino estando preocupado com você.

Ela tentou não rir.

—Acha que isso é tudo?

Saint baixou a vista para a caixa.

—Esta conversa terminou.

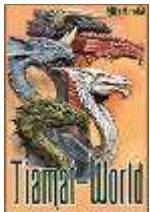
Uma merda.

—Deitou com garotas da casa. Por que não comigo?

—Porque você não é uma das garotas da casa. —A olhou cansado —Além disso, prometi a sua mãe que encontraria o assassino, e não vou permitir que ninguém, nem sequer você, por muito tentadora que seja, se coloque em meu caminho.

Contra isso não podia dizer nada, assim não o fez. Tinha razão. E saber que a desejava fazia que a ardência do rechaço fosse menor.

—Entendo —respondeu séria, como se fosse verdade. Entendia? Sim. Estava de acordo? Talvez não. Sua prioridade era encontrar o assassino, mas isso implicava que tinham que passar muito tempo juntos.



Muito juntos. E embora Ivy jamais fizesse nada que entorpecesse a investigação do assassinato de suas amigas, não havia nenhum motivo pelo qual não pudesse desfrutar de um pouco de sexo ao final da jornada, por assim dizer. Sabia que arriscava a sofrer uma grande humilhação, mas era um risco que correria. Fazia muito tempo que o desejava, não queria arrepender-se de não havê-lo tentado. Não quando era mais que evidente tão curta que podia ser a vida.

Os escuros olhos de Saint se entrecerraram, e a olhou com cautela entre os cílios, que pareciam de suave veludo.

—Não voltaremos a falar do assunto?

Ivy mordeu o lábio inferior para não sorrir. Aquela era a primeira alegria, a primeira faísca de vida que tinha sentido após a morte de Goldie e Clementine.

—Não voltaremos a falar do assunto —confirmou.

A partir daquele momento não haveria palavras, mas sim atos.

—Bem. —A expressão dele era uma mistura de alívio e decepção, o que a reconfortou — Preciso da lista de clientes da semana em que se celebrou a exposição. Suponho que sua mãe ainda mantém um controle escrito sobre a clientela, não é assim?

A garota assentiu.

—Mas está escrita em código. Não acredito que o entenda.

—Não se preocupe, entenderei.

—Ah, sim?

Saint sorriu, e foi um gesto tão inesperado, que certas partes do corpo de Ivy palpitararam de uma maneira deliciosa.

—Quem acredita que a ensinou?

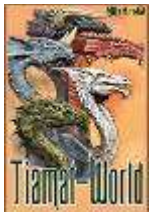
Deve ter sido capaz de devolver o sorriso. Nesse instante sentia uma emoção das mais estranhas. Era como se alguém tivesse ligado um interruptor em seu interior que a fazia sentir-se zangada e doída ao mesmo tempo. Estava com ciúmes. Ciumenta de sua própria mãe. E de repente perguntou a si mesma como estavam de verdade ela e Saint.

O gramofone do salão tocava um disco de Ragtime. Uns amigos de Madeline o enviaram da América, onde os pianistas eram cada vez mais populares.

A gravação não era tão nítida para poder acreditar que houvesse uma banda ali no salão, mas para Saint era fascinante que alguém conseguisse capturar notas musicais naquele disco. Estava em pé num canto, seguindo o ritmo com o pé enquanto várias das garotas dançavam com os clientes.

Pediram que participasse do baile, mas ele negou; não porque não soubesse dançar, nem porque não acreditasse que fosse divertido, mas sim porque tinha que se manter à margem para observar. Para poder ver se entre eles havia um assassino.

O que não tinha nenhuma necessidade de ver era como Ivy paquerava com um jovem que evidentemente a adorava.



—Chama-se Justin Fontaine —disse Madeline ao ouvido —É um cavalheiro aficionado à pintura. Você gostaria de conhecer?

Saint olhou para a mulher que tinha ao lado só um segundo antes de voltar a centrar sua atenção em Ivy e seu jovem pretendente.

—É óbvio. Quero conhecer todos os possíveis suspeitos.

—Suspeito? Justin?

Talvez pudesse ter sorrido ante o assombro de sua voz, se não estivesse tão ansioso para descobrir algo que incriminasse ao dourado Adônis.

—Todo mundo é suspeito, Framboesa. —Deu um gole em seu uísque. Era suave e ligeiramente defumado, tal como gostava.

—Saint. Não posso acreditar que...

—Sei. —Sorriu interrompendo —Por isso sou eu, e não você, quem está procurando o assassino.

—Não suspeitará também das garotas?

—Dada a força que necessita para cometer tais crimes o mais provável é que seja um homem.

—É óbvio que é um homem. Uma mulher jamais seria capaz de fazer algo tão horrível.

Ele riu às gargalhadas, e se virou para olhá-la.

—Você sabe tão bem quanto eu que isso é uma grande mentira.

Madeline sorriu, e pela segunda vez, Saint viu as rugas que tinha ao redor dos olhos. Algum dia retornaria a Maison Rouge e ela já não estaria mais lá. Talvez então Ivy fosse a Senhora, e ele visse como o tempo também tinha feito maldades com ela.

Para rebater esse pensamento teve a necessidade de se assegurar de que ela continuava jovem e cheia de vida, a buscou entre a multidão. Não demorou a encontrá-la; Ivy os estava olhando com os olhos entrecerrados, e tão cheios de receio que Saint piscou assombrado.

Havia ciúmes nesse olhar. Estava Ivy com ciúmes de sua própria mãe? Por ele? A mera ideia era ridícula.

E que direito tinha ela de sentir ciúmes quando era visível que estava se atirando para aquele menino debaixo de seu nariz? Saint nunca tinham gostado dos tipos altos, loiros e atrativos que sempre conseguiam o que queriam. Não confiava neles, exceto Chapel, claro.

—Meu Deus. —Madeline virou para ele—O que fez a Ivy para que o olhe desse modo?

—Neguei-me a deitar com ela —respondeu sem pensar —E não é para mim a quem olha desse modo, é para os dois. A você e a mim.

Saint nunca tinha visto ninguém expressar o horror de uma maneira tão delicada.

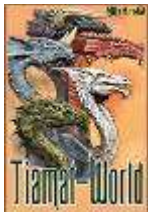
—Fale que está brincando.

—Minha querida amiga, já sabe que não tenho senso de humor. —Bebeu um pouco mais.

—Mas por que iria ter ciúmes de nós? —Olhou-a.

—É óbvio que está se perguntando até que ponto é íntima nossa amizade.

—Oh, Deus Santo. —Franziu o cenho. Aquela conversa estava tirando à luz da parte



irlandesa de Madeline —Foi você quem colocou essa ideia em sua cabeça?

—Não, ela fez isso sozinha. —Ele era bastante inteligente para saber que não saía nada de bom em provocar ciúmes em uma mulher.

—E se você não quis deitar com ela, por que olha para Justin como se quisesse arrancar seu pescoço?

Assim, era o bastante íntimo da família para que o chamassem por seu primeiro nome? Bastardo.

—Está fazendo muito drama.

Não importava que sua filha tivesse tentado seduzi-lo? Era óbvio que não.

—Você acredita? —perguntou ela sarcástica —Ou está com ciúmes dele como aparentemente minha filha está de mim?

—Não passei tanto tempo com Ivy para sentir algo tão profundo por ela.

—Pois ela sim sentiu por você.

Saint virou a cabeça imediatamente para ver se estava brincando.

—Mentira. —Esperava que fosse verdade.

—Não, é óbvio que não —respondeu Madeline indignada —A última vez que foi embora, passou dias chorando. Acredita que não me dava conta, mas uma mãe sempre sabe essas coisas. Deitou com todas as garotas do bordel e a ignorou por completo.

Parecia que fez mal ao ficar afastado de sua filha.

—Ivy está a salvo de mim, Maddie —disse com um suspiro —Não tem do que ficar preocupada.

Seguia enrugando o cenho, mas menos.

—Não é ela a que me preocupa.

—Não me diga que está preocupada comigo. —Houve um tempo que teria rido disso, mas agora, para sua surpresa, ele mesmo notou que perguntara ficando na defensiva.

—Quando foi a última vez que você amou alguém?

—Não vamos falar do assunto. —serviu outra taça. Desejou ficar bêbado novamente. Embora fosse só uma vez.

—Foi com a Marta, não?

Saint assentiu. Doía tão pouco agora ouvir seu nome que sentia vergonha de si mesmo.

—Deixa pra lá.

—Não estive com nenhuma das garotas desde que chegou.

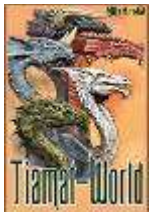
—Acreditei que não seria correto, dadas as circunstâncias. E nenhuma delas conseguiu captar sua atenção.

—Que fosse ou não correto, não o teria parado antes.

—De acordo, ficarei com sua filha. —Tentou falar baixo e o único que conseguiu foi que saísse um grunhido—É isso o que quer?

—Não tente me escandalizar, Saint. —Esboçava o típico sorriso de superioridade feminina

—Não vai funcionar.



—Unicamente o que quero é que se cale. Acredita que é possível?

—Saint...

—Por Deus Santo! —Fechou os olhos para tentar recuperar o controle —Apresente-me a toda esta gente para que possa averiguar de uma vez por todas quem é o assassino e sair desta casa e desta cidade.

Madeline achou melhor não tocar mais no assunto e passeou com ele pelo salão. Quando ela começou a apresentá-lo como um talentoso músico de Paris, Saint desejou não ter provocado a sua amiga.

Sua mentira conseguiu que todos aqueles artistas o aceitassem com mais facilidade, mas também que pedissem com entusiasmo que tocassem para eles.

—Odeio- você —murmurou ele ao se afastar do grupo. Tinha conhecido pintores e escritores, a políticos e aristocratas. Embora também houvesse certos clientes que não frequentavam o salão, e que pagavam uma fortuna para desfrutar de alguma das garotas em um dos quartos e logo se iam. Mas esses clientes não o preocupavam. Quem fosse que tivesse matado às garotas, era alguém que tinha visto as fotos feitas por Ivy. Disso estava seguro.

Madeline sorriu como um gato que acaba de comer a um canário.

—Me ama —o corrigiu.

E, é óbvio, com a sorte que ele tinha, logo que essas palavras saíram da boca de Maddie, Ivy apareceu junto a sua mãe. Essa noite usava um vestido de decote baixo, e todo mundo pôde ver como o rubor a tingiu do peito até as maçãs do rosto. Mas o aroma de seu cálido sangue que circulava por debaixo daquela pálida pele alagando seus sentidos... Esse prazer era só para ele.

—Ivy. —Madeline, que era uma grande atriz, sorriu como se não acontecesse nada —Que bom que a encontramos. Senhor Fontaine, acredito que é o único que ainda não conhece meu bom amigo o senhor Saint.

A muito esperta teve a audácia de pôr especial ênfase na palavra, amigo. Talvez o cérebro do senhor Fontaine fosse tão duro como seus bíceps e não desse conta, mas Ivy sim, a julgar pelo modo como apertou os lábios.

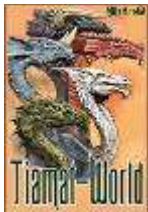
Ciumenta. Por ele. Que revelação mais aterradora. Saint não queria seu ciúme. Não queria que ela sentisse nada por ele. Não queria sentir nada por ela. Desejá-la era inevitável, era o tipo exato de mulher que o fazia sentir verdadeira urgência de dormir com ela, mas qualquer coisa fora isso, terminaria em desastre.

A jovem pigarreou.

—Permita-me que faça as honras. Senhor Saint, apresento o senhor Justin Fontaine. Justin é pintor.

Usava seu primeiro nome, como íntimos. Teria deitado com Fontaine, ou era um a mais em sua lista de possíveis conquistas? Não, ainda não tinha estado com ele; o atrativo rosto de Fontaine estava faminto dela.

O moço colhia com sua mão direita a de Ivy, algo que incomodou Saint ao ver que levava um anel de prata. Se não apertasse sua mão, não precisa preocupar-se com a queimadura que



produziria o contato com o dito anel.

—É um prazer, senhor Fontaine.

—Saint é músico —acrescentou Madeline sorrindo para sua filha.

O incrédulo olhar de Ivy disse o que calaram suas palavras.

—Fantástico.

—Vai tocar algo, senhor Saint? —perguntou Fontaine com o típico entusiasmo da juventude

—Encontrará em nós um público muito entregue: nós adoramos a música em especial.

Forçando seu sorriso mais humilde e encantador, Saint inclinou a cabeça.

—Dado que eu adoro que me adulem, estarei encantado de tocar, se Madame Madeline aprovar, claro.

Sua velha amiga o olhou como se não soubesse o que estava tramando, mas ansiosa por averiguá-lo.

—É óbvio. Atenção todo mundo. —virou para olhar aos convidados, e bateu palmas—Saint vai tocar para nós.

A música que saía do gramofone parou de uma vez. Enquanto o vampiro percorria o tapete para aproximar-se do piano que havia em um canto, todos o observavam; podia sentir seus olhares seguindo-o, e imaginou que o de Ivy era o mais ardente.

Colocou-se entre o piano e a banquetta e levantou as pontas do fraque para sentar.

Não precisava ler a partitura. Nem sequer tinha que olhar as teclas. Em seis séculos, teve tempo de sobra para aperfeiçoar outras técnicas além da do roubo, e tocar piano era uma delas. Assim mantinha os dedos ágeis, algo muito útil em muitas profissões.

Colocou os dedos sobre o teclado e um suave murmúrio cruzou a estadia. A melodia que escolheu foi composta por ele anos depois do falecimento de Marta. Era sentimental e romântica, e estava acostumado a fazer derramar mais de uma lágrima. Agora já podia tocar sem chorar ele mesmo. Por fim podia tocar sem sentir que lhe arrancavam o coração do peito.

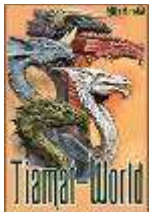
O que dizia isso dele? Tinha adorado Marta. Tinha-a amado com todo seu ser. Como podia haver-se desvanecido esse sentimento?

Se, aprendeu algo ao longo de sua maldita e longa vida, era que o amor era um presente, e ele era como um menino malcriado, gostava mais de abrir o pacote do que cuidar depois do que continha.

Fechou os olhos e tocou, sem querer olhar os rostos que o observavam. A música o levava a outra parte, a um lugar que só pertencia a ele. Por trás da escuridão de suas pálpebras fechadas, podia estar a sós com seus pensamentos e confrontar a verdade sem medo que o condenassem.

Deslizou os dedos arrancando a intensidade justa de cada tom. Adorava o piano, com suas teclas sensíveis ao tato. Uma carícia suave e saía uma nota quase imperceptível. Bastavam as pontas dos dedos para provocar uma emoção indescritível. Uma mesma melodia podia causar dor e alegria ao mesmo tempo.

Quando se desvaneceu o último acorde, Saint abriu os olhos e levantou a vista. O salão inteiro tinha o olhar fixo nele, aplaudindo como loucos. Todos exceto Ivy. Esta estava em pé



olhando-o imóvel e em silêncio entre sua mãe e o jovem Fontaine, que o aplaudiam. Tinha uma mão no peito, ocultando parte do rubor que cobria essa área. Tremia o lábio inferior e tinha os olhos cheios de lágrimas sem derramar.

Ela sabia. Sabia o que a música tinha significado para ele no passado, e o entendia. Estava olhando como se o visse pela primeira vez. Saint tinha baixado o guarda, tinha permitido que penetrasse em seu interior sem dar-se conta.

Levantou, se separou do instrumento mais rápido do que o teria feito qualquer mortal. Não importou que todos aqueles olhos estivessem fixos nele, nem que o aplaudissem e aclamassem. A única que importava era Ivy.

Parou diante dela com o olhar fixo em seus incríveis e úmidos olhos verdes. Naquele instante, era a mulher mais bela que tinha visto em toda sua vida, e teria sacrificado sua imortalidade em troca de que não voltasse a chorar jamais.

A mão que Madeline colocou em seu antebraço foi a única coisa que impediu que abraçasse Ivy e a beijasse ali mesmo, diante de toda aquela gente, diante e o Justin Fontaine.

—Foi tão lindo... —disse Maddie.

Saint tirou o olhar de Ivy, rompendo assim o feitiço.

Sorriu e agradeceu a sua amiga, e aceitou com elegância os cumprimentos dos que foram se aproximando. Quando por fim a multidão se afastou, voltou a procurar Ivy onde a tinha visto antes, mas já fora. Como a Justin Fontaine.

—Ivy, está bem?

Parou no meio do vestíbulo e secou as lágrimas com o dorso da mão. Teve que sair do salão para evitar fazer papel de tola por uma das duas coisas que queria fazer: chorar desconsoladamente pela preciosa composição que o vampiro tocou, ou abraçá-lo e beijá-lo com toda sua alma.

Para acabar de complicar as coisas, era talentoso. Acaso havia algo que aquele homem não soubesse fazer? Alguém podia resistir?

Foi muito arrogante de sua parte acreditar que aquela noite no estúdio vira um vislumbre do verdadeiro Saint. Não bastava um olhar para conhecer o homem que na verdade era. Teria que afastar muitas camadas antes de averiguar o que se escondia debaixo.

Dando a volta, fingiu um sorriso.

—Estou bem, Justin. Obrigada por seu interesse.

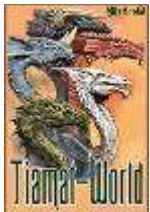
Uma ruga se formou em seu perfeito rosto.

—Jamais a tinha visto tão alterada. Esse senhor Saint, a ofendeu de algum modo?

“Sim, negou-se a deitar comigo e me sinto magoada por isso”.

Não podia dizer isso a um homem que em mais de uma ocasião tinha feito referências a sua virtude e sua pureza.

—Porque se o fez—continuou Justin —o enfrentarei sem remédio. Em circunstâncias normais, Justin talvez saísse vitorioso de tal confronto; ele era sem dúvida o mais alto e atlético



dos dois. Mas Saint podia parti-lo literalmente em dois com as mãos. E, até no caso de que não fosse imortal, era o tipo de homem bastante ardiloso para brigar sujo.

—Não —respondeu —Me emocionou a peça que tocou. Não pareceu formosa? — Reconhecer que estava emocionada era a melhor solução.

Justin deu de ombros.

—Eu gostava mais da que estava tocando no gramofone.

Certamente, e os doloridos pés de Ivy podiam demonstrá-lo. Sorriu um pouco envergonhada.

—Pensa que sou tola, muito sensível?

—Você? Jamais. É a mulher mais prática e direta que conheci em toda minha vida.

Tempos atrás, o teria tomado como um elogio, mas isso foi antes de Saint falar que queria devorá-la.

—É um bom homem, Justin. —Um homem muito bom. Por que não podia desejá-lo do mesmo modo que desejava a Saint? Era patético querer a um homem que continuaria sendo jovem quando ela viraria pó.

—Você gostaria de dar um passeio? —perguntou com um estranho brilho nos olhos — Poderíamos pegar uma carruagem e dar uma volta pela cidade.

Só com o Justin em uma carruagem? Não necessitava ser um gênio para saber o que estava propondo. Queria ir com ele? Queria que a beijasse e que tentasse fazê-la se sentir tão maravilhosa e desesperada como quando estava com Saint?

Sim. A essas alturas o único que queria era saber que podia sentir esse mesmo desejo por alguém mais, que Saint não era o único capaz de despertá-lo.

—Sim. —A afirmação doeu na garganta, como se a palavra não quisesse sair de seus lábios —Eu gostaria muito.

Já não podia voltar. E se descobrisse que Justin não consegue inspirar os mesmos sentimentos que Saint, então o que faria?

—Vou procurar meu casaco.

—Vai a alguma parte, senhorita Ivy?

Ela fechou os olhos e deixou que a voz aveludada de Saint a acariciasse. Não o ouviu aproximar-se. Aqueles malditos vampiros eram silenciosos como gatos.

Abriu os olhos e virou para olhá-lo.

—Sim, darei um passeio com Justin. —Utilizou o nome do outro homem de propósito. Queria que Saint soubesse que não ficaria ali quieta, vendo como ele paquerava com sua mãe.

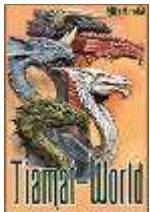
—Espero que não tenha intenções de ir sozinha. —Nem sequer tentou ser sutil, o muito bastardo.

—Isso não é assunto seu —informou ela com os braços cruzados.

Justin se uniu à conversa, se assim poderia chamá-la.

—Ivy estará a salvo comigo Senhor Saint. Posso assegurar.

A expressão do vampiro foi cordial.



—Confio em você, senhor Fontaine, mas como amigo de Madame Madeline e de toda a casa, em sã consciência não posso permitir que a senhorita Ivy vá com você sem um acompanhante.

—Não sou uma menina pequena —resmungou ela entre dentes —Nem tampouco uma estúpida aristocrata que não sabe nada da vida.

Saint a olhou sem emoção, mas seus olhos resplandeciam, e ela soube que ardiam pelo mesmo motivo pelo qual ela aceitou àquele passeio. Por despeito.

—Não disse que era.

—Sou perfeitamente capaz de me cuidar sozinha. Se for necessário, Justin pode me proteger.

—Estou convencido de ambas as coisas.

—Assim não há nenhuma necessidade de incomodar a um dos lacaios. —Eles tinham que ficar ali para vigiar às garotas. Toda a casa.

O vampiro sorriu, com toda delicadeza.

—Nenhuma.

Olhou-o desconfiada.

—Então, posso ir?

—É obvio. Desfrute de seu passeio, senhorita Ivy.

—Obrigada.

Saint sorriu ainda mais, e o fogo de seus olhos se avivou.

—Mas eu vou com você.

Capítulo 7

Se soubesse como matar a um vampiro...

Aproximadamente cinco minutos mais tarde Justin retirou o convite para o passeio, exatamente dois minutos após despedir-se dele, Ivy foi atrás de Saint.

Encontrou-o no terraço na parte de trás, apoiado no parapeito, fumando um cigarro.

—Por que fez isso? —Perguntou-lhe, tão logo fechou a porta da varanda atrás de si.

—O que querida? —Olhou-a preguiçoso.

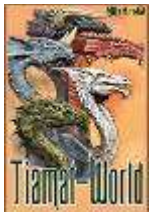
—Tratou-me como se fosse uma menina, e não sou sua querida.

—Oh! Mas quer ser. —O que disse dela? Aquele homem deixava-a furiosa com suas palavras e sua atitude despreocupada, mas era só mover um dedo para que ela corresse atrás dele sem perder um segundo.

—Comparada comigo é uma menina.

Ivy ignorou o comentário.

—Comportou-se como se Justin não fosse de confiança.



—Não sei se ele é. —Deu de ombros.

Nesse momento, poderia ter-lhe dado uma bofetada, ainda que ele nem sequer a tivesse notado.

—Talvez você tenha ficado com ciúmes de Justin e não quis que eu fosse ao passeio com ele. Saint inclinou a cabeça, e não hesitou em responder:

—Tem razão.

Idiota como era, a ideia do ciúme dele a comoveu de uma maneira que o pintor jamais havia conseguido.

—Não vai negar?

—Acreditaria se o fizesse?

—Não. —Jamais tinha se dado bem mentindo. Por mais dolorosa que fosse, preferia a verdade à mentira.

Saint voltou a dar de ombros e deu uma tragada no cigarro. A ponta incandescente brilhou na escuridão. Ivy ficou ali, olhando-o, uma sombra escura numa noite ainda mais escura.

Exalou uma nuvem de fumaça.

—Quando eu me for, pode fazer o que quiser, mas até que tenha capturado o assassino, fará o que eu achar melhor para você. —Não havia nem sombra de ameaça em seu tom de voz, só a singela convicção de um homem que está acostumado a dar ordens. —E se quiser deitar com Fontaine —continuou falando —Eu não posso impedi-la. Mas fará aqui, não em outro lugar onde não possa protegê-la.

Olhou-o nos olhos desconfortável e corada.

—Não quero me deitar com Justin.

—Não? Acariciou-a com a mão que segurava o cigarro. —Talvez devesse dizer isso ele.

Se ele tinha coragem de falar de sua vida pessoal, então ela faria o mesmo.

—Dorme com minha mãe?

—Como? —Sacudiu a cabeça levemente.

—Ouvir muito bem. —Endireitou os ombros preparando-se para ouvir a resposta, fosse qual fosse. —Dorme com minha mãe?

A forma como olhou para ela, a fez sentir vergonha de si mesma.

—Você é incrível. Sua mãe é minha amiga.

Um grande e intenso alívio lhe percorreu todo o corpo. Isso foi um Não. Era impossível fingir aquele tipo de raiva. Ela sentiu-se tão aliviada, que nem se importou que toda aquela raiva fosse dirigida a ela.

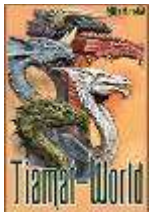
—E Justin é meu amigo.

Saint jogou o cigarro no chão e pisou com o calcanhar.

—É óbvio que o Senhor Fontaine quer ser algo mais.

Tinha razão. Ivy sabia, mas desviou o olhar antes que ele com seu olhar felino, visse em seus olhos que acertara.

Saint suspirou e caminhou até ela.



—Ivy, sua vida pertence a você. Eu não tenho direito de te dizer como deve viver nem com quem. A única coisa que quero é que tenha cuidado.

Olhou-o desconcertada.

—Não o entendo.

No escuro, seus dentes eram resplandecentes.

—Então somos dois.

—Não deixa de me confundir. Tem ciúmes de Justin, mas diz que não se importa se ele for meu amante. Isso é verdade? Ou gosta de me enganar, para ver se assim enlouqueço.

Olhou-a por um tempo sem responder.

—Já vou. Com os homens que contratei para vigiar a casa estará a salvo. Amanhã, quando despertar, eu gostaria de ver todas suas fotografias. E repassar a lista de clientes, em especial aqueles que estiveram mais próximos de Goldie, Clementine e da Senhorita Maxwell.

Ele podia sair sem armas. À noite era indestrutível, durante o dia era só se precaver da luz do sol.

—Por que não fazemos isso esta noite?

—Porque tenho coisas a fazer.

Ivy ficou olhando-o à espera de uma resposta melhor.

—Tenho que me alimentar —suspirou resignado.

—E por que não o faz aqui?

—Não seria correto depois de tudo o que aconteceu.

Apesar de gostar e respeitar essa decisão, não queria que ele fosse.

—Mas esse é em parte um dos motivos pelo que existe este lugar; para prover vocês de sangue.

Saint massageou a nuca com uma mão.

—Embora seja assim, as garotas desta casa não são gado e me nego a tratá-las como tais.

—Oh!

Saint arqueou as sobrancelhas escuras, mas manteve uma expressão de desinteresse.

—O que? —disse finalmente.

—Isso é muito generoso de sua parte. —explicou a garota.

Ele jogou a cabeça para trás e a olhou, como se quisesse enfocá-la melhor.

—E isso a surpreende?

—Quer que diga a verdade? Sim. Está demonstrando ter muito mais atencioso do que eu acreditava.

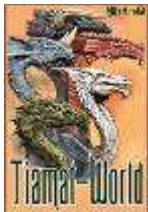
O vampiro riu, e voltou a surpreendê-la.

—Não sei fico zangado ou agradeço pela sinceridade.

—Você está rindo. Então acho que não está zangado. O sorriso permaneceu fixo nos lábios de Saint. Esse detalhe transformava o seu rosto por completo.

—Acho que não.

—Eu não quis ofendê-lo.



Ele engoliu em seco e olhou para baixo.

Preferia ser honesta, mas isso não significava que gostasse de magoar as pessoas.

—Não pretendia ser cruel.

—Dizer a verdade, somente se converte em um ato de crueldade quando dita com malícia.

—Voltou a sorrir, e quando ela olhou-o insegura, ele a acariciou com o olhar. —Você se importa muito com as pessoas para ser cruel de propósito.

Aquela era possivelmente a coisa mais bonita que alguém lhe disse, a pressão que sentia no peito o demonstrava. Talvez fosse por isso que se aproximou dele, como uma criança se aproxima de um cão; com naturalidade e cautela.

—Não tem que sair para se alimentar —Falou.

Ele discordou.

—Sim, tenho que sair.

E ela sabia que não estava se referindo a uma das garotas do bordel.

—Não —insistiu ela com firmeza colocando o pé na frente dele. —Não tem que sair.

Havia um lustre sobre o vampiro que o iluminava com sua luz dourada fazendo que seus olhos parecessem brasas ardendo.

Esse brilho se fez mais intenso ao entender o que estava dizendo.

—Pode beber meu sangue.

Saint ficou olhando-a e entreabriu os lábios.

—Não sabe o que me está oferecendo.

—Sim sei. Estou oferecendo alimento para que não tenha que deixar-nos aqui sozinhas e indefesas. —Não pôde evitar sorrir ao dizê-lo, era uma desculpa muito pobre.

—Quer me atormentar ou me tentar?

—Um pouco de tudo.

Riu com descaramento.

—Obrigado por sua generosa oferta, mas não posso aceitar seu sangue.

Tinha a rechaçado novamente.

—E por que diabos não? É tão bom como de qualquer outra.

Agora os olhos de Saint ardiam, como se chamas negras queimassem em seu interior.

—Estou certo disso. —disse com voz rouca e áspera.

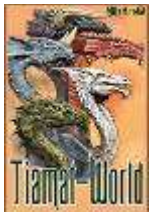
—Então, importar-se de explicar por que sempre recusa tudo o que ofereço? —Sua frustração alcançou uma nova dimensão. —Não estou oferecendo meu coração.

Algo em seu olhar a inquietou. Talvez não usasse as palavras corretas, mas queria lhe assegurar que não esperava nada em troca. Só queria a experiência que ele podia oferecer.

—Porque então, minha pobre pequena, a teria dentro de mim —Deu um passo para ela, não deixando entre eles nem raio de lua.

Cada vez que ela respirava, seus seios roçavam o peito dele. Saint poderia sentir os batimentos de seu coração?

—Teria seu sabor em minha língua —continuou, e inclinou a cabeça para que seu fôlego



acariciasse seu rosto. —Poderia me esvaziar dentro de seu delicioso corpo até não ter nada em meu interior, me saciar com você e você me suplicaria que continuasse. Poderia fazer isso e muito mais, até conseguir que você me desejasse tanto como eu a você.

Ivy engoliu saliva, mas tinha a boca seca. Os quentes dedos acariciaram seu rosto e foram descansar em seu pescoço, onde pulsava a veia.

—Se esta tentando me assustar, não está funcionando. —Mas era justamente o contrário.

O rosto dele era implacável.

—É uma distração muito perigosa, e não convém a você brincar comigo. Apesar do muito que isso tente a ambos.

Talvez agora sim devesse estar assustada, mas não estava.

—É por isso que não quis deitar comigo? Porque tem medo de... Gostar do meu sabor?

Segurou seu queixo levantando assim seu rosto para que só pudesse olhá-lo nos olhos.

—Porque temo a obsessão que tenho em possuí-la. Temo que seja exatamente o tipo de mulher que poderia me levar a cometer loucuras.

Ivy sorriu insegura. Pela primeira vez desde sua chegada, assustou-se um pouco.

—Isso é um elogio?

Esboçou um sorriso torto.

—Suponho que pode tomá-lo como tal, mas por mais tentadora que seja tesouro, tenho intenção de resistir. —Soltou seu queixo.

—Então não terei alternativa a não ser aceitar. —disse a jovem.

Saint deu um suspiro de alívio, como se tivessem lhe tirado um grande peso de cima, e Ivy quase riu do que pensou. Quase.

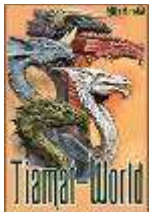
Deitar com um vampiro talvez fosse perigoso, talvez estivesse louca por ficar em uma situação tão perigosa, mas desejava fazê-lo. E por ele dizer que não convinha, fez que o quisesse ainda mais.

Oh! Não mentiu quando disse que entendia a sua recusa. Assim era. Mas não falou nada sobre que tentasse fazê-lo mudar de opinião.

Saint retornou para casa antes do amanhecer, saciado, mas não satisfeito. A única que poderia satisfazê-lo estava no quarto acima, mas sabia que não devia nem pensar nisso.

Na escuridão de seu quarto tirou suas roupas e deitou na cama, depois de pôr o despertador em cima da mesinha programado para soar uma hora mais tarde. De todos os inventos que apareceram ao longo dos séculos, esse era o que menos gostava, mas também era um dos mais úteis. Não precisava dormir muito, mas desfrutava disso quando podia fazê-lo. Despertar a um vampiro era potencialmente perigoso para a pessoa que o fazia, embora o vampiro em questão estivesse bem alimentado, e queria estar bem bonito quando Ivy aparecesse com suas fotografias.

Na noite anterior disse-lhe a verdade. Para ele era perigoso ficar com ela; e não só no que se referia a seu coração. Os vampiros eram criaturas muito sensuais e saboreando uma vez não teria



o bastante; e muito menos agora que se negava a beber de outra garota. O cheiro de Ivy era o único que o atraía de toda a casa, e esse tipo de vício podia ser muito perigoso para o humano em questão. Convertê-la em vampiro tampouco seria fácil, e para sua desgraça, ele sabia disso em primeira mão.

Não. O melhor era lutar contra essa atração. Aquela garota mulher o enlouquecia. Estava em sua pele até o ponto de morrer de vontade de vê-la e de estar com ela.

De fato, seu rosto foi o último que veio à mente antes de dormir. Não sonhou, nunca o fazia, simplesmente, afundou-se na aprazível escuridão até que o pequeno relógio que estava junto à cama soou. Esmagou-o quando foi pará-lo, afinal já tinha completado sua missão.

Como costume, foi ao banheiro adjacente ao quarto e se ocupou de seu asseio pessoal, que incluía uma ducha e barbear. Adorava tomar banho. Estar sob uma cascata de água quente e eliminar de seu corpo a imundície do dia o enchia de vitalidade.

Depois, com uma toalha atada à cintura, ficou frente ao espelho para barbear-se. Era um dos poucos rituais que mantinha de sua época de humano, pois nos vampiros crescia a barba como nos homens, talvez inclusive mais rápido. As criaturas não eram sem vida como descreveu Bram Stoker; seus corações pulsavam, seus pulmões respiravam... Embora não tão frequentemente como os dos mortais. Seu velho amigo Dreux estava convencido de que eram demônios. Possivelmente por isso se levantou uma manhã e foi ao encontro do sol.

Saint não se importava em ser um demônio. Não se importava que o rosto refletido no espelho não tivesse o aspecto que deveria ter. Tampouco lembrava o aspecto que tinha antes. Ele era o que era, e não tinha nenhum problema em aceitar. De fato, não se ressentia pelo que aconteceu, gostava que assim fosse.

Mas nos últimos cinquenta anos, tinha começado a querer algo mais.

Uma batida na porta interrompeu esses pensamentos, bem a tempo de evitar que ficasse sentimental.

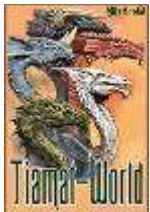
—Entre.

Tirou do rosto o resto do sabão com água e toalha quente e foi dar a boas-vindas a sua visita.

Era Ivy, é obvio. Entrou no quarto como uma brisa de verão, cálida e doce, terrestre e etérea. Levava seu cabelo cor de mel recolhido em um coque frouxo na nuca, proporcionando um pouco de luz a seu rosto. Sua sensual figura estava envolta em um vestido azul que recordou às pétalas do jasmim sob a luz da lua. Como as outras moradoras da casa, não usava espartilho como ditava a moda; assim tinha mais liberdade de movimento.

Que outras coisas teriam em comum com as garotas do bordel? Ao crescer em Maison Rouge, aprendeu a dar prazer a um homem só escutando os relatos das outras mulheres? Ou talvez as observasse? Madeline jamais permitiria que sua filha trabalhasse ali, disso estava seguro. Queria algo melhor para ela.

Mas Ivy Dearing fazia sempre o que tinha vontade, e estava acostumada a conseguir o que queria.



Isso não era nada bom para a decisão de resistir a ela.

—Bom dia, Ivy.

Fechou a porta e levantou o olhar. A expressão de seu rosto ao ver o estado de seminudez de Saint seria engraçada, caso ele não se sentisse tão adulado.

—Bom dia. —Percorreu-o com o olhar. —Sinto. Não pensei que estava... Vestindo-se.

Sorriu. Era uma coquete sem remédio.

—Uma circunstância que tem fácil solução. —Sabia que estava errado, mas de repente teve a necessidade de torturá-la, como ela o torturou oferecendo seu corpo e seu sangue. Foi ao o armário e ao abrir a porta, olhou-a por cima do ombro. —Importa-se?

—Continue. —O desafiou com seus olhos cor de jade.

Saint tirou a toalha e ficou sem nada.

Se não fosse seu aguçado sentido de audição, não teria percebido o suspiro que saiu de seus lábios. Escolheu a roupa tentando demorar o máximo possível, sentiu que ela o devorava com o olhar. Estava o provocando? Aquela garota era verdadeiramente atrevida.

Pela extremidade do olhar, viu que ela seguia observando-o. Com olhos famintos, percorria seu corpo nu parando em cada dobra, em cada músculo. Lambeu os lábios e quase lhe escapou um gemido. Talvez estivessem secos, pensou ele, ou talvez pensasse em mordê-lo.

Uma sensação muito familiar o invadiu e o sangue de seu corpo se concentrou em sua virilha. Ivy teria notado?

Com rapidez, antes que sua intenção de provocá-la voltasse contra ele, colocou as calças e passou uma camisa pela cabeça. Deixando-a por fora, para ocultar seu penoso estado. Virou para ela.

Ao menos, teve a satisfação de ver que ela estava completamente decomposta.

Apontou a maltratada caixa que trazia nos braços.

—Trouxe as fotografias?

O olhou um segundo antes de concordar.

—Sim. —E lhe entregou a caixa.

Pegando-a, Saint foi até a mesa para abri-la. Ela o seguiu.

—Tem um traseiro lindo —disse.

Com as mãos na mesa, Saint jogou a cabeça para trás e riu. Voltou a olhá-la com um sorriso. Ela percebeu que ele quis provocá-la.

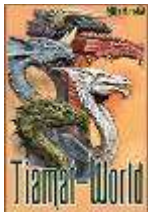
—Obrigado.

Ivy devolveu o sorriso.

—Talvez a próxima vez não tenha tanta pressa em se vestir. —disse.

—Não haverá uma próxima vez —informou ele firme, mas sem deixar de sorrir, e abriu a caixa.

—Que lástima. —Então, ela também centrou sua atenção nas fotografias. —São todos os retratos que fiz de mulheres. Dado que todas as vítimas fossem mulheres, pensei que seriam os mais interessantes.



Saint assentiu, impressionado pela rapidez que passou da paquera à seriedade absoluta.

—Não acredito que haverá vítima masculina. Este tipo de crime na maioria das vezes é cometido contra um dos dois sexos.

—E por que acredita que ocorre isso?

Ele inclinou a cabeça.

—Não sei. Talvez porque os homens que os cometem precisam sentir-se poderosos e as mulheres são presas mais fáceis.

O lindo rosto dela permaneceu frio e inexpressivo ao dizer:

—Bastardos.

—Sem dúvida.

—Você matou não é? —Ela já sabia a resposta.

—Sim, mas nunca pelo prazer de fazer. E acredito que o nosso assassino gosta do que faz.

—Porque o faz sentir poderoso.

—Sim.

—Você não precisa disso. —Era importante para ela deixar isso claro.

Saint ficou olhando-a, um pouco magoado por ela pensar que ele não tinha consciência disso.

—Sei que sou poderoso. Não preciso manchar as mãos de sangue para demonstrar.

—Ofendi você?

—Ainda não, mas acredito que está a ponto de fazê-lo.

Ivy se ruborizou.

—Sinto muito. Não era minha intenção compará-lo com esse monstro. É que estou tentando entender o porquê.

—Não tente. Não conseguirá.

Era só isso que tinha para dizer a respeito no momento. Se dependesse dele, Ivy viveria o resto de sua vida feliz em um mundo onde essas coisas horríveis não acontecessem. Jamais conheceria a dor de perder a um ser querido. Não veria morrer as suas amigas nas mãos de um sádico assassino.

Mas então Ivy não seria Ivy, e isso sim seria uma tragédia. Em um país cheio de rosas insossas e ervas daninhas, ela era uma orquídea.

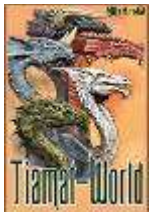
E ele, ao que parece, estava a ponto de converter-se em um maldito poeta.

Olharam juntos as fotografias. Ivy as classificara por temas. Havia muitas da senhorita Maxwell, Clementine e Goldie, e também de outras mulheres que trabalhavam no Maison Rouge e outras que não.

Saint não encontrou nenhum denominador comum entre elas, exceto que todas posaram para Ivy. As fotografias representavam diferentes cenas com tipos diferentes de fantasias, que iam do clássico ao mais moderno, de recatados a escandalosos.

—Quem é? —perguntou. —Se parece com você.

Ivy olhou a fotografia que o vampiro segurava. Seus lábios esboçaram um sorriso que



enterneceu Saint.

—É minha irmã, Rose. Retratei-a o ano passado, quando nosso pai se foi da cidade e ela conseguiu escapulir.

—A vê frequentemente?

—Não o suficiente. —Eliminou qualquer emoção de seu rosto e Saint soube que a conversa tinha acabado.

Continuou olhando-a.

—Esta é muito bonita. —Mostrou uma fotografia de Clementine em que esta estava escondida entre as sombras, com o rosto muito maquiado.

—Jezebel. —respondeu ela —É uma das minhas favoritas.

—Eu gosto de como brinca com as luzes e as sombras. É muito sugestivo.

—Muita gente acredita que minha obra é masculina. —disse —Você o que acha?

Por seu tom de voz sabia o que queria escutar, mas não tinha intenções de mentir.

—A primeira vista, parece o trabalho de um homem. —Assinalou a fotografia de uma mulher quase nua apoiada em uma cadeira. —Faz que a veja tão sensual, como a fantasia que deseja qualquer homem. Mas, se consegue olhar além dessa sensualidade, pode-se ver a vulnerabilidade oculta em seus olhos, que não é uma fantasia, é algo real, e então dá conta que é impossível que um homem tirasse estas fotos.

—Por quê?

—Porque um homem não perdoa os defeitos de uma mulher a não ser que a ame. Uma mulher os perdoa e depois os ama. Por isso suas fotografias são tão preciosas.

O surpreendeu ver que a jovem tinha os olhos cheios de lágrimas.

—Ivy, querida, não queria ofendê-la.

—Não me ofendeu, emocionei-me. —secou os olhos com as pontas dos dedos.

—Desculpa. Não estou acostumada a ser tão chorona.

Saint sorriu.

—Perdoo você.

—Parece que sabe muito sobre mulheres.

—Conheci muitas. Passo vários anos pelo mundo, lembra?

—Sim. E todas foram suas amantes?

Estava com ciúmes?

—Quase todas. Sobretudo em meus primeiros anos de vida.

—Isso deveriam ser os três primeiros séculos, não?

Por ouvir o tom de brincadeira em sua voz, riu.

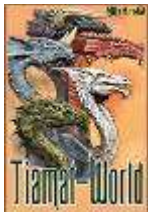
—Os quatro.

—E agora?

Deu de ombros. Aquela conversa era muito séria e íntima para seu gosto.

—Ao final, o sexo pelo sexo acaba sendo aborrecido. Sem sentido.

Ele sabia bem. Nos anos seguintes à morte de Marta, deitou-se com qualquer mulher que



estivesse disposta a isso. E houve muitas.

—Suponho que o número de relações é limitado.

O aliviou ver que ela tratava de aliviar o tom.

—Para um vampiro, é difícil ter relações com uma mulher humana.

—Antes disse que era perigoso.

—É. Sempre termina mal, e isso provoca muito sofrimento.

Ivy franziu o cenho e colocou uma mão em cima da dele.

—Quem era ela?

—Houve muitas. —Não queria falar para ela sobre Marta. —O amor é uma emoção que persegui toda minha vida, igual a outros homens desfrutaram da caçada ou da arte de fazer dinheiro. Sempre gostei de me apaixonar, e aproveitei todas as oportunidades que me apresentaram.

—Mas?

—Mas as mulheres humanas envelhecem. Adoecem. Morrem.

—Está em suas mãos pará-la, não é? Pode converter em vampiro a mulher que você ama.

—Em teoria sim, mas há quem não aguento a imortalidade e acaba enlouquecendo. Às vezes, a troca de sangue sai mal. Às vezes, simplesmente, a mulher não quer converter-se em vampiro; há alguns aspectos desagradáveis na transformação, sabia?

—Imagino.

Saint baixou a olhar.

—A última foi Marta. Pertencia à nobreza romena, a conheci há alguns anos atrás. Era muito infeliz em seu matrimônio e eu era viciado em sua beleza e seu senso de humor. Não me importou que estivesse grávida de seu marido, eu só queria estar com ela.

—O que aconteceu?

Saint desviou o olhar e, através dos anos, chegou a sua mente a imagem que procurava. Sentia-se já tão alheio a essa lembrança, que era como observar uma das fotografias de Ivy.

—Morreu ao dar a luz. Tentei transformá-la, mas era muito tarde. Esperei que nascesse o bebê porque não sabíamos como isso podia afetar o pequeno.

—E o bebê sobreviveu?

Saint sacudiu a cabeça.

—Também morreu.

Voltou a sentir um pouco de dor, mas era mais uma lembrança que uma emoção. Essa ferida se fechou; todas fechavam com o tempo, mas ficava a cicatriz.

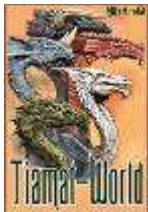
—Ainda acredita no amor?

—Sim, claro. E eu quase não acredito em mais nada. Você não?

Ivy o deixou sem fala, quando negou com a cabeça.

—Acredito que o amor é simplesmente uma euforia induzida pela luxúria. Quando a luxúria desaparece, também o fazem os sentimentos que a acompanham.

—É uma visão muito amarga para alguém tão jovem como você.



—Fui criada em um bordel, Saint. Ouvi centenas e centenas de homens proclamarem seu amor enquanto estão na cama de uma das garotas, e tratá-las como escória no dia seguinte. Vi o que o amor fez a minha mãe. Meu pai jurou devoção eterna, até que disse que estava grávida. Então a jogou na rua. Ela era sua amante, sabia?

Ele assentiu, sentindo de repente uma grande pena por aquela pobre garota.

—Sabia.

—Claro que sabia. Você a encontrou. Você a trouxe aqui.

—Verdade.

—Obrigado.

Ele não respondeu. Não queria sentir nenhum tipo de responsabilidade por ela.

—O amor não é real —continuou Ivy—A amizade sim. A luxúria também. Mas a ideia de não ser capaz de viver sem a outra pessoa... É uma tolice. —Olhou em seus olhos—Não me olhe assim.

—Assim como?

—Como se sentisse tristeza por mim. Acredite, estou muito melhor assim.

Saint se limitou a arquear uma sobrancelha como resposta. Algum dia apareceria alguém que ensinaria a Ivy o que significava apaixonar-se. E só de pensar nisso, sentiu uma pontada no coração... Porque gostaria de ser esse alguém.

Capítulo 8

—Acredita no amor?

Sentada no fofo banco daquela linda carruagem descoberta, Ivy desviou o olhar das nuvens e olhou ao homem que estava a seu lado.

Os olhos de Justin eram quase da mesma cor que o céu.

—Claro. Você não? —respondeu ele.

Ivy começava a acreditar que talvez fosse um inseto estranho.

—Não estou certa. —A honestidade pôde mais. —Não. A verdade é que não.

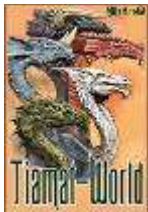
Rindo, Justin puxou as rédeas daquelas duas belezas negras e dirigiu para o lado da estrada. Eles foram passear pelo Hyde Park, desfrutando de um dos últimos dias do verão.

Ou ao menos tentavam, pois dois homens de Saint os seguiam a uma distância prudente.

Quando a carruagem parou, Justin trocou de postura até ficar frente a ela. Estirou os braços, e seus bronzeados dedos quase roçavam as mangas de seu vestido. Ivy poderia deslizar-se sobre o banco até ficar entre seus braços, mas não o fez.

Não podia deixar de pensar nos dedos de Saint; nos longos e fortes que eram. Na pequena tatuagem que tinha no dorso da mão esquerda e que havia dito que era o símbolo chinês da sorte; a melhor amiga de um ladrão.

Então se sentiu culpada por pensar em outra coisa que não fosse o monstro que matou as



suas amigas. Não era momento de sair a passear com um homem bonito, nem de pensar em outro; não quando as mortes de Clementine, Goldie e Priscila continuavam sem solução.

—Não acredita no amor? —perguntou Justin atônito.

—Acredito no amor que uma mãe sente por seu filho. Acredito no afeto que um irmão pode ter pelo outro, e que isso também existe entre amigos. Mas o amor de que falam os poetas não acredito que seja real.

—Só diz isso porque ainda não o experimentou. —respondeu ele, muito presunçoso para o gosto de Ivy.

—Não sou nenhuma menina, e tampouco sou idiota, Justin. Não tem por que ser condescendente comigo.

O jovem riu.

—Só me limito a assinalar um fato. Como pode acreditar no amor se nunca o viu? Não me leve a mal, querida, mas um bordel não é o lugar ideal para aprender o que é esse sentimento.

—Vi o que o amor fez a minha mãe.

—Viu o que amar ao homem errado fez a sua mãe.

Ivy franziu o cenho.

—Começa a falar como Saint. —logo que as palavras saíram de sua boca, soube que cometeu um engano ao mencionar isso.

Esse condenado vampiro não deixava de obcecá-la nem sequer durante seu passeio.

—Ah! O misterioso senhor Saint. —Os perfeitos lábios de Justin esboçaram um sorriso— Como conseguiu escapulir sem que ameaçasse ficar sentado entre você e eu?

Só de imaginar a cena que Justin acabava de descrever, Ivy começou a rir.

—Tive sorte.

Ou, dito de outro modo, o sol brilhava no céu.

—Suponho que percebeu que está interessado em você.

—Está equivocado.

Os azuis olhos do jovem se cravaram nos seus.

—Não gosta que saia comigo.

—Ele mesmo me disse que não se importa nenhum um pouco se nos deitarmos, desde que quando o fizermos seja sempre no Maison Rouge para que assim possa me proteger. Parece a você o comportamento típico de um homem ciumento?

Provavelmente não deveria ter contado isso a Justin, mas acostumou-se a ser sincera com ele.

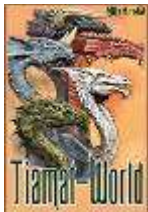
O jovem flexionou o braço e apoiou o queixo na palma da mão enquanto a olhava.

—Quer fazê-lo?

—Quero fazer o que?

—Deitar-se comigo. —Não parecia sentir vergonha nem insegurança, somente... Curiosidade. Muita curiosidade.

Oh, Deus!



—Justin, somos amigos.

Um sorriso malicioso cruzou seus lábios quando voltou a sentar ereto.

—Nunca pensou que poderíamos ser algo mais?

—Eu... Sim, pensei nisso, mas... —Maldição. Não esperava que ele a perguntasse.

Por sorte, Justin evitou mais humilhação colocando uma mão no ombro para que deixasse de gaguejar.

—Não passa nada, Ivy. Entendo.

—Não acredito. —Franziu o cenho. Como podia fazê-lo compreender? —Eu gosto de você.

Ele a olhou nos olhos.

—Mas não o suficiente.

Não, e ela não se deu conta até esse preciso momento.

—Merece alguém que acredite no amor e tudo isso.

—Talvez você pudesse tentar.

Ivy não pôde evitar sorrir. Que mulher poderia resistir aos encantos daquele moço loiro?

—Poderia, sim.

Talvez conseguisse, ou talvez não. Quando encontrassem o assassino e Saint fosse embora...

Deus, por que tudo tinha que girar ao redor do vampiro?

Em apenas uns dias, ele havia compreendido sua obra muito melhor do que sua mãe jamais teria. Ele se sentia atraído por ela porque era humana, porque para ele, Ivy era a fruta proibida. Era também isso o que o atraía a ela? Que fosse perigoso? Ou porque sabia que ia abandoná-la como seu pai tinha abandonado a sua mãe?

Os homens sempre se vão. Por outra parte, não saberia o que fazer com um que ficasse, e muito menos com um que ficasse para sempre.

Não sabia o que a fez levantar a cabeça nesse preciso instante, mas ao ver o homem que passava na carruagem que passava junto deles, ficou sem fôlego.

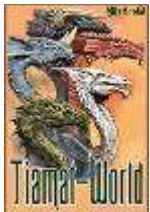
Era seu pai, o Barão Hess. Vestido à última moda, com todo o luxo próprio de um homem de seu status. Com ele estavam sua esposa e filha, e a Ivy doeu não poder saudar sua irmã publicamente, pois isso seria para Rose uma situação muito embaraçosa.

Com o olhar gélido, Ivy inclinou a cabeça para seu pai. A baronesa, por sua parte, ruborizou-se ao ver a filha bastarda de seu marido. Era óbvio que sabia quem era. E Rose sorriu às escondidas.

Tinha conhecido a sua irmã muitos anos atrás, quando um dia cometeu a loucura de ir ver seu pai. Ambas encontravam-se em segredo sempre que podiam, e organizavam pequenas reuniões quando sabiam que ninguém saberia. Jamais falavam em público, mas sempre sorriam uma para outra. Não era a relação que Ivy teria desejado ter com Rose, mas tinha que conformar-se com isso.

Ficou olhando, mesmo quando já tinham avançado, e consciente de que seu olhar fixo esbarrava a má educação. Viu que sua irmã virou para olhá-la.

Ivy elevou uma mão e a cumprimentou. Rose devolveu a saudação até que sua mãe agarrou



furiosa sua mão.

—Está bem? —perguntou o jovem preocupado. Seguro que ele sabia o que aquela família era para Ivy. Seguramente que todos de Londres sabiam.

—Eu gostaria de ir para casa, Justin. —Ver seu pai não estragou-lhe o dia, mas queria estar com sua mãe.

Queria estar junto de Saint, embora isso não tivesse sentido.

—Claro.

Quando retornaram a Maison Rouge, Justin perguntou se tinham mais pistas sobre a identidade do assassino, e Ivy compreendeu que nesse assunto não devia ser sincera. Se contasse que ela fotografou as três vítimas, ele poderia se envolver na questão de sua proteção, e quem necessitaria de mais proteção além de Saint e seus homens?

—Os policiais não têm nem ideia para onde ir. —decidiu responder.

—E a imprensa publica qualquer tolice que faça vender mais jornais —acrescentou ele. —O que acha dessas especulações a respeito de que Jack o Estripador voltou?

—Espero que sejam só isso... Especulações.

—Por enquanto a imprensa não apoia esta teoria —respondeu ele, dando de ombros.

—Só porque a senhorita Maxwell não era uma prostituta.

—Ainda há quem acredita que a palavra “atriz” é sinônimo de puta. —replicou Justin com um sardônico sorriso.

—Ainda? Acreditava que a estas alturas isso já estava superado. —Observou a cidade que desfilava através deles. —E Justin, odeio essa palavra. Há muitas maneiras menos decentes de ganhar vida que optar por vontade própria, satisfazer uma necessidade básica.

—Entendido. Aceite minhas desculpas.

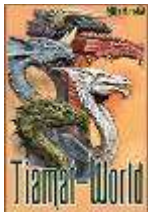
Passaram o resto do caminho em um cômodo silêncio. Às vezes, um dos dois falava e o outro respondia. Inclusive tinham mantido alguma pequena conversa, mas nenhum deles se sentiu obrigado a preencher o silêncio.

O que foi incômodo para Ivy foi à chegada a sua casa. Depois de acompanhá-la até a porta, Justin a rodeou com seus braços e a beijou. Era forte e musculoso e cheirava a maçãs. Tinha uns lábios fortes e quentes, e era agradável senti-los sobre os seus. E embora aquele beijo não lhe despertasse um sentimento de total abandono, mentiria se dissesse que não sentiu nada. Com algum esforço, Justin poderia persuadi-la de que o visse como algo mais que um amigo... Quando Saint já não estivesse por lá.

O jovem pintor a deixou com um sorriso nos lábios e com a promessa de que voltaria logo para visitá-la, e Ivy entrou na casa perguntando-se como se sentia.

O bordel estava tranquilo, exceto pelos empregados fazendo suas coisas e alguma outra garota vagando por ali. Não demorariam a jantar e logo se preparariam para a noite.

Ivy subiu a escada que conduzia para seu quarto, disposta a tirar um cochilo antes do jantar. Essa noite queria ajudar Saint a continuar analisando as pistas sobre o assassino. De momento, não tinham nada substancial ao que agarrar-se, e a cada dia que passava sem que obtivessem uma



pista, mais difícil seria pegar o assassino.

Abriu a porta de seu quarto e entrou sem ligar a luz. As cortinas das janelas estavam fechadas, impedindo assim que entrasse o sol do entardecer.

Ela as deixou abertas antes de sair. Mas mesmo assim, fechou a porta e entrou no quarto totalmente escuro.

—Você se divertiu?—perguntou uma voz sensual escondida entre as sombras.

Um delicioso calafrio percorreu sua espinha e virou em busca de quem tinha pronunciado essas palavras.

Saint estava deitado em sua cama, uma silhueta desenhada sobre sua colcha e os almofadões brancos. Não necessitava ver seu rosto para saber que a estava olhando. Não era justo que ele pudesse ver muito melhor que ela a ele. Gostaria muito de contemplá-lo ali sobre seu leito.

—Sim. —respondeu deixando o chapéu na penteadeira. —Muito. —havia um pequeno abajur, o acendeu.

A cama rangeu quando ele levantou e atravessou a escuridão até ficar frente a ela, sob a luz. Ivy não pôde ver seu rosto até que ficou a poucos centímetros do dele.

Não estava muito contente. Viu-o inspirar profundamente, levantando a cabeça ao fazê-lo, como um gato farejando o ar.

—Esteve com o Fontaine —disse, em um tom tão escuro como o quarto.

—Sim. —Instintivamente, cruzou os braços, só para descruzar, segundos depois.

—Não tem por que ficar preocupado, levei a dois de seus homens.

—Ele a tocou.

A isso que se devia essa cena?

—Não que seja da sua conta, mas sim, beijou-me.

Se soubesse como deveria saber, temeria o estranho brilho que apareceu em seus olhos, em especial dada a pouca luz que havia no quarto, mas Ivy não sabia. Só de ver que estava com ciúmes, seu coração pulou de alegria.

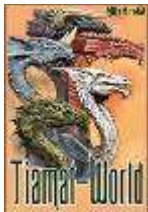
—Não posso suportar cheirá-lo sobre sua pele. —As palavras saíram de sua boca como se doessem, e pareceram humanas.

—Acredito que Justin cheira bastante bem. Cheira a maçã. —Muito conscientemente, estava provocando-o.

De repente, Saint a abraçou. Silencioso mas implacável afundou os dedos em seus cabelos, com os polegares debaixo de suas orelhas; sujeitava-a não muito forte para machucá-la, mas sim o bastante para que não pudesse se separar dele, no improvável caso de que ela quisesse fazê-lo.

Devorou-a com os lábios, quentes, doces e insistentes; não querendo castigar, como ela tinha temido. A boca de Saint se amoldou a dela, suplicando com gestos que o deixasse entrar para poder saboreá-la com sua língua.

As mãos de Ivy procuraram os ombros dele para segurar-se enquanto derretia por dentro. Assim era como acreditava que tinha que ser um beijo entre apaixonados. Isso era o que tinha



sentido falta no beijo de Justin. Não tinha nada a ver com a técnica e sim com as emoções que despertava uma língua acariciando a outra, uns lábios que encaixavam a perfeição.

Era esse homem, esse vampiro, que fazia que fosse diferente. Desejava-o de um modo que possivelmente não estava disposta a reconhecer, nem sequer a ela mesma. Não o entendia, mas assim era. Não sabia se o vampiro conseguiria encontrar o assassino, como tinha pedido. Somente sabia que, depois dele, sua vida jamais voltaria a ser a mesma.

Saint a soltou com a mesma brutalidade com que a tinha abraçado, e separou-se dela como se seus lábios o queimassem.

—Agora —disse emocionado —tem meu cheiro

E sem acrescentar nada mais, saiu do quarto deixando-a sozinha. Talvez devesse sentir que tornou a rechaçá-la, mas não foi assim. Na verdade, sentia justamente o contrário.

Saint a havia impregnado de sua essência. A tinha marcado.

Tinha a marcado como dele.

Antes que o Maison Rouge abrisse suas portas esta noite, Saint saiu para caçar. Não tinha fome, simplesmente precisava queimar um pouco de energia. E precisava afastar-se de Ivy durante um tempo.

Tinha que encontrar o assassino, e logo. Quanto antes se fosse de Londres, muito melhor. Ivy encontraria refugio em Fontaine e tudo voltaria para a normalidade.

Exceto que Saint não queria que Fontaine estivesse com ela. Queria-a para ele e só para ele.

A conhecia desde que nasceu. Agora, depois de somente uma semana, sentia-se possessivo com ela. Isso era um recorde, inclusive para alguém como ele.

Tentou deixar de pensar em Ivy enquanto percorria os túneis de debaixo das ruas. Quando esteve o bastante longe da casa, saiu à superfície através de uma linha de trem. Procurou um beco e escalou o edifício até chegar ao telhado. Dali, elevou-se para o céu, e foi a seu destino.

Não sabia por que podia voar, mas desde que ele e seus amigos se converteram em vampiros, seis séculos atrás, podia fazer. Na verdade, Saint sabia muito pouco a respeito de sua espécie e de suas origens. E parecia bem seguir assim. Conhecia suas debilidades e seus pontos fortes. Que mais precisava saber?

Ezekiel estava fora, dando por finalizada a jornada. Desta vez, Saint optou por fazer ruído e adverti-lo de sua chegada.

O velho fechou a porta principal e, com um sorriso, virou.

—Esperava que viesse.

O vampiro arqueou as sobrancelhas.

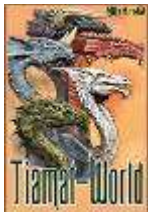
—Ah, sim?

—Tenho informação. Não é muito, mas talvez seja útil.

—Quanto quer por ela? —O homem o olhou sério.

—Não me insulte, garoto; você e eu estamos por cima disso.

Saint riu, e recordou uma época em que era ele quem tinha chamado “garoto” ao outro



homem.

—De acordo, vovô.

Ezekiel ruborizou.

—Deus, às vezes me esqueço do que é.

Saint sorriu e lhe passou um braço por cima do ombro.

—Não se preocupe por isso. E esta informação que diz ter para mim?

—Ontem veio um de meus clientes habituais, um cavalheiro que tem um problema com o jogo. Em ocasiões, aceito que me pague com informação.

Assim Ezekiel se converteu em credor. Interessante.

—E?

—Ao que parece, estava em um elegante café da Rua St. James quando por acaso ouviu uma conversa. Dois homens de classe alta falavam de como essas duas pobres garotas acabaram mortas.

Saint não corrigiu a insinuação de que elas tinham a culpa do que lhes tinha acontecido. Estava muito impaciente por ouvir o resto.

—Continua.

—Um disse ao outro que ele demonstrou ser mais confiante que seu predecessor. E este se queixou então de que os jornais seguissem comparando-o com o Jack o Estripador.

A esperança começou a correr pelas veias de Saint.

—Viu bem os dois tipos?

Ezekiel sacudiu a cabeça como se fosse um cão abandonado.

—Nesse instante, meu informante começou a falar de maneira confusa. Disse-me que não prestou muita atenção, que só ouviu isso. E que só mais tarde deu importância.

—Maldição. —Não descobrira nada, exceto que teve razão ao suspeitar que o assassino aparentasse ser um cavalheiro de classe alta.

—Disse que o primeiro que felicitava ao outro, era mais velho. E que parecia pertencer à aristocracia.

Certo, e quantos aristocratas havia? Só na Inglaterra deveria haver centenas. Deus!

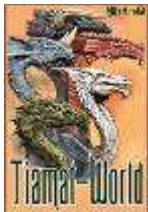
—Também disse que o jovem mencionou uma “Ordem”. Disse que não havia nenhuma pista que relacionasse os crimes a ele nem à Ordem.

Isso tampouco o ajudava, mas sim levantou mais questões. Cavalheiros que pertenciam a uma organização secreta? Deles saía o assassino? Se esse era o caso, ainda seria mais difícil encontrar a esse bastardo. Grupos como esses fechavam sociedades e protegiam uns aos outros. Na época, houve rumores de que Jack o Estripador pertencia a uma sociedade desse tipo.

E jamais ninguém descobriu sua identidade.

Não tinha nenhuma vontade de contar essa informação a Ivy. Talvez Madeline soubesse algo. Os homens ficavam descuidados quando uma mulher os prendia pelas coxas. Possivelmente o assassino falou algo sobre essa ordem a alguma das garotas em alguma de suas visitas.

—Obrigado, amigo. —apertou a mão de Ezekiel com especial cuidado pelo reumatismo que



Ihe deformava os nódulos—Estou em dívida com você.

O homem esfregou o queixo com um brilho especial nos olhos.

—Poderia me vender esse broche que comprou de mim a um preço menor.

Saint riu.

—Nem o sonhe.

Não ficou muito tempo mais, pediu ao ancião que contatasse com ele na Maison Rouge se descobrisse algo mais. Logo, saiu de Whitechapel e retornou ao bordel.

Logo que atravessou a entrada subterrânea que conduzia a seu quarto, o cheirou.

E o coração quase parou no peito.

Atravessou a adega correndo e subiu até o andar de cima. Emily, a governanta, estava descendo as escadas quando o viu aparecer pela porta secreta.

—Senhor Saint? —Empalideceu ao vê-lo—O que ocorre?

Ignorou á ela sem saber o que dizer. Várias garotas que acabavam de entrar com seus clientes o olharam.

Apenas se deu conta de que Ivy também estava ali. Pela extremidade do olho, a viu no salão, junto ao Fontaine.

—Saint?

Ele também a ignorou, e subiu a escada a toda velocidade, saltando os degraus de dois em dois, muito mais rápido do que o faria qualquer humano.

Ivy se apressou a segui-lo, igual a Fontaine e os outros. Ele acelerou o passo para assegurar-se de que era o primeiro a encontrá-lo.

Os quartos das garotas estavam no primeiro andar, justo ao lado da escada que conduzia ao segundo, onde estava o resto dos quartos. Saint correu para essa escada, atravessou o corredor e parou na segunda porta da direita. Não parecia diferente das outras, mas sabia sem dúvida nenhuma que ali dentro estava o que procurava.

Os dedos dele tremeram um pouco ao segurar a maçaneta para fazê-la girar. Abriu a porta e uma quebra de onda de ar quente alagou os sentidos com o característico aroma do sangue fresco. Em abundância. Também algo mais que isso.

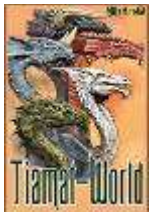
A garota estava na cama. Com a camisola negra que usava, parecia um anjo caído, e tinha um lenço de seda ao redor do pescoço. Não parecia morta. Não parecia que seu assassino a tivesse degolado, mas isso era o que tinha acontecido. Saint sabia que debaixo daquele lenço ensopado de sangue havia uma horrível ferida, e que o tecido negro da camisola ocultava que também havia arrancado o útero.

Deveria ter ficado ali. Poderia detê-lo. Pegar ao bastardo.

Mas não foi assim. Fosse quem fosse esperou até que Saint saísse?

Como diabo poderia saber? Não saiu pela porta principal, à vista de todos. O único modo em que o assassino poderia descobrir era perguntando por ele ao chegar, ou que uma das garotas o houvesse dito sem pensar.

Fora como fosse, era revelador e inquietante descobrir que o assassino conhecia o bastante



bem a casa para que ninguém suspeitasse dele ao vê-lo subir a esse segundo andar.

Mas não confiava em que alguém o tivesse visto. Certamente que o muito bastardo foi bastante precavido para assegurar-se de que assim fosse. Ele estava esfregando isso na cara do mestre.

E o aroma de sangue ocultava qualquer outro que poderia ter ficado no quarto. Nem sequer podia rastrear ao filho da puta.

Ouviu vários passos, vários e muito rápidos, que se aproximavam da porta. Sem perder um segundo saiu ao corredor e fechou a porta, bem a tempo de impedir a passagem das pessoas atrás dele, assim como ao resto dos ocupantes da casa.

—O que aconteceu? —perguntou Ivy, pálida como cera—Daisy está bem?

Saint olhou em seus olhos.

—Chame a polícia —disse. Quando ela tentou afastá-lo para entrar, deteve-a—Não vai entrar aqui. —Falo sério. —Se fosse necessário, a impediria pela força. Olhou a Fontaine, que também o tinha alcançado. —Muito menos você.

Os brilhantes olhos da garota se encheram de lágrimas.

—Diga-me que não está morta.

Sem se importar com Fontaine e os outros, Saint a rodeou com os braços e a estreitou contra seu peito.

—Sinto tanto... Ivy.

Seus soluços rasgaram seu coração e destroçaram sua alma. Era culpa dele. De algum modo, o assassino descobriu que não estava na casa e aproveitou para atacar. E agora devia estar rindo da inaptidão de Saint.

Devia estar rindo de todos eles.

Capítulo 9

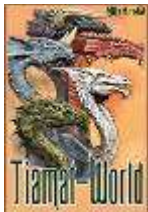
Já era uma da manhã quando por fim chamaram a polícia. Antes das autoridades chegasse a Maison Rouge, Saint colocou seus homens nas saídas e levou a cabo sua própria investigação.

Alguns dos cavalheiros presentes ficaram ofendidos por serem tratados como vulgares criminosos, mesmo não sendo. Melhor que fosse Saint quem os interrogasse que a polícia, ou logo veriam seus nomes em todos os jornais na manhã seguinte.

Primeiramente o que vampiro fez foi examinar o quarto de Daisy. Entrou nele e a analisou o mais exaustivamente que pôde. Ele tinha mais probabilidades de encontrar algo que os detetives, mas só descobriu uma pequena marca na bochecha da garota, perto de seus lábios.

Parecia um pequeno cálice. Não tinha explicação para isso, ao menos não no momento, mas era a única pista.

Sentou na cama e, com delicadeza, voltou a colocar a cabeça de Daisy tal como estava.



—Pobrezinha. Merecia viver muito mais.

O corpo da jovem ainda não estava frio de todo, de modo que não fazia muito tempo que estava morta. Alguém que estava ali naquela noite tinha feito aquilo. Possivelmente um convidado, talvez um dos empregados. Esse pensamento foi como uma mancha escura que foi ocupando sua mente, e ficou de pé de um salto para retornar ao salão, no andar inferior, onde tinha deixado a todos.

Quando entrou, Ivy estava de pé junto à porta.

—E? —perguntou—Encontrou algo?

Se qualquer outra pessoa tivesse perguntado, não teria respondido. Mas nesse caso, optou por pegar sua mão e dar um carinhoso apertão. Ao contrário da garota do quarto, ela estava gelada.

Um a um, lançou um olhar procurando por todos os presentes. Alguns tinham os olhos vermelhos e inchados pelas lágrimas. Outros pareciam hostis, ou assustados e confusos.

—Preciso falar com cada um de vocês em privado —disse—Prometo que os segurarei o menor tempo possível.

Provavelmente, o assassino era um bom mentiroso, e não esperava obter uma confissão ali mesmo, mas confiava em detectar algum gesto que o traísse, ou inclusive o aroma do sangue que seguramente ainda devia impregnar suas roupas.

De jeito nenhum, não absolutamente, ia permitir que saísse levemente, não depois do que tinha feito.

O primeiro foi lorde Brennan, que se mostrava agressivo, mas era óbvio que a tragédia o havia afetado.

—Daisy sempre tinha sido uma de minhas preferidas —explicou.

—Esteve com ela esta noite?

—Não. Com Agatha. Eu gosto de variar. —Abriu os olhos com pratos. —E se tivesse estado com ela? Deus, talvez também tivesse me matado.

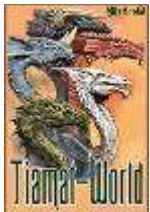
Saint arqueou uma sobrancelha. A presença de Brennan teria servido para salvar Daisy, e não ao contrário.

—Sim, foi um sortudo.

Os seguintes foram Lord Víctor e seu novo amante, o senhor Artwater, que foram a Maison Rouge como voyeurs, e era evidente que estavam muito alterados. Seguidos do senhor Foster, a senhora Clift e os gêmeos Albert e Edward Barnes, aos que gostavam de compartilhar uma garota. E logo o vigário de Kensington, de nome Barrie; um pintor chamado Gerard e seu amigo o senhor Revierre, que estava em Londres de férias; uma atriz chamada senhorita Grace e, por último, Justin Fontaine.

Nenhum estava mais alterado do que era de esperar. Nenhum cheirava a sangue nem tinha restos visíveis. E muitos, como os irmãos Barnes e o senhor Revierre, tinham testemunhas que podiam testemunhar onde tinham estado toda a noite.

Fontaine tinha chegado uns minutos antes que Saint, e não se separou de Ivy exceto para ir



ao banheiro.

Saint não sabia o que pensar. O assassino tinha conseguido penetrar na casa, cometer o assassinato e depois ir sem que ninguém o visse? Ordenou a seus homens que verificassem todas as janelas para assegurar. O quarto de Daisy cheirava a sangue, e havia tanta gente na casa que nenhum aroma destacava por cima de outros. Verificou o livro de visitas para assegurar que ninguém se foi antes. Um olhar bastou para ver que havia uma pessoa sim o tinha feito, Jacques Torrent, o amante de Priscila Maxwell.

Apertou a mandíbula. Acaso Torrent tinha conseguido enganar Ivy e Madelline? Tinha matado as garotas da Maison Rouge assim como a sua amante?

Maddie estava tão alterada que não podia perguntar nada a ela, de modo que Saint optou por mandá-la à cama depois de dar uma colherada de láudano, e prometer que tudo ficaria bem. Era mentira, e ambos sabiam.

—Você também deveria deitar. —disse a Ivy. E, nesse instante, sentiu que jogava em cima sua verdadeira idade, cada inútil ano que tinha vivido—Eu me encarregarei da polícia.

A moça estava branca como o papel, e tinha os olhos vermelhos, mas mantinha as costas erguidas e uma determinação feroz.

—Obrigada, mas eu gostaria de estar aqui durante a investigação.

Ele assentiu e depois procurou Fontaine com o olhar. O jovem virou a sombra de Ivy durante as últimas horas; não se afastava dela nem um segundo, e estava guardando todos seus movimentos.

—Posso confiar em que fique com ela? —perguntou, esfregando sua nuca.

O outro assentiu sem seu vigor habitual.

—É óbvio.

—Perfeito. Espero que cuide dela melhor que eu. —E, com isso, inclinou um pouco a cabeça e se afastou dali. Uns passos o seguiram, tão furiosos e ágeis que quase conseguiram fazê-lo sorrir.

—Saint, espera.

Por estranho que parecesse, parou. Bastava com que pedisse, bom, ordenasse algo, como naquele caso, e ele o fazia. Girou sobre seus calcanhares para ficar frente a Ivy.

—Sim?

Uma ruga apareceu em seu pálido rosto. Estava tão frágil, que Saint só queria fazer era abraçá-la e levá-la a qualquer outro lugar.

—O que quis dizer com esse último comentário?

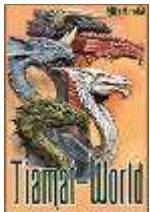
—Exatamente o que eu disse. Nada disto teria acontecido se eu não houvesse dito a sua mãe que voltasse a abrir. Ou se tivesse ficado aqui esta noite em vez de sair.

—Sim. —admitiu ela—E talvez tampouco haveria acontecido se eu não tivesse fotografado a essas mulheres. Não dê uma de mártir Saint. Não é seu estilo.

—Esta noite assassinaram uma garota.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

—Sei. Esse bastardo entrou em minha casa e matou minha amiga. Em minha casa. —



Levantou um dedo para dar mais importância a suas palavras—Quero vê-lo morto, sabe o que quero dizer? Morto. E você é a única pessoa que conheço que pode fazer isso acontecer. Você é a única pessoa em que confio que o faça.

Ficou olhando para ela. Por que ficava sem palavras na presença daquela mulher?

—Está errado —prosseguiu ela secando os olhos com o dorso da mão. Ele nem sequer tinha um lenço que poder oferecer—Como sabe que mataram Daisy enquanto você não estava? Poderia ter feito isso com você aqui, diante de nossos narizes.

Ele negou com a cabeça.

—Não. Teria ouvido algo.

Com tanta música, risadas e gente falando teria podido ouvir seus gritos de socorro? perguntou-se Saint. Ou os teria confundido com gemidos de paixão?

Ou talvez Daisy nem sequer tivesse gritado? Se conhecia seu agressor, possivelmente não tinha dado tempo a emitir nenhum som.

—Ninguém o culpa—sussurrou ela.

Odiava ver aquela compaixão em seu olhar. Queria fechar os olhos e rechaçá-la.

—Não culpe a você mesmo, por favor. Encontre o assassino e dê a estas garotas a justiça que elas merecem.

E saiu, voltou para o lado de Justin, que a rodeou com o braço e a guiou até um sofá. O jovem loiro sentou com ela e tentou consolá-la.

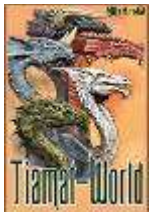
Ivy não queria consolo, disse Saint estava seguro. Queria justiça. E o que era mais importante, queria que ele a proporcionasse.

E por Deus que o faria.

Na manhã seguinte, todos os jornais anunciaram que Jack o Estripador havia retornado. Haviam demorado para ligar os fatos, mas finalmente o fizeram, e recriaram isso. O telefone da casa soava frequentemente e Saint estava a ponto de arrancar da parede, mas Ivy ligou para a operadora e disse que não passasse mais chamadas. Também disse a Emily que, a não ser que fossem amigos íntimos, não deixasse entrar ninguém.

Sem os constantes timbres nem os golpes na porta de entrada, a casa ficou em silêncio, absoluto. Saint passava as noites, e alguns dias, tentando rastrear algo que tivesse deixado passar no quarto de Daisy. Leu o diário da jovem, e também o de Priscila, e revistou todas suas coisas. Revisou a lista de clientes e investigou a todos os homens, e mulheres, que tinham solicitado os serviços de Daisy. Comparou essa lista com a dos clientes de Clementine e os de Goldie. Havia vários nomes que coincidiam entre as três.

—Quem são? —perguntou Ivy quando contou o que tinha descoberto. Por que o havia dito? Em parte porque acreditava que ela deveria saber, mas sobretudo porque tinha vontade de falar com ela. A jovem passou grande parte dos últimos dias cuidando de sua mãe, que estava muito frágil. E também se ocupava de todos os residentes na Maison Rouge, que evidentemente voltava a ficar fechada.



—Um deles é Jacques Torrent —respondeu, enquanto sentavam um de frente para o outro no escritório de Madeline. Era tarde e estavam a sozinhos—O segundo é lorde Brennan.

—Não me surpreende. Jacques é um libertino, e lorde Brennan gosta de acreditar que é um sedutor, quando na realidade é mais um...

—Velho pederasta? —sugeriu ele com um leve sorriso, levando a taça aos lábios.

Gostou de ver que Ivy ficou alegre com o comentário, e que seu esgotado e exausto rosto se relaxava um pouco.

—Estranho. Mas falando sério, não posso imaginar a nenhum dos dois cometendo esses assassinatos.

—Todo mundo é capaz de cometer um assassinato.

Ela o olhou com seus olhos claros.

—É obvio, meu desconfiado amigo. Você sempre pensa o pior de todo mundo.

—Olha que fala. —Inclinou a cabeça—Digamos que você nem tende a pensar muito bem das pessoas.

Nisso tinha acertado, e ela sabia. Assim optou por não discutir.

—De acordo, ambos poderiam ter feito. Quem é a terceira pessoa?

—Priscila Maxwell.

Ivy ficou boquiaberta.

—Não está falando serio.

—Nos últimos seis meses teve vários encontros com Goldie, Clementine e Daisy. Sabia que gostava de mulheres?

—Não. Tinha ouvido que havia garotas que se juntavam a Priscilla e Jacques quando estes estavam juntos, mas sempre assumi que era para aumentar o prazer dele.

Os lábios de Saint esboçaram um meio sorriso.

—Faz parecer como se só os homens desfrutassem em encontros desse tipo.

—Eu não posso imaginar. —ela admitiu, dando de ombros.

—Por isso vejo, não tem muita imaginação.

—Posso imaginar esvaziando esta taça de vinho em suas calças.

—Ah. —inclinou para frente para olhar em seus olhos—Mas então teria que tirá-las de mim.

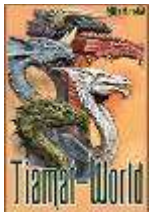
E com estas palavras, a camaradagem que tinham compartilhado desapareceu e se converteu em algo muito mais profundo, muito mais... elétrico.

Separaram o olhar ao mesmo tempo, e Saint foi consciente do pouco apropriado que tinha sido esse último comentário.

—É possível—disse, tentando romper o incômodo silêncio—, que Torrent matasse a essas mulheres em um estúpido instinto de vingança?

—Parece exagero, considerando que ele costumava dormir também com elas, não acredita?

Ivy tinha razão, mas era a única pista que tinha. Incluindo a misteriosa marca da bochecha de Daisy. Um cálice. Saint não via lógica, a não ser que pensasse em seu próprio passado. Um cálice tinha convertido a ele e a seus amigos em vampiros, mas esses assassinatos não tinham



nenhuma relação com nenhum deles. Nem Reign nem ele não tinham estado na cidade quando aconteceram os dois primeiros crimes.

—Talvez devêssemos ir ao apartamento de Jacques, a ver se encontramos algo. —sugeriu Ivy.

—Fiz isso. Ontem a noite. Encontrei retratos de Priscila e de alguma outra mulher, mas nada que sugerisse que queria machucá-la.

Ivy concordou.

—Muitas das garotas posaram para o Jacques, inclusive eu.

—Você?

—Sim. Faz alguns meses.

—Teve uma aventura com ele?

Ela riu, estava se divertindo ao vê-lo com ciúmes.

—Não, só posei para ele. Dado o que tem descoberto, acredito que podemos afirmar que Jacques gosta de mulheres muito mais liberais que eu, sexualmente falando.

—Não sei se isso é possível. —replicou ele agressivo.

Um lento sorriso apareceu nos lábios da garota.

—Posso demonstrar isso amanhã de noite na inauguração de uma exposição e Jacques é um dos artistas que expõe. Não tinha intenção de ir, mas talvez, dadas suas suspeitas, poderia ser útil que fôssemos juntos. O que me diz?

Sua primeira reação foi dizer que não. Desde a morte de Daisy não tinha saído da casa, e não queria voltar a pôr a vida de ninguém em perigo. Mas com o bordel fechado pelo luto, não havia muita gente entrando e saindo, e ninguém punha um pé fora sem ir escoltado. E ninguém, ninguém, ia à cama antes que Saint verificasse pessoalmente que as janelas e as portas estavam bem fechadas.

O assassino não era estúpido, embora sim fosse arrogante. Não se arriscaria a que pudessem apanhá-lo agora que a casa estava tão desprovida de distrações.

Essa exposição que dizia Ivy era uma oportunidade excelente para encontrar algo que pudesse incriminar Torrent, ou para demonstrar sua inocência. Ou talvez não servisse para nada e fosse só outro engano fatal. Saint não poderia suportar cometer um mais.

Olhou para Ivy.

—A que hora tenho que estar preparado?

De noite seguinte, a garota se vestiu de modo especialmente sedutor.

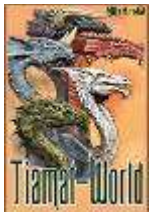
—Está linda —lhe disse Emily, orgulhosa como se fosse sua mãe— Parece toda uma dama.

Ivy não a corrigiu dizendo que nenhuma dama respeitável usaria esse vestido, mas sim a abraçou, adulada por elogio.

—Estou bonita graças a você.

A mulher sorriu, marcando as rugas que tinha ao redor dos olhos e nos cantos dos lábios.

—O senhor Saint não saberá o que fazer.



Oh, mas Ivy tinha algumas ideias.

Possivelmente a alguns pareceria de mau gosto que, dadas as circunstâncias, pensasse nisso; mas as últimas semanas tinham ensinado quão frágil era a vida humana, e tinha decidido deixar de esperar, e ir atrás do que queria.

E queria Saint.

Desde o assassinato de Daisy, seu desejo pelo vampiro não tinha feito mais que aumentar. Ver o remorso em seus olhos escuros a tinha comovido. E comprovar que não se rendeu, mas sim tinha redobrado seus esforços, fazia que o respeitasse muito mais que antes.

Tinha que reconhecer, mesmo que sendo só para ela mesma, que precisava contagiar-se dessa determinação. Necessitava a força de Saint. Ela parecia forte, mas por dentro não tinha deixado de tremer... Como uma menina pequena acuada em um canto.

Necessitava algo, o que fosse, que recordasse que no mundo havia coisas boas. Precisava deixar de estar assustada, embora só fosse por um instante.

Por isso não tinha comentado qual era o tema da exposição que iam ver essa noite. E por isso usava aquele vestido tão decotado de cor violeta escuro quase negro. Era o bastante escuro para ser de luto, e o bastante atrevido para ser tentador, pois deixava descoberto seus ombros e a parte superior do decote. O espartilho subia os seios para cima, dando a impressão de que os deixava mais generosos. Colocou também um pouco de perfume.

Estava no pé da escada, colocando um par de brincos de diamante, quando Saint foi ao seu encontro.

Viu-o se aproximar, e o pulso acelerou. Era tão bonito... Estava vestido todo de negro, com a única nota de cor do brocado oriental dourado e vermelho de seu colete. Penteou para trás o espesso cabelo e Ivy se deleitou com seu rosto.

Era como se fosse ainda mais bonito que o dia em que chegou a Maison Rouge, o qual era impossível, claro está; mas não cabia nenhuma dúvida de que vê-lo alegrava seu coração.

Saint a percorreu com o olhar, detendo um instante nos seios antes de olhá-la nos olhos.

—Esta noite está impressionante.

A jovem sorriu.

—Você também.

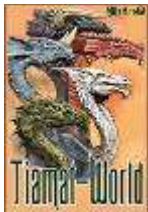
Pegou o xale de seda negra que segurava entre as mãos e o colocou sobre os ombros. Seu fôlego roçou a sua nuca, fazendo que arrepiasse o pelo. E tremeu um pouco ao imaginar que ele tinha fechado os olhos para cheirar melhor seu perfume.

—Vamos? —propôs ela com voz aveludada e virando para olhá-lo

Saint dirigiu um ardente olhar que a fez desejar mandar ao inferno a exposição e fazer amor com ele ali mesmo.

—Claro. —murmurou o vampiro segurando sua mão.

Sentir a rugosidade de seus dedos contra os seus a assustou e reconfortou ao mesmo tempo. E, por mais bobo e romântico que soasse, era como se seus dedos tivessem sido feitos para enlaçar-se desse modo.



A carruagem de sua mãe os esperava diante da porta principal.

—Iríamos mais rápido voando. —assinalou ele, olhando o veículo com suspeita.

—Mas então teria que dizer aonde vamos, e quero fazer uma surpresa.

Ao ver que Saint não respondia, olhou-o.

—Aconteceu algo?

—É muito pequeno.

—O trajeto é muito curto e é o bastante largo para que possa estirar as pernas.

—Eu não gosto dos espaços fechados.

Isso a deteve em seco.

—Tem medo das carruagens?

Franziu o cenho e virou para olhá-la.

—Não me dão medo, é só que eu não gosto. Nelas me sinto preso.

Se esse mesmo tivesse sido feito por outra pessoa, teria rido, mas havia algo no modo como ele havia dito a palavra “preso” que somente provocou vontades de consolá-lo, não de rir dele. O fato de que tivesse compartilhado algo tão íntimo com ela a emocionava muito.

—Então não importa, iremos voando.

Saint deu de ombro.

—Sim importa. Você organizou tudo isto, e prefiro morrer a perder isso.

Ivy observou curiosa como se dirigia para a carruagem. O lacaios abriu a porta e Saint parou para olhá-la de novo.

—Vem?

A expressão de seu rosto indicou que não queria falar mais do assunto, de modo que Ivy entrou sem dizer uma palavra. Entrou atrás dela, e se sentou no assento oposto, com a cabeça recostada no fofo travesseiro.

A jovem o olhou durante todo o trajeto. Com os olhos fechados e tão quieto, parecia um morto. Estava pálido, com as feições rígidas, mas não se queixou nem uma vez, e não fez nenhum comentário enquanto percorriam a cidade de Londres.

Aquele silêncio era indício do muito que odiava andar de carruagem. Era estranho, porque Saint nunca parecia incômodo na adega, nem nos túneis pelos quais estava acostumado a viajar. Mas era verdade que eram espaços muito maiores que aquele carro.

Até que se detiveram por completo, não abriu os olhos e a olhou.

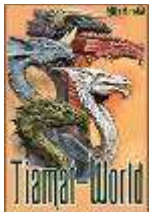
—Já chegamos?

Ela sorriu tentando ocultar como comovida se sentia.

—Sim, já chegamos.

O foi o primeiro em sair. E, uma vez fora, sua atitude mudou por completo. Recuperou sua cor habitual e relaxou. O Saint que Ivy conhecia havia voltado, e ofereceu a mão para ajudá-la a descer.

Olhou o pôster que havia em cima da porta do edifício em frente ao que pararam, e lhe perguntou:



—Éden?

—Faz setenta anos, era um clube. Agora aluga para festas privadas e coisas assim.

—E também para exposições?

—Também. —Sorriu.

Ele a parou com o olhar.

—O que é que não está me contando?

—Já disse isso, é uma surpresa. —Agarrou-o pelo braço—Entramos?

Saint a olhou uns segundos mais antes de dar-se por vencido. Ivy deu seu convite ao porteiro e este os deixou entrar.

O Éden era o epítome da elegância e sofisticação. Em sua época, tinha sido o lugar aonde teria que ir se quisesse desfrutar de um bom jantar e um bom espetáculo. O interior de mármore resplandecia. Abajures de aranha brilhavam no teto, acentuadas com discrição por várias luzes elétricas, para não destruir a elegância do passado. As janelas estavam cobertas de pesadas cortinas de veludo.

—Acredito que estive aqui faz muitos anos. —comentou Saint ao entrar na sala de baile— Não pertencia ao conde de Angelwood e sua mulher?

Ivy assentiu, impressionada por sua memória.

—Ainda pertence a sua família. Acredito que há um retrato do conde e da condessa em alguma sala de cima.

—Agora estão mortos. —disse ele, sem que fosse uma pergunta, mas como precisasse recordar o tempo que tinha passado. Ivy apertou seu braço.

—Sim.

O que não ia dizer é que estavam mortos há trinta anos.

Dois lacaios abriram às pesadas portas de carvalho, dando entrada à enorme sala em que estavam expostas as fotografias, pinturas, desenhos e esculturas.

—Que diabos?

Ivy sorriu.

—O que foi Saint? Acaso você não gosta da arte erótica?

Capítulo 10

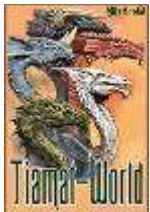
—Ivy Dearing e o vampiro estão aqui —disse o barão Hess como saudação.

O jovem se limitou a fazer um leve assentimento de cabeça ao homem, que estava a mais de dez minutos esperando-o. Manteve o olhar fixo nas fotografias que tinha na frente.

—Tem lógica. Ela expõe algumas de suas obras.

—Sério?

Ao menino quase escapou um sorriso ao captar a nota de interesse na voz do homem.



—Vá em frente. Qual sua opinião sobre seu trabalho?

O barão ignorou a pergunta.

—Me surpreende encontrá-lo aqui? —perguntou em troca.

—Por que? Não tenho nada á esconder.

—Ah, não? —O barão entrecerrou os olhos e estudou a fotografia que estavam a sua frente —É quem acredito que é?

—O vampiro em carne e osso. Essa cicatriz que tem no ombro parece dolorosa, não acredita? Esses católicos são uns bastardos.

A esse comentário seguiu um longo silêncio, e o homem aproveitou para olhar o retrato.

—Têm uma relação amorosa? —perguntou, com uma careta.

—Não que eu saiba.

—Pois deveria saber. Não podemos se dar ao luxo de menosprezar.

Desta vez, o jovem o olhou com frieza.

—Eu não o menosprezo.

—Não me diga. —Caminhou para outro lado—Pois o que fez a outra noite foi muito perigoso.

O jovem o seguiu, relaxado. Dada a posição do barão Hess na ordem, devia-lhe respeito, mas, além disso, como pessoa não merecia a menor consideração.

—Era seguro. Ele não estava, e ninguém ouviu nem viu nada.

—Mas poderiam havê-lo feito.

—Mas não foi assim. Agora, tem algo útil a me dizer ou me fez vir aqui para nada?

—Recorda com quem está falando, rapaz. —O cravou com um agudo olhar —Ainda não ganhou o direito de me tratar como igual.

—Não? Qual dos dois completou mais passagens do ritual?

—Escolhemos você para a tarefa por sua dispensabilidade. Você faria bem em lembrar disso.

—Como escolheram você para sua tarefa anos atrás? Talvez a grande diferença entre nós dois seja que eu não vou desentender-me de meu dever.

—Oh, há muitas e maiores diferenças que essa. —O tom pomposo e zombador foi como um espinho para o jovem—Não ganhará o respeito de ninguém até que tenha êxito.

—Terei.

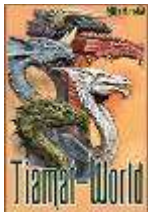
O mais velho deu de ombros.

—Não se o vampiro o apanhar antes.

—E por que nós não apanhamos o vampiro? —atreveu-se a olhar de novo fixamente a seu acompanhante, apesar de ser importante manter a aparência de que só eram dois conhecidos conversando sobre arte—Está a ponto de doce.

—Tudo em seu momento. Não queremos que a impaciência jogue tudo a perder. Podemos utilizar o que temos, perdendo para atrair a outros.

—Mas também podemos pecar de ser muito pacientes. Deveríamos aproveitar o momento.



O barão deu um passo para o jovem e seus ombros quase se tocaram.

—Se fizer algo impulsivo e joga tudo fora —Sussurrou em um tom ameaçador suavemente—, matarei você com minhas próprias mãos e mandarei os ossos a sua mãe de lembrança, entendeu?

O jovem sorriu.

—É óbvio. —Mas não era isso o que pensava. Logo se converteria no favorito da ordem, e o barão responderia a ele. Isso lhe dava forças para ser paciente.

—Perfeito. E agora, vamos daqui. Não quero que o vampiro ou minha filha nos vejam juntos.

—Não —concordou o jovem virando—Não queremos que isso aconteça.

—Estes são os quadros de Torrent? —perguntou Saint ao ver os coloridos óleos pendurados nas paredes do pequeno salão. O homem era um dos poucos artistas a expor no Éden, e aquela sala estava dedicada exclusivamente a sua obra.

Ivy assentiu e ficou frente a ele.

—Sim. O que acha?

Saint achava que Jacques Torrent gostava muito de amarrar seus casais na cama e de ménage À trois, mas além disso, o homem tinha talento.

—Sabe utilizar a cor —respondeu, olhando a imagem de uma sensual mulher nua em uma cama, com as mãos e os tornozelos atados aos postes com lenços. Nem um centímetro de sua pele estava oculto à vista, e Torrent tinha sabido reproduzir cada detalhe com tanta exatidão, que Saint estava convencido de se tocasse o sexo da mulher com seus dedos ficariam úmidos.

—Me parece uma obra muito sensual —disse Ivy ao ver que ele não dizia nada mais—É como se pudesse cheirar o aroma da modelo, o aroma de sexo. Vê o brilho do suor? —Assinalou outra pintura, esta de uma mulher dando-se prazer com um falo de marfim—Não lhe escapa nenhum detalhe. Quase consegue que me excite.

Saint não precisava saber disso.

—O que está claro é que eu gosto mais dos quadros que esse desenho que vimos antes de uma mulher com uma vela no traseiro.

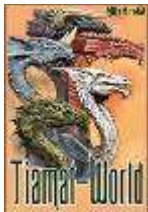
Ivy riu, e seus olhos verdes soltaram faíscas ao olhá-lo.

—A mim também.

Saint separou seu olhar. Bastava um olhar para que os pensamentos dele fossem por onde não deviam.

Seu olhar se deteve em uma imagem muito gráfica, de uma vez preciosa, uma mulher meio nua sentada em uma cadeira com um homem ajoelhado entre suas pernas. O homem tinha a boca em suas coxas, com a boca afundada entre seus cachos mogno. A julgar pelo rubor que tingia as bochechas da garota, e pelo modo em que sujeitava o cabelo do homem, podia-se deduzir que gostava.

Ficaria encantado em fazer que Ivy se ruborizasse desse modo. Saboreá-la com seus lábios, lambe seu pequeno e doce interior... até que se estremecesse e tivesse um orgasmo contra seu



rosto.

Graças a Deus que levava um casaco o bastante largo para cobrir as coxas. Mais pensamentos como esse —passara tendo-os toda a noite—e acabaria tendo que andar curvado.

—Não vejo nada nestas pinturas que indique que Torrent seja o homem que procuramos, nem tampouco nada que diga que não o é. —deu meia volta para olhá-la e tentou manter uma expressão neutra—Mas dado que ele nem sequer está aqui, acredito que já é hora de irmos.

—Um momento. —Ivy o agarrou pela mão—Há outra exposição que quero que veja.

Deus santo, não ia sobreviver a essa noite. Começava a suspeitar que não o tinha levado ali para ver a obra de Torrent, mas sim para torturá-lo com todas aquelas imagens sexuais. Mas apesar de tudo, seguiu-a. Ivy poderia estar levando-o a uma sala cheia de gente armada com adagas de prata e ele a seguiria. Virou um cãozinho de estimação com presas.

Em vez de uma sala cheia de adagas, a jovem o conduziu a um pequeno salão muito parecido ao que ficavam a obra de Torrent, só que neste estavam expostas fotografias.

Preciosas fotografias eróticas.

Não eram tão óbvias como muitas das obras que tinham visto antes. Nem tão descaradas ou cheias de cor como as pinturas de Torrent. Aquelas imagens eram sutis sombras em branco e preto, cinzas insinuantes, com sedutoras luzes e sombras.

Corpos vestidos por sedas transparentes, que deixavam adivinhar a forma de um seio, a curva de umas nádegas. Em outra, um peito nu estava apenas oculto sob a forte mão de um homem. Os rostos estavam às escuras, os olhos fechados de prazer.

Saint engoliu saliva. Aquelas fotografias tinham sido feitas por alguém que realmente sabia o que era a sedução. O artista era consciente da diferença que havia entre revelar muito e revelar o suficiente. Na imagem do rosto de uma mulher, com os lábios entreabertos, o fotógrafo tinha captado a essência do orgasmo em estado puro.

E então a viu. Entre todos aqueles retratos, a maior parte de etéreos nus femininos, seus olhos recaíram na única fotografia que tinha de um homem. Estava sem camisa, e só usava uma calça. Estava de costas para a câmera, com o perfil um pouco inclinado. Saint reconheceu a tatuagem e a cicatriz do homem.

—Você gosta? —perguntou Ivy junto a sua orelha.

Gostava? Não estava seguro. Não estava seguro de que se sentisse confortável estando tão exposto, mas... era assim como ela o via? Era esse o aspecto que Ivy tinha dele?

Assentiu, apesar de que lhe custou fazê-lo.

—Sim, eu gosto. Eu gosto muito.

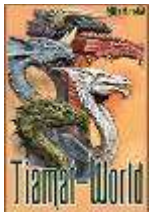
Ela sorriu feliz.

—Tenho algumas mais subidas de tom, mas queria mostrar o que me parece erótico, não o que as pessoas acreditam que é.

Saint arqueou as sobrancelhas.

—Fez um trabalho maravilhoso.

Então lhe assinalou uma que havia no centro da parede. Era uma mulher coberta por um



fino tecido, que permitia vislumbrar as curvas de seus seios. As aréolas eram de um tom mais escuro e os mamilos se marcavam levemente. Mais abaixo, a sombra de seu pelo púbico era só uma insinuação; estava, mas não estava.

—Sou eu —disse.

Ele gemeu, gemeu em voz alta.

—Foda-se.

Ivy se surpreendeu e olhou em seus olhos.

—O que acontece? Eu acredito que é linda.

Saint virou para ficar frente a ela, com apenas um centímetro de separação entre os dois, olhou-a e sentiu que seu pulso acelerava. Estavam sozinhos nessa pequena sala, apesar de que havia gente que passava por diante da porta. Pegou uma das mãos dela e a levou até suas coxas, para seu membro duro e excitado.

—É. Olhe o quanto linda me parece.

Os olhos verdes de Ivy brilharam ainda mais, e seus lábios se entreabriram.

—Oh, isto sim que é lindo. —disse, acariciando com a palma da mão.

E ele soube então que ela havia planejado tudo.

—Basta —anunciou, tremendo sob suas carícias—Vamos. —Já que Ivy o desejava tanto, quem era ele para negar-se? Ele, que a desejava ainda mais.

Ela não discutiu. Saint tampouco esperava que o fizesse. De fato, supôs que estava desfrutando em silêncio de sua vitória. Não importava. Tinha lutado contra essa atração desde o primeiro dia. Desejava-a e a possuiria, maldita fosse.

Não se despediram de ninguém, não pararam para conversar com ninguém. Só esperaram o necessário para recolher seus casacos, e logo Saint a arrastou fora do edifício, para onde sua carruagem os estava esperando junto com as outras.

Uma vez dentro, o vampiro golpeou o teto com tanta força que seus nódulos deixaram uma marca. Começaram a andar, no preciso segundo em que os cavalos se moveram, equilibrou-se sobre Ivy. Estava tão desesperado por estar com ela, embora só fosse essa vez, que nem se lembrou que não gostava de lugares fechados.

Devorou a sua boca, lambeu sua língua, mordeu seu lábio inferior. Tinha sabor de calor e champanhe, e sua doce língua se movia junto à dele. Com ambas as mãos, pegou o decote do vestido. Tentou ser delicado, mas o tecido cedeu diante de seu entusiasmo.

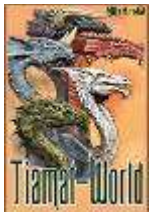
Saint afastou os lábios.

—Sinto muito.

Ivy o olhou em seus olhos, com os seus brilhantes de desejo e as pálpebras pesadas.

—Perdoo você, mas só se não parar.

Não tinha intenções de fazê-lo. Liberou um seio dos limites do espartilho e estudou a aréola rosada antes de inclinar a cabeça para ela. Notou o mamilo duro e doce contra sua língua. Lambeu, beijou e arrancou gemidos de prazer da sedutora mulher que se apoiava em seus ombros.



Com sua boca capturando o seio, deslizou as mãos por debaixo da saia e separou várias capas até chegar a sua roupa íntima que rasgou.

Ela gemeu surpreendida, mas não protestou. Os pedaços de tecido destroçados roçaram as coxas de Ivy e deixaram a parte inferior de seu corpo nua para que ele pudesse tocá-la vontade. Com os dedos percorreu as nádegas de veludo e acariciou suas costas, antes de rodeá-la e dirigir-se para suas úmidas coxas. Tinha o pelo molhado, os lábios do sexo escorregadios. Acariciou em busca da pequena protuberância que logo se estremeceu sob seus dedos. Ivy não parava de mover-se, de gemer. Sem deixar de beijar seu seio, ajoelhou-se entre suas pernas, e, com a mão que tinha livre, subiu a maldita saia.

Desejava tanto aquela mulher, que estava disposto a sacrificar sua delicadeza como amante só para estar com ela. A compensaria mais tarde, mas naqueles momentos, talvez durante o resto da noite, iria possuí-la e entregar-se a ela com a mesma delicadeza e romantismo que um marinheiro bêbado. Só importava era que ela alcançasse o orgasmo com ele, e poder continuar ouvindo seus gemidos de prazer.

Tirou os lábios de seu mamilo e retirou a mão daquele vale tão suculento, para logo em seguida, rodear as coxas com os dedos e aproximá-la ao mesmo tempo que afundava a cabeça debaixo de sua saia.

Ivy arqueou os quadris quando a língua de Saint a tocou, e um suave gemido escapou de seus lábios. Ele parou o suficiente para inalar seu aroma. Sabia que havia homens que não gostavam do aroma íntimo de uma mulher, mas ele não era um deles. Que homem, amante das mulheres, não apreciaria o limpo e salgado aroma do sexo de sua amada, ansiosa dele?

Mantendo suas pernas separadas com uma mão, lambeu, saboreou. Devagar, deslizou dois dedos da que tinha livre por entre sua umidade, com suavidade, compassando os movimentos aos de sua língua.

Ivy tinha a respiração entrecortada e com as mãos apertava no assento de couro.

—Quero tocar você. —disse, com voz sensual.

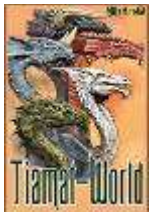
Saint levantou a vista e separou sua saia para que ela pudesse ver o que ele estava fazendo. Sua única resposta a sua súplica foi percorrer com morosa língua os lábios de seu sexo. Ivy estremeceu, mas não alcançou o orgasmo.

—Deite-se. —Ela ordenou, separando-se de sua boca.

Ele assim o fez; suas costas entrou em contato com o chão da carruagem. O lugar era estreito, e teve que apoiar uma bota em cada assento para poder estar confortável, mas valeu a pena quando a viu descer em cima dele. Estava fora de si de desejo, e sua mente se esqueceu de que estava em um lugar fechado.

Ivy sentou escarranchada, com uma coxa tremente a cada lado de sua cara. Sua saia caiu ao redor dele, envolvendo-o em uma doce prisão. Devagar, desceu sobre seu rosto, até que seu sexo ficou a escassos milímetros de sua boca. Saint tentou alcançá-lo, e rodeou aquelas nádegas perfeitas com as mãos, aproximando-a a ele para assim poder continuar saciando-se dela.

Enquanto isso, as mãos de Ivy desabotoavam suas calças, coisa que fez com habilidade,



liberando a ansiosa ereção. Quando os úmidos lábios dela rodearam seu membro, Saint gemeu contra sua cálida pele.

O lambeu, beijou e acariciou até que ele não fazia outra coisa que gemer entre suas pernas. A língua de Saint apressada, foi trabalhando seu ponto mais sensível até que Ivy estremeceu e começou a mover-se em cima do vampiro, que arqueou os quadris para cima. Os lábios dela capturaram seu sexo em todo seu comprimento, e o retiveram no interior de sua boca, acariciando-o com a língua, torturando-o com os lábios, como se fossem umas úmidas e ardentes algemas. Os gemidos de prazer dela roçavam a pele do excitado e desesperado sexo de Saint, e quando ele acreditava que não poderia aguentar mais, ela teve um orgasmo entre seus lábios, e ele foi a caminho do dele. Brilhos de prazer estalaram dentro de seus olhos, e o clímax sacudiu todo o corpo de Saint.

Depois, Ivy se afastou dele e deitou no banco. Ele a observava enquanto fechava suas calças. Ela olhou para ele. A sua vez. Apesar de que sabia que o tinha dado prazer, em seus olhos viu ainda aquele sedutor e franco olhar de desejo.

—Por favor, me diga que não terminamos. —A sensual e profunda voz do Ivy fez com que um calafrio percorresse suas costas. O que tinha que o fazia reagir desse modo? Convertia-o em uma criatura que funcionava só por instinto, guiada unicamente pelas emoções mais primárias.

Saint baixou no chão do carro e colocou uma mão a cada lado da cara dela para ficar de joelhos, com seus olhos a escassos centímetros. Ainda a sentia em seus lábios, e desejava mais.

—Minha querida Ivy, não terminaremos até dentro de muito, muito tempo.

A carruagem parou diante da Maison Rouge, mas nenhum dos dois entrou na casa. Em vez disso, correram como crianças para a casinha do jardim, rindo e tropeçando pela ânsia que sentiam por estar um nos braços do outro.

Ivy levava a roupa íntima destroçada na mão.

Dentro da casa, atirou o casaco em cima da cama e logo sentou na mesma cadeira em que Saint tinha estado no dia da sessão fotográfica, enquanto ele acendia o fogo. Ao final de poucos segundos, as chamas alagavam a casa com uma estranha luz.

O vampiro ficou de pé, lançou seu casaco em cima do outro e se encaminhou para Ivy.

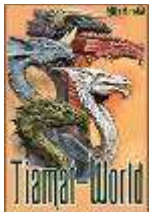
Ela estremeceu só de pensar no que fariam, no que ela ia fazer com ele, antes do amanhecer.

Observou-o se aproximando. Não ouvia nenhum som exceto o repicar da chuva no telhado, o ranger das chamas na chaminé e sua própria e entrecortada respiração.

Saint se movia como um felino, todo ele relaxamento e elegância, e aproximava dizendo com seus movimentos que não ia negar nada para ela, e que não havia necessidade de ter pressa.

Aparentemente, seu plano para seduzi-lo tinha dado seus frutos, mas quem ia seduzir a quem? Ele a fazia tremer como se fosse uma virgem, e ainda não estava recuperada do que tinham feito na carruagem.

Devagar, o homem ajoelhou diante dela, e a cadeira era tão baixa, que os olhos de ambos ficaram à mesma altura. A suave lã negra de suas calças roçou sua saia. Seu olhar escuro refletia as



chamas do fogo, e não o separou do seu enquanto levantava a mão direita e, com os nódulos, acariciava sua bochecha. A pele de Saint estava quente e era suave. E o anel dourado que levava no dedo do meio deixou um rastro gelado no canto de seus lábios. Era surpreendentemente terno, como se ela fosse feita de porcelana e não de carne e ossos. Ivy se sentia transportada. Era como sempre tinha sonhado que seria estar com ele.

A luz da chaminé iluminou seu rosto acentuando seus traços, seus pronunciados maçãs do rosto, o sensual lábio inferior. Era um anjo caído que tinha chegado a seu lar e ia consumi-la com seu fogo.

Ivy abriu a boca para falar, para dizer algo que aliviasse a tensão que parecia crescer entre eles, mas Saint girou a mão e colocou um dedo contra seus lábios.

—Chis.

Ela fechou a boca, beijando o seu dedo ao fazê-lo. Com agônica lentidão, esse dedo percorreu a curva do queixo até o pescoço e logo seguiu até o maltratado decote do vestido. Podia rasgar o tecido se fosse sua vontade, Ivy não importaria o mais mínimo. Movia a mão devagar, com dedos ágeis e seguros, perfeitos. Pareciam delicados, mas a julgar pelas cicatrizes que se via neles e pela força que sugeriam os tendões, eram incrivelmente poderosos.

Deslizou até o monte de seus seios por debaixo do espartilho, e esse mero contato, essa promessa de algo mais, bastaram para excitá-la. Sua mão continuou deslizando-se, abaixo, mais abaixo, passou por seu abdômen, por seu colo, acariciou-lhe o joelho e continuou descendo. Até que chegou a seu tornozelo, Ivy não se deu conta de que a outra mão tinha seguido o mesmo percurso, e agora ambas estavam sob sua saia.

Saint a tocava com ternura, mas ao mesmo tempo com firmeza, acariciando as pernas, os joelhos. Levantou sua saia, colocando-a em seus antebraços, e lhe separou as coxas para colocar-se entre elas com uma enlouquecedora lentidão.

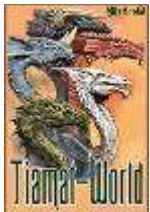
A pele do vampiro estava ainda mais escura em contraste com a seda rosa das meias dela. Calafrios de antecipação percorreram todo o corpo dela ao ver como ele se aproximava da cadeira, aproximando-se assim ao vale de entre suas pernas.

Estava tão perto, que podia sentir o calor que emanava dele. O tecido de suas calças roçava a pele do interior de suas pernas, e Ivy estremecia ao sentir. Ainda não a tinha beijado nem tinha feito nada, e já estava úmida e pronta para ele. O coração retumbava vitorioso no peito, e cada célula de seu corpo vibrava ansiosa.

Necessitava dele.

Levantou a vista e viu que Saint estava olhando-a. Tinha os lábios ligeiramente entreabertos, esboçando um sorriso que a deixou sem fôlego, e assim, sem afastar o olhar, deslizou uma mão pela coxa, até parar no centro de seu corpo, esse lugar que estava desesperado por receber suas carícias, e ato seguido tocou seus cachos com tal reverência que a fez estremecer.

Então se separou um pouco sem deixar nunca de olhá-la, e, com os dedos, percorreu sua sedosa umidade até encontrar a pequena protuberância que roçou com leveza. Outra carícia. A cada movimento de seus dedos, avivava o fogo que ardia dentro dela, que se sujeitava à cadeira



com tanta força que tinha os nódulos brancos.

—Não resista. —sussurrou, rompendo o silêncio— Desta vez, quero ouvir você gemer.

Ao ouvir suas palavras, ditas com essa voz tão sensual, percorreram-na um calafrio, mas com unido à deliciosa tortura de sua mão, fez que a tensão fosse insuportável. Gemeu.

—Isso.

Com o polegar, Saint continuou acariciando-a enquanto deslizava outro dedo na umidade de mais abaixo. O corpo de Ivy deu a boa-vinda para ele e se prendeu a seu redor. Jogou a cabeça para trás recostando-a na macia cadeira, enrugou a testa, e outro gemido de puro prazer escapou de seus lábios. O dedo de Saint se moveu uma vez, duas, e desapareceu. Logo retornou com dois, que inclinou para cima, acariciando seu interior com uma intensidade que a encheu das sensações mais maravilhosas. Era muito, muito incrível. E então teve um orgasmo tão repentino e espetacular que a cabeça deu voltas.

Antes que pudesse recuperar-se, ou nem sequer levantar-se, Saint desabotoou suas calças e colocou seu excitado pênis frente à entrada de seu corpo. Olharam-se nos olhos, ele segurou a cadeira com uma mão, ao lado do ombro de Ivy, e empurrou para frente. Só necessitou um único movimento para enterrar-se dentro dela, com seu peito colado ao dela, seu fôlego em sua rosto.

Com a respiração entrecortada, Ivy o rodeou com as pernas e deslizou os quadris para o extremo da cadeira para acomodá-lo melhor.

Saint deixou escapar uma exclamação tão cheia de surpresa e ternura, que lhe deu um tombo ao coração. Permanecia quieto, com a bochecha junto ao seu rosto.

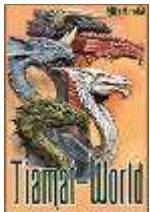
O corpo do Ivy se adaptou a ele tão rápido, com tanta facilidade, que era como se os tivessem feito um para o outro. A jovem se estremeceu e começou a mover-se ao delicioso ritmo que marcavam os lentos movimentos do homem.

—Sim, assim.—sussurrou ela, compassando sua cadência a dele.

Com a mão que tinha livre, Saint pegou seu queixo e girou a cabeça para poder lhe beijar os lábios, um beijo tão delicado como o toque das asas de uma mariposa. Essa mesma suave carícia percorreu sua bochecha, a ponta do nariz, e inclusive a testa antes de retornar de novo a sua boca. Sujeitava-lhe o rosto como se temesse que ela o afetasse. Se tivesse sido capaz de formar uma frase coerente, haveria dito que não faria, que podia soltá-la.

Ele se movia para dentro, e para fora, e logo voltava a entrar. A fricção entre os dois corpos aumentava a ansiedade que ardia dentro de Ivy, e o ângulo de seu corpo sobre o dela fazia que sua pélvis se apertasse contra a sua a cada investida, com o que as ânsias por chegar à culminação eram cada vez maiores.

Saint lambeu os lábios, e saboreou sua boca, seus fôlegos se misturaram nos ofegos e gemidos de ambos. Ivy o segurou, manteve-o dentro rodeando-o com as pernas à medida que o ritmo aumentava de intensidade. Ela seguia com uma mão na cadeira, mas se inclinou para frente para aproximar-se mais dele. Com a que tinha livre, segurou sua nuca e afundou os dedos em seu cabelo. Agarrou-se no seu cabelo e o beijou com todo o ardor que sentia, movendo os quadris até que o orgasmo fez tremer todo seu corpo.



Antes que seus gritos de prazer se apagassem, Saint começou a arremeter com tanta força, que levantou as pernas dianteira da cadeira do chão e o velho respaldo de carvalho rangeu sob seus dedos.

Estremeceu-se e gemeu de gozo entre os lábios de Ivy ao mesmo tempo que se esvaziava dentro dela.

Quando levantou a cabeça, olhou-o entre suas pesadas pálpebras. Tê-lo tão perto, ainda em seu interior, ali onde podia sentir sua calidez, fez com que os olhos de Ivy se enchessem de lágrimas. Se agora ficava tão branda, ia pensar que era uma tonta.

—É preciosa —sussurrou, acariciando sua bochecha com a sua. —Tão preciosa e doce, e tão úmida... Ah, Ivy. Eu gostaria tanto de poder ficar dentro de você para sempre...

—Temos toda a noite. —murmurou ela, afastando uma mecha do seu cabelo.

Um lento sorriso se formou nos lábios perfeitos do vampiro.

—Então terei que me conformar com isso. Por enquanto.

Capítulo 11

—Por que não me mordeu? —Ivy percorria com os dedos os músculos do abdômen de Saint. Estavam na cama dele, na tranquilidade e isolamento de seus aposentos subterrâneos, e ele rodeava seus ombros com um braço, estreitando-a contra seu cálido corpo nu.

—Já te disse. É perigoso.

—Essa é a desculpa que você deu. Agora quero saber a verdade.

Saint franziu o cenho e a olhou com suspeita.

—Você disse que “não estava no menu”, você lembra?

Aquele homem tinha uma memória de elefante, não esquecia nada. Ela corou ao lembrar o incidente.

—Mas é prerrogativa de uma mulher mudar de opinião.

Ele negou com a cabeça sem ver graça no comentário.

—Não a morderei porque isso complicaria as coisas entre nós.

—E o sexo não as complicou já?

—Se a mordo —suspirou —você passará a ser minha. Tornar-se-á uma parte de mim.

—E? —Pelo modo que movimentou os ombros, era óbvio que não entendia —Você morde as pessoas das quais se alimenta.

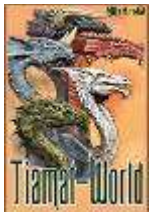
—Só uma vez. Quanto mais sangue você bebe de uma pessoa, mais ela fará parte de você.

—E?

—É algo muito íntimo.

Ivy ficou olhando-o expectante.

—Não quero levar uma parte de você quando for embora. —concluiu ele em voz baixa.



—Oh. —Tanta sinceridade era muito, inclusive para Ivy. Não o entendia, mas captava a ideia do que queria dizer. Não queria sentir-se preso a ela —Saint, eu...

—Sinto muito. —disse ele forçando um sorriso —Não deveria ter dito nada.

Talvez não, mas Ivy sim queria dizer algo. Queria dizer para ele não ir. Mas não iria obrigá-lo. Iria deixá-lo ir porque não queria ficar como sua mãe, sofrendo, apaixonada por um homem que a abandonou tão logo se cansou de seu corpo. Eles não tinham futuro, Ivy sabia. Ele era vampiro e ela humana.

Poderia converter-se em vampira. Saint poderia beber seu sangue e fazer sua transformação, e assim ficariam juntos para sempre. Freou este pensamento. Ela não acreditava em “para sempre”. Como muitos, estariam bem uns anos, até que um deles se cansasse do outro. Assim funcionavam as coisas. E então ela se encontraria só pelo resto da eternidade.

O único que tinha que fazer era pensar no que sentiria ao ver morrer sua mãe, ao ver morrer a todos seus seres queridos... Nesse momento entendeu como Saint se sentia só.

Mas e ver mudar o mundo com Saint a seu lado? Despertar cada manhã da eternidade em seus braços? Talvez fosse só consequência dos maravilhosos sentimentos que a inundavam depois de fazer amor, mas podia imaginar-se perfeitamente renunciando aos amanheceres diante disso.

—Você gosta do sabor do sangue? —perguntou, porque era a única coisa que não via claro nessa fantasia sua de fugir com ele para a escuridão.

—Sim.

Ela franziu o nariz.

—Mas se é como lamber uma moeda.

Ele riu ante esse comentário.

—A mim não parece assim.

—O que parece? —Não precisava vê-lo para saber que não queria falar do assunto. De fato, era o mesmo semblante de quando o beijou, tocou, antes de seduzi-lo completamente.

—Qual é a coisa mais deliciosa que você provou? —Ela sorriu faceira, desenhando lentos círculos sobre seu duro estômago antes de responder:

—Além de você?

Era rubor o que tingiu a face do vampiro?

—Responde a sério.

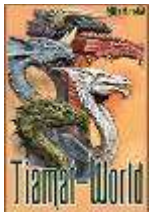
—Chocolate. Você está dizendo que para você o sangue parece chocolate? —Não era de estranhar que gostasse de ser vampiro.

Ele negou com a cabeça.

—Sim e não. Cada pessoa tem um cheiro único, o cheiro de seu sangue. Eu posso sentir. É como se minha língua não funcionasse como a de um humano. O sabor de uma pessoa é sua essência. Portanto, se uma pessoa come muita comida picante, a mim me parece picante. Ou se é muito boa pessoa, tem um sabor doce. Não é em absoluto como lamber uma moeda.

—Portanto você pode cheirar o sabor de uma pessoa?

—Sim.



—É assim como caça?

—Às vezes. Algumas vezes você não pode se dar ao luxo, e tem que conformar-se com o primeiro que encontra.

Custava lembrar que quando falava de pessoas, estava falando de comida. Resultava desconcertante se pensava nisso.

—Qual é o meu cheiro?

Saint ficou imóvel. Queria mudar o foco, mas conseguiu mantê-lo fixo em seus olhos.

—Especiarias banhadas em mel e baunilha.

—Oh! —Isso soava bem.

—Eu gostaria muito de saber que sabor você tem —murmurou, sentindo-a com seus dedos, deslizando pelo pescoço até os seios. —Uma vez não seria o bastante. Mesmo agora, sua essência não deixa de ser uma tentação. Entende agora como é perigoso?

Excitada e trêmula, ela entendeu. Compreendeu que estar com aquele homem equivalia a ser consumida; tanto em sentido real como suposto.

Mas se ela fosse uma vampira, também poderia consumi-lo. Se fosse uma vampira, sentiria o mesmo que ele.

Mudou de assunto antes que fizesse algo que mais tarde lamentaria.

—Você descobriu algo sobre o símbolo na bochecha de Daisy?

Ele soltou seu seio e desceu a mão entre suas costelas; o lugar entre as duas era cálido, não ardente como antes.

—Ezekiel acha que já viu, mas não tem nada que nos permita identificá-lo com facilidade. Poderia ser qualquer coisa.

Levantou o rosto para olhá-lo e percorreu com os dedos sua máscula mandíbula e foi descendo até seu peito.

—Sei que você tem alguma teoria.

Ele arqueou uma sobrancelha, divertido pela sugestão.

—Você acha?

—Sim.

Soava tão convencida, que o vampiro quase sorriu.

—Talvez seja parte de um anel. É a única coisa que me ocorre, que pudesse levar o assassino entrar em contato com a bochecha de Daisy.

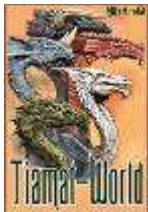
—Bateu nela. —Ele é um bastardo.

—Ou usava o anel virado para dentro quando lhe tapou a boca para que não gritasse. Monstro.

—Pobre Daisy. —Pela primeira vez, três dias depois do assassinato, Ivy se permitiu chorar— Não tinha nem vinte anos. Seu aniversário é... era o mês que vem.

Saint permanecia em silêncio.

E o sentimento de culpa apareceu em Ivy de repente, tão rápido e abrasador como as lágrimas.



—Se eu não a tivesse fotografado, ainda estaria viva.

—Já disse para não pensar assim.

—Não posso evitar.

—Se não parar, ficará louca.

Secou suas lágrimas.

—Você fala por experiência?

—Não. Eu me esforço muito para não pensar nisso. Meu amigo Dreux pensava em excesso, sentia em excesso. Uma manhã levantou e saiu para receber o sol, e se transformou em cinzas.

Ivy olhou para ele, a imagem horrível estampada em seu cérebro.

—E você viu isso?

Ele deu de ombros.

—Foi há muito tempo.

Pelo tom da sua voz, a mudança sutil na sua expressão, ela sabia que ele não queria falar mais sobre isso e ela não podia culpá-lo. Deve ter sido terrível.

—É possível que o assassino não estivesse na lista de clientes na noite que Daisy foi assassinada? Poderia alguém ter acesso a casa através do túnel que você usa?

—Não. Não sem meu conhecimento. Ninguém conseguiria passar por meu quarto, sem deixar para trás um rastro de seu cheiro.

Ela suspirou. Lá se foi sua teoria.

—Você ainda suspeita de Jacques? —Perguntou ela.

—Ele é a escolha mais óbvia, mas não estou convencido de sua culpa. A submissão das mulheres acima não é o mesmo que cortá-las e deixa-las abertas.

Seu estômago revolveu, e Saint notou.

—Desculpe-me, querida.

Ela assentiu.

—Você sabe que eu tenho dificuldade em acreditar que Jacques poderia fazer tal coisa, mas se não foi ele, quem foi? Estamos de volta ao ponto de partida, sem nada ao que nos agarrar.

—Nada? Não é bem assim. Temos o símbolo que o assassino deixou em Daisy e sabemos que você fotografou as vítimas.

Ivy sorriu.

—Eu queria fotografar Daisy como uma sereia, mas ela insistiu em ser Cleópatra. Ela queria ser lembrada como uma das maiores sedutoras de todos os tempos.

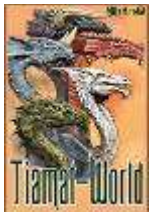
Ele ficou tenso e Ivy olhou para cima.

—O que foi?

—É isso. Oh Deus, não posso acreditar que não tenha me dado conta disso antes. Como pude ter sido tão cego e estúpido ao mesmo tempo?

Ela escutou atônita ante sua autocensura.

—Do que está falando?



—Das garotas. As que você fotografou vestidas de Eva e Dalila, de Jezebel e Cleópatra. Grandes sedutoras. Mulheres caídas em desgraça. Por alguma razão, o assassino escolheu essas mulheres não porque você as fotografou, mas sim pelas fantasias que encenaram.

Era possível sentir ao mesmo tempo medo e euforia? Porque isso era justamente o que sentia Ivy.

—Você tem razão, então todas as garotas que fotografei vestidas como mulheres pecaminosas estão em perigo.

—Quantas mais há?

Contou mentalmente.

—Três. Eliza, Mary e Beatrice.

—Estão aqui?

—Mary sim. Normalmente, as garotas só saem na sua noite livre, mas como voltamos a fechar, e todas estão muito alteradas, algumas delas foram passar uns dias com suas famílias. Acho que Eliza foi ontem para casa ficar com sua mãe, e Beatrice passará a noite na casa de sua irmã.

Saint saltou da cama.

—Temos que encontrá-las e trazê-las de volta. Lá fora não estão a salvo.

—Foram escoltadas por seus homens, e a ambas pedi que enviassem uma carta avisando que queriam retornar, assim iríamos buscá-las.

—Ivy, o assassino já matou uma garota dentro da casa. Pode fazê-lo em qualquer parte.

Nos seus olhos pretos, Ivy viu refletida a mesma culpabilidade que ela sentia, e na palidez de sua face seu mesmo medo. Não perderia mais nenhuma amiga nas mãos desse monstro. Nem pensar.

Saltou da cama e pegou sua roupa íntima.

—Você vai buscar Eliza. Eu irei buscar Beatrice.

Ele pôs as calças.

—Não irá a parte alguma.

—Saint, não pode encontrar as duas antes que amanheça. —Colocou a camisola com um único movimento. —Temos que agir com rapidez. Temos que salvar as duas.

—Concordo, mas no mínimo você levará dois dos meus homens junto com você: Robert e George; são os melhores.

Vestiu o vestido pela cabeça e virou as costas para que a ajudasse abotoar os botões.

—E o que acontecerá com Mary?

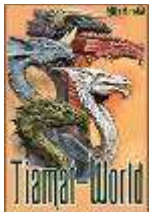
Ele acariciou sua coluna vertebral com os dedos.

—Colocarei seguranças na casa; tanto dentro como fora.

Ivy o olhou.

—Prometa que você terá cuidado. —Saint colocou as mãos cálidas e seguras em seus ombros.

—Terei. Leve uma pistola. Se houver algum problema, quero que você a use.



E então a beijou. Foi um beijo curto e urgente, mas a encheu de uma valentia que não sabia que possuía.

—As salvaremos. —Fixou os olhos nos dela —Prometo.

Ela acreditou.

Enquanto Saint atravessava o céu para o bairro de East End, onde Eliza Newton passou grande parte de sua vida antes de ir parar na Maison Rouge, tentou não pensar em Ivy, que estava ali fora só, apesar de ir com dois guardas armados.

Mas comparada com a necessidade de encontrar ao assassino, sua relação com Ivy não era importante, de modo que Saint a relegou a um canto de sua mente e aterrissou sobre um telhado. Estava quebrado e lhe faltavam várias telhas, mas era suficientemente estável para suportar seu peso, e nesse momento, isso era o único que importava. Com cuidado, se movimentou para um lado para espiar a rua de baixo. A casa da mãe de Eliza ficava na calçada em frente.

Não era uma casa bonita, coisa que não teria encaixado naquela área da cidade, mas também não era nenhuma choça. Podia ver, tinha mais de um quarto, aparentava ser cálida e confortável.

Distinguiu Eliza e a sua mãe através de uma janela. Estavam sentadas junto de uma pequena mesa tomando uma xícara de chá e compartilhando um pouco de pão e queijo. A mãe ria por algo que disse sua filha e esta a olhava com um sorriso nos lábios. Essa simples cena doméstica o comoveu. Seria lindo ter um lar, e alguém com quem compartilhá-lo.

Jogou uma rápida olhada para se assegurar que ninguém o via, e saltou do telhado à parte do beco que ficava oculta entre as sombras. Ajeitou seu casaco e passou as mãos pelos cabelos antes de atravessar a rua. A mãe de Eliza aceitaria melhor que sua filha retornasse com o homem à sua porta se ele se apresentasse respeitável e não literalmente recém-caído do céu.

Uma carruagem parou atrás dele; nessa parte de Londres, raras vezes se viam carruagens. Saint ficou alerta, se virou para ver se dela descia Jacques Torrent, ou alguém que conhecesse do bordel.

—Boa noite, senhor Saint.

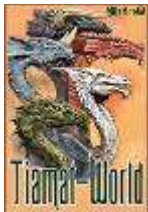
—Jackson? —Era o cocheiro de Madeline. —O que você está fazendo aqui?

—A senhorita Ivy me pediu que viesse. Pensou que a senhorita Eliza gostaria de retornar para casa na carruagem.

—É muita gentileza de sua parte. —Não pôde evitar perguntar-se se Ivy mandou àquele homem pensando na comodidade de Eliza ou porque, simplesmente, não queria que ele a levasse nos braços durante o voo de volta à Maison Rouge. Arrogantemente optou pela segunda opção. No bordel, todos sabiam que era um vampiro. Estarem dispostas a doar sangue era um dos deveres das garotas.

Ivy era ciumenta. E isso lhe agradava.

Ainda estava sorrindo quando bateu à porta. Eliza foi quem abriu, e seu bonito rosto redondo empalideceu só de vê-lo. O humor de Saint mudou de repente.



—Minhas desculpas por interromper seu descanso, Eliza.

—Senhor Saint. Aconteceu algo? Está tudo bem na casa?

Levantou uma mão para impedir que fizesse mais perguntas, e ficasse ainda mais nervosa.

—Tudo está bem, mas se já você terminou a visita a sua família, acho que deveria retornar comigo à Maison Rouge esta mesma noite.

A garota entrecerrou os olhos para olhá-lo. Era pequena, tinha o cabelo castanho escuro e as faces rosadas.

—Por quê?

Não mentiria.

—Porque acredito que você está em perigo.

—Perigo? —Jogou um olhar furtivo acima do ombro e pediu que retrocedesse um pouco para poder sair com ele até o degrau de entrada. Depois fechou a porta atrás dela —Se refere ao assassino?

—Sim. —Saint desceu até a rua e apontou Jackson e a carruagem —Pegue suas coisas e a levarei de volta.

Seus olhos azuis o olharam com suspeita.

—Como sei que não é o senhor o assassino?

—Porque se fosse eu, você já estaria morta.

Essa explicação pareceu satisfazê-la.

—Não posso deixar a minha mãe. Ela precisa de mim, me pediu para voltar para casa.

—Então peça a ela que venha com você.

A ideia pareceu não agrada-la.

—Não posso.

—Você não tem escolha, querida. Você virá comigo, se sua mãe precisa tanto de você, ela também virá.

Foi sua imaginação ou a garota murmurou um par de palavrões? Voltou a olhar acima do ombro coberto com um xale muito colorido, a única coisa que delatava que não era a típica garota trabalhadora que aparentava ser.

—Vamos ao beco —falou Eliza, entrou no beco escuro sem olhar se ele a seguia.

Saint a seguiu, colado a suas costas por via das dúvidas caso acontecesse algo. Tão perto que quando ela virou quase se chocou contra seu peito.

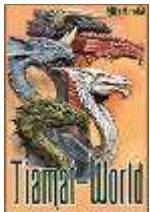
—Oh, senhor Saint! —implorou, apertando seu braço com seus miúdos dedos. —Sinto-me tão mal.

Ele olhou suas mãos e ela o soltou. Saint colocou uma das suas no ombro da garota. Não gostava muito que o apertassem.

—Por que, Eliza?

—Eu menti. —Era a imagem viva da culpa. —Ele me disse que viesse para casa da minha mãe. E esperasse que o senhor viesse me buscar.

Merda. Aquilo não cheirava bem.



—Quem?

—Meu irmão.

—O conheço? —perguntou, franzindo o cenho.

—Não acredito senhor. Foi um homem que pediu que fizesse isso. Deu-lhe um montão de dinheiro. Mais do que eu ganho durante um mês no Maison Rouge. Minha mãe pôde comprar sapatos novos para minha irmã pequena, e também um xale para ela.

Saint não ficou zangado. Como podia indispor-se com Eliza ou seu irmão? Ele não era ninguém para eles, mas sua família sim era tudo. Se estivesse no seu lugar, ele faria o mesmo.

—Vejamos. Você tinha que fazer-me vir até aqui. Por quê?

Fazia anos que não visitava Londres, fora a investigação que agora fazia para encontrar o assassino da Maison Rouge, não se lembrava de haver despertado motivos de vingança em ninguém.

—Não sei, senhor. Oh, sinto tanto...! —A garota tinha o rosto alterado —Ivy vai odiar-me!

—É uma armadilha, Eliza? Ou se trata só de manter-me afastado do bordel?

Sacudiu a cabeça, secando as lágrimas com o dorso da mão.

—De verdade senhor Saint, não sei! Esta é a carta que o homem deu ao meu irmão. — Entregou a ele um bolo de papel dobrado que tirou do bolso da saia.

Saint o abriu. A nota era muito breve. Oferecia a Jack, o irmão de Eliza, a soma de mil libras para ele fazer o que ela já tinha contado. Estava assinada, não com um nome, mas com um selo. Uma mão com a palma para cima, segurando um cálice.

Devolveu a carta para Eliza.

—Escute. A pessoa ou pessoas que deram isto ao meu irmão são os mesmos que mataram Clementine, Goldie e a Daisy.

O rosto da garota perdeu toda cor e uma dor inundou seu olhar.

—Não.

—Sim. Fale ao seu irmão e o advirta que se mantenha afastado deles. Agora, quero que você entre na carruagem que Ivy mandou para você. —Um ruído ao fundo do beco captou sua atenção.

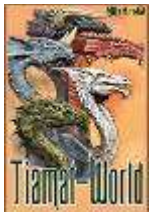
Era uma armadilha, sem dúvida. Sua audição que nunca falhava avisou, estavam começando a se aproximar por todos os lados. Mas queriam a ele ou a Eliza? Ou a ambos?

—Entre na carruagem e vai —ordenou, empurrando-a para a rua principal.

Não teve que dizer duas vezes. A garota entrou no carro e Saint gritou ao cocheiro para ir, três homens apareceram no beco. Não prestaram atenção à carruagem, que se afastou dali a toda velocidade.

—Boa noite, cavalheiros. —disse com forçada jovialidade enquanto se aproximavam dele. Surgiram mais quatro das sombras e se colocaram ao seu lado, enquanto outros três apareciam atrás.

—Fique quieto, vampiro —disse um dos três apontando seu peito com um pequeno arco. A ponta da flecha estava coberta de prata.



Todos estavam armados até os dentes, e Saint deduziu que todas as armas foram feitas, ou cobertas de prata. Deviam ser caçadores de vampiros. De que outro modo eles saberiam o que utilizar contra ele? E o que ganhariam assassinando àquelas garotas?

—Por acaso —perguntou ele, descrevendo um pequeno círculo para ver todos os homens que começavam a rodeá-lo —algun de vocês é o homem que estão comparando com Jack o Estripador?

Um deles riu e os outros sorriram. Saint falou ao que riu.

—Disse alguma piada?

O homem deixou de rir, mas se via que continuava a achar graça.

—Como se fôssemos responder.

O vampiro deu de ombros.

—Bom, suponho que sempre posso arrancar uma confissão com socos. —E dito isto, entrou em ação.

Pegou o homem que levava o arco, arrancou a arma da sua mão e disparou atingindo-o bem no coração. Morreu na hora, antes mesmo que seus companheiros conseguissem pensar em reagir.

Todos se assustaram e o atacaram de imediato. Um arremeteu contra ele, mas Saint o pegou pela cabeça e partiu seu pescoço com um leve giro. Antes que o cadáver do primeiro tocasse o solo, outro se adiantava para ele. Saint o mandou voando acima do edifício vizinho. Após cair, não voltou a levantar. Quando quebrou as costelas do quarto atacante com um simples murro, os outros ficaram indecisos se o atacavam ou não.

—Foi divertido —disse —Mas me desculpem... —A carruagem de Eliza já deveria estar chegando em casa, ele devia retornar e assegurar-se que Ivy estava bem. Não tinha tempo a perder brigando com uns estúpidos humanos que não sabiam nem como utilizar as armas que tinham.

Deu um impulso para saltar para cima. Seus pés mal saíram uns centímetros do chão quando gritaram.

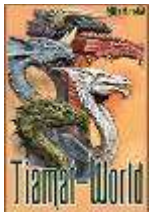
—Agora!

Não sabia a que se referiam, mas acabou descobrindo.

No alto dos dois edifícios vizinhos, havia uns homens segurando uma espécie de rede que soltaram sobre ele.

Assim que a rede tocou sua pele, a prata com que foi tecida começou a queimá-lo, jogando-o de volta ao chão com tanta força, que o piso se rompeu devido ao impacto. Saint ficou caído, cobrindo a cabeça com os braços, tentando manter o rosto afastado da rede. A prata só queimava as partes desprotegidas, mesmo assim ficou bastante debilitado, caso encostasse à rede por segundos com certeza o queimaria sem remédio.

De modo que se fechou como um novelo para proteger-se e ficou em silêncio enquanto seus satisfeitos sequestradores o chutavam. Doía muito mais do que em circunstâncias normais, mas



não fez nenhum esforço para movimentar-se. Não se defendeu. As coisas já estavam bastante ruins, melhor não fazer nada, para não piorá-las.

Um deles cuspiu sobre ele.

—Isso é da parte da Ordem da Palma de Prata, réptil pequeno e asqueroso.

Outro homem afastou ao que cuspiu.

—Cala a Boca, idiota! —E olhou para Saint nervoso. Era óbvio que não deveriam dizer quem eram.

A Palma de Prata era uma antiga ordem dos cavaleiros templários, foram expulsos da Ordem por praticar magia negra. Também foram os primeiros a possuir o Graal que transformou Saint em vampiro. Seria possível que todos aqueles assassinatos ao final estivessem relacionados com ele e seus amigos? Era muito fantástico para ser verdade, mas todas as provas apontavam nessa direção.

Levantaram-no do solo e a rede queimou todas as partes de seu corpo que não estavam protegidas. Negou-se a gritar. O colocaram em uma carruagem com barras de prata e janelas pintadas de preto.

Seu último pensamento ao afastar-se dali foi para Ivy. Se ele não estivesse por perto, quem ia protegê-la? Ninguém.

E com essa ideia devorando sua mente, decidiu lutar pela sua liberdade.

Lutar e vencer.

Capítulo 12

—Quem diabos é a senhora?

Estava claro que a irmã de Beatrice não achou nenhuma graça que alguém batesse à sua porta uma hora antes que amanhecesse.

—Me chamo Ivy Dearing, vim atrás de Beatrice. Está aqui?

—Talvez. —A mulher a olhou de ponta a ponta com insolência —Para que a quer?

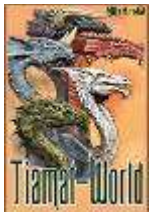
—Quero levá-la de volta a Maison Rouge. Estamos preocupados com sua segurança.

—Como faz poucos dias que uma garota morreu ali, acho que estará mais segura aqui. —E dito isto, empurrou a porta para fechá-la. A bota de Ivy impediu que a fechasse.

—Acredita de verdade que pode proteger Beatrice? —perguntou Ivy através da abertura, apertando os dentes pela dor que sentia no pé.

A irmã de sua amiga apoiou-se com todo seu peso contra a porta, e a bota de Ivy, para não falar de seu pé, não era o bastante forte para aguentar tanta pressão.

—E a senhora sim? —espetou a outra mulher sem deixar de empurrar.



Antes que pudesse responder, um dos robustos guarda-costas contratados por Saint se aproximou e deu um empurrão na porta. Esta se abriu de repente, e a irmã de Beatrice saiu disparada.

O homem, cujo nome era George, se a memória de Ivy não falhava, entrou na casa e fulminou a mulher com o olhar.

—Eu sim posso protegê-la. E agora, onde está Bea?

Nesse instante, uma Beatrice com cara de sono e vestida com um camisão de flanela, apareceu na sala, recém-saída de seu pequeno quarto.

—George? Ivy? Que vocês estão fazendo aqui?

George a viu e seu rosto se iluminou, atravessou o cômodo, as madeiras do piso rangeram sob seu peso.

—Viemos para levá-la de volta para casa, Bea. Ali você estará a salvo.

Para a surpresa de Ivy, a garota sorriu àquele gigante, como se ele fosse um cavaleiro de brilhante armadura, montado no seu corcel branco.

—OK. Só demorarei um segundo para vestir-me. —Girou sobre seus calcanhares para retornar ao quarto.

Ivy observou a mal-humorada irmã de Beatrice, cujo camisão estava um pouco puído. As raízes de seu cabelo eram mais escuras na raiz onde a hena já havia saído, e o resto era de um vermelho intenso. Apostaria tudo o que tinha que invejava a sua irmã, e era óbvio que ganhava a vida na rua. Talvez um tempo atrás,alaria que fosse a Maison Rouge para uma entrevista, mas agora era muito tarde, a rua já deixara sua marca na moça. Aquela mulher não encaixaria na casa; seria difícil que algum de seus ricos clientes, ou qualquer com um mínimo de higiene pessoal, quisesse deitar-se com ela.

De todos os modos, era difícil não sentir pena dela. Talvez tivesse razão. Talvez Beatrice não ficasse a salvo na Maison Rouge, mas se Ivy não confiasse na capacidade de Saint, seria melhor abandonar a ideia de apanhar ao assassino e entregá-lo à justiça.

—Esperamos você na carruagem —disse Ivy a Beatrice, incapaz de suportar o olhar de sua irmã por mais tempo. —Vamos, George.

O gigante vacilou um instante antes de segui-la.

—Sinto acordá-la. —desculpou-se ao passar pela mulher —Obrigada pelo seu tempo.

A outra a deteve.

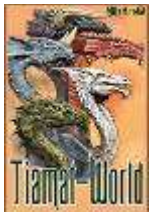
—Não devolvarei o dinheiro.

Ivy deu um passo para trás com o hálito de uísque da moça.

—Não sei de que está falando.

Com as mãos na cintura, a mulher tirou do peito um punhado de dinheiro, em uma postura claramente retida.

—Do dinheiro que me deram para eu fizesse Beatrice ficar comigo.



Sua amiga teve que pagar a sua própria irmã para poder visitá-la? Ivy não podia nem imaginar cobrar nada à sua para desfrutar do prazer de sua companhia; a verdade é que até pagaria uma fortuna em troca de passar umas horas com Rose.

—Fique com ele —disse com desdém. Se Bea teve que pagar algo de seu bolso, ela mesma se encarregaria de reembolsá-la.

Beatrice não demorou muito para também entrar na carruagem e, minutos mais tarde, já estavam de volta a Maison Rouge com o gigantesco George fazendo todo o possível para que a diminuta Bea estivesse cômoda. Toda a jornada foi bastante rápida e sem problemas. Confiava que para Saint também houvesse sido.

Quando chegaram ao bordel, George acompanhou Bea a seu quarto, enquanto Ivy ficou no salão aguardando a volta de Saint.

Não teve que esperar muito. Mas não foi seu vampiro o que apareceu pela porta.

—O senhor Saint! —gritou Eliza, branca como o papel. Ivy sentiu parar seu coração.

—O que aconteceu com ele?

—O pegaram. —O belo rosto da garota estava alterado e banhado em lágrimas —Oh, Ivy! Acho que irão matá-lo!

Saint sentiu quando sua prisão móvel chegou ao seu destino, que não voltaria a ver outro entardecer. Ele não era como Chapel ou Bishop, que preferiam seguir com uma situação para ver a que fim levava. Ele teorizava que todas as situações conduziam à morte.

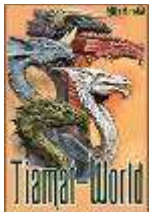
Por isso, agora estava caído com a boca no chão da carruagem, tentando não assustar-se como uma menina pequena e evitando não tocar a prata. O cabelo e a roupa ofereciam uma proteção mínima contra a malha, mas o metal o deixava sem forças. As únicas duas coisas que podiam fazer um vampiro superar os efeitos da prata eram a sede de sangue e uma fúria provocada.

Pensou na noite em que Marta morreu. Essa lembrança que levava mais de duas décadas e meia de idade, só irritou-o um pouco, e a única coisa que conseguiu sentir foram remorsos. Pensou no animal que matou às amigas de Ivy e o sangue começou a ferver.

Pensou que se rendesse e morresse, Ivy ficaria a mercê desse bastardo e o fervor se transformou em um inferno. Não ia abandoná-la. Não permitiria que morresse, e muito menos que vivesse pensando que ele falhou com ela.

Com toda a força que conseguiu convocar, jogou o punho para trás, sentiu as pontadas da prata ao fazê-lo, bateu com força nas madeiras do chão da carruagem uma vez. Duas.

Foi rápido, ignorando se seus sequestradores ouviram o estrondo. O buraco era bastante grande para que passasse seus ombros, mas o movimento fez com que a rede se enredasse na parte superior do corpo, e agora, tocava a testa e a parte superior do maxilar direito. Sua pele primeiro queimou e depois ardeu.



Deslizou pelo buraco sentindo o fedor da própria pele queimando; seu estômago revolveu, e achou que a dor faria explodir a sua cabeça. Apesar de tudo, conseguiu esticar um braço, liberando uma mão, com a qual atravessou a malha de prata até alcançar a roda da carruagem.

Suportou a queimação, lutou contra o cansaço. Só pensava em Ivy, e isso o ajudou a segurar com os dedos em carne viva, um dos aros da roda. Necessitou de toda sua força, mas no final, ao frear a dita roda, a carruagem cambaleou. A testa ensopada de suor, o sangue gotejando sobre os olhos, apertou as mandíbulas e seguiu freando.

A roda se partiu.

A carruagem saiu pelos ares, e Saint não sentiu nada exceto que o fogo o envolvia e a escuridão voltava a engoli-lo.

Era impossível que alguém conseguisse matar um vampiro. Ele era invencível, não?

Ivy não sabia, por não saber, queria averiguar e isso a levou a percorrer frenética toda a casa á procura de todos os homens e mulheres disponíveis para correr e salvar seu vampiro.

Porque não podia imaginar um mundo sem ele. E depois de tudo o que ele fez por aquela casa, ela não ia abandoná-lo. Não permitiria que o bastardo que matou suas amigas, matasse também seu amante.

Não demorou nem quinze minutos para reunir a todos, mas esses poucos minutos os aproximavam mais ainda do amanhecer. Se iriam salvar Saint e trazê-lo de volta para casa, tinham que fazê-lo antes que saísse o sol, a não ser que a sorte ajudasse e o encontrassem perto dos túneis que ele sempre utilizava, contando também que ele estivesse bem para indicar-lhes o caminho.

Levou com ela todos que pode. George e mais três dos homens de Saint iam armados e ao seu lado, assim como uma dúzia de garotas, incluindo Beatrice e Eliza.

A pobre Eliza se sentia muito culpada. Uma pequena parte de Ivy achava que devia sentir-se culpada, mas mesmo assim a confortou com um aperto no ombro antes de sair. Depois de tudo, a moça falou por vontade própria onde encontrar ao seu irmão, e confiavam que ele soubesse dizer para onde aqueles bastardos levaram o vampiro.

Enganaram também a Beatrice? Alguém deu dinheiro a sua irmã para retê-la ali, o mesmo valor que pagaram ao irmão de Eliza. Ivy repreendeu a si mesma por não perguntar mais àquela mulher, mesmo que o mais provável era que não lhe falasse a verdade.

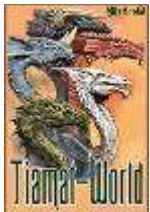
—Não temos muito tempo —falou enquanto se preparavam para sair.

Foi montada em Annabelle —a égua que ganhou de sua mãe no seu vigésimo segundo aniversário —sem importar-se que suas pernas ficassem a mostra.

—O sol não demorará a sair. Assim que encontrarmos Saint, temos que colocá-lo na carruagem, cobri-lo com mantas e trazê-lo de volta aqui o mais rápido possível. Entendido?

Todas as cabeças assentiram à tênue luz que precede o amanhecer.

—Não sabemos em que estado se encontra. —doeu dizer cada palavra —Portanto fiquem afastados dele mesmo na carruagem. Depois, eu ficarei com ele.



—Desculpe-me, senhorita Ivy, mas não acho que isso seja boa ideia. —disse George.

Ivy o olhou nos olhos.

—Aprecio sua preocupação, George. Mas assim é como vamos fazê-lo. Agora, depressa. Estamos perdendo tempo.

Saíram todos cavalgando, com Ivy na frente. George, Eliza e os demais iam atrás, além de uma carruagem. Jackson ficou em casa com os demais, por via das dúvidas.

Agachada na sela, Ivy estimulou o animal por toda a cidade, para a taberna onde o irmão de Eliza trabalhava servindo bebidas.

Nunca chegaram ao destino. Depararam-se na metade do caminho com um acidente no meio da rua, bloqueando o tráfego.

Um carro preto com vidros escuros estava tombado de lado com um buraco no chão. Os cavalos haviam se soltado, embora eles não parecessem assustados, estavam alterados, um homem segurava as rédeas e falava com eles com tom de voz baixinho.

A portas da parte de trás do carro estavam abertas, na rua úmida pela chuva, um vulto escuro se distinguia enrolado numa rede de malha brilhante. Três homens o arrastavam pela pedra áspera do chão, puxando-o para outro veículo semelhante ao acidentado, que estava a poucos metros de distância.

Quando um dos homens o chutou, o vulto rosnou. E começou a se contorcer. À luz dos candeeiros da rua, Ivy conseguiu vislumbrar um rosto entre a rede, ele se virou para ela.

Seu coração parou de repente. Saint. Seu sangue brilhava, o ar trouxe o cheiro de pele queimada, então soube que a rede brilhante e delicada era feita de prata. O que mais poderia ter feito tanto estrago?

Um golpe rápido de seus saltos e Annabelle estourou para frente, correndo em direção aos homens que levantavam o vampiro no carro como se ele fosse um pouco mais que uma mobília velha.

Ela parou a poucos centímetros de um deles e puxou a pistola do bolso. Apontou para a cabeça do homem.

—Solte-o.

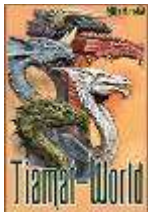
O homem riu, mas quando viu chegar os companheiros da moça não achou tanta graça.

—Desculpe, senhora. Mas nós cumprimos ordens.

Ela puxou o gatilho. Mas a bala não se alojou na cabeça. Antes de disparar, Ivy mudou de planos, e fez o projétil cravar na coxa do bandido. Ele caiu de joelhos, gritando.

Ivy nem teve tempo para sentir satisfação por ter derrubado o bastardo, logo que o homem ferido desmoronou alguém a puxou de sua montaria. Dois dos companheiros do bandido a prenderam, e um deles lhe socou fortemente no estômago. Incapaz de respirar, com os olhos cheios de lágrimas, ela cambaleou para frente. A única coisa que a impediu de cair no chão sujo foi uma mão bestial que segurou seu braço.

Saint rugiu ferozmente. O cheiro de queimado se intensificou, Ivy olhou para a rede a tempo de ver o vampiro se levantando. Seus dedos estavam quebrados e sangravam, mas seguraram o



homem que havia batido nela e atirou-o contra o carro com tanta força que o deixou inconsciente. Ivy não queria nem pensar qual seria o resultado se Saint estivesse na posse de toda a sua força.

O homem que a segurava ao ver que George o cercava, a soltou. E o restante fugiu quando se viram confrontados por seis prostitutas irritadas armadas com rifles.

Curvada como uma anciã, com o corpo todo dolorido pelo soco, Ivy apoiou-se na porta do carro.

—Você está bem? —Saint tinha a voz rouca. Ao ouvi-lo, os olhos de Ivy se encheram de lágrimas.

—Se eu estou bem? —choramingou—Estou bem. Você foi ferido?

—Me curarei.

Com os dedos puxou a prata que o prendia. Os fios finos de metal dobraram, mas não se romperam, e cortaram suas mãos como se fossem diminutas adagas.

Saint movimentou a cabeça.

—Deixa Ivy!

Ela não parava de chorar enquanto continuava lutando para libertá-lo.

—Não se soltam!

—Ivy!

Então parou e o olhou nos olhos. A ternura que viu neles a deixou sem fala. Tinha o rosto coberto de sangue e era impossível determinar a gravidade de suas feridas.

—Vão ter de cortá-la —falou em voz baixa.

—Leve-me de volta ao Maison Rouge. Está quase amanhecendo.

Levantou o olhar e viu a familiar cor alaranjada das nuvens. Voltou a olhar para Saint e viu seu olhar de dor. Apesar do sol só se insinuar no horizonte, já começava a queimá-lo.

—Ajudem-me! —gritou Ivy enlouquecida. A única certeza era que tinha que salvar ao vampiro, ele era o único que importava.

De repente, uns enormes braços a separaram dele, e um par de homens bloquearam sua visão ao pegar Saint para levá-lo para a carruagem de janelas pintadas, tomando cuidado para não machucá-lo ainda mais. Duas das garotas a ajudaram e entraram com ela no veículo.

—Não se preocupe —falou Beatrice passando um braço pelos seus ombros. —Ele ficará bem. Seu homem ficará bem.

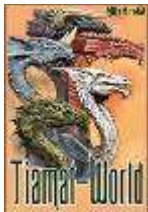
Seu homem. Saint era seu de verdade?

—Eu também atiraria em qualquer um ferisse meu George —falou a garota enquanto a ajudava sentar-se e a cobria com uma manta. De repente, Ivy sentiu muito frio.

—Atirei em um homem. —Sua voz soou distante. Olhou para fora e viu que continuava caído na rua.

—Que farão com ele?

—Suponho que mantê-lo com vida até que o senhor Saint possa interrogá-lo. —Beatrice sorriu tímida, mas com um tom triunfal, acrescentou—O resto depende dele.



Claro. Beatrice fechou a porta da carruagem, que levava a Saint e seguiram a caminho. Ivy deu graças a Deus pelas janelas pintadas, mas ele continuava preso naquela malha de prata. Quantos foram os danos causados a ele? Podia chegar a matá-lo?

—Levem-nos para casa. —falou com calma. —Quero ficar com ele.

Beatrice assentiu.

—Irei chamar o George.

Os homens que ficaram levantaram ao delinquente e o amarraram a um dos bancos do veículo, depois George saltou ao assento do motorista. Eliza, pálida e trêmula, sentou próxima de Ivy. Annabelle ia amarrada na parte traseira e os seguia sem problema.

—Oh, Ivy, o sinto tanto...

Ela levantou o cobertor e deu um tapinha no assento ao lado dela.

—Querida, não é culpa sua. Esqueça isso. - disse ela com sinceridade. Estava muito cansada, com medo de fingir.

Eliza foi para junto dela e as duas se abraçaram. Ficaram assim até chegar em casa.

Saint tinha a sensação de que levaram horas para libertá-lo da prata que o aprisionava, quando na verdade não levaram nem uma hora inteira. Ivy queria estar presente, mas ele pediu que não presenciasse. Ele não queria que ela o visse assim, tão fraco. Já foi ruim o suficiente ela ir resgatá-lo, arriscando sua vida pela sua tão inútil.

Louca, tola e linda!

Ao final, apenas ele e George ficaram em seu quarto no porão da Maison Rouge. George era um ladrão aposentado, com as mãos enormes e capazes. O gigante cortou os fios da rede de forma tão rápida e tão cuidadosa como pôde, tomando cuidado para que Saint não sentisse mais dores.

Quando ele abriu um buraco grande o suficiente, toda a rede se espalhou ao redor do vampiro como um lençol branco e letal. George estendeu a mão, e Saint aceitou a ajuda para se levantar, pois suas pernas estavam tão fracas que teve a sensação que não parariam mais de tremer.

Em vez de continuar apoiado ao homem até se recuperar, ele preferiu apoiar-se ao lado da cama, sem a rede sobre si, ele começou a recuperar alguma força, mas ainda levaria um tempo para voltar a ser ele mesmo.

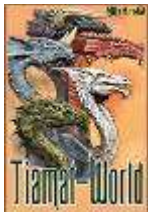
—Obrigado. —olhou para o gigante. —Eu te devo minha vida.

—Você deve sua vida a senhorita Ivy. Em toda minha vida não vi uma mulher assim tão determinada. —Ele riu um pouco. —Você é um sortudo de ter uma mulher que te ame tanto. Viu como ela atirou no filho da puta?

Saint viu. Ele ficou aterrorizado e cheio de orgulho, ao mesmo tempo.

—É uma grande mulher.

Ele e George sabiam que isso duraria pouco. O rosto de Saint expressava claramente o que ele pensava. George pegou os restos da rede.



—Precisa de algo mais?

Que Ivy estivesse segura. Que Ivy ficasse longe o tão humanamente fosse possível dos assassinos loucos. Mas ele sabia que isso não poderia pedir.

—Sangue. —ele disse.

George assentiu.

—Trago para você em seguida. —Ele caminhou até a porta com as armas de malha.

—George.

O gigante virou com o rosto inexpressivo.

—Um deles mencionou a Palma de Prata.

Uma sobrelha loira arqueou no rosto corado do homem.

—Eu pensei que não existiam mais.

—Bem, aparentemente, ainda existe. Veja o que sabe Ezequiel, você irá?

O outro assentiu com a cabeça novamente e deixou o vampiro sozinho. Este apoiou sua testa contra a cabeceira da cama e fechou os olhos.

A palma de prata. Ele ouviu histórias sobre eles muito tempo depois de virar as costas para a Igreja e começar sua nova vida, cheia de sangue e crime. Era uma Ordem muito antiga, uma divisão da Ordem dos Templários, tão diferentes daqueles senhores como Saint e seus amigos estavam do resto dos vampiros. Havia décadas que não ouvia falar deles.

O que diabos eles queriam dele? Ou melhor, o que isso tem a ver com a morte destas pobres meninas? Certamente eles eram da ordem que o informante de Ezequiel ouviu falar, e se assim fosse nada poderia ser uma coincidência. Os assassinatos não eram eventos isolados, mas diziam respeito à fraternidade. Mas se eles queriam matá-lo, porque não acabaram com ele no beco? Se eles queriam destruir a Maison Rouge, porque apenas não o queimaram?

Seu cérebro se recusou a encontrar uma explicação razoável, então ele parou de tentar e decidiu pensar nisso mais tarde, depois que recebesse as informações de Ezequiel.

Começou a preparar um banho quente, lançou na água algumas ervas e óleos medicinais, antes de se despir e entrar. O esforço o deixou fraco como uma criança, mas foi tão bom que ele não se importou.

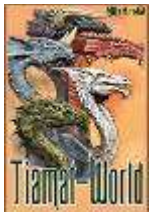
Quando abriram a porta, supôs que seria George com o sangue, mas bastou inalar o aroma uma vez para adivinhar quem era sua visita. Quando ela apareceu no meio da rua com seu cavalo aconteceu o mesmo; a cheirou antes de vê-la.

Abriu os olhos e observou Ivy aproximar-se. Levava o cabelo comprido e solto e um camisã que a fazia parecer ainda mais doce e angelical do que era; chegou ao ponto que Saint esteve à beira de chorar.

Ele por sua vez, tinha certeza que parecia alguém a quem tinham arrastado pelo inferno antes de deixá-lo ali.

—Minha vaidade me obriga a confessar que gostaria de ter melhor aspecto antes de vê-la.

—falou com um débil sorriso.



Ivy não sorriu, enquanto parava junto da banheira. De fato, a pobrezinha parecia estar à beira das lágrimas.

—Estou tão contente em ver você... —Tinha a voz mais rouca que o normal. —Não me importa o aspecto que você tenha.

Saint deixou de sorrir.

—Obrigado. —Sentia a garganta muito apertada para dizer mais alguma coisa.

Ele permaneceu em silêncio olhando como ela tirava a roupa, observando sua suave pele quando o camisã caiu ao chão. Também não disse nada quando a viu entrar na banheira e sentar escachada no seu colo. Limitou-se a absorver seu aroma, e ignorou a fome que devorava suas entranhas.

—Estava tão assustada... —confessou Ivy afundando a luva na água. —Tinha tanto medo de não voltar a vê-lo...

Saint sentiu a luva quente quando tocou seu rosto inchado e cheio de hematomas, a água prurriu as feridas. Apertou os dentes e se jogou para trás. Se tinha que limpar esses cortes, que fosse Ivy quem limpasse, ela fazia que tudo fosse mais fácil.

—Desfazer-se de mim não é tão simples. —Tratou de manter um tom relaxado e zombador.

Caiu uma gota em seus lábios. Ele lambeu e sentiu gosto de sal, não de água. Levantou o olhar um instante e viu que ela tinha a face banhada em lágrimas.

—Suas pobres mãos. —disse entre soluços. —Seu rosto.

Referia-se às queimaduras da prata, e às outras feridas que seus atacantes causaram.

—Eu me curo logo. —A rodeou com um braço e a atraiu para ele sem se importar com os cortes e queimaduras. —Ivy, meu amor, eu ficarei bem.

O rosto dela descansava contra sua cabeça. Ela rodeou seu pescoço com os braços e com os dedos acariciou seu cabelo.

—Mas as marcas ficarão.

—Algumas. —A queimadura da rede deixaria cicatrizes em sua testa e parte do rosto. Com o tempo, empalideceria, mas nunca desapareceria. As mãos que levaram a pior parte. Tinha os dedos em carne viva, e seus nódulos estavam supurando.

—Beber sangue me ajudará —murmurou contra a delicada pele de seus seios. Deus! Cheirava tão bem.

—E dormir. Amanhã ao amanhecer estarei muito melhor. Você verá.

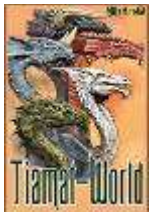
Ela se afastou um pouco e ofereceu a ele seu pescoço.

—Tome meu sangue.

—Ivy...

—Não discuta comigo! —Outra vez estava a ponto de chorar. —Você necessita. Toma! Quero que você faça.

Deveria recusar. De algum modo sabia que beber seu sangue era um ponto sem retorno em sua relação.



E nesse instante se deu conta que não importava. Nesse instante, soube que ela o desejava tanto como ele.

Sentiu um comichão nas gengivas, uma tensão que anunciava que seus caninos começavam a rasgar. Sentou-se, abraçou-a mais forte, aproximando-a mais dele, para acalmar seu tremor.

—Não tenha medo — sussurrou.

Ela o olhou nos olhos ao mesmo tempo em que puxava o cabelo comprido para outro lado.

—Não tenho medo.

Então ele percebeu que seu estremecimento não era de terror, mas de desejo, o que o excitou num instante.

A pegou pelos quadris, a mão de Ivy afundou entre os dois para guiar sua ereção na entrada de seu corpo. Estava lisa, e num único movimento, ele se afundou naquele cálido, úmido e sedoso interior. Quando já não pôde penetrá-la mais, cravou os caninos no seu pescoço, bem na curva do ombro, estremeceu ao sentir como a deliciosa essência de Ivy inundava sua boca.

Ela também tremeu, sentiu os seios apertados e excitados contra seu torso, e não parava de gemer. Seu sexo o abraçava com força enquanto arqueava os quadris para ele.

Saint bebeu, e cada gole recuperava sua antiga força multiplicada por dez, com cada investida seu desejo aumentava. Esqueceu-se da dor, da alma cansada que tinha. A única coisa que existia era Ivy. Tê-la dentro dele. Entrar nela lentamente. Todos seus sentidos estavam cheios dela, saturados de sua essência, até que foi impossível distinguir onde começava um e terminava o outro.

Só bebeu o que necessitava para recuperar-se, embora pudesse ter bebido um pouco mais. Lambeu os pequenos furos que fez com seus caninos e levantou o olhar para observá-la.

Seus olhos estavam abertos, tão brilhantes e o buscou com o olhar. Devagar, inclinou a cabeça, e quando os lábios dela tocaram os seus, o vampiro gemeu. Quando Ivy deslizou a língua dentro de sua boca, todo seu corpo estremeceu surpreso; estava saboreando os rastros de seu sabor que ficaram na língua dele, isso deu a Saint um prazer enlouquecedor.

Explodiu em um violento espasmo, todo seu corpo se retorceu pela intensidade do orgasmo. Agarrou-se a ela, temeroso que, se a soltasse, arrancariam ela dos seus braços e a perderia para sempre.

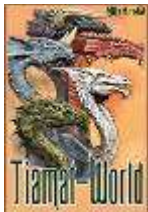
Ivy se abraçou a ele como uma trepadeira, envolvendo todo corpo dele com o seu, e gritou de prazer ao alcançar o clímax antes de cair sobre seu vampiro.

Ficaram assim durante um longo momento. Enredados em silêncio enquanto a água esfriava. Como se ao movimentarem-se o feitiço se romperia, e ele queria atrasar aquele momento tanto como pudesse.

Aquele, pensou ele sombrio, era o primeiro passo para o que tão denodadamente tinha tentado evitar. A razão pela qual resistiu tanto a beber o sangue de Ivy.

Mordê-la havia mudado tudo. Agora estava dentro dele, agora era parte dele. Entregou-se por vontade própria, em corpo e sangue. Agora pertencia a ele.

E faria tudo o que estivesse na sua mão para tê-la para sempre.



Capítulo 13

—Não volte a colocar-se em perigo por mim nunca mais.

Essas foram as últimas palavras que ele disse para ela antes de dormir nessa manhã. Formulou essa ordem logo após ver o hematoma que se formou em seu estômago.

—Não farei —prometeu ela, mas era mentira. Faria o mesmo se fosse preciso para salvá-lo. Sacrificaria sua vida por ele.

Era um pensamento inquietante.

Ivy ficaria na cama com Saint o dia todo se não fosse as queixas de seu estômago, e também porque queria ficar com Millie e sua mãe para comer.

Esteve tentada a cancelar o combinado, mas era a primeira vez que sua mãe levantava da cama desde a morte de Daisy, queria ver se ela cumpria sua promessa e tomava uma refeição completa.

Deixar o vampiro sozinho foi uma das coisas mais difíceis que fez ultimamente. Mesmo ele não sendo absolutamente vulnerável, dormindo ali entre os lençóis, o via tão cansado e abatido.

As queimaduras do rosto e das mãos já haviam perdido a intensidade, como ele previra, mas com certeza ficariam marcas. Rompia-lhe o coração saber que seu corpo levaria para sempre a lembrança desse dia tão horrível, mas as coisas poderiam ter sido muito piores.

Ao sentir que os olhos voltavam a encher de lágrimas, dissipou esse pensamento. Ultimamente chorava muito, e se negou a continuar assim. Ele estava vivo, e isso era o que importava.

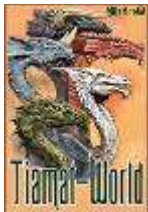
Ela contou o que a irmã de Beatrice falou sobre o dinheiro e ambos concordaram que foi a mesma pessoa que pagou ao irmão de Eliza. Toda a situação ultrapassava a capacidade de compreensão de Ivy. Era impossível que houvessem matado as suas amigas para apanhar Saint; ele nem sequer estava na cidade quando começou toda essa loucura. Talvez os assassinos simplesmente tentassem tirá-lo do caminho? Como sabiam que era um vampiro?

Alguém da Maison Rouge traiu o vampiro? Isso era impossível. Nenhuma das garotas seria capaz de algo assim, e se negava a crer o contrário.

Subiu correndo a escada para seu quarto para trocar-se, e optou por uma blusa de pescoço alto para ocultar as pequenas marcas de seu pescoço. Se não fosse por elas, pensaria que tudo foi um sonho, pois não sentiu os caninos perfurarem sua pele.

Um incrível, excitante e estremecedor sonho. Do qual não queria despertar apesar de se sentir assustada pela intensidade de tudo que estava sentindo.

Junto de toda aquela satisfação, cada vez que estava com Saint, sentia culpa por não ter encontrado ainda o assassino. Passarem-se semanas desde a chegada do vampiro, e por enquanto



o assassino levava vantagem. Mas o encontrariam, e o Maison Rouge recuperaria a paz ao saber que foi feito justiça.

Madeline a esperava no salão, onde havia uma mesa preparada para o almoço. Estava distraída arrumando os talheres de prata e alisando uma ruga invisível na toalha branca de linho, como se Emily não houvesse posto uma mesa digna do palácio de Buckingham.

Ivy se aproximou e lhe deu um beijo na face.

—Alegra-me ver que voltou a ativa.

Nunca vira sua mãe tão débil, mas pela força do abraço carinhoso que recebeu, ela agora estava muito bem.

—A mim também me alegra. Obrigada por não me deixar escolher.

Ivy sorriu.

—Sairemos desta.

Maddie a soltou e assentiu.

—Eu sei, mas me sinto tão culpada por não conseguir protegê-las. Essas meninas... —Os olhos brilharam cheios de lágrimas. —Gostava delas quase tanto como de você.

A jovem se aproximou de sua mãe e a abraçou durante um instante, até que a mulher se afastou, recuperada e sem sinal de pranto.

—Tenho que me concentrar em como melhorar as coisas.

—Sain encontrará o assassino, mamãe. Temos que ter fé.

Madeline a olhou desconfiada.

—Houve um tempo que você não confiava tanto na sua capacidade. O que mudou? —Ivy deu de ombros.

—Demonstrou que leva a sério o assunto. Seus ferimentos não são prova suficiente para a senhora?

Sua mãe levantou uma mão para defender-se do ataque.

—Minha querida menina, eu nunca necessitei de provas.

Não. Era verdade, ela não. A jovem deu meia volta, envergonhada e confusa. A opinião que tinha sobre o vampiro mudou muito, e seus sentimentos também. Passou de não confiar nele a entregar sua vida por ele. Como aconteceu algo assim? Aquilo era muito mais que um mero capricho. Um amor de adolescência não inspirava esse tipo de lealdade.

—Você está apaixonada por ele? —A pergunta de sua mãe foi como receber outro murro em seu já dolorido estômago.

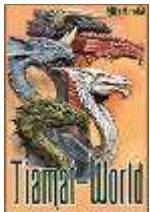
—E você? —contra-atacou zangada. Maddie deveria saber que ela não sentia essas coisas.

A mulher riu como se a ideia fosse ridícula.

—Deus santo, menina. Claro que não.

Nesse momento, Ivy preferiria comer vidros quebrados a confessar seus sentimentos por ele e ver como sua mãe zombava, ou pior ainda, se apiedava.

Por sorte, a chegada de Millie interrompeu a conversa. Jamais se alegrou tanto de ver sua antiga tutora, mas a pergunta de sua mãe seguiu retumbando em sua mente.



Apaixonada por Saint. Impossível. Absurdo. O que sentia por ele não se parecia em nada a essa ilusão que ela achava que era o amor. Mas reconhecia que sacrificaria sua vida por ele. Que faria qualquer coisa para protegê-lo e mantê-lo ao seu lado.

Isso estava começando a se parecer muitíssimo à obsessão que sua mãe teve por seu pai. Quando Saint se fosse, se afundaria como sua mãe quando seu pai a abandonou? Ou suplicaria que a levasse com ele?

Qualquer das duas possibilidades a deixava doente. Por sorte, ante a vibrante presença de Millie deixou de pensar nisso.

—Como vocês estão? —perguntou a mulher, beliscando as bochechas das duas.

—Tão bem como se pode esperar, dadas as circunstâncias —respondeu Ivy com um sorriso.

—Mas você nos alegrou o dia.

—Sim —assentiu Madeline, apontando para que se sentassem.—Fora essa gente horrível dos jornais, você é a única visita que recebemos.

Millie fez uma careta.

—Foi tão horrível ?

Ivy arqueou uma sobrancelha.

—Dizem que Jack o Estripado voltou, e que é cliente nosso.

A mulher abriu os olhos como pratos.

—Oh, que desgraça!

A jovem achou que a frase estava fora de lugar, mas sabia que Millie estava a par da situação, e que não teve intenção de ser desrespeitosa.

Emily entrou com o carrinho de comida e Millie centrou sua atenção em Madeline.

—Você terá que fechar a casa?

—Agora estamos de luto —respondeu enquanto ajudava a Emily a colocar o almoço na mesa. —Mas quando apanharem ao assassino, voltaremos a abrir.

Não escapou a Ivy o sorriso que sua mãe dirigiu a Emily para tranquilizá-la. Algo ia mal.

Aparentemente, Millie pensou o mesmo, porque quando a idosa se foi, voltou a falar.

—Você está pretendendo não voltar a abrir?

Madeline sacudiu a cabeça e picou um pedaço de pescado com o garfo.

—Temos que abrir. Algumas destas garotas não têm outro lugar para onde ir. Mas se não pegarem ao assassino, temo que muitos de nossos clientes não voltarão aqui.

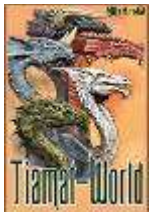
—Porque temem pelas suas vidas? —Os olhos de Millie estavam agora mais ainda abertos, se é que isso era possível.

—Porque temem pela sua reputação —respondeu Ivy. —Ser o centro de uma investigação de assassinato não ajuda muito a manter a discrição.

—O bordel voltará a abrir —insistiu Madeline, olhando o prato. —Mas com outra direção.

Ivy deixou cair o garfo da mão.

—Que você disse?



Sua mãe levantou o olhar. Estava resolvida e segura, e olhou para sua filha de um modo que deixou claro que tomou uma decisão e que não mudaria de ideia.

—Vou me retirar. —anunciou —Vocês duas são as primeiras a saber. Tão logo encontre uma substituta, entregarei a direção da casa, contanto que Reign o aprove, claro.

Millie disse algo que chamou a atenção de sua mãe, mas Ivy não escutou. Permanecia ali sentada, atônita, com a boca aberta como uma tola. Por que sua mãe não comentou antes?

E então Madeline olhou para sua filha com uma mistura de arrependimento e decisão no olhar.

—Ivy, querida. Reign deu sua aprovação para o caso de você desejar dirigir a casa. Antes de oferecer a Maison Rouge a outra pessoa, eu quis oferecer primeiro a você.

Para algumas mulheres, a oferta para tornar-se Madame de um bordel seria um insulto ou, pelo menos, algo raríssimo. Mas para Ivy, que desde pequena brincou que teria uma casa de encontros, em vez de tomar o chá, como as outras meninas, foi unicamente inesperado.

—Eu...

Sua mãe colocou uma mão sobre a sua.

—Você não tem que responder agora. Pense. Você dispõe do dote de seu pai, e com esse dinheiro você pode manter-se durante muitos anos. Você não tem por que trabalhar se não quiser.

Oh, sim, e Ivy já sabia em que gastar todo esse dinheiro. Houve uma época que pensou em devolvê-lo, mas acabou decidindo por ficar com ele.

—As garotas a conhecem e confiam em você —continuou sua mãe. —Assim a transição seria muito mais fácil, e se alguém pode tirar Maison Rouge desse pesadelo e levá-lo a diante, essa pessoa é você. —sorriu como só uma mãe pode fazer, e acariciou sua face com os dedos.

—Mas e se Ivy quiser casar algum dia? —interrompeu Millie.—Não há muitos homens dispostos a aceitar que sua mulher administre um bordel.

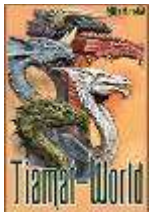
Essas palavras não escondiam nenhuma malícia, mas sim um mero sentido comum e uma total sinceridade. Ivy sorriu ao responder:

—Então terei que encontrar um que aceite.

Por difícil que parecesse, dois nomes lhe vieram à cabeça: Justin e Saint. Justin se manteria ao seu lado e a ajudaria com o negócio sem dúvida alguma. Seu amigo Justin, o que sempre a confortava, o que sempre fazia realidade seus desejos e o que nunca lhe dizia o que podia ou não fazer. O que nunca exigia que não tentasse protegê-lo, como ele fazia com ela. Justin, que nunca pediu seu coração, nem seu amor... que nunca pediu nada.

E, apesar de tudo, não era a seu bom amigo a quem queria ver nesse instante. Não era com Justin que queria passar o resto da vida.

Não era com ele em absoluto.



Quando Saint despertou, já era final do dia. Vestiu-se e saiu da Maison Rouge através dos túneis que haviam à entrada de seus aposentos. O único motivo o que levou a sair por ali foi porque não queria que Ivy soubesse de sua saída. Isso só serviria para que se preocupasse.

Essa manhã, em algum momento entre a banheira e a cama, jurou a si mesmo que faria tudo o que fosse necessário para conquistar seu coração, mais nada além disso importava. O amor era o único que fazia com que a imortalidade fosse suportável. Mas isso significava que teria que convencer a moça que esse sentimento não era tão mau como ela imaginava. E também que ele tornou-se mais vulnerável do que foi há duas décadas.

E vulnerabilidade era um luxo que não podia se permitir até que pegasse ao maldito assassino.

Portanto, como um covarde, ao entardecer, saiu da casa pelos túneis e atravessou a cidade até chegar ao seu destino, saindo à superfície duas ruas antes de alcançá-lo.

O manto da noite cobria Londres, a sombra azulada e cinzenta do céu agora era quase impenetrável, segundos atrás não parecia tão escura.

Era o tipo de bairro cujos habitantes se sentem bastantes cómodos para sentarem nos degraus da entrada e fazer vida social com seus vizinhos. Duas mulheres compartilhavam anedotas fumando um cigarro, e gritavam a seus filhos que se mantivessem afastados da rua. Um casal, que não era dali, passou junto dele para parar uma carruagem. Não queriam ficar na área quando a noite caísse completamente sobre a cidade.

Por isso Saint preferia o agora, que o sol se pôs, se sentia cheio de vida. As feridas da manhã já estavam quase curadas. Só ficavam as cicatrizes rosáceas dos cortes da rede na testa e na bochecha. As mãos ainda não estavam bem, mas já podia dobrar os dedos sem que doessem muito. Com o passar dos dias, melhoraria mais um pouco, mas para que as marcas se desvanecessem totalmente faltavam anos, e algumas não o fariam nunca. A cruz de suas costas era um exemplo disso.

Graças a Deus que a vaidade não era um de seus defeitos.

George falou o lugar que ficava o armazém onde retinham seu prisioneiro. Mesmo que Saint não soubesse o lugar exato, o teria encontrado. Podia cheirar o sangue do homem desde a rua. Assim como seu ódio e seu medo.

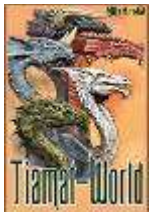
Algum dia daria com a essência do homem que bateu em Ivy, e acabaria com esse bastardo. Mas por enquanto tinha que conformar-se com aquele outro.

Entrou no armazém pela porta de trás. George e os demais esperavam em um enorme quarto vazio e escuro, exceto pela luz que se projetava dos postes de luz da rua. Um halo dourado iluminava o piso sujo e um homem atado a uma cadeira, no centro. Estava com a coxa enfaixada e o sangue empapava a gaze branca.

Saint olhou para George.

—Extraímos a bala —ele explicou. —E também limpamos a ferida. Viverá... Se você quiser.

Ao prisioneiro não passou por alto esse comentário, e gritaria aterrorizado se não fosse a mordaça que tinha na boca.



—Disse algo? —perguntou Saint, olhando ao tipo com cautela.

George negou com a cabeça.

—Ficou amordaçado todo o tempo, esperando que você chegasse.

—Muito bem. —Se aproximou do prisioneiro e arrancou a mordaça da sua boca.

—Como você chama?

O homem cuspiu em seu rosto.

Um riso sem humor saiu dos lábios do vampiro. Inclinou-se para frente e apoiou o dedo indicador no meio de sua testa. Parecia um gesto inocente, mas então o empurrou com tanta força, que sua cabeça bateu no apoio da cadeira.

—Você está vendo estrelas, não é assim? —Saint perguntou com um sorriso. —Agora, qual é teu fodido nome?

—Beatty. John Beatty.

—Assim está melhor. Vejamos senhor Beatty, que relação você tem com a Palma de Prata?

Ezekiel não deu muita informação, só que se dizia que a ordem voltará, e que corriam rumores sobre isso por toda Europa. Ninguém parecia saber o que faziam o que não era de estranhar, dado o caráter reservado do grupo.

Como ainda sentia o golpe que levou nos supercílios, Beatty optou por não dar uma de durão desta vez.

—Trabalhei para eles duas vezes. Isto é, contrataram a mim e aos garotos.

—Para quê?

—Na primeira, para assegurar-nos que certo porco subia em um trem a tempo, e esta manhã tínhamos que ir a esse beco. Eles nos deram as armas e a rede.

Portanto a Ordem da Palma de Prata sabia da existência dos vampiros, e que Saint era um deles. Era óbvio que contavam com que aparecesse.

—Suponho que era para vocês me capturarem?

Beatty negou com a cabeça.

—Não sei. O homem não nos disse muito.

—Que homem? O que os contratou?

Assentiu impaciente. Estava claro que esse Beatty não era o cérebro da operação.

—Sim.

—Como se chama?

—Não sei. Não me disse e eu não perguntei.

—Certamente não. Como ele era?

—Era noite quando o vi. Usava chapéu.

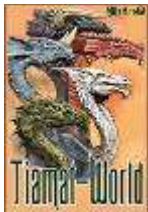
—Tenho certeza que você viu algo.

—Tinha as mãos manchadas de tinta.

Tinta. Um pintor. Torrent. A satisfação se refletiu no rosto de Saint.

—E foi ele quem disse para vocês me esperassem nesse beco?

—Era para prendê-lo. Tudo isto tem a ver com a garota.



—A que estava comigo quando vocês apareceram? —Isso quer dizer que Eliza era a próxima vítima? Torrent a queria?

—Não, a outra. A puta que atirou em mim. Tudo isto é por ela.

Gelou todo o corpo do vampiro, e depois sentiu uma ira tão intensa que achou que explodiria em chamas.

—O que tem ela?

—Não sei. Mas aparentemente é especial. O tipo que nos contratou não achou nenhuma graça por Ned bater nela.

Saint inclinou a cabeça com um sorriso sardônico no rosto.

—Pobre Ned. Mas acho que há algo que você não está contando.

O homem negou com a cabeça, no entanto seus olhos eram fugidios. Estava escondendo algo, algo que podia significar a vida ou a morte de Ivy.

Então Beatty, para sua desgraça, demonstrou ter coragem.

—Espero que a peguem. Espero que sofra.

Saint voltou a colocar a mordaca em sua boca, depois, pegou um de seus dedos e o quebrou como se fosse um graveto. A mordaca absorveu o grito. Saint contou até cinco antes de agachar-se e tirá-la novamente. O rosto sujo do bandido estava coberto de lágrimas. Ao vampiro não importou o mínimo.

—Vejamos. —disse. —Tentaremos novamente, o que acha?

—Onde você esteve? —perguntou Madeline ao ver Saint entrar na casa duas horas mais tarde. Estava muito cansado para utilizar os túneis. —A minha filha quase teve um infarto ao ver que você saiu.

—Tenho certeza que não fazia nem dois segundos que o sol se pôs e ela já soube que meu quarto estava vazio. —Se apoiou na parede e tentou sorrir, mas não conseguiu. Passou a noite torturando um tipo que aparentemente não sabia nada, mas que desejou a morte de Ivy, isso tudo acabou com seu bom humor.

—Se assustou muito ao ver que você saiu sem avisá-la. —Expressou com o olhar sua reprovação. —Deduzo que não descobriu nada.

—Nada. —Passou a mão pelo rosto. —Preciso tomar algo. Maddie, você me acompanha?

—Claro! Você acha de verdade que uma taça te fará algum efeito?

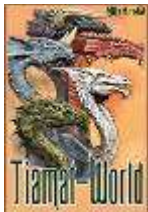
—Talvez se eu beber uma ou duas garrafas.

—De acordo. —Pegou em seu braço e foram pelo corredor em direção ao salão. —Tenho que te pedir algo, querido.

Saint suspirou.

—Tem a ver com Ivy, ou me engano?

—Não. —Sua velha amiga o presenteou com o primeiro sorriso que há dias não via. —Ela é mais frágil do que parece. Não quebre seu coração, por favor.



—Não é seu coração o que corre perigo —ele respondeu, afagando sua mão. —Essa garota é muito dura, você sabia?

O sorriso de Madeline se apagou um pouco.

—É culpa minha que seja assim. Ela nunca viu o que é o amor de verdade. Enfim, se criou aqui...

—Eu trouxe vocês aqui. Se você vai culpar alguém, culpe a mim também.

—Você salvou nossas vidas.

—E você deu a sua filha o melhor. Uma pessoa não precisa ver o ar para saber que existe. Nem a verdade para crer nela; não é preciso ver o amor para poder sentir. Ivy está assustada.

—Acho que nunca o vi falar de algo com tanta paixão.

—Pois isso é o que faço de melhor —disse com o rosto impassível.

Ela riu.

—Você se esforça muito em fingir que é um sedutor.

—Houve uma época na qual não fingia.

—E agora?

Ele deu de ombros. Não queria uma casa, nem uma esposa, nem sequer um cachorro, mas queria os sentimentos que tudo isso levava consigo. Queria... queria um lar. Queria um lugar ao que retornar e queria alguém com quem compartilhá-lo... para sempre.

Pararam em frente da porta do salão. Maddie deu meia volta para olhá-lo nos olhos, para olhar seu bonito rosto cheio de preocupação.

—Antes de entrarmos, você deve saber que Justin Fontaine está aqui com Ivy.

Saint soltou uma maldição.

—Você podia ter avisado antes.

—Digo a você agora por que, se Ivy tentar te fazer ciúme com Justin, você não perca o juízo e tente matar ao pobre garoto.

—Por que diabos ela faria algo tão idiota?

Madeline o olhou e disse com o olhar que o idiota era ele.

—Porque esta noite você a abandonou, e precisa saber que o que você sente por ela é pelo menos a metade do que ela sente por você.

O sarcasmo o fez falar antes que pudesse evitá-lo.

—Só a metade?

Madeline bateu em seu braço com força.

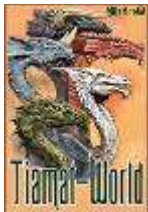
—É minha filha.

Saint sorriu.

—E eu a adoro, Maddie. MUITÍSSIMO.

O rosto da mulher se iluminou como uma moeda recém lustrada.

—Alegro-me. —E então abriu a porta e entrou, e Saint com ela.



Ivy e Justin estavam em pé no meio da sala. Tão perto um do outro que o vampiro teve que morder a língua para não grunhir só de vê-los. Quando seu olhar se encontrou com o de Ivy, ela abriu os olhos como pratos.

Estava mostrando que ele não sabia dissimular seus sentimentos.

—Oh, você voltou. —A desaprovação de Ivy era tão evidente como a admiração que Justin sentia pelo seu decote. A jovem estava impressionante com aquele vestido de seda cinzento. Uma prenda que para Saint não lembrava em nada um luto.

—É o que parece —respondeu com suavidade. —Boa noite, senhor Fontaine.

Justin inclinou a cabeça e sorriu para Saint com a saúde e o brilho próprios de sua juventude.

—Boa noite também para o senhor. Vim visitar as minhas queridas damas esta noite e soube que esta manhã evitou que sequestrassem à uma das garotas. Aparentemente é um herói.

Para Saint não importava o motivo da visita de Fontaine e ainda menos se o jovem o tinha ou não por um herói.

—Seguro que exageraram, senhor Fontaine. Não foi nada tão fantástico como o que contaram.

—Se o senhor o diz... mas quero agradecer por tudo o que tem feito pela segurança da senhorita Dearing e de sua mãe.

Saint apertou os dentes.

—Bom, Maddie e eu somos velhos amigos.

—Sim, eu sei. —Não deixava de sorrir para a sereia que ia pendurada em seu braço—O senhor é como um tio para Ivy, equivoco-me?

Madeline teve um acesso de tosse, e Ivy estava a ponto de rir ou gritar, ou ambas as coisas de uma só vez.

—Me agrada um pouco de bourbon —anunciou Saint—Posso oferecer-lhe algo?

Maddie se recuperou a tempo para pedir uma taça de vinho e o vampiro caminhou até o bar para servir as bebidas. Acabava de inclinar a garrafa de cristal quando Ivy se reuniu com ele.

—Aonde você foi? —exigiu saber.

Saint não estava de humor para isso. Não era que ela não tivesse motivos para estar zangada, mas preferia não ser ele o objeto de sua ira.

Bebeu o bourbon de um gole.

—Interrogando ao tipo que você disparou esta manhã. —Voltou a encher a taça.

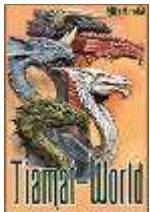
As bochechas da garota empalideceram, e olhou ao seu redor para assegurar-se que nem sua mãe nem Fontaine ouviram.

—Baixa a voz!

—Então talvez você possa esperar um pouco para esfolar-me vivo —ele sugeriu—Não quer que Fontaine saiba que você disparou em um homem para resgatar o vampiro que você está atirando agora, não?

Seus olhares se encontraram, e ele pôde ver como o rosto dela corava mais e mais.

—Deus, como a desejo. —murmurou Saint, e levantou de novo a taça.



Ivy piscou. E então sorriu; esse meio sorriso que aparentemente tinha só para ele.

Antes que pudesse dizer algo mais, apareceu Emily seguida por dois policiais.

—Desculpe-me, senhorita Madeline —disse—gostaria de falar com o senhor Saint.

O olhar de Ivy era confuso e indeciso, mas ele olhou aos dois homens sem piscar.

—Certamente. Posso perguntar-lhes do que se trata?

Um dos policiais deu um passo para frente.

—Lamento incomodá-lo, senhor, mas esta noite apareceu uma garota morta perto de Covent Garden, e umas testemunhas dizem tê-lo visto pelos arredores.

Umas testemunhas? E uma merda.

—Isso é impossível.

—Não estive na rua Russell esta noite?

Maldição. Ali era onde tinha interrogado Beatty.

—E dizem que morreu uma mulher? —perguntou ele, evitando responder.

Os dois agentes se olharam incômodos.

—Igual às outras pobres garotas, senhor.

Ao ouvir as exclamações simultâneas de Madeline e Ivy, Saint deixou a taça e se aproximou aos policiais.

—Sou suspeito? —quis saber.

Mais olhares incômodos.

—Temo que sim, senhor.

—Então será melhor que me levem a Scotland Yard —falou —Os senhores e eu temos muito que falar.

Capítulo 14

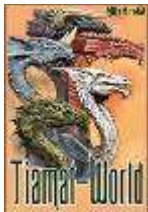
Era certo isso que se dizia do inferno e as boas intenções. Saint conseguiu converter-se em suspeito de um assassinato.

Sentou-se em frente a uma pequena mesa que havia em um quarto diminuto e mal iluminado, e a pouca luz que entrava ficava velada por uma nuvem de fumaça. Um dos oficiais, o mais magro, que se chamava MacKay, ofereceu um cigarro que ele rejeitou, mesmo gostando de fumar. Não respirava como um humano, e ao fumar esse fato podia chamar a atenção.

—Não demoraremos muito, senhor Saint —MacKay falou com um sotaque escocês.

Saint deu de ombros fingindo despreocupação.

—Não me esperam em nenhum lugar. —Sempre e quando saísse antes do amanhecer, e ele se asseguraria que fosse assim, tudo iria bem.



—Pode dizer-nos o que o levou esta noite a Covent Garden? —Foi Smythe, o gordinho da dupla, quem perguntou. Tossiu e fulminou a seu companheiro com o olhar. Era óbvio que não era fumante.

—Fui interrogar a um homem que acho que está relacionado com os assassinatos. —Não foi necessário que especificasse a que assassinatos se referia.

Smythe sentou frente a ele e o olhou indignado.

—O senhor é da polícia, senhor Saint?

O vampiro sorriu ante o tom nada sutil do agente.

—Não precisa se enfurecer, filho. Só estou fazendo um favor à senhorita Dearing.

—Ah, sim. A prostituta. —Observou, atento a reação de Saint.

Este se limitou a girar a cabeça para outro lado. A Maddie chamaram de coisas muito piores.

—O Maison Rouge é um estabelecimento de qualidade, mas você já sabe isso, não?

As bochechas de Smythe se tingiram de vermelho e o outro agente deu meia volta para olhá-lo.

—E você como sabe isso, Henry?

O citado Henry não respondeu, mas sabia que logo teria que explicar com detalhe quão bem conhecia o chamado estabelecimento. Seu nome aparecia nos livros muitas vezes.

Saint não pôde resistir à tentação de acrescentar:

—Não sei se Madeline será tão amável a próxima vez que for visitá-la, senhor Smythe.

Agora sim o via desolado.

Apoiando os antebraços na mesa, Saint inclinou-se para frente e juntou as mãos.

—Olhem, rapazes, todos sabem que quando morreram as duas primeiras garotas, a polícia não se preocupou muito. No total, foram duas prostitutas. Foi a morte da atriz a que lhes chamou a atenção; isso e as especulações a respeito de que Jack retornou.

Os agentes trocaram olhares de culpa.

—É de agradecer que agora queiram apanhar a esse bastardo, mas cinco mulheres estão mortas. —Cinco, a mesma quantidade de mulheres que Jack o Estripador matou há uma década antes. Tentaram lhe atribuir outros crimes, mas até agora nenhum encaixava com seu estilo. Não até esses cinco.

Um calafrio percorreu o vampiro.

—E se estiver certo —continuou —agora já está satisfeito.

—Não quer dizer que você está senhor Saint? —sugeriu Smythe.

Saint o fulminou com o olhar.

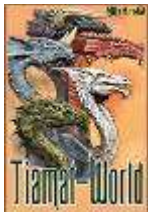
—Não seja estúpido.

—Eih! Alto —interveio MacKay apagando o cigarro em um cinzeiro que estava perto do cotovelo de Saint—Cuidado com o que diz. Estava em Londres em 1888, senhor Saint?

Olhou para o oficial aborrecido.

—Não me lembro.

MacKay não desistiu.



—Acredito que se lembra sim. Naquele tempo devia ser muito jovem, mas o bastante forte para poder degolar a alguém.

Jovem? Saint quase teve um ataque de riso.

—O primeiro assassinato aconteceu antes que eu chegasse a Londres. E o Estripador seguiu matando quando eu já tinha ido embora. Saí da cidade no verão de onze anos atrás.

—Parece que sabe muito sobre esses assassinatos —assinalou Smythe.

Girou a cabeça e olhou ao gordinho.

—E parece que você não.

MackKay apoiou as mãos na mesa e se inclinou para que seus olhos ficassem à mesma altura dos dele.

—Por que não nos mostra, senhor Saint? Se é que é esse seu verdadeiro nome

Ele, já farto, ficou de pé. Não tinham nada com o que acusá-lo e eles sabiam. Não podiam retê-lo, a não ser, claro, que tivessem uma cela com barras de prata em alguma parte.

—O suspeito mais confiável que tenho é um homem chamado Jacques Torrent.

MackKay esfregou a cara.

—O pintor?

—Sim. E vou fazer-lhe uma visita agora mesmo. —Sorriu-lhes com amabilidade—São livres para me acompanhar se quiserem. A não ser que tenham intenção de me prender.

Os policiais olharam-se um ao outro sem sair de seu assombro. Parece que não estavam acostumados com o fato de um suspeito sair no meio do interrogatório.

—Não acredite que isto significa que confiamos em você —informou Smythe quando os três saíram da delegacia, um policial de cada lado de Saint—Estou convencido de que você é culpado de algo.

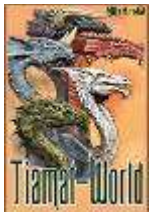
O vampiro se permitiu sorrir, embora o que de verdade queria fazer era rir.

—Acaso não o somos todos? —perguntou, fingindo seriedade.

O trajeto até o alojamento de Torrent foi uma prova para a paciência de Saint. Iria muito mais rápido se fosse sozinho, por não falar de que seria uma viagem mais sigilosa. Ao longo daqueles seis séculos, esqueceu-se de quão ruidosos podem ser os humanos, inclusive quando tentam não sê-lo.

Foram em carruagem, com ele apertado entre os dois policiais, como se o espaço já não fosse por si próprio limitado. Saint teve que reprimir-se para não partir o teto. Depois de tantos anos, acreditava que deveria ter superado esses medos, mas não o fez. Cada vez que se sentia preso entre paredes, como então, recordava o que sentiu ao cruzar o oceano naquela caixa de madeira oculta no porão, com um montão de ratos brincando de correr a seu redor.

O navio bateu e começou a afundar, e ele, preso naquela caixa, afundou no frio abismo, e logo não soube se ia para cima ou para baixo. Permaneceu preso na caixa até o anoitecer. A única coisa que o salvou foi que não precisava respirar e que a caixa não pesava muito. Quando conseguiu sair à superfície, a água escura o rodeava. Graças a Deus que encontrou uma caverna antes que saísse o sol. Uma caverna pequena, quase tão horrível como a caixa, mas que tinha



impedido que o sol o matasse.

—Está bem, companheiro? —perguntou-lhe MacKay, com uma expressão de genuína preocupação no rosto—Não tem bom aspecto.

—Talvez se sinta culpado? —sugeriu Smythe.

Saint o olhou aborrecido, ou ao menos acreditou ter passado aborrecimento. Embora talvez fosse pânico.

—Eu não gosto dos espaços pequenos.

—Então, não gostará nada de ficar trancado em uma cela, não?

—Váá merda, gordinho —disse em voz tão baixa que parecia mais um grunhido.

MacKay riu. Smythe não. Saint fechou os olhos e esperou em silêncio que terminasse aquela tortura.

Torrent não vivia longe do Covent Garden, na rua Russell. Seguro que isso resultou muito prático durante sua relação com a Priscila Maxwell. Foi igualmente prático na hora de matar à Opal Gardiner, a garota que acharam morta essa noite? Mataram Opal igual às outras vítimas, mas no momento não parecia ter relação alguma com o Maison Rouge.

A caseira os deixou entrar logo que viu os uniformes dos acompanhantes de Saint. E inclusive indicou onde se encontravam os quartos de Torrent, mas o vampiro já sabia. Podia cheirar a pintura e a aguarrás para limpar os pincéis que flutuava no segundo piso.

Os agentes o seguiram pela escada, um fato que o fez menear a cabeça com gesto de reprovação. Para aqueles dois, Saint não era mais que um simples humano, enquanto eles eram a força da lei; deveriam estar no comando, mas felizes deixaram que ele se encarregasse de tudo.

Temple, o líder indiscutível de sua irmandade de vampiros, com certeza acharia graça. A única vez que Saint ficou no comando foi quando abriu a porta do porão que se escondia o cálice que trocava suas vidas para sempre. Gostava de mover-se sozinho, inclusive quando era um ladrão. Que as vidas de outros dependessem de suas decisões o aterrorizava.

E agora que caía nisso, e era um péssimo momento para pensá-lo, provavelmente por isso sua vida amorosa sempre acabava sendo um desastre. E por isso Ivy se equivocou ao pedir precisamente a ele que a ajudasse.

Mas por essa noite já tinha pensado muito.

Quando o trio chegou ao segundo piso, Saint detectou uns aromas que não estava acostumado a distinguir, pois passavam despercebidos a não ser que se dessem em quantidades importantes. E foram piorando à medida que se aproximavam da porta de Torrent.

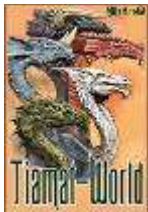
Ferrugem. Sedimentos. O aroma da morte.

Saint amaldiçoou ao girar a maçaneta. A porta estava fechada, mas com um bom chute cedeu, arrancando de uma só vez parte do batente.

Smythe e MacKay o seguiram para dentro, e se esquivaram quando ele se deteve na entrada.

—Deus —sussurrou MacKay, que estava ao seu lado. Smythe vomitou.

Justo diante deles, o corpo sem vida do Jacques Torrent estava pendurado em uma corda.



O pintor estava morto.

Isso deveria resolver todos seus problemas, mas Robert Burke, barão de Hess, que estava bebendo sua habitual taça de brandy em sua mesa do White's, estava muito longe de sentir-se satisfeito.

—Está muito calado esta noite, Robert. O preocupa a morte do pintor?

Burke escolheu as palavras com cuidado. Hamilton, o homem que tinha diante dele, era um velho amigo, mas também era um mago de sua ordem, e nesse outro mundo, isso era muito mais que ser duque, como era neste.

—Sua morte foi necessária. A situação... estava saindo de nossas mãos.

Hamilton levantou a taça. Naquela luz, em meio a penumbra como estavam, seus olhos pareciam frios e negros como o carvão.

—A imprudência da juventude —se lamentou—Oxalá pudéssemos ter a sabedoria de nossa idade e depois a ousadia.

Burke riu.

—Brindo por isso.

—Então, isto é o final? —Hamilton procurou no bolso de seu casaco e tirou uma fina cigareira —Já não teremos mais... desgostos?

Que maneira tão educada de dizê-lo.

—Não.

—Tivemos êxito? Não foi como a última vez? —O barão estremeceu ao recordar o que aconteceu dez anos atrás, quando um dos membros de sua ordem decidiu massacrar às prostitutas do Whitechapel.

—Morreram cinco, tal como dizem as escrituras. —Uma por cada um dos filhos de Lilith, que era como a ordem chamava os vampiros que beberam do sangue Graal.

—Excelente. —Um fósforo brilhou antes de aproximar-se da ponta do charuto. A fumaça se expandiu com sua cálida fragrância —A verdade é que um assunto desagradável.

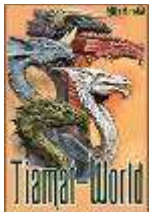
Burke assentiu. Ao menos ele não era o único que não suportava sangue. Tempo atrás, seus predecessores estudaram Taumaturgia¹ e Alquimia em busca de poderes mágicos e espirituais, e o sangue tinha formado parte daqueles rituais, mas não desse modo.

Matar era um ato de honra, e o sangue deveria proceder de tal honra, ou de um sacrifício feito por vontade própria.

Ninguém diria que essas garotas se ofereceram voluntárias. Nem tampouco as de dez anos atrás, quando ele teve que encarregar-se de “limpar” o desastre do Estripador. Claro que, quando engravidou Madeline Dearing não passou pela sua cabeça que as coisas chegariam a esse ponto.

—Está pensando na garota, não é assim? —perguntou Hamilton, dando a sensação de que

¹ **Taumaturgia** (do grego θαύμα, thaûma, "milagre" ou "maravilha" e ἔργον, érgon, "trabalho") é a capacidade de um santo ou paranormal de realizar milagres. Os seus praticantes são denominados taumaturgos.



podia ler a sua mente—Em sua filha?

Assentiu. Não serviria de nada ocultar a verdade.

—Naquele tempo, senti-me tão orgulhoso de fazer algo tão importante para a ordem. Agora... bom, agora já é muito tarde.

O duque entreceitou os olhos.

—Mudaria as coisas se pudesse?

Aquele sim era o momento de ocultar a verdade.

—É óbvio que não. O bem da ordem é quão único importa. Se pudesse voltar atrás, faria as coisas melhores, em vez de ir contra os desejos da Palma de Prata.

Hamilton assentiu, satisfeito com a resposta.

—Logo teremos todo o poder que sonhamos Robert. E que não seria possível sem sua semente, assim receberá uma justa recompensa por tudo o que nos deu.

“A custa da vida de Ivy.” Foi bastante precavido para não dizê-lo em voz alta. Anos atrás, fez de Madeline Dearing sua amante com a intenção de deixá-la grávida. A ordem o escolheu para essa missão, pois necessitavam à filha de uma mulher “caída”. Quando seus sentimentos por Madeline o fizeram questionar sua devoção para a Palma de Prata, separou-a de seu lado porque não queria que seu futuro filho fosse uma peça no jogo de poder daquela gente. Mas ela foi atrás dele. Robert prometeu que lhe daria dinheiro, que a manteria se ela fosse embora e começasse uma nova vida, em um lugar onde a Ordem não pudesse encontrá-la. Madeline se negou.

E então, a Ordem a encontrou, e Burke já não pôde fazer nada mais por ela. Inclusive se pudesse adverti-la agora, estava muito unida ao vampiro para ficar a salvo. E embora de verdade desejasse o poder que iria proporcionar-lhes, e estava orgulhoso de que sua filha fosse a escolhida, não era um desalmado, e lamentava ter que destruir a mulher em que Ivy se formou.

Ao menos Rose, sua outra filha, estava a salvo, dado que tinha outra mãe.

Hamilton deu umas batidinhas no charuto para atirar a cinza no cinzeiro de vidro que havia sobre a mesa.

—O que aconteceu com os idiotas que foram capturar ao vampiro?

—Já me ocupei deles, senhor.

—Inclusive do que a senhorita Dearing acertou um tiro?

Inclinou a cabeça ao recordar o furioso que se pôs ao saber do ataque. Foi muito arriscado. Seu jovem amigo cometeu um grave engano ao tentar capturar ao vampiro.

—O vampiro não o matou, mas vi o cadáver com meus próprios olhos.

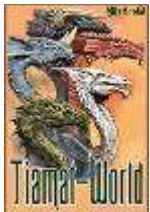
—Perfeito. Não podemos nos permitir outro desliz como esse.

—A imprudência da juventude, tal como você disse.

Hamilton exalou uma larga coluna de fumaça.

—Muita valentia e muito pouco cérebro.

—O vampiro irá para onde quisermos. A única coisa que temos que fazer é atraí-lo com a isca adequada. —Essas palavras pareceram amargas em sua própria língua. Bebeu um pouco de brandy para fazer desaparecer o sabor.



Hamilton inclinou a cabeça, desprendendo a cinza do charuto.

—Tudo está preparado?

—Sim.

O outro homem sorriu um largo sorriso igual o do gato do conto de Lewis Carroll.

—Muito bem, Robert. Sabe? Acredito que, depois de tudo, talvez tenha um lugar para você entre os magos.

Burke sorriu, e se sentiu culpado por não precisar esforçar-se muito para esboçar esse sorriso.

—Isso eu gostaria muito.

E o único que tinha que fazer em troca era ver como destruíam a sua filha.

—Dizem que se suicidou. —Ivy serviu-se de uma xícara de chá do bule de porcelana que havia na mesinha em frente ao sofá —Que deixou uma confissão.

Sua mãe negou com a cabeça e se dispôs também a beber um pouco daquela bebida reconfortante. Estavam sentadas no salão, junto com algumas garotas e Saint, que lhes contou da morte de Jacques Torrent quando voltou da Scotland Yard. Era apenas meia-noite, e já estava no Maison Rouge.

—Não posso acreditar que Jacques matou as minhas meninas.

Ivy tampouco.

—Bastardo —exclamou Emily da mesa em que estava jogando cartas com a Gemma, Anna e Mary —Espero que apodreça no inferno.

Saint sorriu. Sem humor, mas também sem maldade.

—Parece que Emily não tem nenhum problema em acreditar que foi ele.

Madeline disse algo, mas Ivy não prestou atenção. Estava olhando Saint. Parecia cansado e tinha mau aspecto, e o único que queria fazer era sentar-se em seu colo e abraçá-lo. Beijá-lo. Fazê-lo prometer que jamais sairia de seu lado.

E precisamente para que não se fosse, não fazia nada disso.

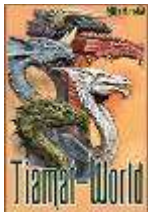
Quando os policiais o levaram quase ficou louca de medo. O que aconteceria se o tivessem retido até o amanhecer? E se um daqueles lunáticos que tentaram o capturar voltasse?

Justin ficou com ela durante um momento, mas para Ivy não parecia bem sofrer por Saint justo diante de seu amigo, que por outro lado deixou claro quais eram seus sentimentos, assim que pediu que se fosse. Quando o vampiro por fim retornou, estava tão contente em vê-lo que não pensou em Justin, nem no pobre Jacques.

Mas sua paixão era só para o Jacques Torrent que ela conheceu; o artista teimoso e temperamental o que gostava das piadas más e o ópio. E que parecia incapaz de fazer algo tão horrível como o que agora tentavam lhe endossar.

—Obrigado por tudo o que tem feito por nós —disse Madeline para Saint—Significa muito para mim. —Ele inclinou a cabeça, e seus escuros olhos brilharam.

—Tudo é pouco para você, Maddie.



As cicatrizes da bochecha e da testa não estragavam a beleza de seu rosto, mas sim o faziam parecer mais perigoso. Que estranho que aquele homem com aspecto de pirata e sedutor fosse na realidade, tão doce e generoso.

Ao menos era com ela.

Viu sua mãe dando um tapinha na coxa dele. Foi um gesto inocente, mas Ivy quis afastar seus dedos com um tapa. Saint era dela. Desde sua chegada, não prestou atenção em nenhuma das garotas, apesar de que todas estavam mais que dispostas. As pupilas da Maison Rouge estavam a par dos vampiros, e sabiam que alimentá-los era um requisito para ficar. Mas desde sua volta, mesmo podendo, Saint não pediu a nenhuma.

Por que não pediu? Por respeito a sua dor, ou por ela? Ivy queria acreditar que pelo segundo motivo, apesar de que a ideia a assustava.

Sentia-se tão... indefesa em sua relação com Saint. Enquanto estava entre seus braços não podia nem pensar, mas nesses últimos dias viu a crua realidade. Quase o perdeu duas vezes, e isso deixou claro que ele era sua maior fraqueza.

Ivy só quis seduzi-lo, mas Saint ficou com muito mais que seu corpo ou sangue. Não sabia como recuperar o que tinha perdido. Nem se queria fazê-lo.

—Suponho que não demorará em ir, agora que Jacques... —Madeline se interrompeu—, agora que tudo acabou.

Ivy não tinha pensado nisso. Voltou-se para Saint para escutar sua resposta, tentando ocultar o horror que sentia.

Ele não a olhou, manteve o olhar fixo em Maddie.

—Suponho. Para falar a verdade, não pensei muito no assunto.

E então sua mãe a olhou, e Ivy soube que adivinhou aquilo que ela tanto se esforçava em ocultar.

—Ivy, Saint, desculpem-me? Emily e eu temos que discutir o menu de amanhã.

Emily pareceu surpreendida, mas não disse nenhuma palavra. Limitou-se a levantar de uma vez e Madeline a seguiu até o escritório que havia no outro lado da casa.

Onde não podiam ouvi-los.

Os lábios de Saint esboçaram um sorriso, ele deu meia volta para olhar para Ivy.

—Nunca foi muito sutil.

—Não —reconheceu em voz baixa, sem compartilhar seu bom humor, mas tentando fingir o melhor possível—Assim, irá logo, não?

Conseguiu soar tão despreocupada como pretendia? Duvidava muito.

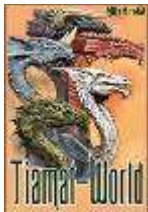
Ele a olhou nos olhos e respondeu com cautela:

—Suponho que sim.

O coração da moça se rompeu.

—A não ser —acrescentou devagar—que tenha algum motivo para ficar.

Ela queria dizer que sim, que havia que ficasse, mas as palavras não saíram de seus lábios. Pareceriam muito a uma súplica.



Em vez disso, trocou de assunto.

—Encontrou alguma prova que relacione Jacques com essa misteriosa ordem?

O vampiro ficou quieto, observando-a durante um momento com uma expressão inescrutável. Poderia ter sido tristeza, remorso ou inclusive alívio.

—Não. Por isso não tenho intenção de ir ainda. Talvez Torrent seja nosso assassino, mas não acredito que agia sozinho.

Assim não ficava por ela? Isso era bom, não? Deveria fazê-la sentir-se melhor.

Deixou seus sentimentos de lado.

—Parece muita casualidade que Jacques tenha se suicidado precisamente agora.

—E que não encontramos nenhuma prova dos assassinatos em sua casa. —Saint sacudiu a cabeça—O que fez com seus tesouros?

Ivy arqueou uma sobrancelha.

—Tesouros?

—Sim —respondeu, baixando a voz—Os órgãos que roubou das vítimas

—Ah. —referia-se a esses tesouros. Deus Santo. O que poderia ter feito com as cinco matrizes? Estremeceu de asco só de pensar nas possíveis alternativas.

—No que você acredita? —perguntou, quando diminuiu a sensação.

Saint moveu a cabeça, e uma mecha de cabelo caiu sobre a sua testa.

—Se Torrent pertencia à Palma de Prata, então o mais provável é que não matou sozinho.

—Acredita que o mataram? —Se assim fosse, seguiam correndo perigo.

Ele apoiou o cotovelo no respaldo da cadeira, repousou o queixo na mão e bateu na maçã do rosto com o dedos enquanto refletia.

—Ou talvez entraram depois que ele se enforcou e limparam tudo levando as provas com eles.

Ivy gostava de pensar que era muito forte, mas aquelas mulheres eram suas amigas.

—Parece que vou vomitar.

Saint sentou e se inclinou para ela.

—Beba um pouco de chá. Por esta noite não falaremos mais deste assunto.

Ela tomou um gole da infusão e voltou a deixar a taça.

—Acredito que vou deitar.

Odiava ser tão rancorosa, mas precisava estar sozinha. Precisava pensar e... pensar.

Saint capturou os dedos gelados da jovem com os seus.

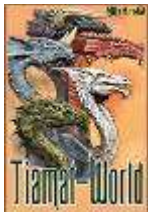
—Quer que vá mais tarde?

O sensual timbre de sua voz, junto com a necessidade que sentia em seu interior, fez que um calafrio lhe percorresse as costas.

—Sim —sussurrou incapaz de olhá-lo, por medo de que percebesse de quão desesperada estava.

“Por favor.”

Então se levantou.



Tinha que sair dali antes de cometer uma estupidez, como por exemplo, cair a seus pés e suplicar que a amasse, ou algo igualmente humilhante.

Entretanto, deteve-se um segundo junto à cadeira. O suficiente para baixar a vista e olhá-lo aos olhos.

—Eu gostarei de tê-lo em casa um pouco mais.

Não esperou para ouvir sua resposta. Pôs-se a andar e não se deteve até chegar ao seu quarto, assim poderia recompor-se e voltar a ser ela mesma.

Ao fechar a porta, se deu conta do só que se sentia sendo ela mesma.

Capítulo 15

—Acho que vou me retirar.

Meio cochilando na cadeira e esgotado, Saint se voltou para Madeline ao ouvir suas palavras, mas sua mente seguia pensando em Ivy.

—Você está cansada, Framboesa?

As sobrancelhas cor canela dela se levantaram divertidas.

—Retirar-me, querido Saint. Do negócio.

Ele se ergueu e a observou aproximar-se até sentar-se na cadeira que sua filha deixou vazia.

—Mas você gosta deste lugar. As garotas te adoram.

—É verdade. —Sorriu, mas no seu rosto não havia alegria. —Mas os assassinatos, viver estas perdas me afetou muito, amigo meu. Não quero continuar mais aqui. O único que quero é levar uma vida tranquila em uma casinha, em algum lugar lindo.

—Mas...

Ele a levou ali. Era certo que se passaram muitos anos desde então, mas cada vez que cruzava a porta daquela casa, esperava ansioso ver seu sorriso, e agora iria embora?

—Não viverei eternamente. —Voltou a sorrir, mas esta vez com pena. —E quero passar o que me resta de vida fazendo o que de verdade gosto, e não cuidando de outras pessoas.

“O que lhe restava de vida.”

Saint não queria pensar que algum dia Madeline Dearing deixaria de existir.

—Você escolheu sua sucessora?

Seus audazes e brilhantes olhos verdes fixaram-se nos dele.

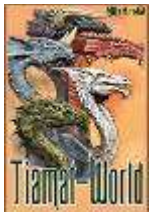
—Ivy.

—Não. —Não pôde evitar que parecesse uma ordem. Madeline não tentou ocultar sua surpresa.

—Desculpa?

Ele esfregou os olhos.

—O que acontecerá com suas fotografias? Tem muito talento.



—É brilhante, mas com isso não ganhará dinheiro. Pelo menos, com os rendimentos da casa poderá prosseguir com seus sonhos.

Contra isso não podia dizer nada.

—Mas, Maddie... e as coisas que verá? E os homens com os quais terá que tratar?

—Me viu fazê-lo.

—Mas eu não...

Deteve-se. Que diabos estava a ponto de dizer? Que o que lhe parecia bem para Maddie não parecia tanto para Ivy? Que não amava a Madeline e sim a Ivy?

Sua amiga também estava muito interessada em descobrir seus pensamentos.

—Você não quer?

Saint sacudiu a cabeça, para ver se assim lhe entrava algo de sentido comum, e de passagem esvaziava a mente.

—Nada. Ivy é a opção mais lógica. Fará com que você sinta orgulho dela.

—Então, posso dizer a Reign que conto com sua aprovação?

—Reign não se importa com o que eu acho.

—Pois claro que sim.

Saint arqueou uma sobrancelha como resposta.

—Ele confia em você. —Maddie o olhou uns segundos antes de perguntar:

—Você acredita no destino?

—Acredito em muitas coisas —limitou-se a responder, e se afundou na cadeira à medida que o cansaço o derrotava —Coisas da imortalidade.

—Responda-me

Olhou em sua direção.

—Não sei. Não penso muito.

—Não acha curioso o fato de que você nos trouxe aqui, salvasse a mim e a minha filha, que nunca tenha se deitado comigo e com ela sim?

Deus santo, estava a par de seu envolvimento com Ivy. Sentiu que deveria desculpar-se.

—Curioso?

Quando Ivy era mais jovem, não tinha se fixado muito nela. Gostava dela, mas como uma menina, isto é, não de um modo sexual.

—Sim. É como se tudo estivesse escrito; para que você nos trouxesse aqui para estar com ela anos depois. É como se você esperasse ela se tornar mulher para retornar, e que eu e você não tivéssemos um passado que complicasse as coisas.

Ficou olhando-a. O destino? Tinha que ser piada.

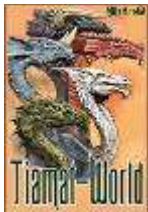
—Eu nunca fui para a cama com você porque era muito boa para mim.

Suas sobrancelhas canela voltaram a levantar-se, desta vez furiosas.

—Você está dizendo que minha filha não é?

—Não. —Deus, por que as mulheres sempre chegavam á conclusões como esta?

—Ela é. Mas não consegui resistir a ela.



—E a mim você conseguiu.

Era um merda.

—Sim.

Madeline não pareceu ofender-se nem um pouco.

—Soube que você deu dinheiro às famílias de Clementine e Goldie. E também a de Daisy. — Se deteve um segundo, mas não o suficiente como para que ele pudesse responder.

—Para Ivy seria muito mais fácil dirigir tudo isso se tivesse alguém ao seu lado.

—Tenho certeza que terá muita ajuda.

—Você poderia ficar.

—E vê-la envelhecer até morrer? Não, obrigado. —Por que tinha dito isso?

Era como uma mulher; por pouco mostrava seus sentimentos. Por que não podia comportar-se como um homem normal e permanecer como tal?

—Você poderia transformá-la.

Agora foi ele quem levantou as sobrancelhas, atônito.

—Você sabe o que você está dizendo?

—Se é o destino, como você pode opor-se a ele?

—Porque não é o destino, Maddie. É a fodida má sorte, isso é o que é.

Estava escandalizada.

—Como você pode dizer isso?

—Porque ainda sou o bastante estúpido para crer no amor. O amor é único, por isso vale a pena correr o risco de transformar a alguém, mas sua filha, sua mortal filha, não acredita nesse sentimento. Para ela isto não é mais que uma aventura.

—É culpa minha. —Madeline inclinou a cabeça para frente. —A criei aqui e nunca expliquei que assim não é como se supõe que devem ser as coisas entre um homem e uma mulher.

—É culpa de seu pai, por tê-la jogado na rua como se você fosse lixo.

Isso era verdade, mas assim também evitava sentir-se culpado por havê-la levado ao Maison Rouge.

Apertou os lábios, e com os olhos brilhantes pelas lágrimas contidas, voltou a olhá-lo.

—Talvez seja culpa dos dois.

O aborrecimento que Saint começava a sentir se evaporou totalmente.

—Você foi uma boa mãe, Maddie. Nunca duvide disso. Ivy opina o que opina porque assim se sente a salvo.

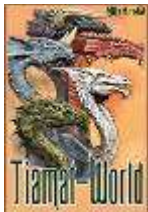
—A salvo?

—Está convencida que o amor é o que fez com que você acabasse jogada na rua.

—E foi. Ele disse que não podia proteger-me. —Saint voltou a franzir o cenho, mas menos esta vez.

—Protegê-la de que?

—Não sei. Foi há muitos anos, mas me disse que estaria melhor só. Inclusive me deu dinheiro, mas me roubaram junto com tudo o mais.



Esse aspecto da história não conhecia.

—Ivy sabe disso?

Seus lábios desenharam um sorriso amargo.

—Não. Estava tão zangada com ele que queria que ela pensasse o pior. E agora já não tem importância; mas no final, minha filha pagou um preço muito alto por culpa de meu orgulho.

—Ela é uma boa garota, Maddie. Você a educou bem.

—A ama?

—Eu... poderia. —Era o máximo que podia dizer.

—Você sabe que, quando você desapareceu, ficou frenética? Decidiu que tinha que trazê-lo de volta de qualquer maneira.

Saint sorriu, e, apesar das advertências de seu coração, se emocionou ao ouvir isso.

—É muito decidida. Pergunto-me a quem terá saído.

Madeline também sorriu, e levantou.

—Acho que, com o incentivo apropriado, Ivy também poderia te amar. Se é que já não o ama.

Dizendo isso, saiu como uma heroína de um drama shakespeariano, deixando-o ali só com seus pensamentos. Não pensou durante muito tempo, pelo menos não ali sentado. Levantou de um salto e saiu do quarto para afastar-se e poder refletir.

Ivy o amava? Uma parte dele queria crer que sim, mas outra queria fazer as malas e ir embora o mais rápido possível, e quanto mais longe, melhor.

Descia a escada quando percebeu sua presença. Sua delicada essência inundou os seus sentidos. Sentiu-a em sua boca, sentiu a rigidez já tão familiar nas gengivas e entre as coxas.

Parou e olhou para cima. Estava escuro, mas podia vê-la ali em pé, à tênue luz da lua. Levava um desses ridículos camisões infantis e o cabelo comprido solto sobre os ombros. Era linda e vulnerável, e era tão impossível afastar-se dela como impedir que o sol saísse pela manhã.

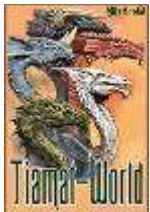
Estava já no meio da escada quando ela o viu. E de repente estava entre seus braços, ele a levou para baixo da escada, ocultando aos dois em uma pequena entrada para que não os vissem ali.

Mal passou uma hora desde que ela saiu do salão, mas Saint sentia como se estivessem separados durante dias. Vê-la, senti-la, o enchia de tal ânsia, de tal desespero... Se não conseguia ter o que queria dela, pelo menos teria tudo mais... por enquanto.

Sentia os lábios de Ivy cálidos e sensuais sob os seus, abrindo-se famintos frente as exigências de sua boca. A atormentou, lambeu a língua com a sua, e deixou que ela lambesse seus caninos.

Encostou-a na parede, levantou o camisã, e, em seguida, percorreu suas coxas com as mãos. Ela estremeceu sob suas carícias, e separou as pernas para seus dedos.

Devagar, tocou a suave e encaracolada penugem entre suas coxas, e a desenhou com um dedo.



—Você está tão úmida... —murmurou contra seus lábios ao deslizar um dedo na apertada e ardente passagem. —Tão preparada para mim... —Com a outra mão desabotoou as calças e separou o tecido para libertar seu sexo.

Ivy sorriu mais sedutora e excitada que qualquer outra mulher que houvesse visto, e se movimentou ao ritmo de suas carícias, agarrando-se ao seu corpo.

—Não sou a única que está preparada.

Deslizou as mãos entre os dois, e rodeou seu membro com dedos firmes, ao mesmo tempo em que o apertava com movimentos suaves, mas intensos. Com o polegar, acariciou a ponta, e o atormentou até sentir que começava a ficar úmido. Já não era a única que tremia. Agarrou-se em seu quadril com uma perna, ele retirou os dedos de seu doce sexo para segurar em suas nádegas e levantá-la até a altura de seu pênis. Mal podia respirar, olhou como ela guiava sua ereção até a entrada de seu corpo.

A penetrou com uma lenta e suave investida, ambos gemeram de prazer. Saint olhou para a escada para assegurar-se que ninguém subia, já que seus instintos estavam agora saturados pelo desejo que sentia por Ivy.

—Faz com que me sinta como um menino —murmurou ele, voltando a centrar sua atenção na maravilhosa mulher cujo sexo o agarrava como uma luva de seda.

—Poderia gozar agora mesmo.

—Mas não você fará —disse ela numa voz um pouco mais alta que um sussurro enquanto ondulava os quadris contra ele.

Só de ouvir sua voz se excitou mais ainda, mas tinha razão, não o faria.

Ivy voltou a movimentar-se, e rodeou seu pescoço com os braços para poder assim apoiar-se e levantar-se sobre sua ereção.

—Primeiro você tem que me dar prazer.

Oh, diabos!

Ele movimentou os quadris e empurrou para cima. Estava tão úmida, tão escorregadia, tão apertada... E emitia esses sons tão sensuais cada vez que se aferrava a ele...

—Então, te darei —respondeu com voz rouca. —Quero ouvir seu prazer. Quero sentir teu orgasmo me envolvendo.

Ivy gemeu, e jogou a cabeça para frente ao mesmo tempo os movimentos de seus corpos não paravam. Ele a apertou contra seu corpo, controlando cada movimento com sua força. Não demorou muito em ouvir seus gemidos, em sentir os pequenos dentes dela mordendo-o.

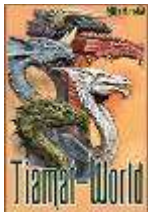
—Saint eu... oh, Deus...

—Hummm —arquejou ele.

Deslizou um dedo entre suas suaves nádegas, acariciando com delicadeza.

Ela voltou a gemer e o segurou com mais força entre suas coxas. Levantou a cabeça para olhar em seus olhos.

—Eu nunca... me senti assim antes.



Ele sentiu seu coração acelerar. Ficou sem ar, estremeceu com tanta força, que soube que o clímax estava perto.

Acariciou a bochecha com a sua.

—Nem eu.

Ela tremeu entre seus braços, se apertou em seu sexo. Ele beijou sua boca. Ambos devoraram os gritos de prazer um do outro. Então, o corpo dele explodiu roubando todo pensamento coerente, exceto como se sentia bem dentro daquela mulher.

Permaneceram assim um momento, frente a frente, ele segurando-a em seus braços. Ela com as pernas ao seu redor, com menos força.

Ele se surpreendeu ao perceber como sua respiração estava difícil. No seu peito sentia uma estranha sensação que só parecia aliviar quando Ivy acariciava ou o beijava com doçura.

—Você é tão lindo... —ela sussurrou. Ele sentiu seus olhos arderem.

Ninguém nunca disse algo assim. Nunca.

Não sabia o que responder. Então a beijou.

Colocou-a em pé, separando-se um pouco de seu cálido corpo, só o tempo necessário para pegar sua roupa. Levantou a moça nos braços, e seguiu para seu quarto.

Chegando lá a deitou na cama e foi ao banheiro pegar uma toalha para limpá-la, como faria um amante atencioso.

—Por que fez isso? —ela perguntou —Quero dizer, me limpar?

Ele encolheu de ombros.

—Para que você se sinta mais limpa, para que seja menos desagradável.

Ela corou, tal como ele previra.

—Não me importa. A verdade é que eu gosto de saber que há uma parte de você dentro de mim.

—Amanhã pela manhã não gostará tanto.

Ela riu com esse comentário, e ele sorriu de volta.

Quando ele acabou, ela o olhou com olhos cheios de um intenso afeto. Quase desesperado. Acariciou seu braço.

—Passe esta noite comigo.

Ele passou. Deitou junto dela, abraçou seu corpo até que chegou o amanhecer e teve que esconder-se na segura escuridão de seu quarto.

Segundos depois, ela entrou. Deitou ao seu lado na cama e passou um braço ao redor de seu corpo.

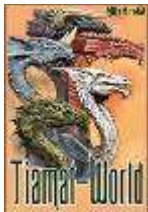
—Não vai escapar de mim tão facilmente —murmurou, se aconchegando a ele.

Saint se limitou a acariciar os nódulos de seus dedos com o polegar, pois não confiava em sua língua.

Não pensava escapar dela em absoluto.

—Você assumirá o Maison Rouge?

Ivy não esperava que ele fizesse essa pergunta.



—Quem te falou? —perguntou, com os olhos turvos de sono.

Ele estava sentado no colchão e a olhava com uma expressão inescrutável.

—Sua mãe mencionou ontem à noite. Assumirá?

—Não sei. —Se apoiou nos cotovelos —Talvez. Tem importância?

—Prometa que se assumir, não deixará a fotografia.

—De acordo. —Aquela conversa era real ou era só um sonho? Parecia um sonho, mas ao mesmo tempo a sentia muito real.

—Gostaria que ela não houvesse dito a você.

—Por quê?

Ela abriu os olhos ante o tom ligeiramente suspicaz dele. Isso, e por ter despertado antes da hora... ficou de mau humor.

—Porque eu queria te contar. Que diabos acontece com você?

Levantou.

—Eu só quero que seja feliz.

—Parece que está se despedindo. É isso? —Sua alma queria gritar só de pensar.

—Tenho que sair um momento.

—Não me referi a isso, e sabe.

—Não posso ficar para sempre, Ivy. As pessoas se dariam conta de que não envelheço.

Ela não tinha pensado nisso. E tampouco no “para sempre”. Em quão único tinha pensado era em que queria que ele ficasse com ela.

—Aonde vai?

Melhor falar do presente do que das coisas que não estava preparada para assumir.

—Ver Ezekiel. —Desviou o olhar—Tem algo para mim.

Esse “algo” foi como um banho de água fria para Ivy.

—Vai se alimentar? Prefere se expor à luz do sol e sair para procurar sangue do que beber de mim?

Ele não negou.

—Acredito que é o melhor.

—Por que prova à sorte diariamente?

O olhar do vampiro brilhou com um fogo interior.

—Porque passou por muitas coisas, e não quero que fique ainda mais fraca por minha culpa.

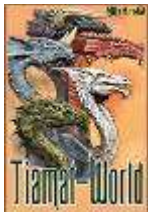
—Eu não sou fraca.

Saint se levantou.

—Não quero correr o risco.

Caminhou para a entrada dos túneis e ela viu que estava completamente vestido. Poderia ter saído sem dizer nada, mas pelo visto quis falar com ela antes de sair.

—Não quer correr o risco de me debilitar —perguntou quando suspeitou a verdade —ou não quer correr o risco de sentir preso a mim?



Ele não respondeu, mas com o olhar confirmou o que ela já sabia. Homem estúpido.

—Retornarei assim que puder.

Uma pequena parte dela, rancorosa e ferida, obrigou-a a responder:

—Para mim não faz diferença.

E pela expressão do vampiro, soube que sua punhalada surtiu efeito.

Então se foi.

Confusa, magoada e furiosa, Ivy se levantou da cama, amaldiçoando aos homens em geral e aos vampiros em particular por serem tão fechados, teimosos e covardes. Se Saint tinha algo para falar, por que não era sincero como ela?

Sim, claro, ela era tão sincera com seus sentimentos. A ironia da situação a fez envergonhar-se.

Saiu do quarto do vampiro sem fazer a cama, que fizesse ele, assim talvez se desse conta do muito que gostava de compartilhar a cama com ela, e retornou para seu dormitório para tomar banho e se vestir.

Ninguém fez nenhum comentário sobre seu mau humor, tampouco perguntou onde tinha passado a noite. Todos da casa sabiam que ela e Saint dormiam juntos, e embora ali o sexo fosse só um negócio, ninguém se atreveu a mencionar que Ivy era a única que não participava dele.

—Estava a ponto de ir procura-la —disse sua mãe ao encontrá-la no corredor de cima— Justin veio ver você.

O bom Justin. Deus, não estava de humor para vê-lo. Seguro que seria antipática com ele.

—Diga que minha cabeça dói.

—Não acredito que isso vá dissuadi-lo. Trouxe flores.

Ivy enrugou a testa.

—Flores?

Sua mãe assentiu, não parecia muito contente de que dormisse com um homem enquanto permitia que outro a cortejasse. Claro que, essa sensação, talvez só fosse a voz da consciência de Ivy.

—Acredito que sejam rosas. Mais vale averiguar o que fez para merecê-las.

Demorou um pouco em reagir.

—Contou também para ele que quer que eu assuma os negócios? Talvez as flores sejam para me felicitar adiantado. —Foi um comentário desagradável, mas sua mãe se limitou a sorrir.

—Está de mau humor porque contei ao Saint? Bom, sinto muito, querida. É um velho amigo e não acreditei que se importasse.

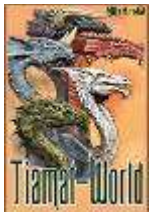
—Não me importa tenha comunicado a ele. É só que gostaria de ter contado primeiro.

—Certo, certo. Que detalhe tão íntimo. Se não a conhecesse, diria que está apaixonada por ele.

“OH, outra vez não.”

—Onde está Justin?

—No salão. Onde mais estaria?



Sua mãe nunca permitia que ninguém, além dos habitantes da casa, subisse a esse piso. Os únicos que podiam vagar a vontade por ali eram os vampiros; e isso era assim porque, mesmo que não permitisse, e eles quisessem não conseguiria detê-los.

—Então verei o que fiz para merecer essas flores. —E dito isso, agarrou-se a saia e desceu a escada correndo, mais ansiosa por fugir de sua mãe do que de receber a sua visita.

Justin, em efeito, estava esperando no salão. Usava um traje azul marinho que combinava à perfeição com seu cabelo loiro e sua tez branca. Ia muito bem penteado, e estava recém barbeado. E nas mãos segurava um buquê de rosas amarelas, o maior que Ivy viu em toda sua vida.

Nunca gostou muito de amarelo, mas de toda forma sorriu.

—Olá, Justin. São para mim?

Ele sorriu de volta.

—Ivy, está linda. E sim, são para você.

Ela aceitou as flores assim como o elogio, e indicou que se sentasse no sofá. Chamou Emily para que pusesse as rosas na água e logo foi sentar-se com ele.

—Agora me diga o que fiz para merecer essas rosas e para que tenha se arrumado tão bonito?

Os olhos azuis do rapaz brilharam ao olhá-la. Tanto que ela se sentiu um pouco incômoda. Contemplava-a como se fosse um presente de Deus, algo precioso e delicioso.

—Pensei que poderia impressioná-la com as flores e talvez com algumas palavras bonitas sobre seus olhos ou seu sorriso —confessou, virando para olhá-la —Mas já ouviu muito destas tolices.

Isso era questionável. Adorava quando Saint falava se ela sabia que seus olhos recordavam a uma estátua de jade que roubou uma vez.

—Por que não me diz à que veio? —logo que sugeriu, soube que cometeu um equívoco.

—Ivy. —Justin agarrou uma mão entre as suas, muito maiores —Me faria a honra de ser minha esposa?

Foi como um murro no estômago. Quase a deixou sem sentido.

—Justin, eu...

—Já sei que é muito repentino, mas estamos muito bem juntos, Ivy. Adoro você, e temos interesses muito similares e os mesmos amigos.

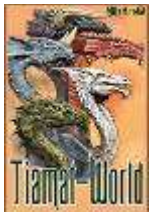
—Sim, assim é.

—Serei um bom marido. Não me importa que siga com a fotografia, de fato, eu gostaria que continuasse. E não me importará que algum dia queira ocupar o lugar de sua mãe. O único que quero é que seja feliz, Ivy.

OH, Deus. Dois homens disseram a mesma coisa nas últimas horas. Mas Saint falou como se fosse algo triste, enquanto Justin fazia que soasse perfeito. Muito perfeito.

E seguiu aperfeiçoando-o ainda mais:

—Não me importa se tivermos filhos ou não, isso depende de você. No que se refere à



intimidade entre você e eu, estou ansioso, mas esperarei que você esteja preparada. Não quero nada que não esteja disposta a me dar.

—Ju... Justin —gaguejou quando pensou que ele já tinha acabado —Não sei o que dizer.

Os dedos do jovem apertaram os seus, quentes e seguros, mas sem serem cansativos.

—Diga que sim.

Ivy ficou olhando, incapaz de dizer alguma coisa. Ali estava aquele atrativo homem loiro oferecendo tudo o que queria em um marido, então, por que não dizia sim?

Soube o porquê... e ao descobrir se sentiu aterrorizada.

Mas o único homem, o único homem imperfeito, com o que queria passar o resto de sua vida, parecia decidido a desaparecer dela tão rápido como fosse possível.

Capítulo 16

A garrafa de sangue que Ezekiel deu não era fresca, mas saciou a fome de Saint. O que queria era o sangue de Ivy; queria sentir seu sabor em sua boca, sua força em suas veias, mas não se atrevia a correr o risco. Já estava muito enredado a ela, render-se à tentação de mordê-la só pioraria as coisas.

Desejava-a. E ela desejava a ele. Deveria ser tudo tão fácil, e em certo modo era. Tinha todo o tempo do mundo para conquistar seu coração. Mas por desgrça, um dia, Ivy morreria, e ele ficaria novamente sozinho. Valeria à pena arriscar-se a sentir tanto dor? Sim. Passar só um minuto com ela valia à pena. Ela valia à pena.

—Não ouvi comentar nada, meu amigo —disse Ezekiel, captando a atenção de Saint ao acender um charuto —Das duas uma, ou o pintor era na verdade o assassino, ou o verdadeiro culpado foi embora.

Não foi embora. Só parou. Que sentido havia em matar cinco mulheres? E tinha que haver algum sentido, porque os assassinos de verdade não se detinham assim. Os assassinos de verdade não conseguiam deter-se.

—Talvez sim fosse Torrent. —Bebeu um pouco mais da garrafa. Ezekiel desviou o olhar com discrição. —Mas tudo parece tão oportuno, tão conveniente...

O velho se encolheu de ombros.

—Possivelmente o fez por ordem de alguém e o mataram quando acabou.

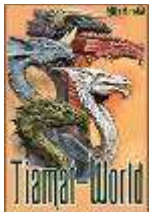
—Pode ser. E essa pessoa ou pessoas talvez nem sequer estejam na Inglaterra.

O outro ancião sacudiu a cabeça e, com um trapo, começou a dar brilho em uma colher de prata que pegou de um expositor.

—Se esse for o caso, jamais descobrirá quem estava por trás de tudo isso.

Isso era decepcionante. E Saint não gostava de se sentir decepcionado.

—Tudo terminou. —Deixou a colher a um lado. —O que fazemos agora?



—Acredito que investigarei a Ordem da Palma de Prata durante um tempo. Estão metidos nisto, e quero saber o porquê. —Talvez fosse só uma coincidência, mas essa pista era mais que interessante.

Ezekiel enrugou a testa.

—O mais provável é que Torrent fosse um deles.

—Não encontrei nenhuma prova que o incriminasse.

—Possivelmente alguém a levou. Ou talvez você esteja tentando encontrar alguma desculpa para ficar em Londres um pouco mais.

Talvez.

—Prometi a Madeline que encontraria o assassino. Quero me assegurar de que agarramos ao homem que de verdade cometeu esses crimes.

—E eu que acreditava que estava fazendo isso pela filha —comentou Ezekiel.

A garrafa vazia golpeou o mostrador e balançou.

—Tenho que ir. Obrigado pelo sangue. —Estava cansado de falar de sua relação com Ivy. E não queria pensar mais nisso. Já tinha pensado muito.

O ardiloso velho o olhou.

—Retornará antes de ir embora?

Saint deu uma palmada em seu ombro.

—Não iria sem me despedir. —Não acrescentou que, no momento, não tinha intenções de ir a nenhuma parte; não sem Ivy.

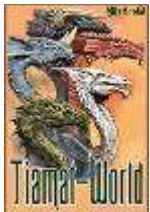
Saiu da loja do mesmo modo que entrou, pelos túneis subterrâneos. Essa noite, quando fosse seguro, iria de novo ao apartamento de Torrent para continuar procurando. A última vez não encontrou nada, claro que teve que sair correndo ao chegar a polícia. Talvez visse algo que passou despercebido à Scotland Yard, embora fosse pouco provável. Ou Torrent tinha um lugar secreto onde guardava as lembranças de suas vítimas, ou Ezekiel tinha razão ao dizer que o contrataram para fazer o trabalho.

O que o fez voltar à primeira pergunta; por que alguém se meteria em tantos problemas para matar cinco mulheres, quatro das quais eram prostitutas? O que sabiam essas garotas? A última vítima não trabalhava no Maison Rouge, nem tinha posado para Ivy, mas parece que era uma atriz que aceitava dinheiro em troca de dar de presente sua companhia a certos cavalheiros.

Opal Gardiner pousou para Torrent? Teria que perguntar aos policiais da Scotland Yard. Smythe daria a informação, embora só fosse para compensá-lo por tê-lo ajudado a limpar seu vômito e não falar a ninguém o que passou no apartamento.

Correu pelos túneis, girando pelas esquinas, saltando as vias do trem, agachando sob os cabos. Era um dia úmido e chuvoso, e tinha os pés empapados. Chegou a seu refúgio no Maison Rouge sujo e cheirando a coisas às que preferia não cheirar.

Já era quase a hora de jantar quando terminou de se arrumar. Não necessitava de comida para sobreviver, mas gostava de sentar a uma mesa e ter um momento de bate-papo. Gostava de estar com Madeline, Ivy e as demais. O fazia sentir como se pertencesse ali, como se formasse



parte daquela casa.

Fazia muito tempo que não se sentia assim.

Abriu a porta da sala de jantar e viu que as garotas já estavam sentadas, todas vestiam cinza ou negro, ou, em alguns casos, lavanda. Eram jovens de luto que tratavam de animar-se um pouco se maquiando ou exibindo suas melhores joias.

Um coro de vozes o cumprimentou. Madeline ficou em pé e lhe deu um beijo na face antes de pedir que sentasse à cabeceira da mesa. A única que não o saudou foi Ivy. Nem sequer o olhou.

Saint franziu o cenho. Esperava que o aborrecimento já tivesse passado.

Sentou na cadeira que ofereceram e levantou a toalha branca para não enrugá-la ao cruzar as pernas. O ar era quente e levava consigo os aromas da vitela, o molho, as batatas guisadas, as verduras e o vinho. Deu água na boca... principalmente devido à vitela. Talvez sim comesse algo.

Entre as mulheres, fluía uma energia que não tinha visto ainda desde sua chegada. Estavam muito faladoras, exceto Madeline e Ivy, que pareciam... nervosas.

—Senhor Saint, não vai acreditar no que aconteceu —disse Agatha, uma garota que estava a sua esquerda, umas cadeiras mais à frente.

Dado que Agatha nunca antes lhe dirigiu a palavra a não ser que ele falasse primeiro, suspeitou que estivesse a ponto de ouvir algo horrível.

—OH? —serviu-se de um pedaço de vitela mais cru que pôde encontrar—O que aconteceu?

—Justin se declarou para Ivy!

A julgar pelo modo em que todas as demais olharam para ela, aquela garota não tinha nem ideia de como estava sendo má. Agatha só estava contente; feliz por sua amiga, e ignorava completamente que Ivy e Saint tivessem uma relação. Mas isso não alterou o fato de que ele sentisse como se perfurassem suas costelas com um garfo e o girassem dentro dele.

Manteve a dor afastada de seu rosto e, com um sorriso, olhou para Ivy.

—Tenho que felicitá-la, senhorita Ivy?

Todos os pares de olhos ali presentes os olhavam com interesse.

Ela muito atrevida, se atreveu a devolver o olhar. Seus olhos verdes brilhavam cheios de... remorso? E tinha face ligeiramente ruborizada. Tinha intenção de dizer-lhe ela mesma? Ou queria manter em segredo um pouco mais?

Ivy pigarreou.

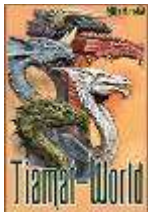
—Ainda não aceitei. —Sua voz transmitia o mal que se sentia. Melhor.

—Pois não faça o moço esperar muito. —Olhou-a nos olhos ao responder. —Não esperará para sempre. —Não como Saint. Só que não estava disposto a esperá-la. Talvez Justin se conformasse com sexo e amizade entre os dois, mas ele queria mais.

Exigia mais. Queria tudo dela. Negava-se a conformar-se com menos.

O rubor das bochechas de Ivy se intensificou, e desviou o olhar, retorcendo ainda mais o imaginário garfo que Saint tinha espetado nas vísceras.

Ele levantou o queixo, olhou ao redor e forçou um sorriso que, parece que só Madeline percebeu como aterrador, pois o olhou como se temesse que fosse perder o controle a qualquer



instante.

—Isto merece um brinde do melhor vinho. Irei à adega procurar uma garrafa.

Não esperou que respondessem, simplesmente, jogou a cadeira para trás e saiu foi da sala com o corpo tenso pelas emoções... fúria em sua maior parte.

Não tinha direito de estar zangado. Não tinha nenhum direito sobre Ivy. Podia repetir essas frases um milhão de vezes, mas não podia obrigar-se a aceitá-la. Ela era dele.

Entretanto, debaixo de toda aquela raiva se escondia a certeza, e a dor, de que se ela queria ao Justin, ele a deixaria partir. Saint sempre optaria pelo que a fizesse feliz, embora isso destroçasse sua alma.

Mas Justin Fontaine não era o que queria Ivy, a muito tola. Queria ele. O único que impedia de reconhecê-lo era o medo que tinha de ser abandonada. Igual seu pai abandonou sua mãe. Igual seu pai a abandonou.

Já na adega teve que controlar-se para não golpear as paredes, pois sabia que de cima notariam os tremores. Assim ficou ali, quieto na escuridão, com os olhos fechados, tentando se acalmar.

—Está bem? —perguntou uma voz dolorosamente familiar da escada.

Tinha o desagradável costume de surpreendê-lo. Ou talvez isso fosse precisamente o que ele desejou que fizesse. Abriu os olhos e virou a cabeça em sua direção.

—Há algum motivo pelo que não devesse estar?

Ela se esticou ao ouvir seu tom de voz.

—Eu queria te contar.

—Então não deveria ter contado antes a Agatha.

—Eu não contei! —Abriu muito os olhos. —Acredito que foi Emily. Minha mãe contou a ela.

—Não se podem guardar segredos em uma casa de putas —balbuciou, antes de dar meia volta para olhar as garrafas, lamentando a estupidez que acabava de dizer. —Me Desculpe. —Jamais permitiu que ninguém chamasse a Maddie ou às garotas dali de puta, assim com ele não seria diferente.

Ivy desceu os degraus restantes e se aproximou dele.

—Não respondi que sim. —Olhou-o em busca de sua aprovação.

—Responda que não.

—Por quê?

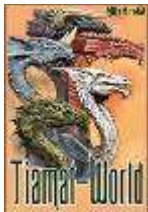
Com o rosto impassível, olhou-a com toda a intensidade de que era capaz.

—Já sabe por que. Porque me pertence.

Ela apertou a mandíbula. Ao que parece, não era a declaração que estava esperando, mas o que dizer a uma mulher que não acreditava no amor?

—Que pertenço a você? Seu cretino...!

—Talvez. —Encontrou uma garrafa que gostou, pegou e sacudiu um pouco o pó—Mas é verdade. O único motivo pelo qual você casaria com o Fontaine é porque tem medo do que sente por mim.



Ao ouvir essa frase, Ivy empalideceu, mas logo contra-atacou.

—Ao menos Justin não permanecerá jovem enquanto eu envelheço. Não terei que me preocupar de que se vá com uma mulher mais jovem.

Um sorriso zombador apareceu em seus lábios.

—Claro, os homens mortais nenhuma vez fazem isso, não?

Ela desviou o olhar, evidenciando que naquela discussão se escondia muito mais do que parecia a primeira vista.

—Ficaria ao seu lado até o final —disse ele, embora essas palavras ferissem lá no mais fundo. Ela voltou a olhá-lo.

—Não duraríamos tanto —disse com amargura—Seguro que seu interesse por mim desvaneceria junto com minha juventude.

—Não pretenda saber o que eu faria ou deixaria de fazer. —Ela o estava irritando ao compará-lo com todos imbecis que conheceu antes, comparando-o com seu pai. —E, além disso, você poderia ser eternamente jovem se quisesse.

—E me converter em vampiro? —Como se houvesse alguma outra opção.

—Sim. —Não era uma oferta que ele fizesse as pressas. De fato, aterrorizava-o fazê-la. Estava oferecendo para ela a eternidade junto dele se as coisas saíssem bem. Mas sabia que podiam sair mal.

A muito insolente descartou seu oferecimento com um mero dar de ombros, como se não tivesse importância.

—Acabaria se aborrecendo de mim. Os homens sempre o fazem.

—E, apesar de tudo, está disposta a se casar com Fontaine.

—Não sei. Possivelmente. —Como podia olhar nos seus olhos e falar essas coisas? —Justin será um bom marido. Teremos filhos. Envelheceremos juntos. Ele jamais dirá que pertenço a ele.

—E não tem medo que ele a deixe?

—Não. —Sacudiu a cabeça.

Então Saint entendeu tudo. Não temia casar com Justin porque com ele seu coração não corria nenhum risco. Não estava fazendo tudo isso para machucá-lo, e sim para proteger a si mesma.

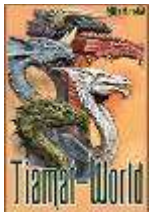
—Fontaine não a fará sentir o que sente comigo.

—Isso não sabe.

Pegou a garrafa de vinho nas mãos e riu.

—Sim sei. E você também. Ele não a amará nem exigirá que o ame em troca. Se isso for o que quer, de acordo, se case com ele. —Começou a se afastar, mas antes se deteve para sussurrar ao ouvido: —Porque eu, minha querida Ivy, não penso em me conformar com tão pouco.

Depois que ele deu as costas, Ivy não voltou a vê-lo. Deduziu que se retirou para seus aposentos, mas quando ela foi procurá-lo segundos mais tarde, viu que estavam vazios. Ele saiu, e agora ela retornaria e enfrentaria os demais, sozinha. Sentia-se como um barril que acabaram de



chutar. Entretanto, voltou e deu uma desculpa absurda, que Saint teve que ir. Sentiu alguns olhares de comiseração, mas ninguém disse nada, e durante o resto do jantar, deixaram-na tranquila para que pudesse estar a sós com seus pensamentos.

Justin era a melhor opção, ou deveria ser. Não podia nem pensar numa vida, na eternidade com Saint. Se aceitasse que a convertesse em vampiro, teria que beber sangue, e não voltaria a passear pelo Hyde Park em um dia ensolarado.

Mas estaria com ele. Para sempre. E isso a assustava. E se Saint depois de alguns anos já não a quisesse? E se não a quera? E se acabava dependendo tanto de seu vampiro que ao final fosse incapaz de viver sem ele? E se conseguisse encontrar o modo de entregar seu coração e ele o rechaçasse?

Tinha que confiar em Saint, ele não lhe faria mal. Tinha que se render e ser vulnerável. Não sabia se era capaz disso.

Não sabia se queria ser. Ninguém a fez sentir como ele. Adorava estar com Saint, seu senso de humor, seu jeito tão romântico. Adorava seu corpo, sua essência, seu sabor. Uma noite sem ele era... bom, só uma noite. Quando estavam juntos nunca pensava no sol, nunca pensava no Hyde Park. O único que pensava era no bem que sentia em seus braços.

Mas ele queria seu amor. Como podia dar amor se nem sequer sabia se era capaz de senti-lo?

Justin era a melhor... não. Justin era a opção mais segura. Deveria responder sim, mas não podia.

Estavam mudando muitas coisas em sua vida... tinha que tomar muitas decisões. Mas ao menos havia algo que sim estava claro.

Essa noite, depois de jantar, quando estavam no salão conversando e tomando uma taça, decidiu anunciar às garotas. Saint não estava. De fato, fazia mais de vinte e quatro horas que não o via.

Ivy, com seu vestido de seda cinza, ficou em pé.

—Senhoritas, tenho algo para dizer.

As conversações pararam e todos os olhos pousaram nela. Sorriu a todas, a suas amigas. A suas irmãs.

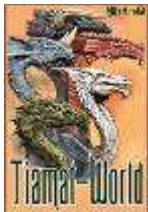
—Já sabem que minha mãe há algum tempo vem querendo retirar-se. —Um coro de lamentos acompanhou essa frase. —Me pediu que a substitua na direção da Maison Rouge, e eu aceitei.

Desta vez, as garotas se mostraram entusiasmadas. Uma a uma se levantou de seus assentos e foram a felicitar, e o sorriso de Ivy foi se alargando com cada abraço.

Foi incrível. Nenhuma parecia aborrecida por Madeline a escolher em seu lugar. Era como se todas soubessem, há muito tempo, que assim eram para serem as coisas.

Iher em seu lugar. Era como se todas soubessem, há muito tempo, que assim eram para serem as coisas.

Só uma parecia menos contente que as demais, e isso se devia por estar confusa. Agatha



olhou para Ivy preocupada.

—Se for responsável pela casa, isso significa que o senhor Fontaine viverá aqui?

Ivy deu de ombros.

—Ainda não aceitei me casar com ele, mas se aceitar, ele e eu discutiremos sobre isso. —

Não era algo que queria falar diante de todas, assim deu o assunto por resolvido.

E então falou Matilda, e perguntou o que todas queriam perguntar:

—E o que aconteceu com o senhor Saint?

—O que acontece comigo? —Saint entrou na sala como um sultão em seu harém. Ivy ruborizou ao vê-lo.

—Estávamos nos perguntando onde estava.

Pelo modo em que a olhou, ficou claro que sabia que estava mentindo.

—Fui ver meu amigo para perguntar se averiguou algo mais sobre os assassinatos, mas não tive êxito. Tudo parece indicar que Torrent era realmente o assassino.

As garotas começaram a murmurar. Mary se pôs a chorar. Sempre gostaram de Jacques e Priscila. Pobrezinha.

—Acredita que foi ele? —perguntou Ivy. Não importava no que acreditava a Scotland Yard. Se Saint acreditava que Jacques era o assassino, ela também o faria.

O vampiro esfregou a nuca.

—Parece-me muito óbvio, mas isso tampouco importa muito. Já não haverá mais assassinatos.

—Como sabe?

Voltou a olhá-la, mas desta vez foi só por um momento.

—Torrent não estaria morto se houvesse mais.

Nisso tinha razão. Se Jacques era na verdade o assassino, agora já não podia fazer mal a ninguém mais, e se só era um bode expiatório, sinal de que já tinham terminado.

—E o que me diz da Ordem da Palma de Prata?

—Acabou Ivy. —O olhar que dirigiu a ela era de puro cansaço. —Fosse o que fosse o que estavam fazendo, já acabou. Torrent está morto. Segui todas as pistas que encontrei e não há rastro da ordem em toda a cidade. Ou se foram, ou sabem muito bem como esconder-se. Já não fica nada mais que fazer.

—Assim não importa se Jacques era inocente?

—Torrent está morto —recordou zangado. —Se não cometeu os crimes, então foi escolhido para que carregasse as culpas.

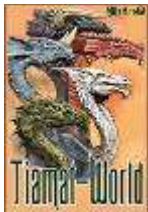
—Isso talvez baste a você, mas a mim não.

Saint a olhou como se pudesse ver dentro dela.

—Pintou a todas. Acreditávamos que você era a conexão entre elas, mas nos equivocamos. Já pode se absolver de toda culpa.

Maldito fosse por conhecê-la tão bem.

—Suponho que agora que tudo terminou, logo sairá de Londres.



Ele desviou o olhar e percorreu a sala com os olhos, enfrentando a todas as que os observavam. Ivy se esqueceu de onde estavam, e de que tinham público.

—Minha estadia em Londres depende de vários fatores.

A jovem queria perguntar quais eram, mas seria de má educação. Mas não se calou só por isso, mas também porque temia o que ele pudesse dizer ali, diante de todos. Permaneceu em silêncio inclusive quando Saint as acompanhou para jantar. O vampiro falou com sua mãe e com as garotas, mas não fez caso dela e odiou-o por isso.

Odiou ainda mais saber que queria que ele prestasse atenção nela.

Depois do jantar, Ivy se desculpou antes da sobremesa, mesmo sendo seu prato favorito, e foi para seu estúdio. Ali estava bem, o aroma era reconfortante. Mas não as lembranças. A única coisa que via em todos os cantos daquele quarto era Saint. Recordava o dia em que o fotografou, a primeira vez que a beijou, a primeira noite em que fizeram amor.

Houve um tempo em que ela acreditou que o amor era só isso; a união entre dois corpos. Agora já não estava tão segura. Fosse o que fosse, era horrível. Ela jamais se sentiria assim mal com Justin, porque jamais o desejaria tanto.

A porta atrás de si abriu. Soube quem era sem necessidade de olhar.

—Não é próprio de você fugir. —disse Saint.

—Eu não sou a que foge. —virou para olhá-lo. —É você que logo partirá daqui.

Ele fechou a porta e caminhou para ela.

—Quer que fique?

Ivy deu de ombros.

—Se isso for o que quer.

Uma amarga risada brotou dos lábios de Saint, sem um ápice de humor nela.

—Não pode me pedir que fique?

Não. Ivy olhou os pés antes de olhá-lo nos olhos. No mínimo merecia que fosse sincera com ele.

—Quando era uma menina, daria algo em troca de que me quisesse para você. De fato, quando retornou odiei me sentir assim de novo.

—E agora?

—Agora tenho medo.

—Do que me comporte como seu pai, ou de que faça justo o contrário?

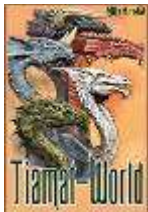
—Não sei.

Aproximou-se mais, afligindo-a com seu calor, seu aroma e sua presença. Seria tão fácil se perder entre seus braços... Muito fácil.

—Me peça para ficar —pediu, abraçando-a—Me peça isso e arriscarei a que algum dia se canse de estar com um homem que não pode ver a luz do sol. Arriscarei a vê-la envelhecer e morrer. Farei se você me pede isso.

Deus santo, como podia pedir isso? Soava fatal! E mesmo assim, incrivelmente tentador.

—Isso não seria justo para você. —sussurrou ela contra seu torso.



Tirou os braços das costas dela e os colocou nos ombros. Afastou um pouco para obrigá-la a olhar em seus olhos. Aquele olhar negro e brilhante se cravou no seu com tanta intensidade que quase doía.

—Diga que não me ama.

Ela o olhou com o olhar nublado, e embora seu coração estivesse rompendo pouco a pouco, encarou seu rosto. Entretanto era uma covarde. Abriu a boca para falar, mas dela não saiu nenhum som. Não podia mentir. Não podia dizer que não o amava.

Saint segurou seu rosto e a aproximou mais dele para lhe dar um beijo que a deixou sem fala, sem respiração. Seus lábios se apoderaram dos dela enquanto ela seguia seus movimentos. Agarrou os braços dele, entregando-se por completo ao beijo. Por um momento, quando sentiu o corpo do vampiro contra o seu, pensou que ele faria algo mais que beijá-la. Queria senti-lo dentro de si, desejava essa união.

Mas ele não faria, e perceber isso a deixou vazia. Saint a soltou.

—Quer mais do que posso te dar. —disse, engasgando-se com cada palavra.

Ele se afastou como se fosse esbofeteado. Ivy se obrigou a ficar quieta enquanto a distância, tanto física como emocional, crescia entre os dois. O único que tinha que fazer era falar o muito, muito, muito que precisava dele e ele ficaria ao seu lado. Então, por que não falava?

Porque apesar de toda essa conversa sobre os sentimentos, Saint não falou que necessitava dela, e ela tinha muito medo; não queria ser a primeira a falar para evitar ficar em uma posição tão débil e vulnerável.

O vampiro se deteve junto à porta, e a olhou uma última vez.

—Eu posso te amar durante o resto de sua vida, Ivy Dearing, mortal ou imortal. Pensa nisso quando der sua resposta ao Fontaine.

E fechando a porta, saiu, deixando-a ali de pé. Não podia mover-se. Não podia falar. Se conseguisse fazer algo, talvez conseguisse detê-lo. Mas o único que fez foi ficar quieta e chorar ao ver como saía de sua vida.

Capítulo 17

—Vai sair novamente?

Saint fechou os olhos ao ouvir a voz de Madeline. “Merda.” Deveria ter saído pelos túneis, mas precisava sentir a noite sobre sua pele.

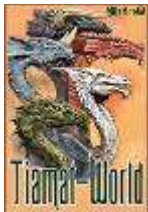
Esboçou um sorriso seco.

—Sim.

Quando foi sair, ela o deteve com um leve toque no braço.

—Falou com Ivy?

Ele suspirou e virou para olhá-la.



—Sim. E logo passei vinte minutos caminhando de um lado a outro do meu quarto tentando decidir se retornava a seu estúdio para matá-la ou para beijá-la.

Sua amiga olhou divertida depois que o inspecionou com o olhar.

—Não vejo nenhuma arma, assim suponho que vai beijá-la.

—Eu não necessito armas —recordou com amargura. —E não, não vou beijá-la. Vou sair.

O beijo que ele e Ivy compartilharam antes teria que bastar.

O bom humor de Madeline se desvaneceu como por magia.

—Para que? Se alimentar, lutar ou foder? —Ele retrocedeu após ouvir essa linguagem— Saint, não fará algo do que logo se arrependa, não?

—Estou acostumado a fazê-lo, Framboesa. —esfregou a nuca. —Vou à cidade, ver se posso descobrir algo mais sobre os assassinatos que consiga tranquilizar Ivy.

A satisfação adoçou seu rosto.

—A ama. Sabia.

Saint suspirou. De nada serviria negá-lo.

—Isso não significa que não tenha vontade de matá-la.

—Ela também o ama.

O vampiro se aproximou da porta.

—Não se ofenda, mas isso não pode saber.

Sua amiga voltou a detê-lo.

—Sou sua mãe. Conheço minha filha e sei o que sente.

—Então, talvez possa dizer isso a ela. —soltou-se. —Maddie, de verdade preciso sair daqui. Se quiser, mais tarde volto e você me dá um sermão.

Uma mistura de tristeza e compreensão brilhou nos olhos da mulher, e juntou as mãos.

—Tome cuidado.

Olharam-se um segundo e logo Saint assentiu:

—Terei.

Quando foi girar a maçaneta da porta, alguém bateu. Saint abriu e Justin apareceu diante dele, vestido com elegância, recém barbeado e com um quadro sob o braço. Pareceu surpreso de ver Madeline e Saint ali na entrada, mas conseguiu esboçar um sorriso.

Esse era o homem que passaria as manhãs despertando junto de Ivy. O homem que lhe daria filhos e uma vida normal.

Para Saint bastaria tocá-lo para quebrar seu pescoço.

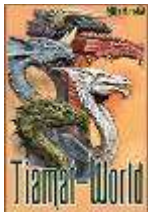
—Boa noite. —O vampiro optou por cumprimentá-lo e apertar os dentes.

Fontaine seguia sorrindo, alheio aos letais pensamentos de seu interlocutor.

—Boa noite, senhor Saint. Senhorita Dearing. Vim ver a Ivy. Está em casa?

—Entre, Justin —disse Madeline, oferecendo uma mão para que entrasse. —Verei se ela está. —antes de sair, olhou Saint uma última vez e deu um tapinha em seu braço. —Dê lembranças ao Ezekiel.

O gesto não passou despercebido para Fontaine. Fechou a porta atrás dele e o olhou com



curiosidade.

—Vai sair?

O vampiro levantou a cabeça e se obrigou a sorrir.

—Só um momento. Tenho que resolver alguns assuntos urgentes.

—Já disse antes, mas quero que saiba o tão agradecido que estou por tudo o que tem feito por Ivy e sua mãe.

O menino era tão amável que era quase impossível odiá-lo. Mas isso não impediu que Saint não morresse de vontade de dizer para aquele idiota que ele não era ninguém para agradecê-lo.

Ele fazia tudo isso por Maddie e por Ivy, e por ninguém mais.

Deveria ir, mas não conseguia, ainda não.

—Falando da senhorita Dearing, ouvi que talvez no futuro soem sinos de casamento. — Oxalá um desses sinos caísse em cima dele durante a cerimônia.

O jovem voltou a sorrir.

—Isso espero, senhor.

Saint já não podia suportá-lo mais. Fontaine era mais velho do que Saint era quando bebeu do cálice maldito e se converteu em vampiro, mas o muito imbecil falava como se ele fosse um ancião. Se ficasse ali um momento a mais, acabaria matando-o de verdade.

—Boa sorte, Fontaine.

Justin estendeu a mão.

—Boa noite, senhor Saint.

Saint devolveu o apertão com mais força do que o necessário. Foi por um fio que não quebrou a mão do menino, mas Saint deteve o apertão ao sentir uma dolorosa queimadura na palma. O anel do rapaz. Esqueceu da joia de prata que brilhava em seu dedo.

Apesar de arder sua pele, Saint nem se alterou, e se despediu do jovem com um sorriso.

—Boa noite.

Não havia nada mais que dizer. Fontaine não sabia que ele era um vampiro, assim não se desculparia por tê-lo queimado, e Saint, por sua parte, não queria ficar ali nem um minuto mais. Não quando Madeline podia voltar a qualquer momento com Ivy ao seu lado.

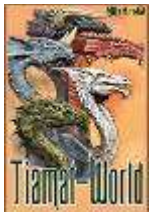
Quando fechava a porta ouviu, Maddie chegando.

—Ivy está esperando em seu estúdio, Justin.

Fechou. E, enquanto se afastava não se perguntou o que responderia Ivy ao Justin quando este voltasse a propor matrimônio. Sabia o que diria.

—Sinto fazê-lo esperar —se desculpou ela ao vê-lo entrar na casinha. Depois que sua mãe se foi, enxugou as lágrimas e jogou água no rosto. Seu aspecto melhorou um pouco, mas era evidente que havia chorado. Madeline se ofereceu para dizer ao Justin que fosse embora, mas Ivy não queria que o jovem esperasse por mais tempo sua resposta.

O sorriso de Justin desvaneceu a medida que se aproximava dela. Como sempre, estava impecável. O via tão elegante, quente e loiro, que Ivy quase se engasgou do muito que desejava



algo frio, escuro e tosco.

—Valeu a pena —disse. Ante a sinceridade de suas palavras, Ivy sentiu náuseas—Mas o que aconteceu com você?

Ela tentou sorrir ao mesmo tempo em que dava um passo para trás. Como se suas pernas tivessem vontade própria, suas mãos se dedicaram a alisar as rugas do vestido.

—Estou bem. Não se preocupe por mim.

Desviou o olhar para a cadeira que Saint tinha feito amor com ela e recordou o que sentia quando ele a beijava, quando estava dentro de seu corpo. Lembrou-se de como o sentia dentro dela, tanto física como emocionalmente, e esteve a ponto de voltar a chorar de novo.

—Ivy, querida. Não tem boa aparência.

Não, seguro que não. Seguro que tinha as bochechas rosadas e os olhos brilhantes.

—É pela tensão das últimas semanas.

O jovem se aproximou dela e pôs uma reconfortante mão no braço. Tinha os dedos firmes e quentes, mas não a fizeram sentir nenhum calafrio percorrendo as costas. Não deu vontade de aconchegar-se contra ele e ali se esconder do mundo inteiro.

—Já passou —disse ele tranquilizando-a. —Já não tem do que temer.

—Mas isso não trará de volta minhas amigas. —Os olhos encheram de lágrimas e não se importou que Justin as visse. —Isso não fará que as coisas sejam diferentes.

—Xii! —O jovem a abraçou, e apoiou o queixo em seu cabelo. Era agradável estar ali. Era agradável que a consolasse, mas isso foi o único que Ivy sentiu com aquele abraço. —Agora estão em um lugar melhor, onde nada nem ninguém podem fazer mal a elas.

Suas palavras deram um pouco de consolo.

—Não tinha pensado desse modo. Obrigada. —Então se ergueu e ele a soltou.

—Tenho algo para você. —disse Justin, rompendo o que poderia ser um incômodo silêncio.

Ivy não tinha nem ideia do que dizer; sua mente ainda não se recuperara da partida de Saint. Era como se fosse incapaz de pensar em outra coisa que não fosse ele.

—Não deveria se incomodar —respondeu em voz baixa, mas convencida do que dizia. Não queria, nem merecia seus presentes.

O único que queria era ao Saint. Desde que a deixou ali sozinha, sentia-se vazia por dentro. Não parava de pensar no que ele havia dito; que a amaria durante o resto de sua vida.

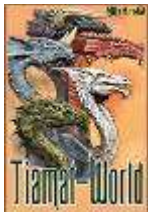
Significava isso que já a amava? Por que ele podia acreditar em um sentimento como esse e ela não? Ele não pareceu mais fraco depois de admitir sentir tal coisa, e, entretanto, ao fazê-lo ficou em uma posição muito vulnerável.

Deus, sua cabeça dava voltas.

—Abra.

Levantou o olhar. Justin estava em pé de frente para ela, lhe oferecendo um pacote quadrado. Com os músculos entorpecidos, Ivy aceitou e tirou o cordão que prendia o pacote.

O papel caiu e apareceu um quadro. Reconheceu-o imediatamente, pois ela estava nele. Lembrou do dia em que pousou para aquele óleo, era como se fosse ontem.



—É o quadro de Jacques. —Enrugou a testa e olhou para Justin. Como era possível que Saint não notasse o quadro ao inspecionar os aposentos de Torrent? —Como o conseguiu?

Ele a olhou entristecido.

—Jacques me deu isso pouco antes de... morrer. A pintura não estava seca por isso não dei a você antes. Não percebeu que durante uns dias tive os dedos manchados de tinta?

Ivy sacudiu a cabeça, ainda um pouco confusa.

—Não.

—Não estava seguro se o dava ou não, mas pensei que talvez você gostasse de tê-lo.

A confusão de Ivy aumentou, e devolveu a pintura.

—Sinto muito, Justin, mas não o quero.

O jovem pareceu surpreso, mas pegou o quadro e contemplou a cena ali representada.

—Por que não? É bonito.

—Jacques estava envolvido nos assassinatos. Não quero ter nada dele.

O rapaz agora parecia magoado.

—Mas você e eu estamos no quadro, e também Goldie. Lembra? Esse dia nos pediu que posássemos para ele no jardim.

A única coisa que Ivy conseguia fazer era mover a cabeça de um lado a outro. Não queria nem aproximar-se da pintura. Saint saberia o que fazer. O que dizer.

Justin deixou o quadro na cama.

—Me desculpe. Não pretendia alterá-la tanto.

Agora foi ela quem o abraçou. Cheirava a limpo e a normalidade. Em sua pele não havia o aroma de especiarias que desprendia de Saint. Nem rastro do perigo ou a escuridão a que cheirava o vampiro.

—Sei. Foi uma delicadeza de sua parte, e agradeço isso, de verdade. Mas é que tudo ainda é muito recente. Muito doloroso.

Justin assentiu tenso.

—Claro.

Ela o soltou, dando-se conta de que ele não queria que ela o abraçasse como se fosse um irmão.

Suspirou e esfregou os olhos com as mãos.

—Sinto muito, Justin. Acredito que esta noite não sou muito boa companhia.

O olhar do jovem posou em Ivy.

—Tem a ver com Saint, não?

Não mentiria para ele. Ele merecia algo melhor que isso.

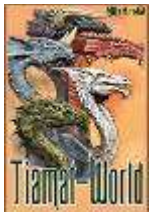
—Sim.

Parte do brilho de seus olhos se desvaneceu.

—Ama-o.

Ela se afastou, com as mãos no estômago para controlar os nervos.

—Não sei.



—Pensar que não voltará a vê-lo jamais te machuca por dentro?

Ivy fechou os olhos, não para evitar a crueldade de sua voz, mas sim porque essa pergunta a acertou em cheio.

—Sim.

—Pensar nele com outra mulher a deixa doente?

Seu estômago revolveu.

—Sim —sussurrou.

—Estaria disposta a fazer qualquer coisa em troca de que ele estivesse aqui agora?

—OH, sim. —Quase se engasgou com as palavras. Algo? Daria sua alma, seu orgulho. Maldito fosse.

—Agora, deixa que pergunte novamente. Ama-o?

E a resposta veio instantaneamente, como quando o céu estala em uma tormenta. Pensou um instante e a verdade floresceu em seu interior. Sem medo, com total certeza.

—Sim. —deu meia volta para olhá-lo. —OH, Justin. Sinto tanto...

—Não se desculpe por sentir o que sente —sorriu ele. —Sei que não pode evitar.

A única coisa que impediu que saltasse louca de contente foi que se sentia culpada por seu amigo. Foi como se admitir a intensidade do que sentia por Saint a liberasse de uma prisão em que não sabia que estava presa. Amava-o e sabia que ele a amava também. Podia passar dias pensando nisso, dissecando o assunto até não poder mais, mas o sentia na alma. E agora que por fim o reconheceu, já não estava assustada.

Tinha que dizer a ele.

—Justin, de verdade que sinto se o machuquei, mas eu tenho que ir. —agarrou a saia e correu para a porta.

—Ele não está. — disse o jovem.

Ivy se deteve tão rápido que inclusive cambaleou um pouco ao fazê-lo.

—O que? Onde está?

O belo rosto de Justin se esticou como se estivesse tomando uma decisão muito difícil.

—Sei para onde foi.

A esperança se instalou em seu peito.

—Para onde?

O jovem parou no meio do quarto e sacudiu a cabeça.

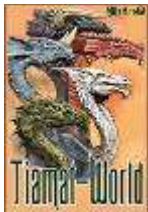
—Não tinha intenção de te contar. Ia esperar que superasse tudo isto e logo tentaria conquista-la de novo, mas não posso fazer isso. Importa-me muito. —Voltou a olhá-la. —A levarei até ele.

Ela ficou olhando-o. Fez bem em recusar seu pedido. Era evidente que era muito bom para ela.

—Faria isso por mim?

—Por você? Sim. Faria qualquer coisa por você.

Mais lágrimas, mas desta vez de felicidade.



—OH, Justin! —Abraçou-o. —É a melhor pessoa que conheço. Algum dia encontrará à garota adequada para você, estou segura.

Ele, cheio de remorso, tocou-lhe a face.

—Eu também.

Repetir a busca pelos apartamentos de Jacques Torrent não resultou nada substancial, exceto pó e uns quantos cabelos loiros. Torrent era moreno, assim não eram dele, e eram muito curtos para ser de mulher. Também encontrou um retrato de Opal Gardiner. Saint não conseguia entender como não o viu antes, mas ali estava, entre outros, com o título de Rajab —a prostituta que ajudou aos israelitas a conquistar Jericó—escrito na parte de atrás.

Ao sair dali, foi visitar alguns botequins na área de Whitechapel, e ver se alguém sabia algo da Palma de Prata. Nada. Logo foi à loja de Ezekiel. Precisava pôr o máximo de distância possível entre ele e Ivy. Se não, acabaria retornando ao Maison Rouge para suplicar que ela o amasse. E se alguém podia saber algo, era seu amigo.

—Parece uma merda —disse ele ao vê-lo.

Saint se limitou a sorrir.

—É assim que me sinto. Tem algo para mim?

Negou com a cabeça.

—Ainda segue com o assunto? Sinto muito, Saint, mas não descobri nada novo. A Palma de Prata se desvaneceu no ar.

Ou isso parecia. Todas as provas de sua existência na cidade pareciam ter evaporado. Saint não estava acostumado a que o enganassem com tanta facilidade, de fato, odiava que assim fosse.

Não teve mais remédio senão retornar ao bordel. Se enganou com Ivy e ela aceitou casar-se com Fontaine, faria as malas e partiria de Londres o mais depressa possível.

Ou poderia cortar o pescoço de Fontaine, e assim Ivy não teria outra opção do que ficar com ele. No final, pensou que a última opção não funcionaria, mas das duas era sua solução favorita.

—Talvez esta seja a última vez que nos vemos durante um tempo —disse para Ezekiel— Avisarei quando for. —Se fosse.

O homem lhe estendeu a mão.

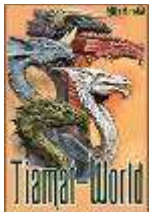
—Cuide-se, meu amigo.

Saint não se lembrou da queimadura que o anel de Justin causou até que deu a mão para Ezekiel. Ou, melhor dizendo, a ardência que sentiu o fez recordar.

Soltou a mão de Ezekiel e olhou a palma para observar a ferida. E então sentiu como se dessem um chute em seu peito, e todo o mundo caiu a seu redor.

Ali, na pele, tinha a forma perfeita de um cálice. A mesma marca que tinha Daisy na face na noite em que morreu.

Justin Fontaine era membro da Ordem da Palma de Prata. Formava parte do grupo de homens que assassinaram às amigas de Ivy, que violaram o santuário que era a Maison Rouge e que degolaram Daisy em sua própria cama, um lugar onde ela deveria ficar a salvo.



Os cabelos loiros que encontrou no apartamento de Torrent podiam ser do Fontaine. E, se assim fosse, então ele era o assassino. Não só de Jacques, mas também de todas as mulheres.

E agora estava com Ivy.

A sós.

—Tenho que ir —disse ao Ezekiel, lançando-se para a porta. Uma vez fora, saltou para o céu sem se importar que alguém o visse. Normalmente, era muito precavido, mas essa noite não. Normalmente se sentia agradecido pelo dom de voar, mas agora só desejava fazê-lo mais rápido.

Quando aterrissou na Maison Rouge foi correndo à parte de trás da casa, para o estúdio de Ivy. A porta estava aberta, e entrou sem chamar.

—Ivy?

Não recebeu resposta. Não havia sinal de vida no pequeno refúgio. Só o doce aroma dela no ar indicava que esteve ali. Com Fontaine.

E, apesar da dramática circunstância, teve que reconhecer que sentiu um grande alívio ao comprovar que o estúdio só cheirava a produtos químicos, e não a sexo.

E então o viu. Ali, na cama, havia um quadro. Era o mesmo que Fontaine levava sob o braço quando chegou de visita? Cruzou o quarto para olhá-lo.

Era o retrato de uma voluptuosa mulher brilhando num vestido muito escandaloso, a que Deus ordenava que abandonasse o Paraíso. Atrás dela, havia um homem com cara de muito satisfeito por vê-la partir, junto com outra mulher, muito mais recatada, pendurada no braço.

O tema resultava familiar: era a expulsão de Lilith do Éden por negar-se a aceitar que Adão fosse superior a ela. Lilith era a mãe dos vampiros, a primeira mulher caída. Era seu sangue que corria pelas veias de Saint e que o transformou no que era.

E tinha o rosto de Ivy, enquanto que Adão era Fontaine, arrogante e presunçoso, em tanto que Goldie, qual tímida Eva, agarrava-se a seu braço.

Não tinha que olhar a assinatura para saber quem o pintou, mas o fez de todas as formas. Era obra de Torrent e esta vez, literalmente, parou seu coração.

Todas as mulheres assassinadas foram retratadas ou pintadas como sedutoras mulheres caídas. Fontaine sabia e agora estava com Ivy.

Ele era o assassino, e ainda não tinha terminado.

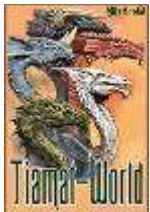
Ivy era a seguinte.

Capítulo 18

—Falta muito para chegar? —perguntou Ivy a Justin enquanto percorriam escuros caminhos.

—Pouco. —Nem a olhou.

Talvez fosse coisa dos nervos, mas quando por fim pararam, Ivy teve a sensação de que



levaram horas na carruagem. Foram no carro de Justin, pois este disse que assim chegariam antes onde estava Saint, e Ivy aguentou cada buraco com resignação. E estaria disposta a suportar muito mais se isso significasse que Saint voltaria para ela.

Olhou ao seu redor. Estavam no Hertford, ao norte de Londres, em um imóvel bonito e isolado que tinha todo o aspecto de ter sido construído durante o reinado dos Tudor.

—Saint está aqui? —Havia tantas janelas que não parecia o melhor lugar para um vampiro... a não ser que tivesse uma adega.

—Sim. —Justin saiu da carruagem e deu a volta para abrir a porta para ela. Ivy não estava acostumada a que a tratassem como uma dama.

—Está lá dentro —explicou ele quando ela passou ao seu lado para entrar.

O olhou de esguelha.

—Como sabe?

Ele não a olhou.

—Eu arrumei o lugar.

Bom, aquilo sim que era uma surpresa. Por que diabo Justin ajudaria Saint? Ali havia algo estranho. Se parasse um momento para analisar os fatos, Ivy talvez conseguisse uma resposta lógica para tranquilizar seu cérebro, mas estava muito distraída pensando no que diria ao vampiro quando o visse.

Mal podia esperar que Justin abrisse a porta principal. E, quando ele abriu, correu para dentro.

O vestíbulo era pequeno, mas estava iluminado. O papel das paredes era cor nata e a madeira escura se via bem cuidada e reluzente. Abajures de azeite queimavam em lustrosos candelabros e o ar cheirava a limpo, não a rançoso ou a fechado.

Ali tinha que viver alguém. Deu uns passos para frente.

—Saint? Saint? —chamou.

Ninguém respondeu.

—Está no andar de cima. —disse Justin. —Vá ver. Segunda porta à direita.

Recolheu a saia e correu para a escada que levava a primeiro piso. Ali também havia abajures acesos, iluminando todo o corredor.

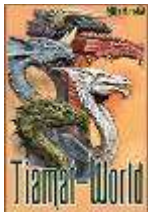
Quando alcançou a porta, o coração pulsava desordenado em seu peito. A mão tremeu ao girar o trinco. Não chamou, mas sim entrou diretamente.

—Saint, eu... —As palavras morreram em seus lábios.

O quarto tinha umas dimensões mais que cômodas, e era óbvio que o prepararam para algum convidado, mas ninguém dormiu na cama com dossel, e as cortinas das janelas estavam abertas, permitindo que a luz da lua entrasse e se mesclasse no tapete com a luz que vinha dos abajures.

Ali não havia ninguém. Mas sim uma cadeira de madeira com pernas longas e braços pequenos.

Viu umas algemas penduradas nas pontas do móvel que ocupava o centro do quarto.



Ivy se assustou e, ao dar um passo para trás, chocou-se com um sólido torso. Virou com a esperança de que fosse Saint, mas era Justin. Ele sorriu.

—Ivy, não tem do que ter medo.

Não estava gostando daquilo. Não gostava nada.

—Onde está Saint, Justin?

—Não tenho nem ideia —disse ele, dando de ombros, —mas estou seguro de que não demorará para vir.

Suspirou aliviada, e o ar voltou a entrar em seus pulmões.

—Não se preocupe, quando o vampiro se dar conta de que está comigo, virá aqui correndo. —Ivy quase se afogou ao respirar.

—O que?

—Já me ouviu. —O sorriso se fez mais amplo. —Talvez demore um momento em nos seguir o rastro, mas os de sua espécie têm um grande sentido do olfato. Seguro que nos encontrará.

Ela sentiu como se todo o sangue do corpo baixasse aos seus pés.

—Como sabe?

Levantou a mão e mostrou o selo de prata que levava no dedo. Ivy já tinha visto antes, representava uma mão com a palma para cima. Mas agora que olhava de perto, viu que aquela mão segurava um cálice. Igual a marca na face de Daisy.

O sangue de Ivy subiu disparado dos pés para todas suas extremidades, e a encheu de uma ira e um ódio que nunca sentiu antes. Olhou para Justin só um segundo, e ficou doente ao pensar como a enganou.

Logo avançou sobre ele, batendo e dando tapas com todas suas forças. Inclusive tentou deixá-lo sem sentido com uma cabeçada.

Não pensou, simplesmente lutou. Mataria o maldito com suas próprias mãos se pudesse.

E então sentiu uma aguda explosão de dor na cara, e a cabeça foi disparada para trás. Justin lhe deu um murro tão forte, que a atirou ao chão. Aterrissou com todo o peso de seu corpo e ficou sem fôlego, ao mesmo tempo parecia que sua cabeça estouraria.

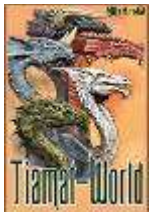
Logo veio a escuridão, e depois nada.

Saint percorreu toda Londres.

Rastreou a essência de Ivy, mesclada com a do Fontaine e a de dois cavalos por toda a cidade, até que chegou a um bairro respeitável de classe alta no West End. Quando chegou à casa de Fontaine, forçou a entrada, mas não encontrou nada. Assustados os serventes informaram sobre os diferentes lugares que ele poderia estar. E o valete de Fontaine disse que ele levou consigo uma pequena mala.

Aí se perdia o rastro. Os cavalos estavam no estábulo, e a moço da estrebaria disse que Fontaine optou por uma carruagem para seguir caminho. E sim, com ele foi uma mulher que encaixava com a descrição de Ivy.

Desesperado, Saint foi ao clube de Fontaine, mas ali ninguém o viu nem sabia onde podia



estar. Foi a um par mais de clubes e a uma sala de festas. Nada. Ninguém sabia nada.

O horizonte começava a ver-se cinza, anunciando a chegada do amanhecer. Impotente ante o implacável transcorrer das horas, Saint retornou ao Maison Rouge voando, escapando por um fio de virar cinzas.

Não conseguiu tranquilizar-se em seu quarto, foi aos túneis e ali bateu com os punhos na sólida rocha e esmurrou os ferros até que sentiu suficiente dor para amortecer a aflição que alagava seu coração. Até que a impotência que sentia acalmou um pouco.

Maldição. Por que Ivy saiu com Fontaine? Toda sua roupa estava ali, assim não fugiu com ele.

Era sua culpa. Deveria ter suspeitado de Fontaine. Alguém tão agradável seguro que tramava algo.

Se dedicasse mais atenção em encontrar o assassino do que seduzir Ivy, talvez ela estivesse ali agora. Não importava o quanto dissessem que não era culpa dele, e todos ali disseram, ele sabia que era o único culpado. A culpa era dele ou culpariam á ela, e ele se sentiria mal se isso acontece, pois Ivy estava ausente.

Brigaria com ela quando a resgatasse. E então asseguraria de que não saísse com um assassino nunca mais.

De verdade que pensou isso? Era uma frase tão absurda que quase riu.

—Converteu-me em um idiota —murmurou em voz alta na escuridão do túnel. OH, sim, quando resgatasse Ivy, não se e sim quando, se asseguraria de que não se afastasse de seu lado jamais. Não importava se demorasse cem anos, faria que essa mulher o amasse.

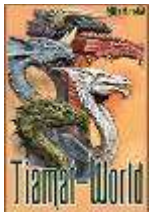
Porque ele estava perdidamente apaixonado por ela.

Dar-se conta disso o mandou de retorno a casa. E logo para o piso de cima, onde estava todo mundo, ao menos os que não estavam procurando por Ivy. Vestiu uma velha manta, ocultou-se dos raios de sol que penetravam entre a escada de serviço e o corredor e entrou no único cômodo adequado para um vampiro.

O escritório de Madeline, agora de Ivy, era utilizado por Reign durante suas visitas, e estava equipado com um jogo extra de espessas cortinas para impedir a entrada da luz solar. Ali encontrou Madeline, e ali foi onde ele começou a passear histérico, expondo-se seriamente a possibilidade de morrer sob o sol para trazer Ivy de volta. Madeline tolerou esse comportamento durante uma hora, e logo saiu para fazer algo de útil. Era óbvio que estava angustiada, mas isso não impediu que o vampiro a invejasse por poder sair daquele escritório.

Não conseguiu encontrar nenhum sistema que o protegesse durante o tempo necessário para ir procurar por Ivy. Arriscar-se a morrer só valia à pena se a encontrasse e a salvasse. Do contrário, seria um suicídio, e isso só serviria para deixá-la a mercê daquele louco.

As nove estava a ponto de matar alguém. Seus homens traziam informações logo que dispunham dela, e inclusive as garotas, benditas fossem, estavam ajudando; contatando com amigos e indo aos lugares que Justin frequentava. Enquanto, Saint seguia preso como um inútil, sem poder fazer nada.



Ordenou os livros das estantes alfabeticamente. Moveu os móveis até que ficaram a seu gosto. Manter-se ocupado o ajudava a não enlouquecer, e evitava que destruísse tudo o que estava ao seu alcance.

Cinco minutos antes das duas da tarde, chegou uma visita. Madeline, cansada e assustada, reuniu-se com Saint em seu escritório, e Emily fez entrar um convidado. Parece que, aquela pessoa tinha informação a respeito do desaparecimento de Ivy.

Saint não tinha ideia de quem podia ser essa pessoa, mas custou recuperar-se da surpresa de ver a irmã de Ivy, a que reconheceu pela fotografia, entrar no escritório.

Madeline por sua parte ficou boquiaberta olhando à garota. Dada a diferença entre suas posições sociais, não era de se estranhar que não se viram antes. E seguro que Ivy chegou a extremos incríveis para assegurar-se de que sua mãe não a visse e não recordasse assim ao homem que a traiu.

—É filha de Robert —disse em voz tão baixa que pareceu um sussurro.

A garota assentiu, e seus lábios, muito parecidos com os de Ivy, esboçaram um sorriso.

—Sim, sou Rose.

Saint fez então cargo da situação, e a apresentou a Madeline.

—Emily me disse que talvez saiba algo sobre o desaparecimento de Ivy.

—Sim —assentiu ela.

—Tenho curiosidade, como sabia que desapareceu?

Parou um instante, como se estivesse lembrando.

—Meu pai tem uns amigos que vêm a nossa casa de vez em quando. Como se fossem uma espécie de membros de um clube.

—Usa seu pai um anel com o selo de um cálice? A garota abriu os olhos.

—Sim! Esses homens apareceram muito mais frequentemente ultimamente. Um deles estava no parque com Ivy a última vez que a vi. Era loiro, e muito bonito.

—Fontaine —balbuciou Saint.

—Nesse momento não dei muita importância —continuou Rose, —mas faz umas noites, ouvi meu pai e um de seus amigos, um homem realmente aterrador, com uma cicatriz, discutir sobre esses horríveis assassinatos. Envergonha-me dizê-lo, mas meu pai parecia saber muitos detalhes a respeito dos mesmos.

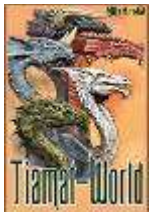
Saint não olhou para Madeline. Seguro que a estava matando saber disso tudo; saber que o pai de Ivy tinha algo com seu desaparecimento e a morte das garotas devia ser horrível.

—Não fui à polícia —disse Rose —E não sei se irei. Não posso me colocar contra meu pai, ele sempre me amou.

Saint assentiu.

—Entendo. Que mais pode nos contar?

—Esta manhã, ouvi por acaso... bom, não foi por acaso. Fiquei escutando junto à porta do escritório de meu pai quando ele e esse homem estavam lá. Diziam que alguém chamado Fontaine se tornou um problema. Deduzo que é o mesmo homem que antes mencionou. O homem da



cicatriz disse a meu pai que Fontaine levou Ivy para completar o ritual.

Saint sentiu gelar o sangue. Rose seguiu falando:

—O homem disse também que todo esse trabalho duro enfim daria seus frutos, e que não cometeriam os mesmos enganos que onze anos atrás, em especial agora que tinham nas mãos alguém chamado Temple.

O gelo das veias do Saint agora se tornou sólido como uma rocha.

—Temple? Disseram que tinham Temple? —A jovem assentiu.

—Mas não disseram onde. Conhece-o?

Saint afirmou com a cabeça. Temple era um dos vampiros, e um de seus melhores amigos. Quando ele era ladrão, ele foi o líder de seu grupo de delinquentes de pouca valia, e se a Palma de Prata o prendeu, sinal de que não podia brincar com eles.

Não permitiria que se apoderassem de Ivy. Centrou toda sua atenção em Rose.

—O homem disse para onde Fontaine a levou?

—Sim, sinto muito, já deveria ter dito. A levou para o imóvel que tem em Hertford. Chama-se Redstone Park.

Pela primeira vez em todo esse dia, Saint sentiu que de verdade resgataria Ivy. Estava tão contente e esperançoso que inclusive deu um abraço em Rose. A garota se surpreendeu, mas não retrocedeu.

Saint virou para Madeline.

—Reunirei alguns homens. Iremos assim que o sol se ponha.

—Mas ainda faltam muitas horas —assinalou Rose— Não podem ir já?

Ele sorriu.

—O efeito surpresa. Assim não verão nos aproximar. —Para não mencionar que, se fossem naquele momento, ele fritaria como bacon. Em certas ocasiões, ser um vampiro era muito frustrante.

A resposta pareceu satisfazê-la.

—O que posso fazer eu?

—Pode ir para casa —disse— E manter seu pai vigiado. Tem telefone?

Assentiu com a cabeça.

—Perfeito. Chame-nos se ocorrer algo que devamos saber. —Então, o vampiro deu meia volta. —Senhor Saint, há algo mais.

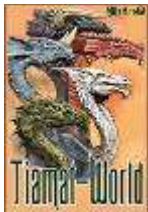
Sempre o havia. Voltou a olhá-la.

—O que é querida?

—Esse homem da cicatriz disse também que, quando Fontaine iniciar a Ivy, dariam as boas-vindas a alguém chamado “o vampiro”. Sabe o que significa? —Desta vez, Saint sorriu de orelha a orelha.

—Sim, querida, tenha certeza que sei.

Ivy despertou com uma horrível dor no rosto e na cabeça, e com o pescoço e os ombros



completamente tensos.

Apesar da dor, obrigou-se a olhar a ambos os lados para ver se assim conseguia ver algo. Seguiu no quarto daquela casa a que Justin a levou, e estava sozinha e algemada à cadeira que havia ali no centro.

Estava em um lugar, em meio de parte alguma, com um louco que sabia que Saint era um vampiro e que confiava que ele iria resgatá-la. Justin era membro da Ordem da Palma de Prata, quem de uma vez, eram os responsáveis por todas aquelas mortes e sofrimento.

Foi Justin o encarregado de levar a cabo essa carnificina? Ficava doente só de pensar, mas no fundo de seu coração sabia que era verdade, do mesmo modo que sabia que, de algum modo, ela desempenhava um papel muito importante em todo o assunto.

Mataria também a ela? OH, Deus, rezou para que Saint jamais descobrisse que Fontaine a assassinou. Não queria que a encontrasse desse modo. Preferiria mil vezes que seus últimos pensamentos sobre ela fossem de aborrecimento não de dor.

Pensar em Saint, e o mal que se sentia fisicamente, encheram seus olhos de lágrimas que deslizaram por sua face e fizeram arder os machucados de seu rosto.

A porta abriu, e ela seguia ali, indefesa, golpeada e chorando. Justin entrou. Usava a mesma roupa que quando chegaram, assim não tinha transcorrido muito tempo, mas a luz do quarto estava diferente. Era dia. Saint demoraria um pouco.

—Não —disse Justin ao fechar a porta com o pé—Ainda não veio. —Trazia uma bandeja com comida e algo que cheirava à café.

—Como sabe que virá? —perguntou ela, fazendo uma careta de dor, pois pelo mero feito de falar acreditou que a cabeça explodiria.

—Porque a ama —respondeu o jovem, deixando a bandeja na cama—Não poderá evitá-lo. Não descansará até que esteja a salvo.

—E planeja me reter aqui até que apareça?

—OH, não. —aproximou-se dela e abriu a algema de um dos pulsos—Você e eu vamos completar certo ritual antes que seu amado demônio apareça.

Ivy o fulminou com o olhar enquanto levantava e movia a mão que estava livre.

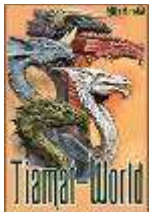
—Saint não é um demônio.

Justin a olhou surpreso.

—Acaso não te contou como ele e seus amigos se converteram em vampiros?

Tomou seu silêncio como um não, pois deixou a bandeja e continuou preparando o que Ivy supôs que devia ser seu café da manhã. Não queria comer, mas prática como era, sabia que era melhor fazê-lo e recuperar forças.

—Contarei a versão curta e tentarei que seja o mais simples possível —começou ele— Quando Lilith, a mesma que você representou no último quadro que pintou nosso querido Jacques, depois que eu o pedisse claro, foi expulsa do jardim do Éden, tornou-se amante do anjo Samuel. Por desgracia, Lilith descobriu que Samuel estava planejando destruir toda a humanidade, e disse a Eva que fosse avisar a Deus. Samuel e seus seguidores foram expulsos do céu e deixaram



de serem anjos para converter-se em demônios de baixa classe no inferno. Lilith e Samuel já levavam tempo confraternizando com estes, assim a mudança não foi novidade. E dado que foi Lilith quem contou, Deus não só não a destruiu, mas também a converteu em rainha dos demônios.

—Como pode imaginar —continuou—Samuel não ficou nada bem quando soube da traição e jogou em Lilith uma maldição. Capturou sua essência em trinta peças de prata para que passasse de mão em mão, tal como ela merecia. A prata amaldiçoava a tudo o que a tocava, como por exemplo, Judas, para citar alguém, até que os Cavalheiros Templários a encontraram. Juraram proteger essas peças de prata e as esconder do mundo, e para isso as fundiram em um cálice. O que não sabiam era que a essência de Lilith também ficou presa nesse cálice, e que todos que bebessem dele se converteriam em vampiro.

Ivy o olhava atônita.

—De verdade acredita nessas coisas?

Justin riu e colocou uma pequena mesa diante dela.

—É óbvio. É a verdade. Continuemos. Uma divisão secreta dos templários não estava de acordo em como as coisas estavam indo, assim usavam a taça em seus rituais, e acabaram descobrindo a verdade. Então foi quando os templários a roubaram e a esconderam. Isso era o que o rei Felipe procurava quando mandou seus homens saquear os monastérios dos templários no século quatorze. E seus homens o encontraram. Beberam dele e se converteram nos únicos vampiros do mundo que podem comparar-se com Lilith.

Deixou a bandeja na mesa e indicou que comesse.

—E assim, minha querida Ivy, é como seu Saint se converteu em vampiro... e em demônio.

Agarrou a colher. O ovo passado na água que tinha diante não era nada tentador, mas iria comê-lo mesmo assim.

—Não me importa o que diga, Saint é tão demônio quanto eu.

Justin zombou do comentário.

—Está pensando na definição cristã de demônio, e não é o mesmo. Sinto muito respeito pelo Saint. Ele e outros serão de muita ajuda para nossa causa.

Ivy se deteve.

—A que se refere?

Ele voltou a sorrir, como se soubesse um segredo que não contaria.

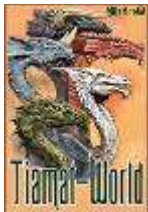
—Já o verá. E você também desempenhará um papel muito importante, Ivy. Um papel glorioso, maravilhoso.

Estava louco, essa era a única explicação. E apesar de tudo parecia tão sincero tão calmo...

—Sinto se a machuquei —disse logo com atitude envergonhada—Mas não me deixou outra opção.

—Por isso me prendeu a esta cadeira? —Deu uma dentada à torrada. Era como comer areia—Porque não te deixei outra opção?

Assentiu.



—Não posso correr o risco de que escape. Sinto muito. Trabalhei muito duro para conseguir isto, e não vou permitir que estrague tudo.

—Conseguir o que, Justin? —Ao menos, continuava falando com ele, e seguia escutando suas loucuras, deixaria de pensar em como foi estúpida ao não dizer ao Saint que o amava quando teve a oportunidade; agora talvez não voltaria a tê-la.

Ele moveu um dedo para detê-la.

—Deixemos o assunto. Come. Tem que estar forte para a cerimônia.

Mal conseguiu conter a vontade de gritar. Iria sacrificá-la. Utilizá-la em algum ritual.

—Que cerimônia?

—A de nosso casamento. —Sorriu-lhe—O que mais seria?

Capítulo 19

—Está me engordando antes de me sacrificar? —perguntou Ivy quando Justin trouxe o jantar, bem antes do anoitecer. Quanto de comida serviria ainda? Só o via quando trazia as bandejas.

Ele negou com a cabeça e a repreendeu com um sorriso.

—É óbvio que não, está perfeita tal como está, mas necessita forças para esta noite.

Talvez fosse imaginação dela, mas pareceu que Justin ruborizou. O sol estava se pondo a toda velocidade, assim tinha que saber.

—Para as bodas?

Justin sorriu e se concentrou na bandeja.

—Em parte.

Sabia que não gostaria nada do resto, disso estava segura.

—E acredita que Saint também tem que intervir?

Isso fez com que Justin levantasse a cabeça, mas olhou pela janela em vez dela.

—Provavelmente. Confio em que possamos terminar a primeira parte do ritual antes que ele chegue.

Ivy decidiu comer o mais devagar possível.

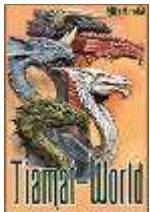
E, como se tivesse lido o seu pensamento, Justin voltou e a olhou aos olhos. Logo sorriu condescendente, como se fosse uma menina.

—Nem tente cravar os pés no chão para que tenhamos que arrastá-la, Ivy. Tenho um horário muito apertado, e dentro de vinte minutos estará lá embaixo, acabando de jantar ou não.

Abaixo.

—Me levará para outro lugar?

Para fazê-lo teria que soltá-la, e quando o fizesse chutaria seu pênis com o joelho e fugiria dali. Se pudesse, roubaria sua carruagem e conduziria de volta a Maison Rouge, apesar de não ter



nem ideia de como faria o caminho. Era o plano perfeito.

Justin apontou com um dedo.

—A conheço, Ivy. Está planejando escapar, mas não irá.

Levantou o queixo, pena que a conhecesse tão bem, melhor que ela a ele.

—Ah, não?

Justin negou com a cabeça.

—Poderá caminhar, mas prenderei suas mãos às costas.

Mesmo assim poderia correr.

—Ah, e virão uns amigos me fazer companhia. Há dois guardas em cada saída. —Sorriu—

Não vai a nenhuma parte.

—Por que faz isso, Justin? Acreditava que somos amigos.

Seu sorriso se apagou um pouco.

—Eu acreditava que fôssemos algo mais, até que começou a deitar com esse vampiro.

—É por isso tudo isto? Está zangado pelo Saint?

Então ele riu.

—Não. Entendo que o vampiro a atraia. Não, tudo isto é muito mais importante que eu ou meus sentimentos.

Ivy tentou enfocá-lo de outra maneira.

—Subestima-se.

Justin voltou a rir.

—É tão transparente, Ivy... Se de verdade quiser saber o porquê de tudo isso, só tem que perguntar. —Deixou a bandeja na mesinha—Coma.

Acaso já não perguntou?

—Por que tudo isso, Justin?

—Por poder —respondeu ele sem hesitar—Poder e os privilégios que implica. É a escolhida, Ivy. A escolhida.

—Eu não quero ser a escolhida, Justin. Eu quero tomar minhas próprias decisões.

—Se as coisas saíssem como deviam, agora estaria preparada para isso —explicou o jovem—Você mesma decidiria estar aqui.

—Não, não acredito. Jamais escolheria estar amarrada a uma cadeira.

—Se seu pai não tivesse duvidado de sua fé antes que nascesse, cresceria sabendo qual era seu destino, e as algemas já não seriam necessárias.

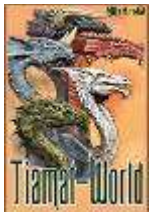
Suas palavras a deixaram gelada, ferida e furiosa ao mesmo tempo.

—Meu pai? O que tem a ver esse filho de puta com tudo isso?

O rosto de Justin endureceu e, por um instante, Ivy temeu que lhe batesse. Esse aspecto dele era para ela uma novidade.

Mas então, tão rápido como tinha aparecido, esse lado escuro desapareceu.

—Entendo que se sinta assim, Ivy, mas não deveria se referir a seu pai desse modo. Ele merece seu respeito.



—O único que merece de mim é desprezo.

Seu antigo amigo a olhou como se sentisse pena por ela.

—Dá-me muita pena que tenha essa opinião do homem que te outorgou tal honra. Reconheço que, no passado cometeu enganos, mas segue sendo um grande homem.

Ela não disse nada. Isso só serviria para que se zangasse ainda mais, e tinha que manter a cabeça fria se quisesse sair viva dali. Não podia confiar que Saint fosse resgatá-la, talvez não chegasse a tempo ou, pior ainda, talvez acreditasse que ela fugiu com Justin.

Mas seu carcereiro interpretou o silêncio como sinal de que podia seguir falando do assunto.

—O barão cometeu o engano de apaixonar-se por sua mãe. Não o culpo, é uma mulher linda, mas foi um grande engano. Pensou que poderia mandá-la longe e que a ordem jamais descobriria que tinha uma filha. Acreditou que estava te protegendo. Estava muito confuso.

Ivy o olhou atônita. Confuso? O bastardo de seu pai?

—Ele sabia perfeitamente o que estava fazendo quando expulsou minha mãe de seu lado.

—Sim —admitiu Justin, ajoelhando-se diante dela— Pensava que podia salvá-la de seu destino, mas não pôde. Nem sequer ele é tão poderoso.

Seu pai tinha tentado protegê-la? Impossível.

Ele soltou sua mão para que pudesse comer, assim levou o braço para trás e o golpeou, pegando-o de surpresa. Mas Justin viu o ataque no último segundo, e conseguiu afastar-se um pouco; mesmo assim, partiu seu lábio e o atirou ao chão. A mesa com o jantar caiu sobre ele.

O jovem se apoiou nas mãos e, com uma gota de sangue no canto dos lábios, olhou-a.

—Quer se comportar como uma menina? Perfeito. Pois a tratarei como tal. Agora fica sem jantar.

Ivy observou furiosa como se levantava, limpava os restos de comida que tinha na roupa e encaminhava para a porta.

—Acredito que é hora de começar. Quanto antes terminarmos com tudo, antes se adaptará a suas novas circunstâncias.

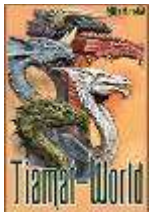
O homem deu umas batidinhas na porta e, segundos mais tarde, dois tipos fortões entraram no quarto. Estavam vestidos de negro da cabeça aos pés, com máscaras no rosto que ocultavam a metade superior do rosto.

—Eles são dois de meus irmãos, Ivy. —O modo como ele falou, ficou claro que na verdade não eram parentes, e sim membros da Ordem da Palma de Prata— Acompanharão você lá para baixo.

Poderia resistir, mas para que? Um só podia esmagá-la como uma barata. Melhor reservar forças para quando as circunstâncias fossem mais favoráveis.

Tiraram as amarras dos tornozelos e logo as dos braços, para, em seguida, atar as mãos nas costas. Cada um a agarrou por um lado e a arrastaram para a porta. Justin seguia atrás.

O corredor era tão estreito que tiveram que percorrê-lo em fila Indiana. Quando um daqueles gigantes a puxava, o outro empurrava, e Ivy, em mais de uma ocasião, teve a sensação



de que seus pés não tocavam o chão. Surpreendeu-a que não caísse rodando pela escada.

Seguiram descendo por uma escada que havia na parte de trás e que os conduziu ao que devia ser a antiga cozinha, ou uma espécie de despensa. O ar, embora um pouco carregado, cheirava a sal e a manteiga, parece que as paredes ficaram impregnadas desses aromas.

Em um assoalho um nível maior que o chão no meio do quarto viu uma cama e uma mesa. Os lençóis tinham uma profusão de laços e bordados, e o leito estava rodeado de velas brancas, que ardiam com pequenas chamas douradas. Sobre ele pétalas de rosas estavam espalhadas, e na mesa, cinco vasos no que parecia uma espécie de altar.

—Levem-na até a cama —ordenou Justin, e os homens obedeceram. Ao chegar ali, a desamarraram, e um deles atou umas cordas de couro junto aos postes da cama.

Amarraram-na ali.

Aquela era sua única oportunidade. Se não tentasse então, Justin levaria a cabo o que planejou. Olhou ao seu redor em busca de uma arma.

E seu olhar aterrisou no altar e nos vasos.

—Queremos ir com você.

O sol era só uma fina linha no horizonte e Saint estava terminando os preparativos. Estava afiando a ponta de uma das adagas que reservava para tais ocasiões quando um pequeno grupo de prostitutas e seguranças entrou no escritório.

Levantou a vista e observou todos e cada um daqueles decididos rostos.

—São muito valentes —disse, e era verdade—Mas não irão.

Gemma, uma garota pequenina de cachos dourados, mas de assustar a qualquer homem com sua vontade de ferro, deu um passo para frente.

—Ivy é nossa amiga. Não pode pretender que fiquemos aqui sentados e deixemos você ir sozinho.

Mary, uma ruiva magra, também se aproximou.

—Não se ofenda senhor Saint, mas e se acontecer algo ao senhor?

—Não... Não se preocupem por isso —gaguejou a mais baixa, que se chamava Agatha—Esse bastardo do Justin fingiu ser nosso amigo, e ele... —seus olhos encheram de lágrimas—Queremos ir e vê-lo morrer.

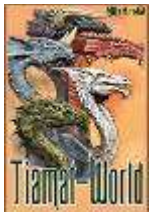
Saint não podia condenar sua sede de sangue. Ele se sentia igual. Estava decidido a matar Justin Fontaine... muito devagar. Sofreria por seus crimes, em especial pelo que fez a Ivy.

Como podia a eles negar sentir a mesma satisfação que ele desejava? Mas negaria, porque levá-los implicava que Ivy correria ainda mais perigo.

—Não podem vir comigo porque irei muito rápido e não poderão seguir meu ritmo. —antes que respondessem, acrescentou: —Mas podem se reunir ali comigo.

Isso pareceu agradá-los.

—São conscientes de como é perigoso? —perguntou, deslizando a adaga na capa que levava na bota—Colocarão em perigo a integridade física de vocês, possivelmente suas vidas também.



As garotas assentiram e os homens as olharam preocupados. Depois, olharam para Saint e também assentiram. Eram honoráveis e cavalheirescos a seu modo; aqueles rufiões não permitiriam que as garotas corressem perigo. Iriam protegê-las.

—Então, devem se arrumar depressa —ordenou o vampiro—Assim que o sol se pôr sairei daqui, com vocês preparados ou não.

Saíram dali correndo e retornaram imediatamente. Parece que já tinham pensado muito na questão e já estavam mais que preparadas, pois só demoraram uns minutos em aparecer com suas armas e vestindo calças ou saias em lugar de seus habituais vestidos.

Ao vê-las Saint não pôde evitar sorrir.

—Sabem para onde têm que ir?

Desta vez foi George quem respondeu:

—Sim. Tenho uma carruagem e vários cavalos esperando na entrada. O único que nos falta é receber a ordem.

Os muito safados já tinham tudo planejado. O sorriso de Saint diminuiu um pouco, mas o respeito que sentia por essa gente aumentou imensamente.

—Iriam mesmo que dissesse que não, equivoco-me?

—Sim, iríamos—respondeu Gemma.

Não tinha sentido zangar-se, e não podia esbanjar energia. Todas suas forças deviam ser para salvar Ivy. Ela era o único que importava.

—Então, vamos. —Seu corpo começou a sentir que o sol se pôs; era uma espécie de relógio interno que possuíam os de sua espécie.

Outros saíram da habitação antes que ele, e dali correram para a rua.

Madeline estava entre eles, e mesmo Emily. Ambas usavam calças e iam armadas.

—Você não vem —disse Saint a sua velha amiga. —Ivy me mataria se te acontecesse algo.

—E eu o matarei se acontece algo a ela —respondeu Maddie imediatamente—Você não me dá ordens, Saint.

Ele girou os olhos. Que Deus o salvasse das mulheres teimosas.

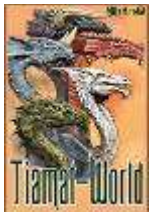
—De acordo. Vamos.

Ambas as mulheres se colocaram frente a ele, e logo que pôs um pé na rua, uma calma impressionante alagou todo seu ser. A noite o abraçou, alimentou-o com seu poder e sua escuridão, deu-lhe forças com suas sombras. Sentia-se seguro de si mesmo, convencido de que ganharia.

Em compensação sentia medo por Ivy. Estava inclusive aterrorizado. Mas esse medo empalidecia ante a certeza de que derrotaria Fontaine e a todas as forças do mal que estivessem com ele. O demônio que habitava em seu interior clamava vingança, e Saint tinha intenções de satisfazer sua sede de sangue.

De um salto, conquistou o negro e frio céu da noite com um único pensamento na mente.

Salvar a mulher que amava.



Justin não estava preparado para o ataque de Ivy, assim quando se jogou em cima dele, conseguiu atirá-lo ao chão. Ela caiu atrás dele, mas quando ambos golpearam o cimento, conseguiu ficar por cima. Ivy aterrissou sobre um joelho, e essa dor alimentou ainda mais a ira que já sentia.

Com os dedos feito garras, arranhou-o, mas não como um gato quando brinca, mas sim como uma mulher que perdeu o controle e queria arrancar um pescoço com as mãos.

—Assassino! —gritou enquanto rasgava sua pele. Ele levantou os braços para defender-se, mas ela era como um animal selvagem—. Bastardo! Matarei você!

E o teria feito se os dois valentões não houvessem se metido. O escândalo fez com que mais dois descessem apressados pela escada. Agarraram-na e a separaram do jovem, e quando Ivy já não o alcançava com as mãos, começou a dar golpes com os pés. Com o salto acertou-o na mandíbula, mas como usava uns estúpidos sapatos de noite, duvidou que tivesse feito muito dano.

—Amarrem-na à cama —ordenou Justin, tocando o pescoço com os dedos. Ao tirar a mão viu que estava ensanguentada —E inconsciente.

Retorceu-se ainda com mais força ao ver que a levavam para a cama e para aquelas coisas. Não serviu de nada. Eles suavam e ela em troca estava exausta. Tremia de raiva.

—Odeio você —disse ao Justin—E o matarei pelo que fez.

Ele limpou as feridas com um lenço.

—Ivy, estou disposto a perdoá-la, porque não tem nem ideia da honra que recai sobre seus ombros.

—Honra? —Cuspiu nele e girou a cabeça para os vasos—.Como a que tiveram essas pobres garotas?

Justin parecia realmente confuso. Seu olhar, que agora já não era tão amistosa, dirigiu-se para o improvisado altar, e logo voltou a ela.

—Inclusive mais. Elas contribuíram que se cumprisse a profecia, mas você... você levará o fruto.

Nem pensar, não levaria nada, com aqueles... aqueles... úteros tão perto dela, foi mais do que o estômago de Ivy pôde suportar. A biliar removeu, teve espasmos e logo vomitou.

Ele limpou sua boca com o lenço ensanguentado.

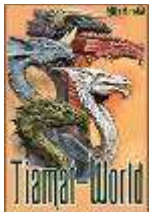
—Já passou, já passou. Está melhor?

Pela primeira vez desde que a levou ali, Ivy não estava zangada. Estava muito assustada para está-lo. Justin, pura e sinceramente, aterrorizava-a. Não sabia se estava louco, embora tudo aquilo certamente era uma loucura. E ele parecia acreditar de verdade que lhe oferecia um grande presente.

—O que fará comigo? —Ao menos a voz não tremeu muito. O jovem sorriu.

—Primeiro nos casaremos, e logo consumaremos aí nossa união. —Assinalou a cama— Meus irmãos farão as vezes de testemunhas.

—Quer dizer...? —OH, Deus.



Ele seguiu sorrindo, mas em seu sorriso havia algo mais, algo que lhe deu arrepios na pele só de pensar que ficaria a sua mercê.

—Não se preocupe, querida —disse ele—Tomarei cuidado.

Capítulo 20

Saint aterrissou no telhado de Hertford, a mansão de Fontaine, tão sigiloso como um gato, agarrando por surpresa o jovem que ali havia.

—O que acontece, filho —perguntou inclinando a cabeça—nunca viu cair um homem do céu?

O outro disse que não com a cabeça, paralisado pelo medo e aferrando-se a sua arma. Não levava nenhum anel, mas na parte superior de sua mão esquerda tinha um cálice tatuado.

Parece que Fontaine tinha seus próprios valentões.

—Suponho que esse rifle está carregado com balas de prata, equivoco-me?

Dessa vez afirmou.

—É a primeira vez que vê um vampiro de carne e osso?

—Sim.

—Anda, vá embora daqui e te faça um favor, se afaste o máximo que puder desta gente.

—Não posso. Acredito que...

Saint o interrompeu.

—A estas alturas, poderia te matar já por duas vezes.

O rosto do jovem estava branco como um papel quando entregou a arma. Correu para o outro lado do telhado e, dali, deslizou até o chão.

Um humano sensato. Seguro que pela manhã se envergonharia de si mesmo por não ter tentando lutar contra Saint, mas mais tarde se alegraria de seguir com vida.

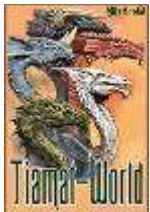
O vampiro atirou a escopeta em um canto antes de descer. Aterrissou em um terraço que havia na parte de trás. As portas do mesmo estavam fechadas, mas as abriu com um simples empurrão.

Quanto tempo fazia que Fontaine sabia o que era?, perguntou-se ao entrar. Talvez desde o começo, e seguro que conhecia sua natureza vampírica quando o queimou com o maldito anel. Queria que Saint soubesse quem era.

Queria que Saint fosse até ali.

Foi se inquietando mais a cada passo que dava, entrando naquela casa deserta. Por muito que quisesse pôr a mansão de pernas pra cima e encontrar Ivy, mais conviria ser cuidadoso. Se aquilo era uma armadilha, não facilitaria assim para a ordem. Já o apanharam uma vez com a rede de prata, e ainda tinha as cicatrizes para lembrá-lo.

Se o derrotassem não faria nenhum bem a Ivy. Mas não se alimentou, e estava no limite, a



ponto de estalar da raiva que sentia. Embora isso fizesse com que fosse ainda mais letal. O demônio que habitava em seu interior exigia sangue, e Saint tinha a intenção de banhar-se nele.

Saiu com cuidado do quarto a um corredor iluminado por abajures. O aroma de Ivy saturou seus sentidos. Podia cheirar sua raiva e seu medo, e também o sangue de Fontaine. Em seus lábios se desenhou um leve sorriso.

Havia um guarda armado no alto da escada. Saint o deixou inconsciente e o trancou em um dos quartos que havia ali ao lado. Não pretendia matar aqueles homens, a não ser que tivesse que fazê-lo. O único com o que queria acabar era com o Fontaine.

Desceu a escada, apagando os abajures à medida que descia. A escuridão era sua amiga, a vantagem que tinha frente aos membros da ordem. Seguiu o rastro da essência de Ivy e as vozes que ouvia a distância. Estavam escondidos, no porão da casa.

Topou com mais quatro guardas antes de encontrar a escada que conduzia à adega. Ocupou-se deles fazendo o menor ruído possível, e os fechou na despensa, colocando uma cadeira contra o trinco se por acaso despertassem antes da hora.

Espiou através de uma porta entre aberta. Dois homens mascarados o esperavam ao pé da escada. Se fosse por ali, perderia o elemento surpresa. E não sabia o que seria capaz de fazer Fontaine a Ivy enquanto ele brigava com seus seguranças.

A ira que sentiu quase o levou a furar o chão com os punhos nus e solucionar assim o problema, mas então, viu: o elevador de carga do lixo. Certeza que este levava ao porão.

Devagar, sem fazer ruído, abriu o alçapão e olhou o buraco. Por sorte, a única viga que o atravessava estava bem em cima dele, assim desceria sem impedimentos.

Deslizou para o interior do buraco e teve que encolher os ombros para caber.

Uma onda de pânico quase o afogou quando as paredes o rodearam como uma tumba. Sentia-se, preso. Começou a suar e se obrigou a respirar fundo para tentar se acalmar.

Não estava preso. Estava tentando entrar onde estava Ivy. A segurança dela, sua vida, dependiam de que ele fosse capaz de suportar aquilo, e por Deus que ia fazer isso.

Abriu os olhos e olhou fixamente o muro. Era só um muro. Podia derrubá-lo se fosse necessário. Podia respirar. Sabia para onde ia. Sabia onde estava. Ivy dependia dele. Essa era sua única oportunidade.

O pânico se desvaneceu, e uma total determinação ocupou seu lugar.

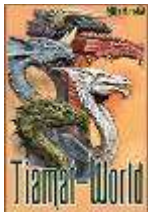
Com os pés e as mãos em ambos os lados da parede, começou a descer na escuridão, em direção ao sinal de luz que se via no fundo e que marcava a saída.

Agora as vozes se ouviam mais fortes. Pôde distinguir a de Fontaine e ao menos a três homens mais. E também a de Ivy. Ouvi-a insultar Fontaine e isso o fez sorrir. Estava viva e zangada. Isso era bom sinal.

O mais rápido e silenciosamente possível, deslizou pelo estreito buraco. Quando estava a ponto de chegar, virou todo seu corpo para sair olhando para a porta.

—Ouviste isso? —ouviste dizer um homem.

—O que? —Esse foi Fontaine.



—Parece que ouvi algo.

Saint olhou através de uma fresta que havia entre o alçapão e a parede. Com muita dificuldade pode ver Fontaine e os outros tipos. Estavam junto a algo que parecia uma mesa... Viu a coxa de uma perna de mulher... uma cama.

Era Ivy. O grande bastardo amarrou Ivy a uma cama. Deus sabia o que tinha intenções de fazer; e estava disposto a fazê-lo diante de todos.

Seria um prazer matar aquele homem.

—Vá lá em cima e comprova como está tudo —ordenou Fontaine—O vampiro pode cair sobre nós a qualquer momento.

Não sabia quanta razão tinha.

Saint esperou que o guarda saísse, e então abriu o alçapão do elevador de carga. Fontaine estava de costas e tinha toda sua atenção fixa na cama e na mulher que havia nela. Havia quatro guardas mais, contando os dois que já tinha visto junto à escada. Fácil.

Em vez de saltar, o vampiro se limitou a deslizar com as palmas para cima. Seus pés tocaram o chão e se levantou imediatamente. Um dos guardas olhou em sua direção, e ele e seu companheiro ficaram inconscientes antes que soubessem o que aconteceu.

Fontaine pareceu surpreender-se ao vê-lo.

Os outros guardas apontaram para ele com seus rifles, à espera das ordens de seu amo.

—Saint! —Foi Ivy quem gritou seu nome, e para ele foi como escutar música celestial.

—Senhor Saint, chega um pouco cedo —disse Fontaine, assinalando a cama—Estava a ponto de celebrar minha noite de núpcias.

Algo gelou perto do coração de Saint.

—Ivy, está bem? —perguntou. Ela lutou sobre o colchão e torceu o pescoço para poder olhá-lo.

—Estou bem. Celebraram uma espécie de casamento, mas eu não consenti.

—Isso não tem importância —interveio Fontaine, e logo olhou ao Saint com um sorriso—Agora que ele está aqui, poderemos terminar com o ritual e partir para Roma.

Aquele homem estava louco.

—Sinto muito, Fontaine, mas não faremos um ménage à trois.

O muito imbecil sorriu de novo.

—OH, não, você não estará comigo e com Ivy.

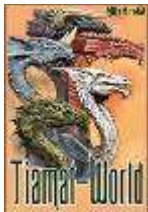
—O que faz você pensar que aceitarei seguir com o jogo em vez de arrancar seu pescoço?

O jovem levantou uma mão, que até agora ficou oculta para Saint, e mostrou uma pistola. Uma pistola que apontava diretamente à cabeça de Ivy.

—Porque a matarei se não o fizer.

Esse momento foi uma das estranhas ocasiões de toda sua vida imortal, em que Saint sentiu autêntico medo. Sentiu quando Marta morreu, e o sentia agora, exposto a possibilidade de que a mulher a quem mais amava no mundo, como jamais amou, morrer diante dele.

—É um filho da puta! —Ivy insultou seu captor—Covarde!



Justin nem a olhou.

—Não sou covarde, meu amor. Sou preparado. Sinto muito, mas ele desempenha um papel tão importante quanto o seu em meus planos. E, dado que não tenho nenhuma possibilidade de vencê-lo fisicamente, estou disposto a recorrer a tudo o que tenha à mão.

—Não tem nenhuma possibilidade de vencer. Ponto —gritou ela. —E jamais o amarei como o amo.

—Não importa.

O coração e a mente de Saint se aceleraram. Amava-o? Ou estava dizendo tudo isso só para distrair Fontaine?

—Se me matar —continuou ela—não poderá completar o ritual. Como explicará isso a seus irmãos?

Ao ouvir isso, deteve-se um momento e desviou a atenção do vampiro para Ivy. Esse instante foi o único que Saint necessitou. Golpeou Fontaine e o derrubou ao chão com um grande estrépito. Os guardas dispararam, mas ele agarrou Justin e os colocou a ambos detrás da cama, a salvo das balas. Não se arriscariam a ferir Ivy, não depois do que acabava de saber. Seguro que Fontaine deixou claro que não machucassem a garota. Pela cara que fez diante das palavras dela, era evidente que se esqueceu desse pequeno detalhe quando decidiu usá-la como isca.

Um murro e Fontaine já estava inconsciente, mas acrescentou mais três ao acaso. Os valentões se equilibraram sobre ele.

—Solte, vampiro —ordenou um deles—Ou o encherei de chumbo.

Saint sorriu.

—Não o fará. —deu meia volta e agarrou o corpo inerte de Fontaine para jogá-lo em cima dele. O homem caiu ao chão, soltando o rifle e ficando preso sob seu chefe.

Tudo aconteceu tão rápido, que o outro tipo não pôde nem reagir. Saint rodeou seu pescoço com as mãos e apertou até deixá-lo inconsciente, e logo também o atirou ao chão.

Outros guarda não demorariam para aparecer, assim teria que trabalhar rápido.

—Não acreditei que viesse —disse Ivy quando ele cortou as tiras de couro que a retinham—Pensei que acreditaria que fui com ele por vontade própria.

—Sei que jamais o escolheria a mim —respondeu com um sorriso, oferecendo uma mão para ajudá-la a levantar—Sabe como fazer com que a vida seja interessante.

Ela rodeou seu pescoço com os braços e começou a beijá-lo com toda sua força. Jamais o beijaram assim em toda sua vida... eram beijos de felicidade.

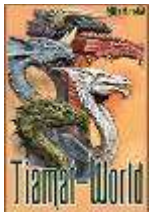
—Quero que fique —disse ela quando se saciou de seus lábios—Se ainda quiser ficar comigo.

—Quero. —Seu coração explodiria e ainda não estavam fora de perigo—Tem que sair daqui.

O sorriso de Ivy se transformou em uma careta de reprovação.

—Não seja idiota. Não penso em sair sem você!

—Ivy. —Tirou os braços do seu pescoço—Tenho que me ocupar de Fontaine e não quero



que veja.

Ela assinalou os vasos que havia no altar e que ele não percebeu.

—Isso é o que fez a minhas amigas. Se for matá-lo, vou olhar.

Um olhar foi a única persuasão que ele necessitou.

—De acordo. —Agarrou um rifle do chão e deu a ela—Se alguém se mexer, dispare.

Ao aproximar-se de Fontaine, ouviu um ruído no piso superior. Saint se deteve e escutou com atenção. O grupo de resgate da Maison Rouge estava fazendo sua entrada triunfal.

—É sua guarda pessoal —informou a Ivy com um sorriso.

Desceram a escada como uma manada de elefantes. Por desgraça, a polícia estava junto.

Saint se deteve em seco. Agora sim que não podia matar Fontaine. Maldita fosse.

Mas por estranho que parecesse, não se importou muito. O assassino receberia o que merecia, e Ivy estava a salvo. Isso era o único que importava.

Smythe e MacKay eram dois dos policiais presentes, assim Saint se dirigiu a eles.

—A senhorita Dearing precisa retornar a sua casa —informou—Podem ir mais tarde a Maison Rouge e falar com ela. Cooperaremos em tudo o que pudermos, mas agora vamos.

Não podia obrigá-los a concordarem, não podia hipnotizá-los nem ler suas mentes para que fizessem o que ele queria, tal como se dizia em muitos dos contos sobre vampiros, mas ao final, o resultado foi o mesmo.

Ou talvez fosse que ambos os agentes tinham muita vontade de visitar o bordel.

Concordaram e Saint virou para Ivy, e estendeu sua mão:

—Vamos para casa.

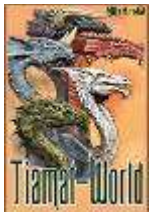
Quando os agentes da Scotland Yard se foram, Ivy estava tão cansada que mal conseguia se mover.

A polícia assegurou que tinham suficientes prova contra Justin para que o enforcassem por seus crimes. Ele confessou tudo com tanta arrogância que Ivy ficou doente ao escutar tudo. Também jurou e perjuro que trabalhava sozinho, assim, no que se referia a Scotland Yard, pegaram ao único assassino e a Maison Rouge estava por fim a salvo. Eles não sabiam nada da Palma de Prata, e pelo visto tampouco importava.

Ivy não podia evitar perguntar-se se essa seria a última vez que ouviria falar da ordem. Saint pediu que o deixassem falar com Justin. Queria perguntar por Temple. Os oficiais disseram que essa noite não, mas como ele capturou o assassino, deixaram que ele o visitasse na noite seguinte. Saint também queria perguntar pela Palma de Prata. Seguro que ele seria muito mais persuasivo que a polícia.

A entrevista com os agentes, junto com as lágrimas de sua mãe por sua volta para casa, e com todas as garotas ansiosas por conhecer todos os detalhes do resgate, deixaram Ivy exausta. Tinha a sensação de que aquela horrível experiência tirou anos de sua vida. Era assombroso que ficasse ainda um pouco de energia.

Mas ficou, e a prova foi quando Saint a agarrou em seus braços para levá-la a seus



aposentos, para assim poder protegê-la, disse ele. Ivy sabia a verdade. Antes confessou que o amava e seu escuro vampiro tinha certos planos em mente que requeriam paredes anti-som.

Na aprazível e dourada escuridão do quarto, Ivy o buscou, ansiosa de que toda aquela má experiência ficasse no passado.

—Sim, de verdade estou bem. Não, Justin não me fez mal. Sim, disse a sério que te amo. Agora me diga que você também me ama e me leve para cama antes que comece a gritar.

Seu vampiro sorriu daquele modo que tinha só para ela, e a abraçou.

—Amo você —confessou, olhando-a nos olhos com ternura—E sempre a amarei.

Nesse instante, Ivy se deu conta de como era maravilhoso o amor daquele homem, porque quando disse que era para sempre, ela acreditou. Mas então o sorriso dele se desvaneceu e em seu lugar surgiu algo parecido à tristeza.

—O que acontece? —O coração de Ivy pulsava desenfreado.

Saint a soltou.

—Temos que falar.

—Prefere falar a fazer o amor?

Ivy não queria falar, mas ele tinha razão; tinham muitas coisas que resolver, e nenhuma tinha a ver com o acontecido na noite anterior.

E tinha medo do que ele respondesse quando dissesse que queria ficar com ele... para sempre.

Saint agarrou suas mãos, bom, ao menos seguia tocando-a, e a guiou por trás até a cama, sentou-se a seu lado no fofo colchão.

Foi direto ao assunto.

—Não a obrigarei a fazer nada que não queira.

—Sei. E eu a você tampouco.

Ele achou graça.

—O que quero dizer, é que não pense que quero que se converta em vampiro.

Sobressaltou-se um pouco.

—Não quer?

—Não se você não quiser —respondeu ele.

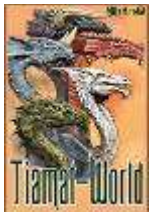
—E se é exatamente isso que quero?

Os escuros olhos de Saint se iluminaram um pouco, mas era uma luz estranha que não reconhecia. Talvez medo?

—Não se apresse a tomar essa decisão. Implica muitos riscos, Ivy. Quero que pense devagar e bem antes de decidir.

—Já pensei devagar e bem nisso tudo. Tive muito tempo para pensar presa naquele porão, na casa de Justin. E sabe no que pensei? Em você. No muito que desejava voltar a estar contigo e dizer o que sentia. Prometi a mim mesma que se voltasse para meu lado jamais, jamais o deixaria ir.

—Não vou a nenhuma parte.



—Mas eu algum dia sim. Não quero envelhecer e deixa-lo, Saint. Não quero fazê-lo passar por isso.

—Ivy, não faça por mim...

—Não faço! —riu um pouco frustrada—Justin fez que eu percebesse o que sinto por você. Quero passar o resto de minha vida ao seu lado, e quero que essa vida seja na noite, na escuridão, a seu lado.

Ele seguia em silêncio, e como ela não estava segura do que esse silêncio significava, continuou falando:

—Vamos fazer isso como iguais. Ou compartilhamos os riscos, ou não seguimos adiante. — Ela sabia que era perigoso, mas estava disposta a tentar.

Olharam-se nos olhos durante o que pareceu uma eternidade.

—De acordo —disse ele por fim.

Ela arqueou uma sobrancelha.

—De acordo o que?

—Transformarei você, se isso for o que quer.

—E é.

—Pode ser muito perigoso, Ivy. Há pessoas... que não sobrevive.

A dor que viu nos olhos de seu vampiro era quase impossível de suportar.

—Eu não sou Marta.

—Já sei! —Pareceu muito ofendido.

Ela sorriu, não estava ciumenta de um fantasma, e sabia que Saint a amava muito mais do que amou qualquer outra mulher. Sabia por que ele estava disposto a aceitar que ela seguisse sendo humana apesar de ter que suportar logo a dor de sua morte. Mas por cima de tudo, sabia porque o via em seus olhos cada vez que a olhava.

—Se converterá em um demônio.

Justin falou a mesma coisa.

—Você não é um demônio, e, no caso de que fosse, não me importaria. Para mim você representa tudo de bom e maravilhoso deste mundo. —Levantou a mão e acariciou sua face— Estou disposta a me arriscar a passar a eternidade com você, meu amado vampiro. Está preparado para fazer você o mesmo?

E então Saint se equilibrou sobre ela, capturando-a contra o colchão enquanto a devorava com os lábios. Seus dedos, que estavam acostumados a ser ágeis e seguros, tremeram ao desabotoar os botões, e ela começou também a tirar sua roupa.

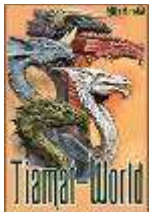
Quando ambos estavam nus, tombou-a na cama e se ajoelhou entre suas coxas. Seus escuros olhos negros pareciam deleitar-se em cada centímetro do corpo dela.

—Acredita que poderei satisfazê-lo durante toda a eternidade? —perguntou coquete.

Ele sorriu. Era o sorriso de um pirata, de um ladrão.

—Com certeza que sim.

Inclinou para frente e percorreu seu seio com a ponta da língua. Ivy gemeu e isso foi só o



começo. Aquela língua quente e úmida a atormentou até fazê-la estremecer. Saint acariciou o outro com a mão, e não parou até que ela gritou de prazer.

Logo deslizou a mão mais abaixo, separando suas pernas. O corpo dela se arqueou ao sentir seus dedos brincando com os cachos de seu púbis, insinuando-se. Gemeu e, com ambas as mãos, afastou o cabelo dele, que não deixava de beijar seu seio nem um segundo.

Um dos dedos de Saint separou os lábios de seu sexo, e afundou com torturante lentidão nela. Espasmos de prazer estalaram em seu interior, e, embora desejasse que durasse para sempre, precisava chegar ao final.

Saint mordeu o peito com cuidado, arrancando outro gemido, e então ele afastou a cabeça da úmida pele para poder olhá-la, enquanto com os dedos seguia acariciando sem piedade o úmido vale que havia entre suas pernas. A luz que ardia em seus olhos fez que o coração de Ivy acelerasse o pulso e ela se excitasse ainda mais.

Deus, como a fazia se sentir.

—Quer mais? —perguntou ele com voz rouca e entrecortada. Ivy, incapaz de falar, só pôde assentir com a cabeça.

Saint a olhou nos olhos e se aproximou da entrada de seu corpo. Com a boca seca, os ávidos olhos de Ivy observaram como seu comprido e ardente membro acariciava seu sexo. Era uma tortura. A glândula se movia uma e outra vez contra ela e Ivy tentava separar ainda mais as pernas.

Era lindo, tão atrativo e sedutor, seu vampiro. Tinha as costas largas, e os ombros esculpidos brilhavam sob a luz. Os músculos bem torneados de seu torso estavam talhados por um fino pelo escuro. Saint pôs uma mão entre suas próprias pernas, acariciando a si mesmo ao mesmo tempo em que seguia movendo-se perto dela. O grande safado.

—Deseja-me, Ivy?

Procurou seu olhar e, ao encontrar seus lindo olhos negros, respondeu sem vergonha, sem medo:

—Sim. Desejo. Desejo tudo de você.

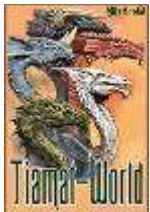
Devagar, ele ajustou sua posição. Empurrou, com delicadeza, mas com insistência ao mesmo tempo. Ivy gemeu ao senti-lo enchendo-a, alargando-a. Saint agarrou suas pernas, segurando os tornozelos com as mãos para que assim pudesse receber melhor suas carícias.

Dentro dela, moveu-se com suavidade, com ligeiros movimentos de quadril em vez de arremetidas. Ela sentiu um leve desconforto, mas esse desconforto não era nada comparado com o prazer que sentia de estar unida a ele.

Mas não era suficiente. Queria que ele desse mais, queria oferecer mais. Aproximou-se um pouco mais e, rodeou sua cintura com as pernas, ficando meio sentada.

—Ah!

Uma leve espetada e as presas de Saint se afundaram em sua pele. Uma quebra de onda de prazer a alagou ao sentir que ele levava parte dela consigo. Um calor líquido correu pelas veias, saturando todos seus sentidos com aquelas sensações tão intensas. A boca dele seguia contra seu pescoço, ao mesmo tempo que incrementava o ritmo com que movia os quadris.



Ivy se agarrou a ele, abraçando-o com todo seu corpo, flexível e maleável em seus braços. A tensão que sentia entre as pernas aumentava, aproximando-a cada vez mais a um segundo orgasmo.

O capturou com suas coxas, arqueou-se para cima, ondulando-se com a cadência marcada pelo corpo de seu vampiro. A sucção que sentia no pescoço se intensificou, e soube que Saint também estava a ponto de chegar ao final.

De repente, ela já não estava só a ponto, de repente se afundou na tormenta de êxtase que os lábios e o corpo dele provocaram. Segurou-o pelo cabelo, e manteve sua cabeça colada a seu pescoço enquanto o orgasmo a percorria inteira, e quase perdia os sentidos de tanto prazer que experimentou.

Mal se deu conta de que Saint sentia o mesmo, e começava a sacudir-se ao alcançar o clímax. Sentiu como gemia contra sua garganta, sentiu como sua cálida língua percorria sua pele ferida e, depois de um leve comichão, soube que pela manhã não haveria nem rastro dessa dentada.

Aquele era o primeiro passo para convertê-la em sua para toda a eternidade.

—Faça. —exigiu ela, quando ele a olhou, com seus corpos ainda unidos.

Não perguntou se estava segura. Já tinha passado o momento das dúvidas. Ela estava ansiosa, talvez um pouco assustada, mas jamais esteve tão segura de algo.

Saint se agachou e agarrou algo do chão; era uma de suas adagas. Depressa se aproximou mais um pouco de Ivy, para que ela ficasse montada em cima dele, e ficou de joelhos na cama. A folha da faca brilhou sob a luz dourada do quarto. Ivy estremeceu quando ele a aproximou do torso, não afastou o olhar, mas sim o fixou no dele, para que soubesse o decidida e entregue que estava.

Saint se fez uma pequena incisão bem na clavícula. O sangue começou a fluir e a deslizar devagar para baixo. Ivy ficou olhando, insegura de como continuar.

—Tome. —disse ele—Só necessitará um pouco.

Beber sangue. Esse aspecto do vampirismo não assimilou direito, mas Saint disse que sentiria diferente depois da transformação.

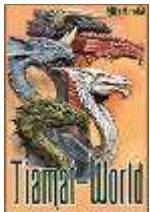
Ela pensou que já que tinha experimentado de tudo e de muitas formas, assim... o que mais faria agora senão experimentar outra vez? Baixou a cabeça e percorreu a ferida com um firme movimento de língua. Ele estremeceu, e ela se deu conta de que para Saint isso era algo muito íntimo. Esse descobrimento a fez mais atrevida e começou a lambê-lo, a beber sua essência, fazendo sua a força que emanava dele. Bebeu com avidez, mas só conseguiu engolir quatro ou cinco vezes antes de enjoar-se.

Caiu abatida na cama e o quarto começou a rodar. Sentia-se tão... estranha. Fazia calor e a luz tinha mudado.

Olhou para cima e viu Saint em cima dela, com o cenho franzido e expressão preocupada.

—Saint? —Sua voz soou distante inclusive para ela—Por que está tão assustado?

Não chegou a ouvir sua resposta, porque então, uma enorme escuridão apareceu de



repente e o abismo a engoliu.

Capítulo 21

—Quase me deixa morrer —disse Ivy com voz firme, mas com os olhos cheios de felicidade.

—Deixá-la? —Saint riu de tão absurdo que era o comentário—Mulher, você me esgota.

—E depois de me dizer tantas vezes que pertenço a você. —estava zombando enquanto percorria suas costas com as mãos, com a brisa do anoitecer como companhia—Quase me deixa partir.

—Isso nunca. —Saint perdeu o bom humor e a abraçou com força—Jamais deixarei que vá. Teria ido ao céu para procura-la e não teria parado até voltar a tê-la a meu lado.

Ela recompensou olhando-o com lágrimas nos olhos.

—Podia ouvi-lo quando estava me transformando. Ouvia sua voz e foi ela que me reteve aqui.

A conversão quase a matou. Ivy teve a sensação de que as convulsões duraram horas; seu corpo resistiu ao poderoso sangue que se apossava dele.

—Fica comigo, Ivy — suplicou Saint, secando a testa com uma toalha—Fica comigo.

Ao final, os espasmos cederam e a pele dela se esfriou. E quando o olhou, seus olhos de jade já enxergavam com clareza.

—Não se livrará de mim tão facilmente —disse em tom de brincadeira.

Para Saint, foi uma das experiências mais aterradora de toda sua vida. Impotente, o único que pôde fazer foi rezar para que Ivy superasse a mudança. E ela superou. O mau agouro durou apenas vinte minutos, e quando terminou, ela se aconchegou e ficou adormecida.

Saint ficou acordado, olhando-a. No caso de acontecer algo. Ainda tinha medo de que morresse.

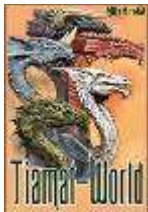
Graças a Deus isso não aconteceu, e a partir de então Ivy começou a florescer.

Estavam no jardim que havia na parte de trás da Maison Rouge, olhando as estrelas. Uma cálida brisa os envolveu e o ar cheirava a flores e a chuva. Era a primeira noite de Ivy como vampiro.

—Diga-me —disse ela, aconchegada nos braços de Saint enquanto os dois descansavam em uma manta sobre a relva—O que descobriu hoje quando foi à polícia?

Ela não pode acompanhá-lo porque ainda não estava de tudo recuperada; não por culpa do sequestro, mas sim porque os vampiros novatos não estavam acostumados a permanecer acordados durante o dia. Os primeiros dias ficavam muito cansados, já que seus corpos tinham que adaptar-se às mudanças.

—Muitas coisas. —Afastou uma mecha de cabelo de sua face, desfrutando do prazer de sentir suas nádegas junto ao seu pênis—Tenho uma coisa para você.



—O que? —Levantou uma sobrancelha ao perguntar.

Ele procurou no bolso o anel que comprou na loja de Ezekiel. Era o mesmo que ela ficou olhando no dia que a encontrou ali.

Os frios dedos de Ivy seguraram a joia à luz da lua, e a ametista resplandeceu.

—Certo, senhor Saint, está tentando me converter em uma mulher decente? —disse em brincadeira, mas ele percebeu que sua voz tremia.

—Já é decente. —Abraçou-a—Recebe-o como uma amostra do amor e a adoração que sinto por você.

Ela se afastou um pouco e sorriu.

—Um noivado longo?

Ele devolveu o sorriso.

—Tão longo como quiser. —Não tinha pressa para casar-se com ela, tinham todo o tempo do mundo. E quando Ivy estivesse preparada, ele seguiria esperando por ela.

Ela limpou a garganta e o olhou nos olhos.

—Obrigada.

Saint sorriu, e gostou de ver que ela de verdade estava agradecida.

—De nada.

Começou a descer a cabeça, e então perguntou:

—E meu pai?

Ele não queria contar tudo, mas tampouco queria ocultar.

—Seu pai e sua família saíram da cidade.

—O que acha que significa isso? —perguntou, enrugando a testa.

—Não estou seguro, mas talvez seja que não queira se ver comprometido nos assassinatos.

—Que mais?

—Esta manhã, antes de amanhecer, alguém entrou e assaltou a Scotland Yard. —Isso seria o mais difícil de contar.

—Os vasos. —Fechou os olhos.

Ele a abraçou mais forte.

—Isso que eu temia.

—Acredita que foi a ordem?

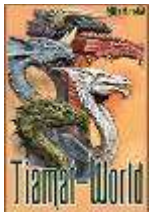
—Me surpreenderia se não fosse.

—Para que os querem, Saint? Para que me queriam? E a você?

—Não sei, mas sei que não deixarei que voltem a aproximar-se de você. E quando estiver preparada, iremos procurar a outros e acabaremos com eles para sempre.

Ela entrelaçou os dedos com os dele, que descansavam sobre seu abdômen. Não importava que jamais crescesse um bebê em sua barriga. Ou, talvez, agora que ela também era vampiro, sim pudessem ter filhos. Ele falou que nunca ouviu a respeito de caso algum assim, mas isso não significava que fosse impossível, não?

—Há algo que não está contando. —Levavam pouco tempo juntos e mesmo assim, ela já o



conhecia muito bem—O que é?

—Justin Fontaine morreu.

Ivy se esticou de repente.

—Como?

—Parece que foi suicídio, se enforcou em sua cela. —Esta vez ele virou para olhá-la.

—Acredita nisso?

—Não.

—Suponho que deveria me sentir culpada. —Apertou os lábios—Mas me alegro de que esteja morto. Espero que queime no inferno pelo que fez.

—Queimar. —Um lento sorriso se desenhava em seu rosto—. Eu encontrei provas que o céu existe, assim com certeza que também existe o inferno.

Ela devolveu o sorriso.

—O céu, não é? E onde está se pode saber?

—Aqui mesmo —respondeu ele, aproximando-a. —Com você.

Estava a ponto de beijá-la quando alguém pigarreou atrás deles.

—Maldição —exclamou Saint—Não consigo me concentrar em nada mais quando estou com você.

Ivy riu e se sentou para ver quem era sua visita. Era Ezekiel. Saint ficou de pé para recebê-lo e ajudou Ivy a levantar.

Ezekiel, morto de vergonha, sorriu ao ver que se aproximavam.

—Perdoem se incomodo, mas chegou um pacote e pensei que gostaria de vê-lo. Parece que, primeiro mandaram isso a seu endereço de Paris.

Saint aceitou a maltratada arca. Agradeceu ao homem e perguntou se ficaria mais um pouco, ele sorriu e disse que nem pensar.

Quando seu velho amigo saiu, Saint e Ivy voltaram a sentar-se; ela bisbilhotou enquanto ele abria o pacote. Em efeito, mandaram ao contato que tinha em Paris, e este enviou para Ezekiel. Mas não foi ver o endereço do pacote o que acelerou seu coração, e sim o conteúdo.

Dentro havia uma caixa, pequena, mas pesada, e dentro dela um amuleto feito de prata, de uma prata que parecia atraí-lo para ela e que brilhava à luz da lua.

Por puro instinto, soube que se a tocasse não se queimaria, e assim foi.

—*Merde* —sussurrou.

—O que acontece? —perguntou Ivy.

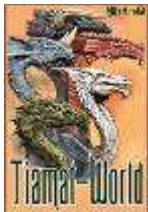
Não estava inteira; tinha os símbolos gravados que tanto significavam para ele e seus quatro irmãos. Tinha forma de espada, com um cálice gravado de um lado e uma cruz do outro; a mesma que gravaram a fogo em suas costas.

—É parte do graal —disse—Da taça que nos converteu em vampiros.

Sentiu o olhar do Ivy fixo nele, mas não conseguia afastar os olhos do amuleto.

—Quem enviou isso?

—Temple. Deve ter mandado antes de o apanharem. —Sabia que Temple era muito difícil



de derrotar. Sabia que seu amigo tinha algum plano. Se a ordem sabia que Temple enviou partes do graal a todos eles, isso explicaria seu sequestro.

—Há algo mais —disse Ivy, inclinando-se para ele até o ponto de que suas faces quase se roçavam.

Tinha razão. Havia uma chave e um pedaço de papel com um endereço de Roma.

—O que significa?

Saint sorriu.

—Acredito que Temple nos quer em Roma. —Ivy abriu os olhos como pratos.

—Acredita que tem algo com a Palma de Prata?

—Sim —assentiu ele.

—De quem é a carta?

Olhou por cima e reconheceu a caligrafia.

—De Bishop.

—Outro vampiro?

—Sim. —Passara meses, inclusive anos sem falar com seus irmãos. Receber notícias de dois deles ao mesmo tempo era muito estranho.

Abriu a carta sem perder mais tempo e ficou sem fôlego quando a leu. Aquelas palavras fizeram tremer seus dedos e palpar seu coração.

—Não está morta —suspirou emocionado.

—Quem? —perguntou Ivy assustada—Marta?

Saint agarrou sua mão para tranquilizá-la.

—Sua filha. O bebê que estava nascendo quando tentei convertê-la. Está viva e está com o Bishop. Agora é uma dos nossos.

Ivy o olhou assombrada.

—Como sobreviveu?

—Converteu-se em uma dhampyr, meio vampiro meio humana. Esteve viva todo este tempo.

—Tem... uma filha.

Uma filha. Sim, isso parecia.

—Também vão para a Itália. De fato, seguro que já estão de caminho.

—Deveríamos escrever para dizer que também vamos.

Os olhos de Saint se cravaram nos dela imediatamente.

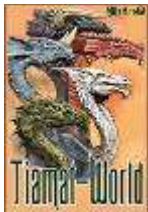
—Quer ir?

Ela beliscou seu braço.

—Não se livrará de mim tão facilmente. Claro que quero ir.

—E a Maison Rouge? Agora é sua responsabilidade.

—Você é a minha responsabilidade. —ela corrigiu—Além disso, minha mãe de momento não vai a nenhuma parte e Emily pode tomar conta de tudo. E parece que, todos seus amigos estão indo para a Itália.



Voltou a olhar o amuleto. Teriam Chapel, Bishop e Reign, recebido um igual? Com certeza sim. O único motivo pelo qual Temple fundiria o cálice seria para evitar que caísse nas mãos equivocadas. Sabia de antemão que a Palma de Prata queria apanhá-lo?

A verdade era que Saint estava entusiasmado. Apesar do perigo, estava ansioso por viver essa nova aventura e sentir o mistério, a intriga e a emoção. E agora sabia por que.

Olhou para Ivy e sorriu.

—Amo você.

Ela sorriu de volta e se sentou escarranchada sobre ele, esquecendo o amuleto por um instante.

—Eu o amo mais.

Ele riu e ela o beijou. E então se esqueceu do amuleto e de tudo. Ivy afastou a roupa só o necessário para que ele pudesse penetrá-la ao mesmo tempo em que ela afundava as presas no pescoço do vampiro.

E enquanto faziam amor assim abraçados, ele se deu conta de que já não pensava o mesmo daquela casa. Já não era uma casa, era seu lar, e nele tinha encontrado o que sempre quis. O que sempre necessitou, Ivy.

E ela encontrou a ele.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>